1954

MARÇO - N. 442

# EU SEI TUDO



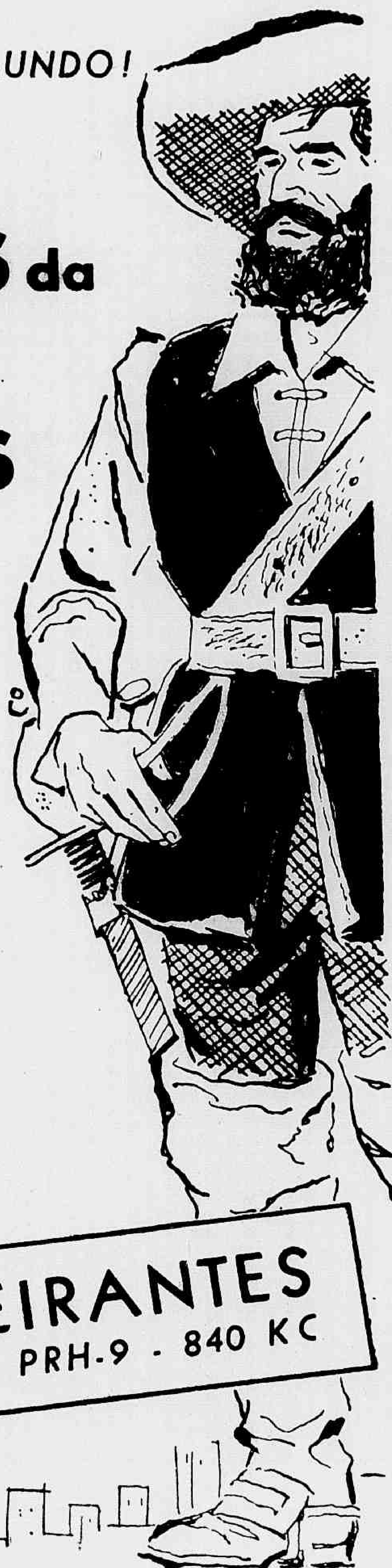

Tempestade sôbre os conventos de mulheres ★ A arte de viver com um cão ★ A gripe — Tratamento e prevenção. ★ Você já viveu antes?



*MAIS UMA VOZ PAULISTA PARA O MUNDO!*

# No ar...

# as ONDAS CURTAS da Rádio BANDEIRANTES



Entrelaçando à sua emissora de ondas longas, seus transmissores em ondas curtas — 25 m 11.925 kc e 49 m 6.185 kc — a Bandeirantes avança mais um passo na sua já longa e vibrante jornada de conquistas e vitórias, anunciando também, para 1954, sua emissora de televisão.

Seu anúncio na Bandeirantes é agora transmitido simultaneamente em

**ONDAS LONGAS**
**ONDAS CURTAS**
**e**
**FREQUENCIA MODULADA**



RÁDIO BANDEIRANTES

a mais popular emissora paulista - PRH-9 - 840 KC

## DE ARRANCAR OS CABELOS!

Os barbeiros são gente de paciência infinita. Depois que desapareceu a moda das perucas e que os crânios nus se mostraram corajosamente aos olhares de todos, ouvem sempre a mesma reclamação de seus clientes calvos, alegando ser injusto que paguem o mesmo preço que os dotados de uma cabeleira farta. Os calvos querem obter um bom desconto...

Em geral, o fígaro responde, afirmando que, ao contrário, têm mais trabalho... procurando os cabelos para cortá-los e as coisas ficam no mesmo pé, desviando-se a palestra para o assunto das loções e dos "shampoos".

Entretanto, um barbeiro de Kinsteighton (Inglaterra) descobriu um meio de acabar com as discussões. De agora em diante, no seu salão, os fregueses tem o direito de escolher duas tarifas: a tarifa normal ou outra, especial e calculada segundo o tempo de duração do corte dos cabelos, a tanto por minuto.

Mas, já agora, seus fregueses se queixam de que o Fígaro faz "cêra", como qualquer goleiro em jôgo difícil em que seu esquadrão está ganhando por escore apertado.

Francamente, o assunto é mesmo de arrancar os cabelos.



«O Paraíso foi Paraíso... porque Adão não teve sogra.»

## ÊTA JOGUINHO BOM!

*Por WAN O'BRIEN*













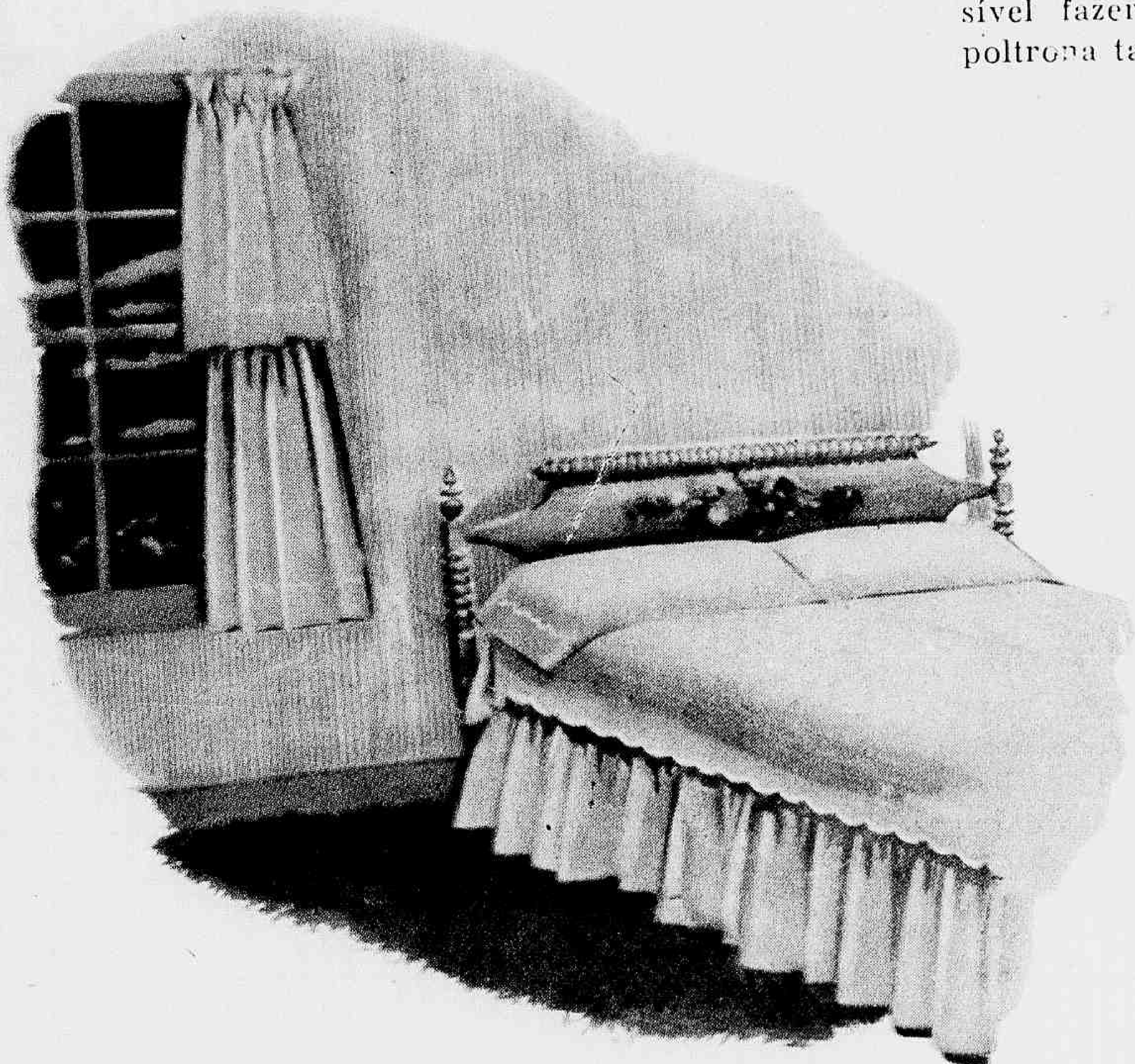
# PARA O SEU LAR: MOBÍLIAS PINTADAS

É a grande moda e que ganhou terreno depressa como excelente para o bom-gôsto e a fantasia de cada um. Acima de tudo dá uma nota de viva alegria a um salão ou dormitório, quebrando a rigidez das tonalidades e suavizando os contornos, criando maior luminosidade, que é o que mais pode exigir um ambiente para tornar-se agradável. Devemos usar a pintura para tudo isso, aproveitando a guarda de uma velha cama, os painéis de um armário e até mesmo para as paredes. Um desenho pequeno e de côres bem vivas, como que refresca tôda uma sala. Um colorido suave e delicado, aumenta o encanto geral.

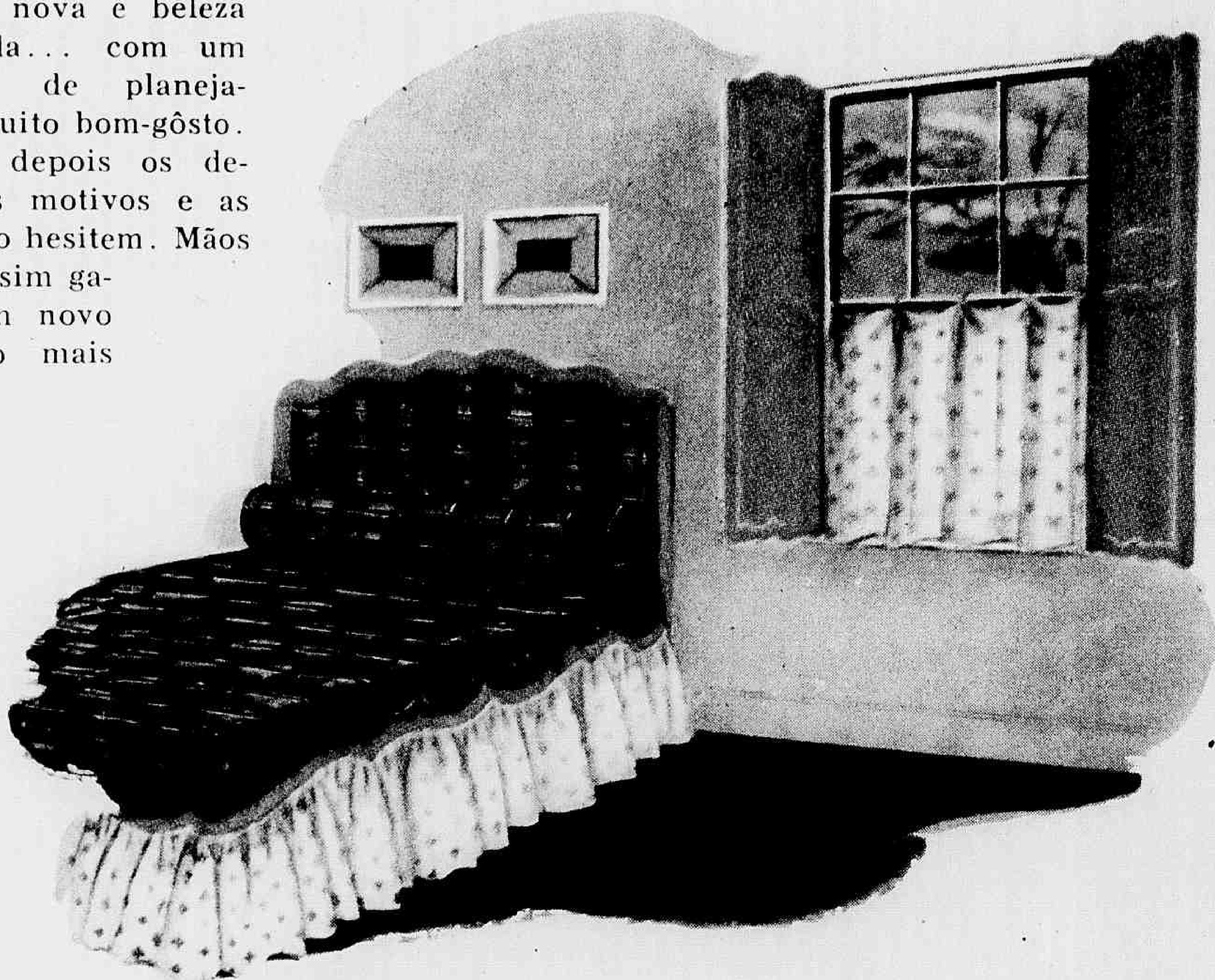
Procurem tirar tôda a vantagem desta nova moda. Com pequena despeza podemos melhorar também portas e tetos, assim como as paredes dos corredores.

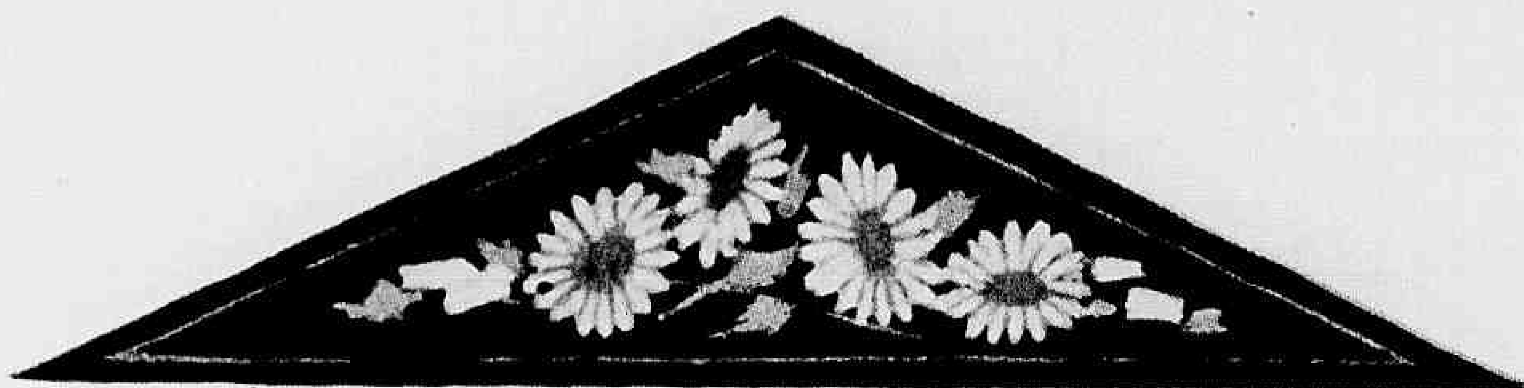


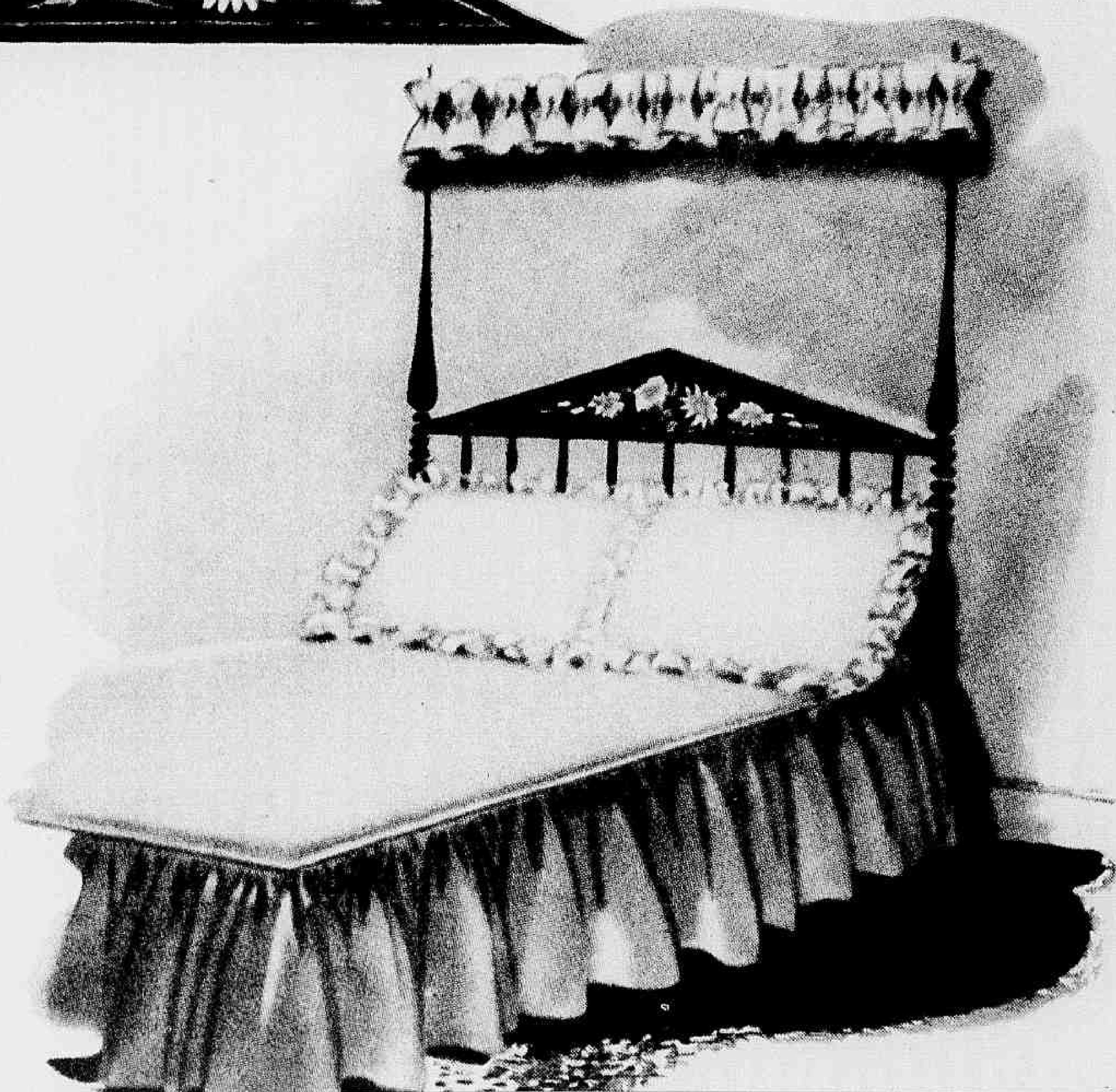
Passeiem pela casa, instalem-se confortàvelmente e pensem no que é possível fazer. Sim. Aquela poltrona também pode ga-



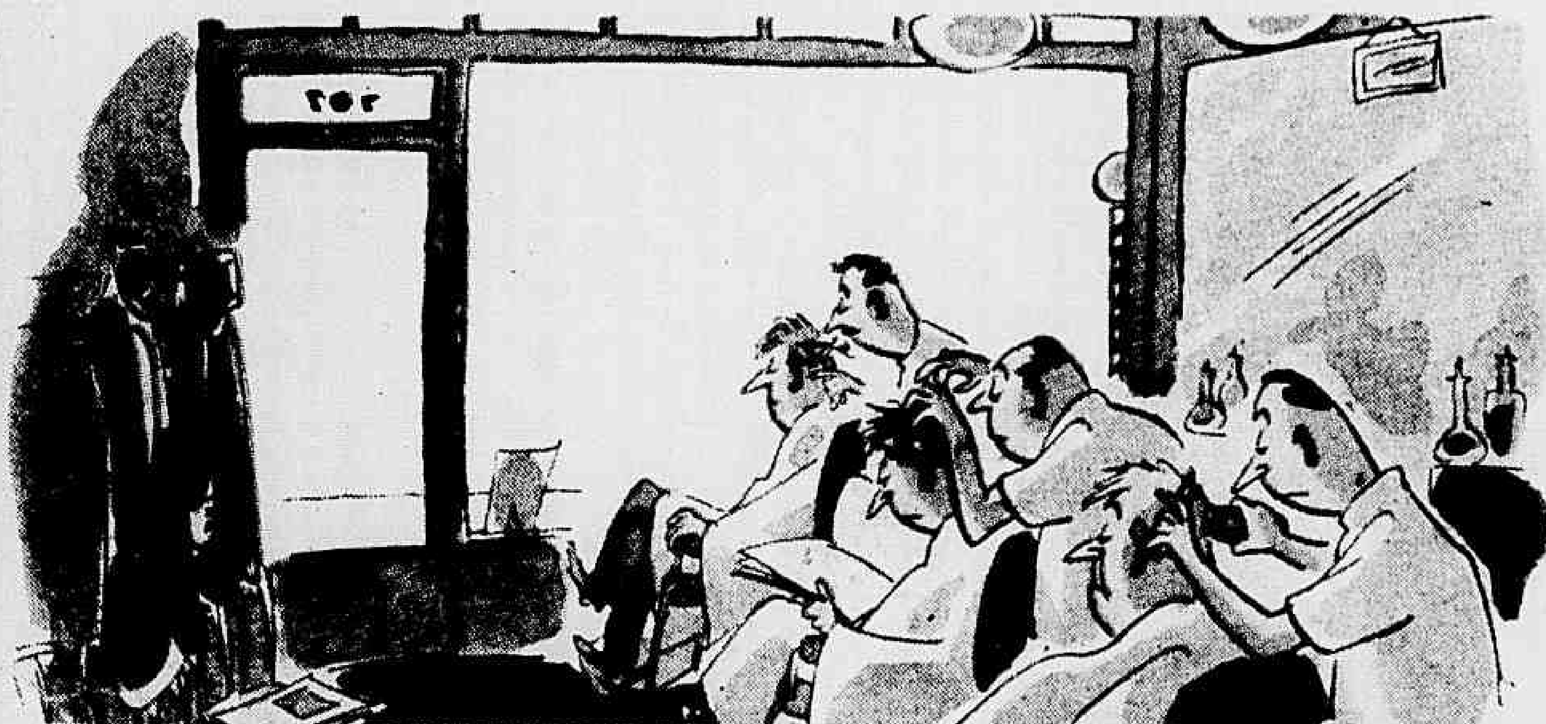
nhar vida nova e beleza insuspeitada... com um pouquinho de planejamento e muito bom-gôsto. Escolham depois os desenhos, os motivos e as côres e não hesitem. Mãos à obra! Assim ganharão um novo lar, muito mais bonito.

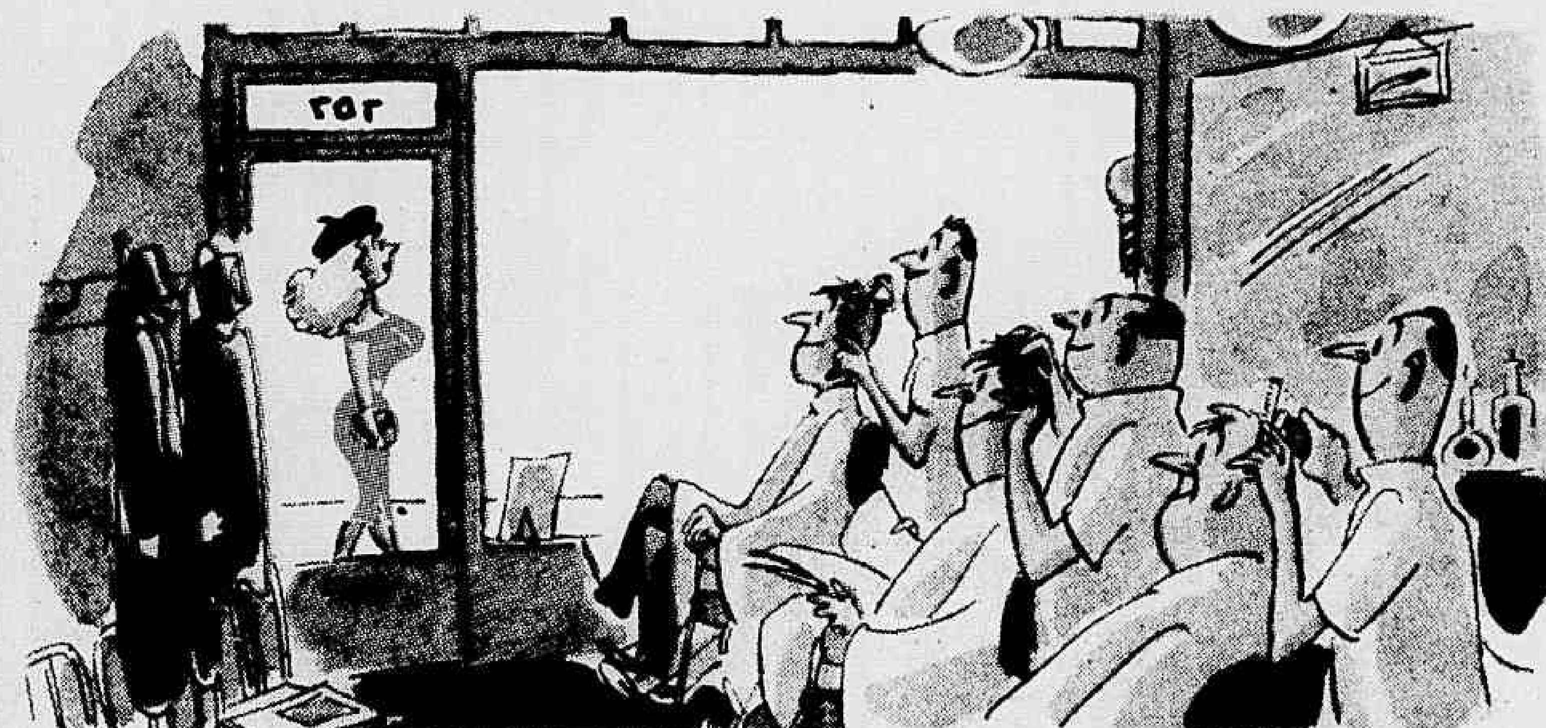




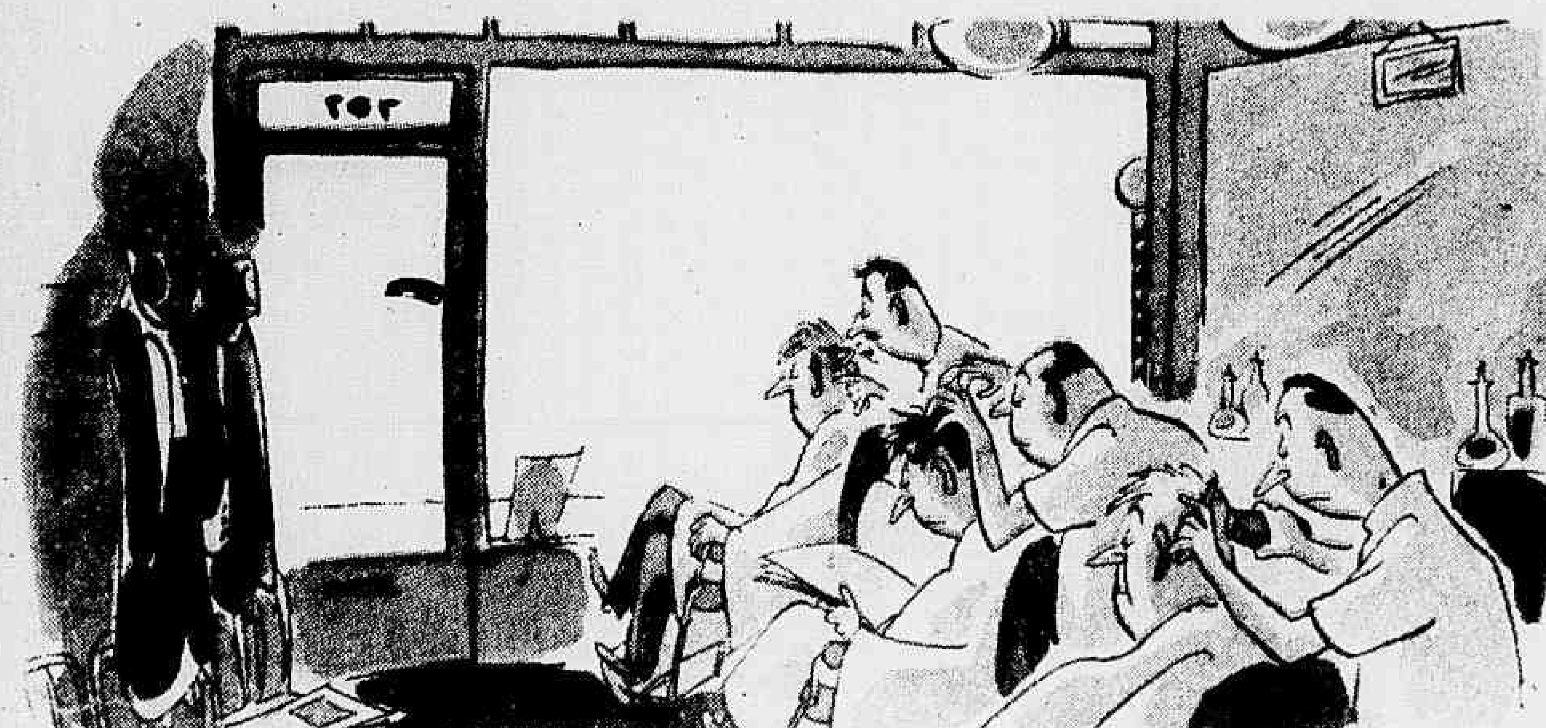


# SALÃO DE BARBEIRO









## AS LEIS DA HOSPITALIDADE

Os policiais de Sydney, Austrália, notaram, recentemente, cêrca de uma hora da madrugada, um casal estranho que errava através das ruas da cidade, tendo os braços pesadamente carregados de valises.

Interpelaram os suspeitos.

— Não somos ladrões, como o senhor parece acreditar — declarou o homem a um dos policiais. — Somos apenas recém-casados.

— Desde hoje, pela manhã — explicou então sua companheira. — Havíamos decidido visitar Sydney e aqui passar a nossa lua-de-mel, pois moramos a 150 quilômetros desta cidade. Há quinze dias solicitamos um quarto para o qual enviamos o dinheiro antecipadamente. Mas... esquecemos o nome da rua e do nosso hotel! Tentamos descobri-lo, caminhando por tôda a cidade.

E a esta altura, a pobre desposada desatou a chorar. Os policiais tiveram então um gesto magnânimo: propuseram ao jovem par abrigá-los numa das células do pôsto central de polícia. O que o casal logo aceitou, assim iniciando a sua vida matrimonial no xadrez... mas feliz.

★

**Um homem empinado, como que engomado em vaidade — Bulwer Lytton.**




MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO e LITERÁRIO, FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e venda em S. Paulo: Agência Zambaidino, Rua Capitão Salomão, 69, tel.: 34-1569. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulsó em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

# OS ESPECTADORES

*Por VIRGINIA DOUGLAS DAWSON*
*Tradução de SYLVIA JAMBEIRO*

**UM RAPAZ QUE COMPREENDE SUA MÃE TÃO BEM QUANTO STEPHEN COMPREENDEU MARGARET AVERY NÃO TERÁ DIFICULDADE ALGUMA EM LIDAR COM O SEXO OPOSTO.**

**MARGARET Avery teve a sensação de absoluto e confortador repouso quando sentou na cadeira de lona da varanda, cercada de tela, o *chalet* que alugara para ali passar o verão com o filho de quatorze anos. O livro que tinha nas mãos não lhe prendia a atenção e, de vez em quando, deixava-o cair no solo, enquanto o olhar passeava sôbre o lago tranqüilo e as colinas que lhe ficavam por trás.**

**Não obstante, esta atmosfera de paz e felicidade em que ela estava prendia-se à terra, em alguns pontos, fazendo-a voltar à realidade, e, quase sempre, êsses pontos de preocupação se relacionavam com o filho, Stephen, que lá de banho, deitado de estava, em calção bruços na margem do lago.**



**Sem a mínima preocupação deixava que o sol queimasse as suas pernas e costas já bem avermelhadas.**

**Dois anos atrás, ou mesmo um ano, ela teria chamado a atenção dêle, mandando-o ir para a sombra; porém, ùltimamente, vinha tomando o cuidado de respeitar o senso de responsabilidade crescente**

nêle. Às vêzes, ela mesma achava que tomava muito a sério a adolescência dêle, mas como só a ela cabia tôda a responsabilidade não via porque descuidar-se.

Respeitar a exagerada dignidade dêle, naquela tarde, era mais do que um ponto de vista pessoal entre os dois; pois lá ao longe ela avistou um grupo alegre e barulhento de moças nadando no lago.

O grupo estava quase a um quarto de milha de distância, porém as gargalhadas, os gritos e guinchos das meninas seguidos dos urros espalhafatosos dos rapazolas que as acompanhavam chegavam claramente até onde ela se encontrava.

Stephen parara de ler o livro que havia levado lá para a beira do lago. Continuava, porém, deitado, de bruços, com a cabeça apoiada nos braços cruzados. Se estava dormindo ou apenas descansando e ouvindo tôda a algazarra que vinha lá do outro lado do lago, isto ela não sabia: Se alguém lhe perguntasse, êle responderia certamente que os rapazolas e mocinhas mais pareciam um grupo de idiotas ou de hienas ou qualquer outra crítica que lhe viesse à cabeça no momento. E esta mesma crítica, quer motivada pelo seu cérebro precocemente amadurecido ou por despeito, sempre a inquietava.

Estava sempre preocupada pelo fato de Stephen evitar ser como a maioria dos rapazes da sua geração, iniciando brincadeiras tôlas ou contando histórias mais tôlas ainda. Por um lado compreendia o filho — e por isso mesmo temia êsse seu hábito de isolamento. A sua própria solidão não se amenizava pelo fato de saber que êle compartilhava da mesma. O que ela queria — e queria desesperadamente — era que êle fôsse como todo mundo, como todos os outros rapazes da mesma idade. Para ela, aquêle grupo espalhafatoso, gritando e pulando, parecia surgido do Olimpo — e por isso mesmo meio incompreensível.

A inveja que sentia dêles não era por si mesma, uma mulher adulta, mas por Stephen e pela menina tímida que ela mesma havia sido, sentada no degrau da porta, vendo a criançada que brincava do outro lado da rua, ouvindo risos que pareciam canções *que ela não aprendia a cantar*.



Mas, querer interpretar Stephen através da fraca experiência daquela acanhada que ela própria tinha sido, era falta de senso... Stephen era feito de outro material; era um rapazola exageradamente compenetrado de que já era *um homem*! Por isso, achava que devia ficar satisfeita com o que êle quisesse deixar que ela compreendesse a seu respeito.

Agora, Stephen passara para a sombra. Continuava de bruços, mas tinha a cabeça erguida e parecia apreciar o que se passava no lago.

O grupo resolvera fazer, agora, uma espécie de concurso de natação. Desfilavam, um a um, em volta do lago e subiam ao trampolim mais alto, atirando-se de lá da maneira mais fantástica que conseguisse imaginar. Uns estendiam o braço para a frente, à moda de Hitler, e outros vinham cambaleando como bêbedos.

E a gritaria, os vivas — ou as vaias — aumentavam cada vez mais. Uma pequena num maiô reduzidíssimo continuava chamando, aos gritos, por um rapaz chamado Roddy — para que fôsse nadar com êles.

— Você prometeu que mergulharia todo vestido, hoje — gritou ela, com voz estridente.

Outros também gritavam por Roddy.

— Êle está com mêdo de estragar aquelas belas calças de tropical! — comentou alguém.

— Venha Roddy; ande logo!

— Oh! Não o forcem a estragar aquela bela cabeleira ondeada! — caçoou alguém.

Margaret concluiu que Roddy devia ser aquêle rapazinho que estava remando num barqüinho por entre os banhistas. Parecia impassível, inatingido pelos comentários irônicos sôbre a sua pessoa. Agora estavam

*Segurando-a pelos cabelos, disse-lhe qualquer coisa com um ar de ameaça...*

puxando o barquinho para a margem, onde êle pulou para a terra.

Era um rapaz alto, elegante, completamente vestido, em comparação com os outros. E mesmo daquela distância parecia perfeitamente limpo e bem arrumado.

— Vamos, Roddy; vamos com isso! — instigavam todos.

— Eu lhe darei um níquel! — guinchou, rindo, a menina do maiô branco.

— Exija uma declaração por escrito, Roddy! — disseram logo outros.

Tôdas estas tolices pareciam despertar uma hilaridade incontida nos jovens. Dobravam-se para frente, às gargalhadas, encostavam-se uns nos outros, quase caindo de tanto rir. Gozavam de uma felicidade fascinante, irresistível. E porque se sentisse tão fascinada pela

cena, Margaret se lembrou de que nunca fizera parte de um grupo assim; nunca fôra nem seria assim. Nunca seria uma parte da multidão divertida que atravessa a vida feliz, ombro a ombro com os amigos alegres, capaz de rir de tudo e de nada e de dizer tolices amáveis... Nascera assim! E os outros nasceram indiferentes à crítica alheia; suaves na auto-crítica, impulsivos, espontâneos, para espanto daqueles que nasceram para ser sempre meros *espectadores*.

E Stephen? Como nascera êle? Também diferente e retraído, como ela sempre fôra? Não sentiria necessidade da companhia de outras pessoas?

Às vêzes, tinha essa impressão, pois, mesmo em sua companhia, de vez em quando, sentia o alheiamento do filho. E nestas horas voltava a invadi-la o temor de que êle estivesse sofrendo daquela terrível timidez que fizera da juventude dela uma tragédia. Então seus olhos, ansiosos, procuravam os dêle.

Agora, Stephen acompanhava com o olhar o rapaz chamado Roddy. Lá, do outro lado do lago, Roddy estava subindo para o mais alto trampolim de mergulho. Não se desfizera de uma única peça do seu vestuário e foi avançando pela prancha. Um silêncio se fêz, quase absoluto, e até a própria brisa do verão parecia ter parado por momentos, enquanto todos os olhares estavam presos em Roddy, na ponta do trampolim.

De repente, o silêncio foi perturbado por um assobio que vinha de um dos *chalets* existentes na colina, e uma voz de mulher gritou:

— Roddy, desça já dêste trampolim!

A voz, ao mesmo tempo que continha uma nota de reprovação e surprêsa, tinha, também, tons de divertimento.

— Desça já daí, vamos!

Roddy já tinha levantado os braços. Ficou indeciso um instante, não sabendo o que resolver. Então sua cabeça se voltou na direção ao *chalet*, de onde viera a voz, e, em seguida, baixou os braços. Mas a cabeça continuou erguida. Voltou-se e caminhou de volta para a escada. Sentia-se um herói, apesar de tudo.

— Nós acreditamos na sua intenção, Roddy!

— Você ia mesmo saltar, Roddy?

Se êle respondeu alguma coisa a estas perguntas irônicas sua voz foi muito baixa e não se ouviu.

Margaret viu Roddy se dirigir para a pequena do maiô branco, que dera início a tôda a história. Êle estendeu o braço longo e segurou a mocinha pelos cabelos, obrigando-a a fitá-lo; depois começou a dizer qualquer coisa, enquanto sacudia o indicador na frente do nariz dela, a cada palavra que dizia. O resto da turma formou logo rodinha em volta dêles.

Margaret se sentiu mais só do que nunca e sua solidão incluía Stephen, deitado lá em baixo, na margem.

Voltou para o *chalet*, apanhou o maiô de banho, uma toalha e a touca impermeável, descendo depois a colina, em direção a uma das cabines da margem.

Stephen acenou com a mão, alegremente, dizendo:

— Já está pronta?

— Não, mas estarei num minuto.

E entrou na pequenina cabine. Estava quente ali dentro e havia o mesmo cheiro úmido que ela estava acostumada a sentir em tôdas as cabines da beira de lago, onde havia estado desde a sua infância.

Despiu o vestido e pendurou-o num cabide ao lado das roupas de Stephen. O cheiro da madeira úmida da cabine lhe trazia à memória coisas que ela queria esquecer. E tentar defini-las seria talvez fazer com que desaparecessem completamente.

Por vêzes, Margaret achava que sua relação com as pessoas teria que ser sempre assim, *cuidadosamente, quase sem respirar, para não perturbar*, assim como quando procuramos dar de comer a um esquilo num parque público. Mesmo o companheirismo e a confiança de Stephen eram seus enquanto ela ficasse quieta, imperturbável, *sem intervir*. Ou seria que êste equilíbrio tão delicado era apenas produto de sua imaginação?

Lembrou-se da mãe de Roddy, gritando através do lago: — "Roddy, desça daí!" Era uma intimidade apenas normal. Mas por que não conseguia também ela ser

assim e tratar Stephen como qualquer rapaz travêsso e normal?

Enquanto ajeitava a touca impermeável, Margaret se observou no espelho e os pensamentos, que tivera pouco antes, lhe deram como que uma nova confiança e um auto-domínio.

Quando saiu da cabine tinha um ar mais seguro de si mesma.

— Você vai ver como esta queimadura de sol vai doer depois — disse ela, tocando com a mão o ombro de Stephen.

Êle se voltou e examinou o próprio ombro.

— Você tem razão; creio que me distraí um pouco; ou talvez tenha cochilado... Da próxima vez vou trazer uma história de mistério, para não dormir.

Começou a fazer uma ginástica, um tanto preguiçosamente, girando os braços como um moinho, enquanto ela o observava com interêsse.

Sim; Stephen era um rapazinho como outro qualquer, e não *um enigma* para ser estudado.

Entrou no lago, nadando gostosamente. Stephen continuou com o exercício dos braços; depois correu um pouco e se atirou na água.

Êle. em geral, não se interessava muito por exercícios físicos, mas a natação era para êle algo *natural* e *espontâneo*, parecendo sentir-se dentro d'água como se êste fôsse o seu elemento natural. Nadou em linha reta para o centro do lago e depois voltou na mesma direção, como se houvesse uma linha traçada para que êle se orientasse. Em braçadas firmes, chegou ao ponto de onde partira e então nadou calmamente para onde estava Margaret, quase imóvel, b o i a n d o, olhando para as nuvens e vendo-as mudar de posição e feitio a todo momento.

Assim f i c a r a m, lado a lado, batendo mãos e pés apenas o suficiente p a r a boiar.

— Gostaria que você fôsse nadar um pouco com aquela turma, Stephen — disse Margaret.

— Sim...

Aquela era uma resposta típica de Stephen e que servia mais para mostrar que êle tinha ouvido do que concordado. Havia uma distância muito grande entre o que ouvia e o que fazia.

— Parecem que êles se divertem muito lá — insistiu ela.

— É... Você viu o camarada que subiu para o trampolim todo vestido?

Margaret riu e comentou:

— Êle e a mãe parecem entender-se tão bem...

— Você quer dizer que êle não tinha a intenção de se atirar?

— Não foi isto que eu quis dizer — respondeu ela, olhando as nuvens. — Creio que para êle não fazia diferença.

— Para mim aquilo tudo não passou de uma grande palhaçada.

— É... — respondeu Margaret.

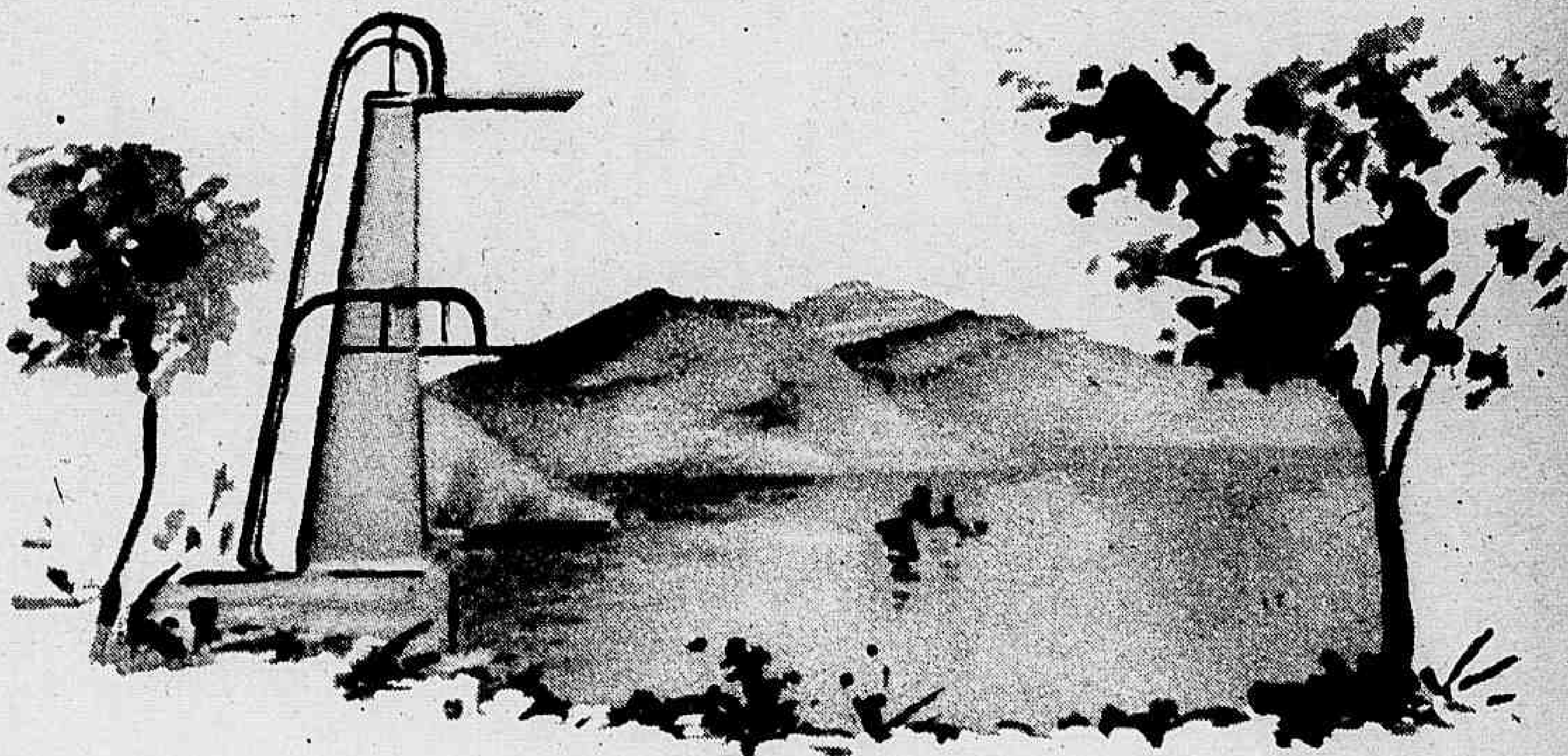
E, virando-se, nadou em direção à escada; depois, ao começar a subir, murmurou qualquer coisa. Chegando à margem parou e disse, como se não se dirigisse a ninguém em particular:

— Mas por que não fazemos uma *palhaçada* também, de vez em quando?

— Quem? — perguntou Stephen.

— Oh! Qualquer pessoa... Está um magnífico dia de verão!

*(Cont. na pág.* 116)






LÁ DO ALTO, DAS NEVES DOS ANDES, VEIO A LENDA DO OURO, QUE EMPOLGOU OS AVENTUREIROS ESPANHÓIS, E MUDOU O CURSO DA HISTÓRIA...



# EM BUSCA DO ELDORADO

LÁ estava, profunda, desolada, redonda como uma taça, recebendo os raios do sol — lá estava a lagoa de Guatavita! Lá estava, "acima das montanhas da lua, no vale das sombras".

E então, surgindo da névoa que paira sôbre o vale frio, a 9 000 pés de altura, nos Andes Colombianos, tribos de índios em fila dançavam, como que surgindo das nuvens e da névoa e, vindos de tôdas as direções, convergiram para o lago sagrado.

Foram galgando, ao bater dos tambores e ao som das flautas, as bordas elevadas do lago e de lá olharam a vista fantástica, a cinqüenta pés, lá em baixo.

Redonda como uma imensa moeda de prata, com um quarto de milha de diâmetro, brilhava sob a luz do sol. Enquanto esperavam pela cerimônia, os feiticeiros da tribo bateram seus tambores e cantaram suas velhas lendas...

★

NOS tempos antigos Zipa, seu rei então, matou o amante da espôsa e obrigou-a a comer sua carne ao som de cantos bárbaros próprios para a ocasião. Depois disso, Zipa perdoou-lhe a traição.

Ela, porém, desgostosa pela requintada crueldade do marido, fugiu dêle, levando a filhinha e com ela se atirou no lago de Guatavita. E no fundo do abismo líquido passou a uma nova vida com o Dragão-Serpente.

Por isso, agora, uma vez por ano, segundo conta a lenda e de acôrdo com a tradição, o rei Zipa vem tentá-la com dádivas de ouro e esmeraldas.

★

TUDO isto é contado e cantado pelos pajés e feiticeiros, enquanto os outros membros da tribo, ornamentados com



ouro batem com os pés no solo num ritmo bárbaro, evocando num outro canto o Deus Sol.

Contam também que o rei Zipa era carregado para a margem do lago numa liteira de ouro.

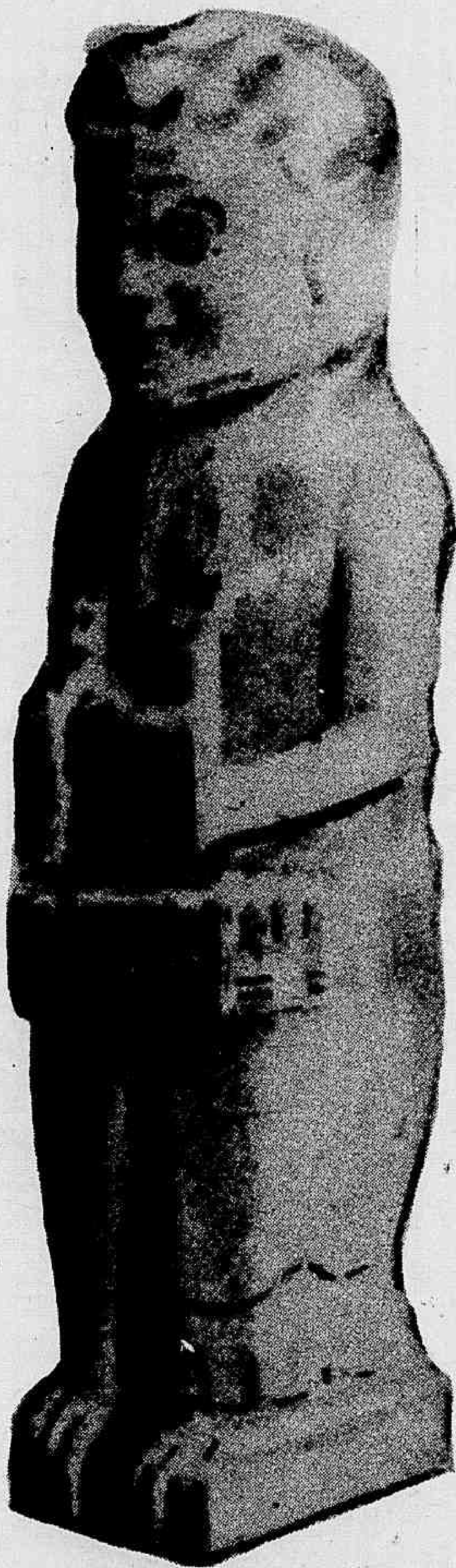
Ajudavam-no a despir as vestes de algodão que usava e os pajés o untavam com uma resina viscosa, enquanto executavam as danças características dêstes rituais. A seguir, prosseguindo a cerimônia o rei Zipa era rolado várias vêzes num leito de ouro em pó.

Quando se erguia já o fazia como o *homem dourado*, o homem dotado de uma segunda epiderme *tôda de ouro!*

Sempre acompanhado pelos Sacerdotes do Ouro êle caminhava pelos degraus de pedra, embarcava numa espécie de jangada e era levado pelos remadores até o centro do lago.

Lá, então, fulgurando sob os raios do sol, o rei Zipa executava um salto, elevando seu corpo dourado no espaço e depois mergulhava na fria lagoa.

Quando voltava à tona e era erguido para a jangada, outra vez, os índios, que agora se aglomeravam na margem, começavam a cantar num côro bárbaro e a atirar suas oferendas de ouro para dentro d'água. Esta era a cerimônia que viria a tornar-se tradição entre êles.



★

FOI assim que nasceu a lenda fantástica do "El Dorado", a *lenda do homem de ouro*, uma história que viria influir no curso da História do mundo.

Mais tarde, conquistadores e aventureiros seriam levados à morte, às centenas, na busca alucinada do *Homem de Ouro*. O Amazonas seria descoberto ainda pelo mesmo motivo. Sir Walter Raleigh acrescentaria a Guiana à Coroa Inglêsa também por causa do "El Dorado". Metade da América do Sul seria desbravada porque constava que um Chefe índio "despido, porém recoberto da cabeça aos pés por uma epiderme de ouro" costumava banhar-se entre verdadeira chuva de objetos, também de ouro, que eram atirados nas águas frias do lago Guatavitá. As cerimônias fantásticas dos índios Chibchas eram conhecidas por muitas das outras tribos que habitavam as redondezas, pois os Chibchas eram numerosos e importantes.

Isto ocorria também, em parte, pela necessidade que tinham de explorar e buscar ouro, que reduziam a pó para satisfazer os seus estranhos rituais.

Na verdade, os Chibchas, habitando os planaltos dos Andes Colombianos, não tinham nem ouro nem prata dentro do próprio território. A altitude não permitia, sequer, que êles cultivassem o algodão, de que necessitavam para suas vistosas túnicas.

Os Chibchas formavam uma raça vigorosa, robusta, de pele côr de cobre, tinham olhos grandes, escuros e mongolóides.

O seu vestuário era simples: os homens usavam uma tanga de algodão e uma túnica, amarrada nos ombros. O nariz era perfurado e aumentado pro ornamentos pendentes. Os lóbulos das orelhas também eram perfurados e cresciam com o pêso dos brincos de ouro que daí pendiam. As mulheres, de uma beleza estranha e bárbara, usavam uma espécie de túnica colorida e uma estola, caindo dos ombros, tudo de algodão estampado e prêso por alfinetões de ouro, trabalhados pelos seus ourives primitivos.

DOIS MINERAIS PRECIOSOS — A tribo tôda não chegava a um milhão de índi-

genas e estava espalhada em tabas por entre as valas de dragagem, feitas por êles mesmos, através do rio Madalena.

Além da agricultura, que praticavam para satisfazer a própria subsistência (milho, feijão e batatas) contavam apenas com dois minerais para comerciar. Mas, apenas com isto, conseguiam adquirir todo o ouro de que precisavam para satisfazer seus rituais e para manter a fama que transformou sua comunidade no *Reino do Ouro*.

Êstes dois minerais eram: Sal e Esmeraldas.

As esmeraldas vinham do Muso, onde havia uma imensa montanha de granito e que era talvez a única fonte de onde se podia extrair tais pedras, nas Américas. As esmeraldas, passando de mão em mão e de tribo em tribo, chegaram ao Panamá.



**O corpo era todo coberto com pó de ouro, colado com resina.**

Aí, os índios Coclé transformavam tais pedras em jóias exóticas. Chegaram também ao México, pois nos relatórios dos conquistadores espanhóis há menção de que êles haviam encontrado "belas esmeraldas, tão grandes como o punho de um homem e lapidadas no feitio de pirâmides". Assim, partindo dos Chibchas, as esmeraldas foram comerciadas por tôda a extensão dos Andes.

Além das esmeraldas, os Chibchas possuíam o Sal. O comércio do sal, embora muita gente desconheça, tem sido um dos mais importantes e, talvez, o de maior influência na História.

Todos os povos que se alimentam de feijão e sementes dão grande valor ao sal por suas qualidades preservativas e suas virtudes estimulantes para o apetite. Podemos dizer que a América primitiva estava prêsa ao litoral pelos laços de sal.



**Objetos de ouro da Tribo Chibcha conservados no Museu de História de Madrid. Um copo com tampa.**

Os Chibchas, entretanto, estavam livres dessa dependência; porque possuíam uma montanha de sal!

DIA MEMORÁVEL — **Assim foi que, em 1536 um grande destacamento da Fôrça Espanhola, seguindo a trilha do comércio do sal e desejando descobrir a fonte daquele sal tão branco como torrões de açúcar iniciou a sua marcha de conquista.**

**Quem orientou? O chefe era garboso, na sua roupa de veludo, capacete dourado e enfeitado de plumas, dirigindo seus homens através da floresta — *homens sedentos de ouro e impacientes por novas descobertas*.**

**Gonzalo Jimenez de Quesada se havia transformado, de repente, de advogado das côrtes espa-**

panholas em general. Foi êle quem iniciou a marcha naquele memorável dia de abril de 1536, com uma fôrça de 875 homens muitos dos quais trajavam sêda escarlate e chapéus vistosos, com plumas coloridas... Abriam caminho pelo *interland*, em direção àquelas terras, onde "as esmeraldas rolavam no solo como pedras sem importância". Pretendiam descobrir fortunas que rivalizassem com as de Peru.

Foi questão apenas de semanas para que a morte e a desolação transformassem e reduzissem o entusiasmado batalhão à metade, e esta fôsse invadida por temores e desânimos sem conta.

Chegaram às margens do rio Madalena amparados pela esperança louca de que navios de sua pátria iriam encontrá-los ali; os homens já estavam completamente exaustos, mas prosseguiam sempre. Então foi a realidade cruel: os navios nunca chegaram e, assim, tiveram que prosseguir na marcha infernal para o sul.

Finalmente, alguns meses depois, as esmeraldas começaram a aparecer. Freqüentes choques e batalhas com os índios também lhes rendiam alguns objetos de ouro. A morte, entretanto, continuava reduzindo o exército de conquistadores, de modo que, passado um ano, apenas alguns expedicionários restavam, que prosseguiam semi-enlouquecidos pela ambição. Não chegavam, talvez, a duzentos homens famintos, esfarrapados, doentes e cansados, os que restavam dos 875 que haviam iniciado a aventura. As mãos esquálidas se crispavam como garras às cordas que os unia, na escalada, e assim galgaram o planalto dos Andes. Aí, então, Jimenez de Quesada, reunindo as últimas fôrças suas e de seus homens, enfrentou os Chibchas.

O conflito foi feroz e rápido. Os índios com suas lanças e machados não podiam resistir às táticas da cavalaria e das armas espanholas. Horas depois de iniciado o combate os espanhóis perceberam que estavam chegando perto da lagoa do "El-Dorado". E lá foram êles, levados por um nativo "ágil e inteligente". Cheios de esperança acamparam às margens do Guatavita. Mas nada mais viam além do lago circular, uma pequena choupana e uma série de rochas escarpadas.

Chegariam os índios a revelar alguma coisa, debaixo de torturas? Mas, nada! Os nativos apenas diziam que aquêle era *o lago do homem dourado* e que *havia um tesouro no fundo do lago*.

RIVAL ARROGANTE — E, como os espanhóis não fôssem bons engenheiros, resolveram desistir e procurar o sonhado ouro em outras paragens.

Acharam-no, enfim, em Tunja, algumas milhas a oeste da lagoa. Foi uma visão ofuscante! De todos os cantos do povoado pendiam fôlhas de ouro, finas como papel. O ouro ondulava ao vento, produzindo um ruído semelhante ao das ondas do mar. Os próprios índios estavam vestidos de ouro. Os sacerdotes usavam togas trabalhadas em ouro e diademas de plumas prêsas aos capacetes de ouro...

A jornada havia rendido bons lucros; placas de ouro em quantidade suficiente para encher uma sala e, de propriedade particular de Jimenez, umas 1 185 esmeraldas! Em reconhecimento pela conquista de tão fabulosa fortuna, uma cidade chamada Bogotá foi fundada e uma capelinha foi construída.

IA tudo muito bem até aquêle dia, em fevereiro de 1539, quando um cavalheiro espanhol chegou esbaforido para avisar o espantado Jimenez de Quesada que outro destacamento espanhol estava a caminho de Guatavita.

A lenda do "El Dorado" havia atraído para Quesada um rival chamado Belalcázar. Êste homem era um conquistador experimentado. Tinha olhos de mongol e feições de mouro, a tez tostada, constituição robusta, cabelos negros e ar arrogante.

A vida de Sebastian de Belalcázar era como conto de fadas. Na infância fôra tropeiro. Certa vez, quando os animais empacaram, atolados na lama, Sebastian ficara tão furioso que os espancara até matá-los. Frente a frente com o dilema de ser punido ou fugir, optou por esta última sugestão, indo para o pôrto de Cadiz, onde se faziam os embarques das expedições para o Novo-Mundo. Viveu aventuras nó Panamá, aprendeu a lutar com os índios e seguiu para a Nicarágua, onde foi o fundador da cidade de Leon. Mais tarde,

transportou-se para Quito, combatendo os selvagens de modo leal e fundando, em 1534, a moderna cidade de Quito.

E assim o que fôra menino-tropeiro ganhou a fama de conquistador!

Sebastian de Belalcázar estava descansando na cidade de Latacunga quando um soldado espanhol trouxe à sua presença um índio mensageiro que pretendia chegar até à tribo Inca do Peru.

O índio contou que viera do norte de Cundinamarca *onde a riqueza era tal que todos se banhavam em poeira de ouro.*

Sebastian de Belalcázar, para que a vida não passava de uma aventura ininterrupta, replicou:

— Vamos, pois, em busca dêste Eldorado!

E assim tratou de fazer.

ENCONTRO INENARRÁVEL — Anos mais tarde, no vale Nenva, em fevereiro de 1539, as fôrças do ex-tropeiro e as do ex-advogado se encontraram. Inenarrável aquêle encontro das duas fôrças no pico do labirinto do Novo Mundo!

Mais incrível ainda foi o que se seguiu. Um outro grupo de espanhóis, de aspeto tão bravio como a própria selva, vestindo trajes feitos de peles de animais, se atirou contra êles! Seis dias depois do encontro daquelas duas fôrças esta terceira, como numa história de fadas, surgiu em cena...

Êsse terceiro grupo de aventureiros, todos de origem espanhola, tinha como chefe Nicolau Federman, conhecido como *O Joevm de Ulm* e que em tôda parte se apresentava como comandante de 120 soldados e possuidor de três barcaças alemãs, "que conduzia pelos mares, na direção da Venezuela, cujos domínios S. Majestade Imperial Espanhola cedeu aos meus poderes". Com sua barba ruiva e poderoso corpanzil impressionara os nativos e também aos seus comandados, passando a viver uma longa aventura de saques e guerras sem quartel.

Com muita habilidade, Jimenez de Quesada, o improvisado conquistador, soube desviar o ímpeto belicoso de Federman, ganhando-o para o seu bando, já bastante castigado. Assim reunidos, conseguiram levar a melhor sôbre Belalcázar, que abandonou a luta e, embora, à última hora, tentasse despojar Jimenez dos frutos de sua jornada, acabou cedendo e embarcando em Guataqui, desembarcou em Cártagena, em junho de 1539.

Quanto a Jimenez, dali saiu em 8 de junho do mesmo ano, para a Espanha, para solicitar do imperador o govêrno dos países descobertos. O título, porém, foi concedido ao filho de Pedro Fernandez de Lugo, sendo vãos os seus protestos. Mais tarde foi acusado de haver assassinado inùtilmente o *zipa* de Bogotá, sendo condenado a pesada multa e a um ano de destêrro *de tôdas as Indias*.

Morreu de lepra, em 1579, na costa de Limba, para onde se refugiara, pios as águas sulfurosas do lugar aliviavam os seus males. Assim terminou uma das muitas expedições organizadas pelos grandes aventureiros. A eterna sêde de ouro, que ainda hoje tortura e enlouquece os homens, deixou nas jovens e ricas terras do Novo Continente marcas indeléveis de maldades indescritíveis e que tiveram como único resultado guerras intermináveis entre nações do Velho-Mundo, tôdas ansiosas por conquistar com exclusividade o ambicionado Eldorado.



**Objeto de ouro Chibcha. Detalhe da decoração de um copo.**

# PANTERA AO LUAR

*Novela de*
*NORA BURKE*

Nas sombras incertas, que antecipam a saída do sol, a pantera avançava cautelosamente. Entre as rochas enegrecidas e impenetràvelmente protegidas por troncos raquíticos e ásperas moitas de framboezas, do outro lado do rio, os filhos ainda repousavam preguiçosamente. Como fazem todos os animais selvagens, ela se aproximava dêles sem pressa. Parando, de vez em quando, na trilha quase indistinta e voltando a bela cabeça para um e outro lado, a fim de sondar com olhos cruéis os arredores, como se nada mais tivesse em mente que a escolha de uma sombra, na qual pudesse também descansar por todo o dia que se avizinhava. Suas orelhas vibraram um instante, percebendo o imperceptível, movendo-se como um detetor em busca da mais insignificante vibração. Porém seu pobre olfato nada lhe revelou. *Ignorava ainda o desastre do seu lar.*



Com o estômago repleto de carne de porco, e o rosto de sua prêsa escondido pacientemente na abertura de um espêsso tronco de árvore, longe do assalto dos chacais e das hienas como também dos corvos, sentia-se satisfeita. Sòmente um gato do mato ou qualquer marta mais atrevida poderia atacar a sua despensa e dela retirar um bom bocado. Para ela mesma, porém, não haveria necessidade de novo jantar até à noite depois do outro dia. O sabor da carne sangrenta ainda não desaparecera inteiramente de sua bôca. A língua rubra, comprimindo-se como esponja viva, ainda lançava boa porção de sangue morno para seu esôfago. Porém, quando a fome voltasse e terminasse de extrair a carne de porco da sua bôlsa de couro peludo e roesse um pouco os ossos, mordendo-os amorosamente, talvez fôsse apanhar outro porco ou mesmo uma cabra nas proximidades de uma das aldeias. Porque aquêle distrito estava cheio de bom alimento, e as prolíficas panteras, em suas caçadas noturnas, não necessitavam de varar as florestas, bastando viver nas proximidades dos campos cultivados, usando as mesmas trilhas feitas pelos homens e apresando seus animais domésticos. Embora, recentemente, grandes planícies tivessem sido queimadas, para a agricultura, os brotos novos já haviam lançado uma tonalidade verde sôbre a terra marrom, e isso atraía as cabras, os porcos e também os esbeltos veados. As panteras que pudessem esconder o próprio corpo entre o mato ralo obtinham alimento farto e variado.

Nenhuma ansiedade ou apreensão assaltou a pantera, quando se esgueirou pela trilha, na direção do rio, atenta em evitar os galhos secos e as fôlhas sêcas, preferindo o silêncio. Na sombra, ali mais acentuada, ela se mostrava mais esguia, mais fôrça viva dentro da noite.

A trilha, que a trouxera das aldeias e das terras cultivadas, perdia-se no espêsso juncal dessas encostas do Himalaia, pouco adiante da saída do rio.

Uma miserável ponte de cordas, estendida sôbre a água, a pouca altura, balançava suavemente, batida pela brisa. A pantera também usava essa ponte, algumas vêzes, pois, embora pudesse nadar muito



**Escarranchada e pronta para saltar novamente, a fera levantou a cabeça, rosnando ameaçadoramente, olhando bem tudo que estava em seu redor...**

bem, em caso de urgência, sempre procurava evitar, tanto quanto possível, o contato com a água. A ponte, embora esverdeada pela umidade era bastante forte para suportar o seu pêso. Assim trotou até alcançar uma rocha, na outra margem.

Então, ali, num leito formado por compridas fôlhas de bambu, havia uma pequena mancha de sangue. A pantera estacou, como se tivesse sido transformada em pedra. Depois, devagar, baixou a cabeça para as fôlhas manchadas. No mesmo instante saltou, como uma flecha por entre as rochas e os espinhos. Seu lar fôra descoberto

As fôlhas estavam espezinhadas e espalhadas — *e os filhotes tinham sido levados!*

Ah, não! Um ali estava ainda, deitado de lado. Correu para êle, com um rosnar amoroso e aflito, lambendo-lhe a pobre cabeça inerte, o corpo frágil, a cauda

curta e suja de sangue e de terra. E mais além estava outro — e outro mais...

Começou a levá-los de volta para o leito de fôlhas; mas, quando fêz uma pausa para lamber o pobre corpo, sentiu que estava frio. E o *pêlo não estava sêco, como o de coisa viva*. A pantera, que via a morte todos os dias, não tardou muito a descobrir a verdade. E essa verdade foi para ela como se um raio penetrasse em seu corpo. Sua fúria não teve limites.

Tôda a selvageria diabólica da pantera e da mãe cruelmente ferida a invadiram e dominaram como uma onda irresistível. Seu corpo se arqueou com incompreensível dor.

Seu filhote estava morto — e o outro — e o outro... Mas havia algum mais! Um, com o colorido diferente; um, que ela sempre tentava clarear com língua infatigável, porque tinha o dorso escuro, quase negro.

Percorreu a mata, em círculos cada vez mais largos. Procurou entre as rochas e os espinhos de framboeza. O vento que teria ajudado algum outro animal, de nada lhe valeu. Mas um pensamento atravessou o seu cérebro escaldante, e logo trotou, apressada, para o lugar em que encontrara a primeira fôlha de bambu, manchada de sangue.

JÁ amanhecia, agora, e os sons do dia começavam a encher o ar em seu redor. Um galo-da-mata, no mais alto galho de um *banyan*, lançou o seu grito estridente, ao mesmo tempo que exibiu tôdas as suas penas rubras para os primeiros raios do sol, que o secariam do rocio da longa noite na floresta.

Nas fôlhas de bambu, as gôtas de sangue já haviam tomado uma tonalidade marrom. Aqui e ali, no barro do chão, estavam as marcas das patas de um cão de grande porte e dos pés descalços de um homem. A pantera sabia muito bem como encontrar um homem — e mesmo muitos homens... Cruzou outra vez a ponte de cordas, esgueirando-se de uma pausa de sombra para outra, usando todos os escudos que pôde encontrar, rochas, moitas de espinhos e mato alto.

Como de hábito, caminhava contra o vento. Assim era o seu método de caça. O seu próprio cheiro não revelaria a sua presença, enquanto ela própria se favorecia com os menores ruídos e não com os cheiros. Repentinamente estacou.

Além, de pouco menos de meia légua de distância, o vento trouxe um som que a fêz estremecer e rosnar baixinho: *o miado do seu filhote*.

Apressou o passo, mas tão cautelosamente que nem mesmo um gavião pousado num galho próximo e que passa por ser a criatura de olhar mais agudo de tôda a criação, não a teria visto. A pantera, porém, não resistiu muito tempo ao ímã que a atraía e, em breve, desandou a correr, levantando bandos de pássaros, que subiam para o céu e para a luz do sol, num deslumbramento de côres e num vertiginoso bater de asas.

Imediatamente, o grito agudo de um macaco alarmou tôda a mata, que temia muito mais a pantera que o próprio tigre. A fera levantou a cabeça e lançou um terrível olhar para o traiçoeiro símio, e nesse olhar havia a promessa de cruel vingança. No entanto, quando atingiu as terras lavradas, tendo todos os animais da selva amedrontados e fugitivos às suas costas, encontrou tudo em calma e silêncio. Os homens apenas se preparavam para mais um dia de trabalho.

A pantera tinha seus lugares preferidos. Aqui e ali, entre o mato alto, havia depressões de terreno, pedras escuras, velhos troncos tombados desde tempo imemorial, onde podia estirar-se, observando os campos mais distantes, atenta ao menor ruído, aguardando a ocasião de escolher a prêsa. Ali o seu corpo marrom, enfeitado com caprichosas rosas negras, como que se dissolvia na terra.

MAIS longe, no terreno liso que cercava a aldeia, podia ver a gente que ia e vinha, dedicada a seus trabalhos. Mais próximo havia um menino e uma menina, quase da mesma estatura, cuidando de uma vaca, enquanto em seu redor, dois porcos fuçavam a terra em busca de raízes. Instantes depois, entre as vozes agudas das mulheres, que lavavam roupa

num córrego, tornou a ouvir o miado do seu filhote. Êle estava lá, em algum lugar, *dentro da aldeia*!

Suas pupilas se apertaram, formando uma só linha, muito fina e negra, na delicada retina. Sua cauda teve uma curta vibração. Depois, embora fôsse arriscado mostrar-se à luz do dia, começou a mover-se. Meia hora depois estava deitada entre o milho novo e baixo, bem próximo das primeiras casas. Assim esperou até que o dia começasse a perder o seu grande brilho. As mulheres, terminada a sua faina junto do córrego, colocaram as roupas em grandes cestos e êstes sôbre a cabeça. Então, gritando pelos filhos e animando-os com pancada, começaram a recolher-se à aldeia.

A êsse tempo abandonando as enxadas os homens se consultavam sôbre o destino a ser dado ao filhote de pantera, tão curioso com o seu dorso negro. Qual seria a melhor política? Matá-lo e enterrá-lo, antes de que a mãe surgisse em sua busca, sedenta de vingança ou vendê-lo por bom dinheiro ao rajá, para o seu jardim zoológico? Porque o espécime devia merecer bom preço...

E todos, caminhando devagar, passaram a poucos passos da pantera; mas não a viram.

Repentinamente, um travêsso esquilo desceu de uma elevada palmeira e no seu galope esvoaçante atravessou o terreno na direção de uma mangueira. A dois passos da pantera parou, semimorto de mêdo. Seus olhinhos negros e brilhantes, em que a pantera pôde ver a mangueira e o céu refletidos duplamente, ficaram parados e voltados para a fera. Depois, como se misteriosa mola o soltasse, enfim, executou formidável salto na direção do tronco pelo qual subiu, soltando guinchos de alarma. Isso despertou a atenção dos homens e de dois cães magricelas, que logo voltaram a cabeça, com uma das patas dianteiras no ar. A seguir, entraram a latir furiosamente e um dos homens lançou uma pedra na direção do capinzal.

A pantera se ergueu e desandou a correr para a mata, enquanto atrás dela se levantavam gritos e ruídos de pés nus, correndo, ao mesmo tempo que pedras choviam em seu redor. Porém a fera já ia distante e nenhum homem se atreveu a segui-la de perto. Dentro da mata, ela deixou de correr, caminhou mais alguns passos e, finalmente, voltou, decidida a manter-se escondida na orla da floresta, a fim de aguardar que a noite chegasse.

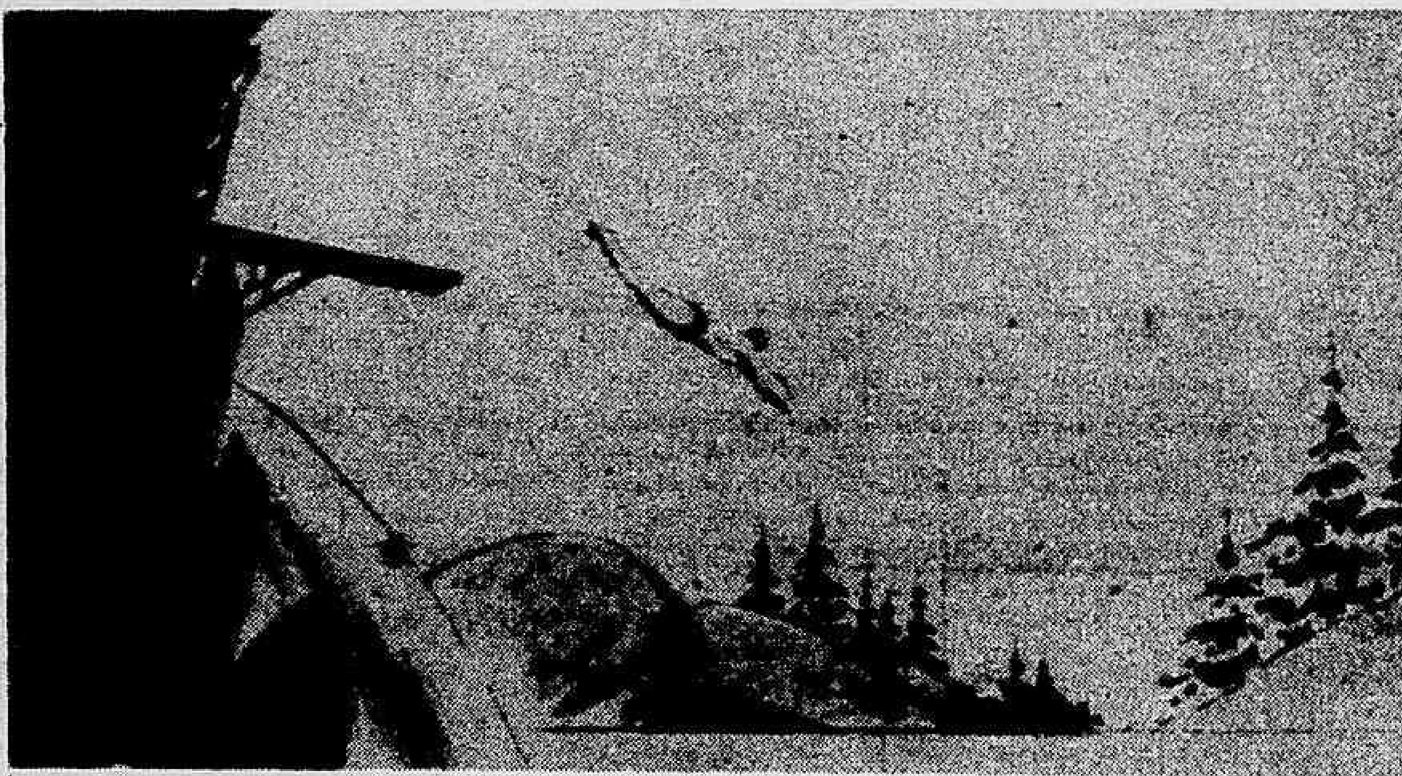
(*Cont. na pág.* 111)



# O NIAGARA SUAS VÍTIMAS E SEUS VENCEDORES



Do surdo retumbar dessa enorme massa líquida, precipitando-se no abismo do alto de um paredão de rochas, a cinqüenta metros de altura, provém o nome de Niagara, pois é uma corrutela da palavra iroquesa Niakaré (Grande Ruído).



Sam Patch, acróbata temerário, construiu uma plataforma a grande altura e dela se lançou entre os rápidos. Patch conseguiu salvar-se, porém algum tempo depois fracassava e perdia a vida, tentando façanha semelhante nas cataratas de Genesse



Um triunfador do Niagara foi o toneleiro Carlisle D. Graham, de Buffalo. Em 11 de julho de 1886 lançou-se à água, metido num tonel e, apesar de tudo, a prova teve feliz resultado. No ano de 1855 e perante 20 mil espectadores, Charles Blondin, notável equilibrista, cruzou o Niagara, de margem a margem, caminhando sôbre um cabo esticado sôbre o abismo. Mais recentemente, três acróbatas alemães realizaram a mesma proeza, usando sôbre o cabo de aço... uma bicicleta, sôbre a qual executaram, durante todo o percurso, os mais arriscados números.



Em 8 de setembro de 1827, o barco «Michigan», que havia exercido a pirataria nas águas dos grandes lagos, foi abandonado através dos rápidos, com um carregamento de animais selvagens, e assim arrastado entre os remoinhos até ao salto da Ferradura, de onde saltou no abismo. Jamais se soube qualquer coisa dêle ou da sua selvagem tripulação.



O capitão Matthew Webb foi o primeiro nadador que tentou cruzar o Niagara, em agôsto do ano de 1875. O remoinho o tragou e seu corpo, procurado com grande empenho, jamais foi encontrado.



Em agôsto de 1931 surgiu a primeira mulher tentando vencer o medonho abismo. Miss Mary M. Bell cruzou a nado o torvelinho, junto da queda, no tempo realmente assombroso de dez minutos.

# O BUSÍLIS AUSTRÍACO NO PANORAMA ESTRATÉGICO

## DESAFIANDO OS DIPLOMATAS DA O.N.U.

Por DE MATTOS PINTO

*(Continuação)*

UMA mensagem dos deputados de Bade asseverava em 1867: *a unidade alemã significa a garantia do direito natural, o respeito da liberdade dos povos, o progresso pacífico da civilização e o refreamento necessário da política de conquista*".

Os estadistas britânicos, preocupando-se com a nova situação, julgam indispensável a existência da Áustria em oposição ao engrandecimento da Prússia. Os franceses também assim pensaram e Napoleão III agiu para obstar a inclusão dos Estados Germânicos do Sul na Confederação do Norte. Com espírito de determinação, Bismarck prosseguia na sua política de hegemonia prussiana sôbre os outros povos teutônicos. Os Habsburgos já haviam perdido Veneza, e Napoleão III do píncaro dos Alpes, alertava os italianos a expulsarem os invasores austríacos do resto da península. O socialista Ferdinand Lassalle, entendido na filosofia do direito das gentes,



**Maria Teresa foi, talvez, a mulher mais afortunada da História. A coragem com que enfrentou todos os inimigos que disputavam sua sucessão, em 1740, lhe valeu o afeto de seus súditos. Soube, além disso, conservar êsse fato, governando-os com acêrto e tolerância, sem deixar de ser antes uma regente autocrática, realizando um «despotismo benévolo» — que é, afinal de contas, uma ficção dos teóricos da História.**

entusiasta de Hegel e amigo de Humboldt, lançou um manifesto inflamante, dizendo que *soara o momento da Prússia se libertar da Áustria*. Assim discorria Ferdinand Lassalle: "A guerra da Itália não é sòmente santificada para a democracia, é uma graça enorme para a Alemanha. Traz-lhe a salvação! Exortando os italianos a expulsar os austríacos da península, Napoleão III abate a Áustria, o eterno obstáculo à unidade da nossa pátria. Se a carta da Europa foi refeita no Sul, em nome das nacionalidades, apliquemos o mesmo princípio no Norte. Que a Prússia aja sem hesitar, senão dará prova de que a monarquia é incapaz de uma ação nacional!" Dissidiosos e rivais entre si, não obstante as tradições comuns, a língua geral e as mesmas fontes de cultura, os povos germânicos contrastavam com a Inglaterra e a França, que já haviam liquidado os remanescentes do regime feudal e cujas monarquias imperavam sólidas.



Arquiduque Fernando, cujo trágico assassinato, em Saravéjo, no mês de junho de 1914, foi o ponto de partida da Primeira Grande Guerra, era personalidade destacada no cenário europeu. Estava associado à política de engrandecimento posta em prática pelos austríacos nos Balcãs.

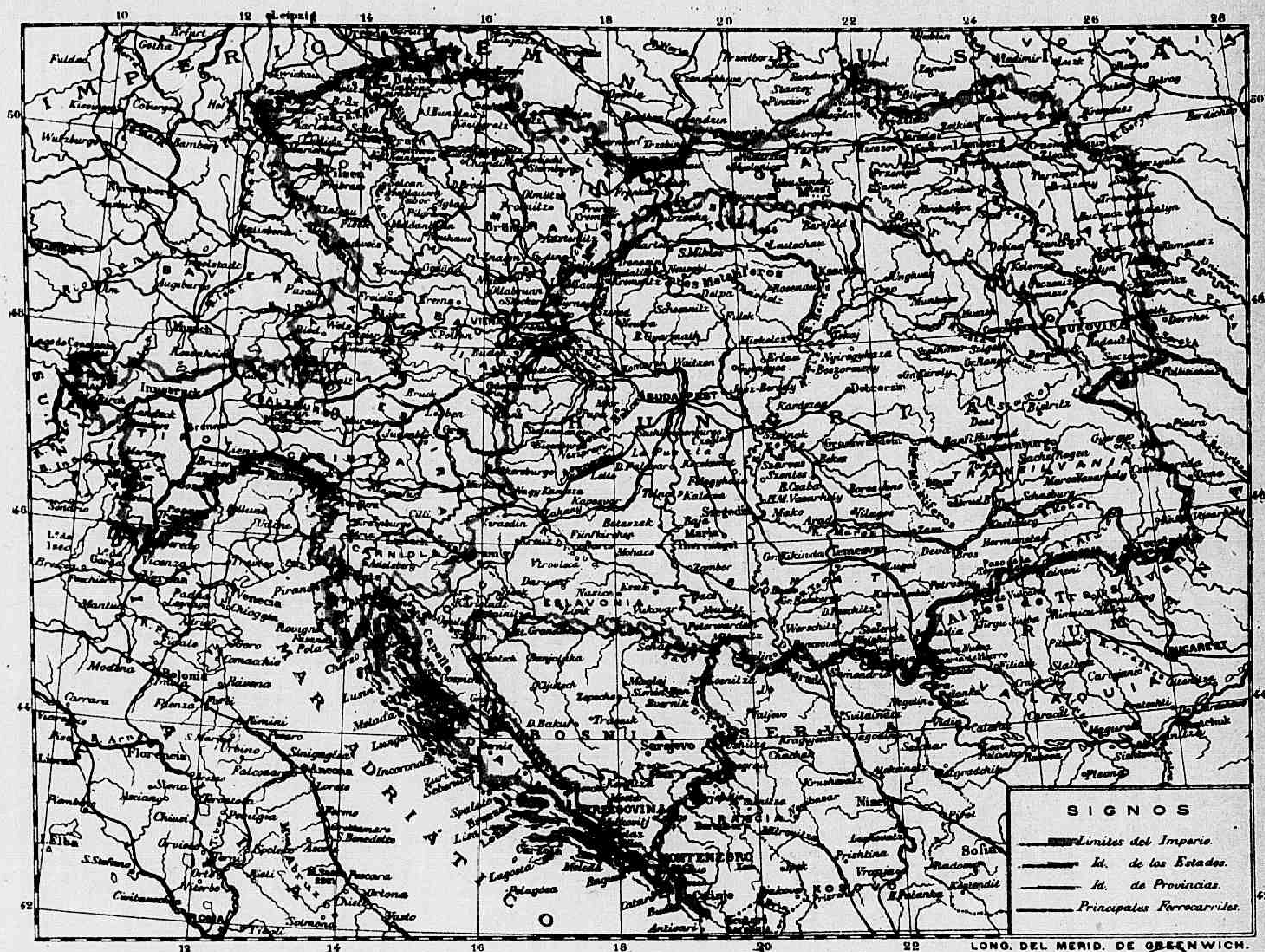
Decidido a estender a supremacia prussiana até às margens do Reno, Bismarck provocou a guerra franco-prussiana de 1870, de que a França saiu esmagada e Napoleão III prisioneiro. Em 18 de janeiro de 1871, Bismarck proclamou o Império Alemão em Versalhes e Guilherme I recebeu o título de Rei da Prússia e imperador da Alemanha. Os austríacos perdiam para sempre a possibilidade de reinar sôbre os povos germânicos do Norte e do Sul, esvaindo-se o sonho patriótico do príncipe de Metternich!

As GRANDES POTÊNCIAS SUSTENTAM O MOSAICO RACIAL DA ÁUSTRIA-HUNGRIA — Desde a Idade-Média, os eslavos viviam dispersos na bacia do Danúbio e nos Balcãs, nunca chegando a formar uma nacionalidade com capacidade militar para impor as suas fronteiras.

Subdivididas geogràficamente, seja ao Ocidente e ao Oriente, as regiões povoadas pelos eslavos excitavam as grandes potências européias, como terras de colonização. Ainda mais partilhado pelos dialetos e pelas literaturas patrióticas, do que pela topografia e pela paisagem hidrográfica, o mundo eslavo podia ser comparado como o termômetro mercurial da Europa Central. Conhecia-se a efervescência ou serenidade das potências ambiciosas, pelo sossêgo político dos Balcãs.

Os panfletários lamentavam a sorte de tantas minorias humanas, prisioneiras de governos despóticos e de dinastias obsoletas, impotentes em formar uma nacionalidade. Alemães, eslavos, magiares, rutlenos, tchecos, poloneses, croatas, sérvios, italianos, rumenos, eslovacos, compunham o mosaico racial da monarquia dualista da Áustria-Hungria.

Para manter o equilíbrio europeu, ou mais expressamente para manter a política de colonização dos povos fracos, os inglêses prestigiavam a Áustria, os alemães estimulavam a Rússia Tzarista. Em 1904, o imperador Guilherme II propôs ao tzar Nicolau II, um acôrdo para liquidar com a arrogância da Inglaterra, cuja política balcânica, por intermédio de Viena e de Budapest, detinha tanto o avanço teutônico como a expansão moscovita. Por sua




**Mapa do grande Império Austríaco por ocasião da Primeira Grande Guerra Mundial (1914 - 1918)**

vez, a França só poderia preferir a subsistência da monarquia dualista dos Habsburgos, barreira do pan-germanismo para o Oriente e um hipotético aliado em caso de guerra européia. Um adágio típico da situação internacional corria pelo continente: "Se a Áustria não existisse, seria preciso inventá-la". Que pensar dêsse famoso equilíbrio europeu, baseado sôbre a injustiça e a opressão das minorias raciais? Como poderiam os italianos da Ístria, os eslavos da Morávia, os poloneses da Galícia e os rumenos da Bucovina entenderem-se com as populações da Sérvia e da Croácia, com os alemães da Bohemia e da Silésia? O crime das nacionalidades ia gerar a Primeira Guerra Mundial.

Declarando enfàticamente, em 1914, ao embaixador inglês, sir Edward Goschen, que o tratado da neutralidade belga não passava de um farrapo de papel, o chanceler alemão Theobald von Bethmann Hollweg arrastou o império dos Habsburgos na generalização do conflito europeu, iniciado nos Balcãs. O mosaico racial da Áusaria-Hungria ia ser desfeito e complicar o futuro da Europa.

O FRACASSO DAS VITÓRIAS MILITARES — A independência da Áustria, garantida pelo Artigo Oitenta do Tratado de Versalhes e pelo Artigo Oitenta e Oito do Tratado de Saint-Germain, não deixou as grandes potências tranqüilas. Antes parecia desempenhar um destino necessário e estravagante, mantendo artificialmente unidos, costumes e direitos, idéias e ambições, línguas e interêsses econômicos.

Depois da Paz de 1918, passou a ser um joguete, o sinistro brinquedo das grandes potências vitoriosas. Antes mesmo que a vitória houvesse dado aos aliados a sorte do Tratado de Versalhes, os estadistas inglêses, franceses, norte-americanos e belgas já haviam-se entendido para manter a independência da



Austríacos do Tirol, com seu vestuário típico, numa gravura do século XIX.

tivos idealistas dos aliados consistia em reorganizar a política da Europa, em nome do princípio das nacionalidades. O Tratado de Versalhes restaurou a Polônia, compôs a Tchecoslováquia, fundou a Iugoslávia e separou a Hungria, mantendo a independência da Áustria. O princípio das nacionalidades aplicado à Alemanha, engrandeceria seu território, aumentaria sua população, sua fôrça econômica e militar.

Prevendo a complexidade e a insídia da questão austríaca, J. Barnville chamava a atenção das potências:

"Se desagregado o Império dos Habsburgos, as populações da língua alemã que habitam Viena, Tirol, Ístria e Morávia, pedem a sua volta ao seio da grande Germânia, a Alemanha jogou o "quem ganha perde". Fará se pagar da sua derrota, pela troca de súditos duvidosos, contra súditos leais. Terá no centro da Europa, um bloco de oitenta milhões de alemães, prolongado pela dependência húngara, até às portas do Oriente. Então, o perigo germânico renascerá amanhã, tão grande como era ontem. Milhares e milhares de heróis morreram em vão".

Para não fazer da hecatombe de 1914-18 um inútil sacrifício, o Tratado de Versalhes e o Tratado de Saint-Germain, pelos artigos 80 e 88 deliberaram manter a independência e soberania da Áustria. Além da França, da Inglaterra e da Rússia, que não desejavam ver o espetáculo marcial do Terceiro Império Germânico, havia a Pequena Entente defendendo a liberdade das minorias balcânicas. Na linguagem incisiva de Take Jonesco, a Pequena Entente procurava impedir que "os vencidos recuperassem pela intriga o que perderam pela espada". A incorporação do território desfaria o equilíbrio continental, arran-

Áustria, afastando-a de qualquer unificação com o resto da derrotada Alemanha. René Pichon conjecturava que desembaraçados dos tchecos, italianos, rumaicos, croatas, eslovacos, húngaros e poloneses, os austríacos poderiam se tornar amigos da França. Por sua vez, os alemães haviam pensado na Áustria como compensação racial, em caso de derrota militar. Um diplomata alemão observou na Embaixada de Roma, ao romper as hostilidades da Primeira Guerra Mundial: "Nós ganharemos a guerra. Mas se não a ganharmos, ainda a ganharemos porque anexaremos os oito milhões de alemães da Áustria". Entraria para a comunhão dos povos germânicos, refazendo o êrro de Karl Otto von Bismarck. Livres dos povos balcânicos que subjugavam, os austríacos iam oscilar ao sabor das paixões continentais.

Contrariando imediatamente o Tratado de Versalhes, a Constituição de Weimar proclamou a República Alemã e dispôs no seu texto que a Áustria deveria ser incorporada à nação germânica. Um dos obje-

jado pelos inglêses desde as guerras napoleônicas. Mais do que nunca prevalecia o julagmento do publicista anônimo do século IX, que qualificou o problema da unidade dos povos germânicos, a "quadratura do círculo da política internacional". Encarnando aspirações imemoriais da raça germânica, Hitler refez o poder militar, anexou a Áustria e desencadeou a Segunda Guerra Mundial. Novamente derrotada nos campos de batalha e ocupada por quatro exércitos, a Alemanha jamais perderá o ensejo de recuperar os milhões de alemães da Áustria. Nem os Estados Unidos, a Inglaterra, a França e a União Soviética poderão olvidar a possibilidade de que unificada a Alemanha e refeito seu poderoso exército, venha a Áustria a ser anexada em futuro próximo, formando um bloco de noventa milhões de germânicos ameaçando o Oriente ou o Ocidente. Malenkov, Bidault, Churchill e Eisenhower não poderão esperar que a nação alemã se resigne a viver obscuramente, ùnicamente para respeitar protocolos e tratados compilados à sua revelia e que não satisfazem o seu ideal milenar. O general De Gaulle continua a protestar contra a formação do Exército Europeu, na convicção de que êsse exército virá a ser dominado pela supremacia numérica do soldado germânico e da sua metalurgia pesada.

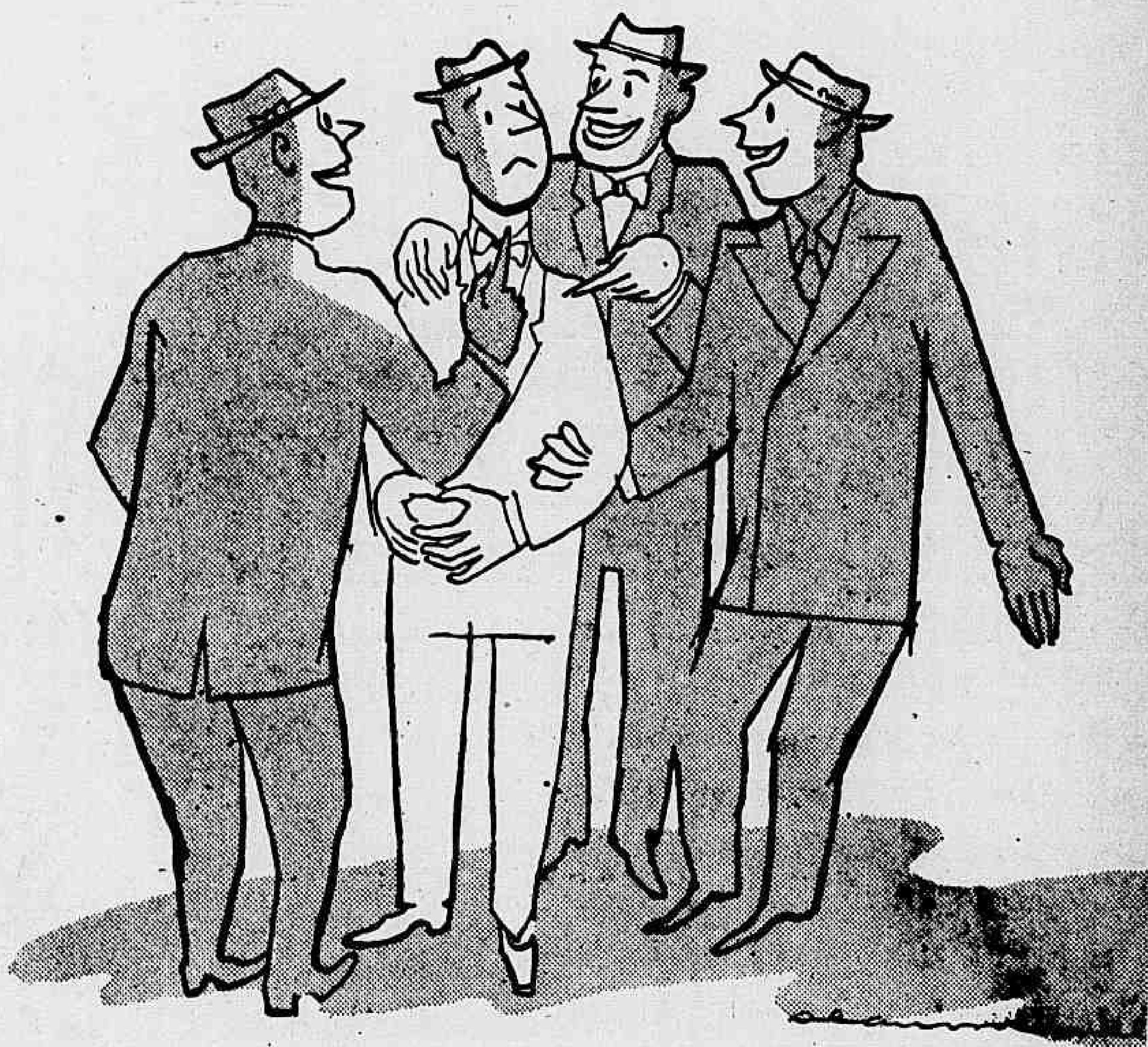
Poderão os austríacos resistir muito tempo à gravitação dos povos alemães unificados?

Eis o busílis internacional, que preocupa a ONU e a União Soviética, bem como as demais potências do mundo. Há um problema de estratégia militar e de estratégia industrial na questão austríaca, cuja solução as gerações presentes e futuras aguardam com inquietante expectativa.

* *

## AMIGOS DA ONÇA

*(Uma Anedota dos Tempos de Guerra)*



UMA *Visitante Social* procurava descobrir a razão por que o novo recruta se mostrava tão acabrunhado no meio do entusiasmo e tagarelice dos seus colegas.

— Você não gosta do Exército? — perguntou, gentilmente.

— Não, madama — disse êle, quase chorando. — Jamais gostei e jamais hei de gostar.

— Mas, então, por que você se alistou? — insisti uela. — Com certeza, assinou o compromisso por que quis...

— Nunca tive a intenção de me alistar — explicou o infeliz — mas três amigos meus se preparavam para vir para cá e tanto insistiram comigo que acabaram me convencendo de que também devia vir...

— E então? Nesse caso você tem boa companhia... Não se sentirá tão só no meio de velhos amigos...

— Não, madame — gaguejou o recruta. — Fui eu o único que se alistou!

# ÊSTE MUNDO LOUCO...

EM cientista britânico anuncia que o planêta Marte está perdendo brilho. Como se já não tivéssemos problemas em demasia para nos trazer preocupados.

★

MAS há, também, coisas engraçadas. Por exemplo, Miss Colorado 1952 recusou restituir à Câmara de Comércio local, o




troféu conquistado, a fim de ser entregue a outra Miss Colorado... 1953. Declarou simplesmente que desejava guardar a taça a fim de exibi-la, mais tarde, aos seus netos. E acrescentou: "Se Miss Colorado 1953 deseja uma taça que a vá comprar em algum belchior!"

★

EM Cranbrook, British Columbia, um cidadão parou seu automóvel diante de um restaurante de beira de estrada e almoçou pacatamente. Sendo um estabelecimento recém-inaugurado, o proprietário se aproximou para sondar a opinião do cliente sôbre a sua cozinha.

— Realmente, eu ignorava que aqui se cozinhasse tão bem. Mas, para ser franco, o que me atraiu foi o cartaz que há do lado de fora e que avisa: — *"Não temos televisão"*.

★

E aqui está uma notícia para consolar a gurizada que, um tanto aborrecida, vê aproximar-se o dia de reabertura das aulas: Em Ohio, a Inspetoria de Veículos acaba de inaugurar uma escola para ensinar os examinadores dos candidatos a "chauffeurs" a... como bem dirigir um automóvel. Ao mesmo tempo, numa grande cidade francesa, a Municipalidade acaba de inaugurar um curso no qual as professôras municipais serão obrigadas a estudar... geografia.

★

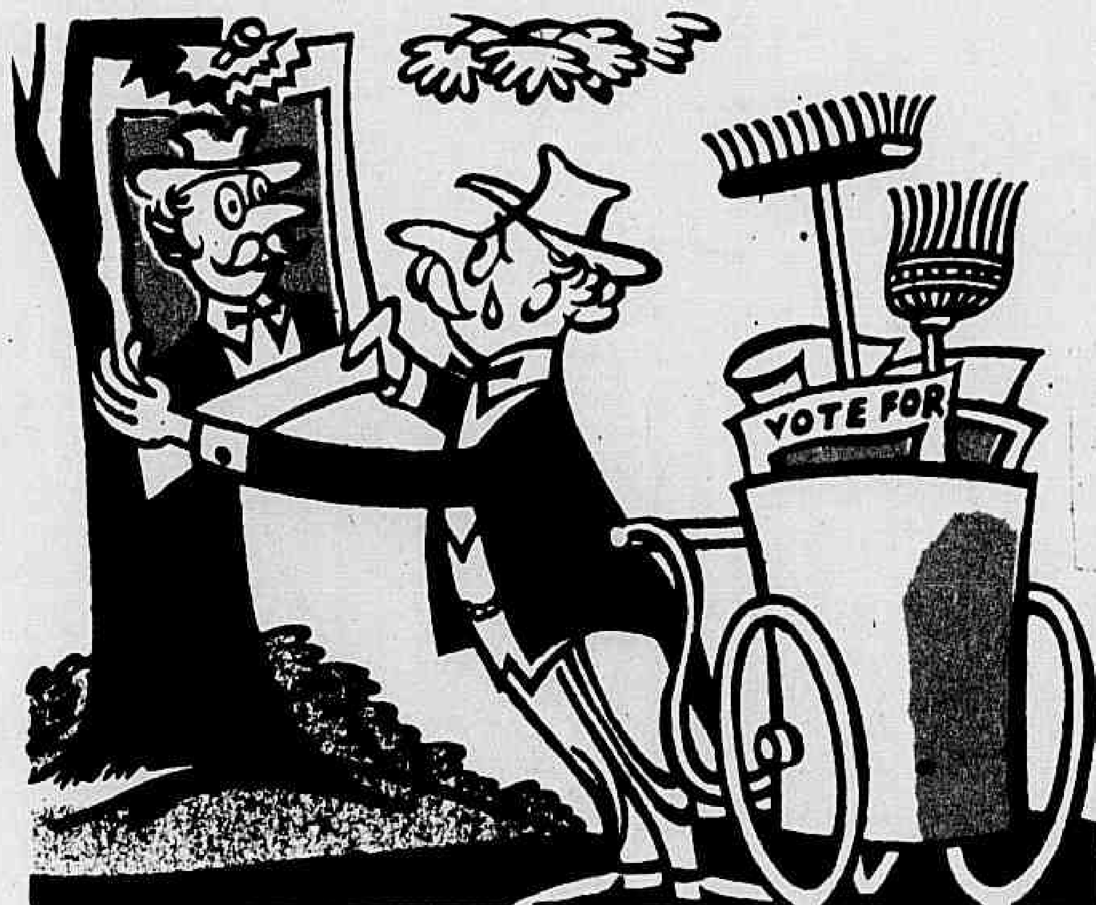
ESTA foi ouvida num elevador de edifício de apartamentos, em bairro elegante do Rio de Janeiro. Duas senhoras palestravam "amistosamente" e uma delas disse, com ar decidido:

— Acredite ou não, ainda não tive tempo para começar a ensinar boas maneiras a minha filhinha...

— Você não deve expor a pobrezinha a êsse *risco* — replicou a outra friamente.

★

BOA idéia (e que merece ser imitada entre nós) foi a que teve a senhora Beth Grindle, presidente da Liga Protetora da Beleza Municipal, de Palo Alto, Cali-




fórnia. De fato, solicitou às autoridades que votassem uma lei obrigando todo candidato, vencedor ou não, a remover os cartazes de sua propaganda de paredes, postes e árvores da cidade, no prazo de três dias após as eleições.



Para muitas vítimas, os espirros e a coriza representam tôda a gripe...

# A GRIPE

## PREVENÇÃO E TRATAMENTO NA PALAVRA DO MAIOR ESPECIALISTA DO MUNDO.

A grande epidemia de gripe que, em certo período do ano, variando ligeiramente de um para outro país, leva para a cama cêrca de 40 milhões de pessoas, em todo o mundo, anualmente, teve início, em 1953, na Suécia. Daí, em meia dúzia de horas (oh, a rapidez dos transportes de hoje!) (oh, a rapidez dos transportes de hoje!) passou para a Dinamarca, chegando em mais 25 dias até a Bélgica, de onde, saltar sôbre a Mancha e invadir a Inglaterra, foi coisa de dois ou três dias...

Em Runcorn os doentes foram em número superior a 5 000, numa população de 23 000; enquanto em Widnes, cidade com 48 000 habitantes, elevou-se a mais de 12 000 o número de gripados.

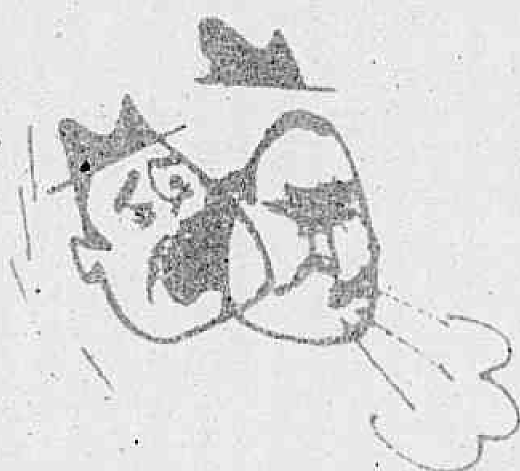
Em Liverpool, os serviços de ônibus e trens foram reduzidos de 60%. Oitocentos "chauffeurs" de táxis adoeceram num só dia! As autoridades apelaram para as antigas enfermeiras que retornassem, provisòriamente, ao serviço, dado que mais de 3000 *dockers* (trabalhadores do cais do pôrto estavam acamados e o pôrto totalmente engarrafado; também os Correios tinham seus serviços prejudicados, com 92% de seus funcionários entregadores e classificadores guardando o leito. Em tôda a Inglaterra, no correr da primeira semana, a gripe matou 102 pessoas.

Assim ocorre, anualmente e nunca é possível conhecer a direção em que o mal vai progredir. A epidemia de 1953 foi relativamente benigna no Brasil como no resto do mundo. Em 1947 — como sempre ocorre após as guerras cruentas e prolongadas — foi mais grave em todos

os países, beligerantes ou neutros. Sòmente na Inglaterra matou 1.148 pessoas numa semana. A mais terrível das epidemias recentes, a de 1918-19, matou aproximadamente 15 milhões de pessoas em todo o mundo, ou seja mais vítimas do que fêz tôda a Primeira Guerra Mundial. Só um ponto da Terra escapou ao mal: a pequenina ilha de Santa Helena.

A primeira vaga do mal se desencadeou na primavera de 1918, atacando principlamente as pessoas muito moças ou muito idosas. A segunda vaga, iniciada em outubro, atacou os adultos jovens (entre 25 e 30 anos). A terceira vaga, enfim, em 1919, voltou a atingir particularmente as pessoas muito moças e muito idosas.

Hoje a gripe parece haver perdido essa virulência mortífera, que milhares de famílias, só no Rio de Janeiro, não puderam ainda esquecer, em razão da ceifa feita entre seus entes mais queridos. Nesta cidade, como no resto do Brasil e do mundo, o espetáculo foi realmente de uma brutalidade estarrecedora, em 1918, com as mortes sendo tão numerosas que os cemitérios não chegavam para receber as vítimas, muitas vêzes empilhadas em caminhões, em simples caixas de pinho, quando não apenas com os pijamas ou camisolas que vestiam na hora do trespasse, em busca de um espaço de terreno para o enterramento. Mas nos cemitérios também os coveiros morriam e com a falta de braços os caixões se empilhavam semanas a fio, aguardando vez para a inumação, o que, por vários motivos, piorava o drama. Hoje a gripe parece mesmo sofrer um decréscimo regular, embora um recrudescimento brutal sempre seja possível, tanto mais quanto a Ciência ignora a causa dessas epidemias e se encontra relativamente mal armada diante delas.



Um centro mundial de estudos da Gripe foi criado em 1951, em Hampstead, próximo de Londres, sendo dirigido pelo maior especialista da atualidade, o dr. Andrews.

Dêle são os esclarecimentos utilíssimos, que transmitimos aos nossos leitores.

SINAL: um arrepio. OCASIÃO: tempo úmido.

O vírus da gripe, descoberto em 1933 pelo dr. Andrews, é um dos menores germes conhecidos. Só é visível com o ultramicroscópio e seriam necessários 40 milhões para cobrir a cabeça de um alfinête. Êsse vírus pode pertencer a dois grupos diferentes: A ou B. No interior dêsses grupos, os vírus podem apresentar variações diversas. O vírus B é menos capaz que o vírus A de provocar vastas epidemias.

O vírus da gripe ataca e destrói os glóbulos vermelhos do sangue. Os primeiros sintomas da moléstia se manifestam por arrepios e uma sensação de fadiga geral. A febre não tarda a subir até 39º. O doente sente dores nos membros e cãibras por todo o corpo. Algumas horas apenas decorrem entre os primeiros arrepios e o acesso de febre.

Nos dias seguintes, o mal pode atacar a cabeça, o estômago (vômitos) ou os pulmões, que podem mesmo ser atacados de congestão ou pneumonia. O ataque da gripe deve ser temido mais especialmente quando o indivíduo se encontra num período de má alimentação, no fim de invernos rigorosos, quando o organismo usou contra o frio suas reservas de energia.

Parece, entretanto, que as epidemias mais ativas se desenvolvem no correr de invernos mais suaves, *porque êstes são em geral mais úmidos* e a umidade fatiga o organismo. Assim, por ocasião das epidemias os londrinos, eternamente envolvidos pelo *fog*, consultam diàriamente o boletim meteorológico. Quando êste anuncia "tempo suave; úmido, brumoso", receiam a chegada do impalpável vírus.

A gripe se propaga ràpidamente nos locais públicos (comunidades, salas de espetáculo, escolas, escritórios). Está, realmente, provado que os indivíduos que trabalham em usinas ou escritórios são mais atacados que as mulheres, que ficam em casa, cuidando dos afazeres domésticos. Em 60% dos casos, o contágio se opera

pelo toque (lenços, apertos de mão, etc.) Em 20% pela tosse.

Logo que o vírus penetra no corpo, a gripe se declara num prazo máximo de 24 a 48 horas.

O vírus da gripe resiste a tôdas as drogas farmacêuticas conhecidas. A penicilina e as sulfamidas não têm qualquer ação sôbre êle.

O NARIZ: deve ser protegido DO INTERIOR, não do exterior.

O vírus da gripe (filamentos e partículas) ataca um glóbulo vermelho

Há algumas precauções muito simples que fazem recuar senão o micróbio pelo menos o risco de contágio; uma escrupulosa higiene pessoal. Vestir-se confortàvelmente, trazendo o corpo absolutamente limpo e bastante aquecido, cuidando particularmente de manter mão e pés bem protegidos, usando sapatos de solas espêssas, que protegem melhor da umidade.

É desaconselhável proteger bôca e nariz com um lenço ou echarpe — que logo se tornará um ninho de micróbios.

É um êrro beber álcool antes de sair. Melhor será substituí-lo por café ou chá bem quente. Ao voltar para casa, sim, convém beber um pouco de álcool. Não convém fumar muito. As peças da habitação devem ser arejadas, *sem corrente de ar*. É preferível dormir deixando uma janela entreaberta, que passar a noite num quarto aquecido em demasia e onde o ar se vicia depressa.

O vírus da gripe penetra sempre pelo nariz ou pela bôca. O uso de desinfetantes, em forma de gargarejos e vaporizações nazais, é bastante eficaz. Nos aviões das companhias aéreas inglêsas os passageiros são convidados a respirar um líquido desinfetante, contido em pequenos frascos.

Se, a despeito de tôdas as precauções, o indivíduo é atacado pela gripe, convém que, antes da chegada do médico, recolha-se ao leito, juntamente com uma gar-

**A epidemia de gripe «Espanhola" no Rio de Janeiro, em outubro de 1918, teve resultados trágicos. Nos cemitérios, os coveiros não podiam enterrar tantos mortos num só dia e os caixões, pobres caixões de pinho, ficavam sobrando e permaneciam empilhados durante muitos dias e, às vêzes, durante semanas**






Avenida Rio Branco, num trecho comercial importante. Casas comerciais fechadas e calçada vazia. Tôda a população morria de gripe, cuidava dos seus enfermos ou ficava em casa, tomada de mêdo...

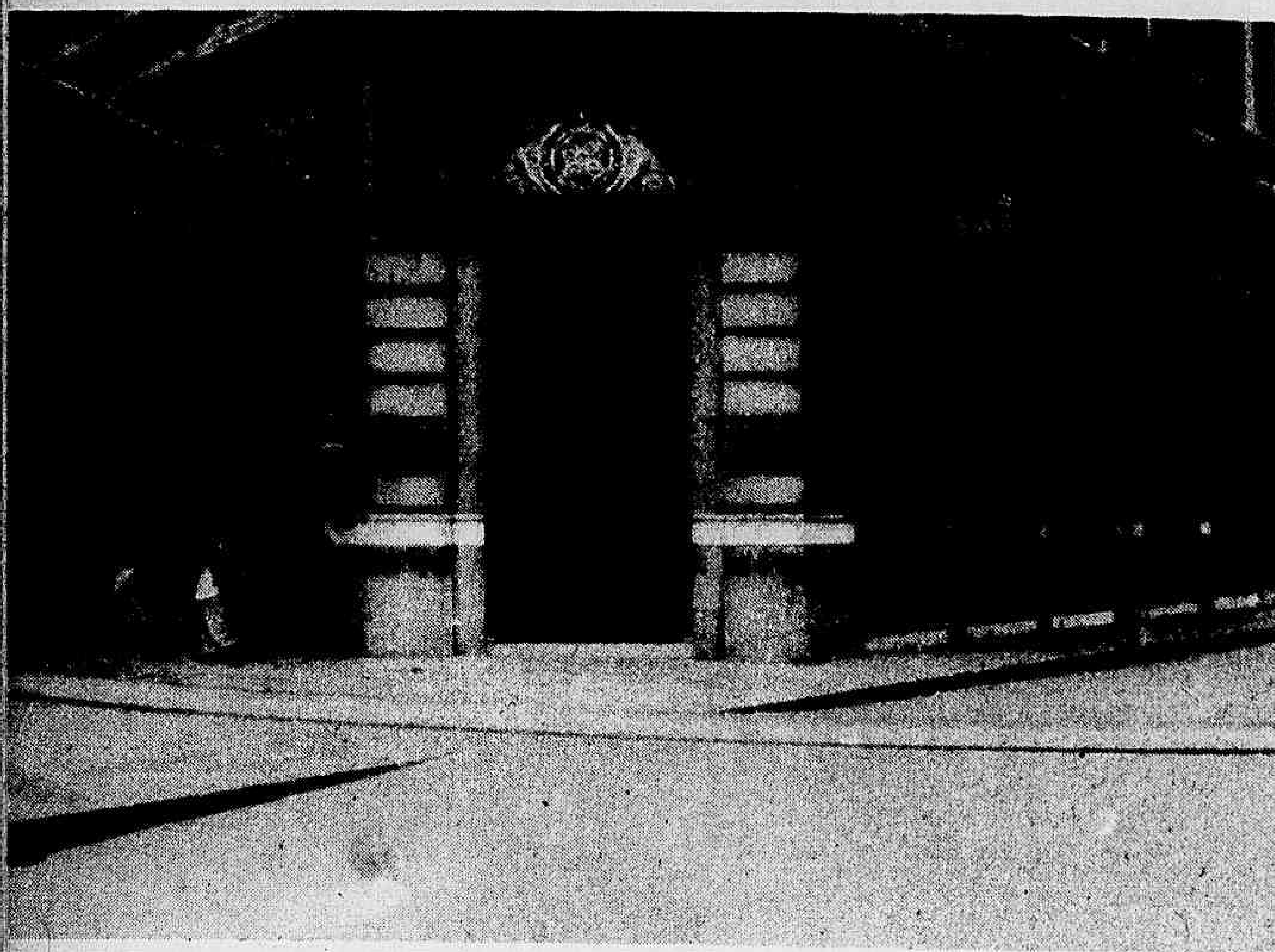
rafa contendo água bem quente, bebendo ao mesmo tempo boa quantidade de suco de frutas quente e tomando uma cápsula de aspirina cada quatro horas, a fim de aliviar as dores e facilitar o sono. Em geral, a gripe cede em 24 horas a êsses cuidados enérgicos. Do contrário, o vírus ganha terreno, o estado do enfêrmo se agrava e muitas complicações começam a surgir.

Muito tempo após a cura, o organismo continua enfraquecido, mesmo que a gripe tenha sido de curta duração. Uma semana de repouso é indispensável, a fim de combater êsse estado de depressão.

A gripe continua sendo uma das últimas grandes moléstias epidêmicas invencíveis pela ciência. Atualmente, porém, a Medicina tem mais esperança de poder dominá-la.

Longas pesquisas foram realizadas, paralelamente na América do Norte, pelo dr. Laidlaw e, na Inglaterra, pelo dr. Andrews. Assim, puderam chegar à descoberta de vacinas, cuja exatidão final esbarra ainda em numerosos inconvenientes. Tais vacinas são extraídas de certos elementos de ovos de galinha prèviamente infectados pelos vírus da gripe. Porém a inoculação de uma vacina contra o vírus A não imuniza contra o vírus B. e os vírus de cada grupo apresentam variações tais que de um ano para outro a vacina se torna ineficaz. Certas vacinas, utilizadas na América do Norte desde 1943 parecem ter dado bons resultados. Em certas cidades em que foram empregadas em massa, os casos de gripe foram apenas de um quarto do normal. Entretanto, contra a epidemia de 1947 foram inteiramente ineficazes.

(Cont. na pág. 113)



Outro trecho comercial de grande movimento e que foi obrigado a fechar totalmente por falta de empregados e... de clientes.



Em Roma, o Papa convocou, pela primeira vez na História do Cristianismo, as superioras das congregações femininas. A fotografia que publicamos acima — única existente — representa uma das reuniões secretas assim realizadas. Os nossos leitores podem notar perfeitamente a diversidade das coifas.

# TEMPESTADE SÔBRE OS CONVENTOS DE MULHERES

AS CLARISSAS — Observemos, primeiramente, as Clarissas, que sofrem o purgatório sôbre a terra. Na realidade, vivem como na Idade-Média.

De fato, entre as 10 000 monjas da França, as Clarissas constituem, com as carmelitas, uma das congregações mais importantes e mais famosas. Nesses conventos de "religiosas contemplativas" a vida é ascética e já houve quem afirmasse que tal vida "representa o purgatório sôbre a terra".

As Clarissas vivem ainda exatamente como na Idade-Média. Suas constituições foram promulgadas por Santa Clara de Assis, em 1253, e reformadas por Santa Colette de Córbia, em 1434. Nem um só ítem do regulamento foi modificado depois.

"TOILETTE" DE JOELHOS — Sua vestimenta se compõe de um vestido em forma de saco, feito com rude estamenha marrom, uma coifa branca e um véu negro.

Os pés, em qualquer estação do ano, estão calçados com sandálias de couro cru. Para dormir, à noite, a Clarissa troca êsse uniforme por outro exatamente igual, porém mais usado. O regulamento lhe concede um total de sete minutos para essa operação.

A "toilette" da manhã é feita de joelhos, sôbre uma toalha estendida no chão.

LEITO EM FORMA DE CAIXÃO MORTUÁRIO — A célula de uma Clarissa mede

A CRISE DAS VOCAÇÕES É TAL QUE EMOCIONOU O VATICANO — NO SILÊNCIO DOS CLAUSTROS, OUTRORA BANHADOS DA PAZ DAS TRADIÇÕES, ENORME EFERVESCÊNCIA CRESCE AGORA EM SEGRÊDO — NA BRETANHA, AS IRMÃS SOCORRISTAS, EM MAIÔ, TOMAM LIÇÕES DE NATAÇÃO E SALVAMENTO



Vista do interior de um dormitório das Clarissas, que vivem ainda hoje como na Idade-Média

seis metros quadrados. Seu mobiliário varia segundo os mosteiros: o leito é, geralmente, um caixote igual aos dos mortos e no qual não é possível estirar-se completamente, nem trocar de posição; também poderá ser composto de simples palha colocada sôbre uma tábua lisa, sustentada por dois cavaletes.

O armário de madeira sem pintura é facultativo. Ao contrário, a célula contém sempre uma escrevaninha, um pequeno banco, uma cesta para trabalhos de agulha, uma pequena pia de água benta e uma moringa de água pura.

As clarissas trabalham isoladamente em sua célula e jamais acendem fogo para aquecer seu próprio dormitório. Nos meses mais severos, porém, há uma licença especial para que as religiosas se reúnam numa sala maior, onde braseiros de forma primitiva elevam a temperatura até dez graus — máximo autorizado.

OBSERVAM UM SILÊNCIO ABSOLUTO

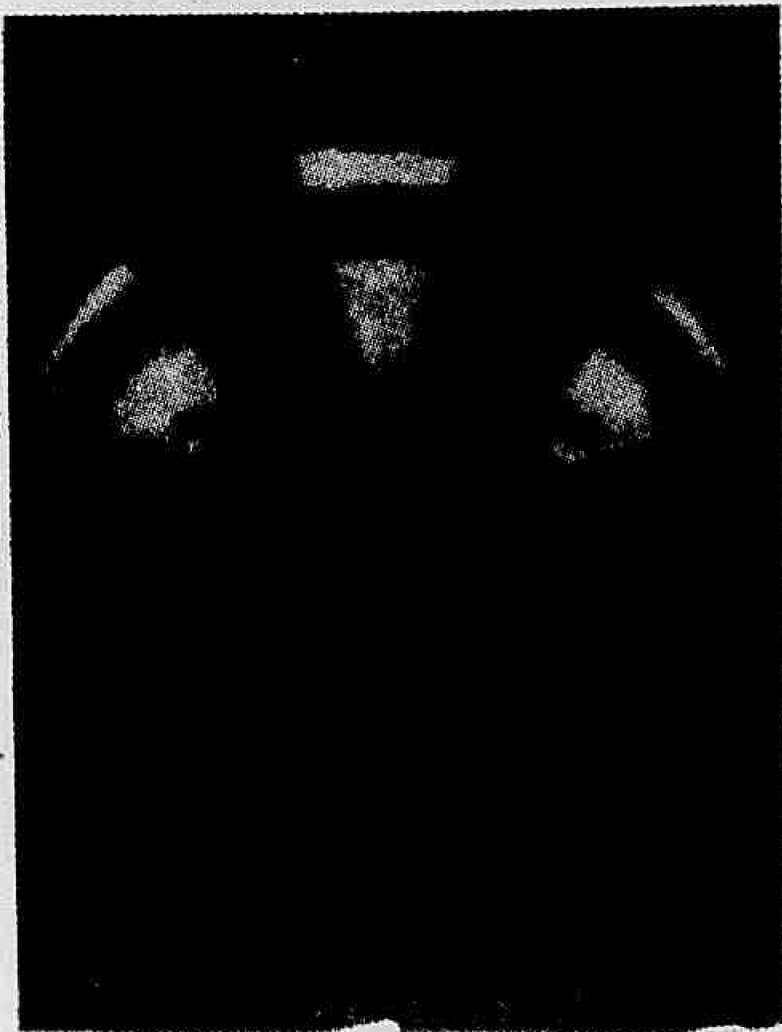
A Clarissa só tem o direito de falar durante os 60 minutos quotidianos do *recreio*. Porém o regulamento proíbe conversar sôbre o mundo, discutir ou elevar a voz.

O resto do tempo, as religiosas comunicam-se entre si por sinais e gestos. Quando há necessidade de uma explicação ou uma ordem, é solicitada ou dada por escrito, sôbre pequenos pedaços de papel.

Sòmente a mãe Superiora tem o direito de falar, fora da hora do "recreio", notadamente para receber visitantes. Nesse caso, ela inicia a conversação pela invocação: *"Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo"*. Porém os visitantes não podem ver o seu rosto, pois que essa proibição é inexorável para tôdas as religiosas dessa irmandade.

ENCLAUSURADAS PARA A ETERNIDADE — A clausura é representada por um duplo gradil de ferro e mascarado, pelo interior, por uma cortina negra. Desde o dia em que a monja pronuncia seus votos e penetra nesse recinto, desaparece para sempre dos olhares do mundo.

À entrada de cada mosteiro são mantidas as irmãs-porteiras, que, isentas da clausura, são encarregadas das compras fora do convento. Em cada mosteiro existem dois gradeados chamados "de clausura": um abre para o parlatório e sua cortina jamais se abre; o outro abré para a capela: o véu é levantado durante a missa e um guichê especial, praticado na grade, permite que as religiosas comunguem.



A porta dos conventos de Betavia, como em todos os conventos submetidos à «grande clausura», a irmã porteira acolhe os visitantes por trás de um «judas» parcimonioso

LEVANTAM-SE DUAS VEZES CADA NOITE — Às 23,45 horas, o sino toca no convento. A Clarissa logo se levanta, beija o chão e, após vestir-se ràpidamente, vai com suas irmãs à capela, onde canta



Na rua as irmãs da Ordem de Jesus Crucificado usamboina e tailleur, a fim de entregar-se ao seu trabalho diário de assistência aos necessitados...

Matinas e Ladainhas. Torna a deitar-se às 2 horas da manhã e o sino a arrancará do seu sono às 5,40 horas. O horário quotidiano passa então no silêncio, ocupado quase ùnicamente em preces na capela, fora algumas horas consagradas ao trabalho quotidiano. O deitar é invariàvelmente às 21 horas.

JAMAIS COMEM CARNE — O refeitório é dominado por um Cristo sob o qual se lê a inscrição latina: "Sítio" (tenho sêde). A Clarissa come num prato de barro com uma tampa de lata; ao meio-dia, uma sopa e uma porção de legumes, além de um pedaço de pão; algumas vêzes também uma fruta, se a irmã porteira recebeu essa esmola.

A toalha deve ser posta sòmente sôbre metade da mesa, ficando a outra metade sôbre os joelhos das irmãs. Ao terminar a refeição, cada irmã deverá comer, por espírito de pobreza, tôdas as migalhas que tenham tombado na mesa ou mesmo no chão. A refeição da sexta-feira santa é feita de joelhos. As Clarissas comem, à noite, um prato de sopa e, pela manhã, às 7,30 horas, um pouco de pão ou de tisana.

PENITENCIAM-SE COM UMA CORRENTE — Três vêzes por semana, às segundas, quartas e sextas-feiras, cada Clarissa, de pé à entrada do seu dormitório, penitência-se com uma corrente de uma polegada de espessura, à qual estão liagdas três outras correntes menores.

O regulamento obriga cada Clarissa a acusar-se, diàriamente, de suas faltas diante da comunidade. As penitências

ANÔNIMAS ATÉ À MORTE — Ao morrer uma Clarissa, seu caixão é velado



Uma freira da Ordem de Jesus Crucificado num usam boina e «tailleur», a fim de entregar-se ao seu companheiras executando músicas em seu bandoneon.

pela comunidade, pregado por uma irmã e transportado até à grade do claustro, onde tôdas lhe dizem adeus.

Durante quarenta dias, a parte da religiosa desaparecida será servida no refeitório e, uma de cada vez, as irmãs irão pedir essa esmola, quotidianamente, à Superiora.

A seguir o prato desaparece. A célula, as roupas e o nome de religião da morta serão dados à próxima noviça. Dessa forma, nada ficará ligado à sua recordação.

O PAPA SE EMOCIONA — Na segunda-feira, 15 de setembro de 1952, às 9 horas da manhã, a Sala dos Suíços do palácio pontifical de Castelgandolfo oferecia aos olhos de Pio XII um espetáculo único e que nenhum outro papa, na história do cristianismo, jamais vira. Diante de Sua Santidade estavam agrupadas 700 religiosas superiores gerais, vestindo coifas diferentes.

Foi pensando, sem dúvida, nas 852 000 religiosas que essa assembléia representava que o Papa, voltando-se ligeiramente para Monsenhor Montini, de pé a seu lado, murmurou, em italiano:

— *Se eu as tivesse, tôdas, em minhas mãos, que imensa fôrça seria para a Igreja!*

À noite, a frase, passando por caminhos desconhecidos, era conhecida em cêrca da metade do mundo, e o próprio papa não tardaria a anunciar em francês, italiano, alemão, inglês, espanhol e português as razões daquele agrupamento.

— *Bem sabeis que as ordens femininas atravessam uma crise bastante grave, em razão da diminuição do número das vocações.*

E seguia-se uma lista de recomendações enérgicas: — Adaptar-se às necessidades do mundo atual e, para tanto, abandonar certos costumes anacrônicos, simplificando hábitos, revelar visão mais ampla; desenvolver conhecimentos profissionais, etc. Tratava-se, enfim, de adaptar a vida religiosa à vida moderna, pondo a técnica a serviço da caridade.

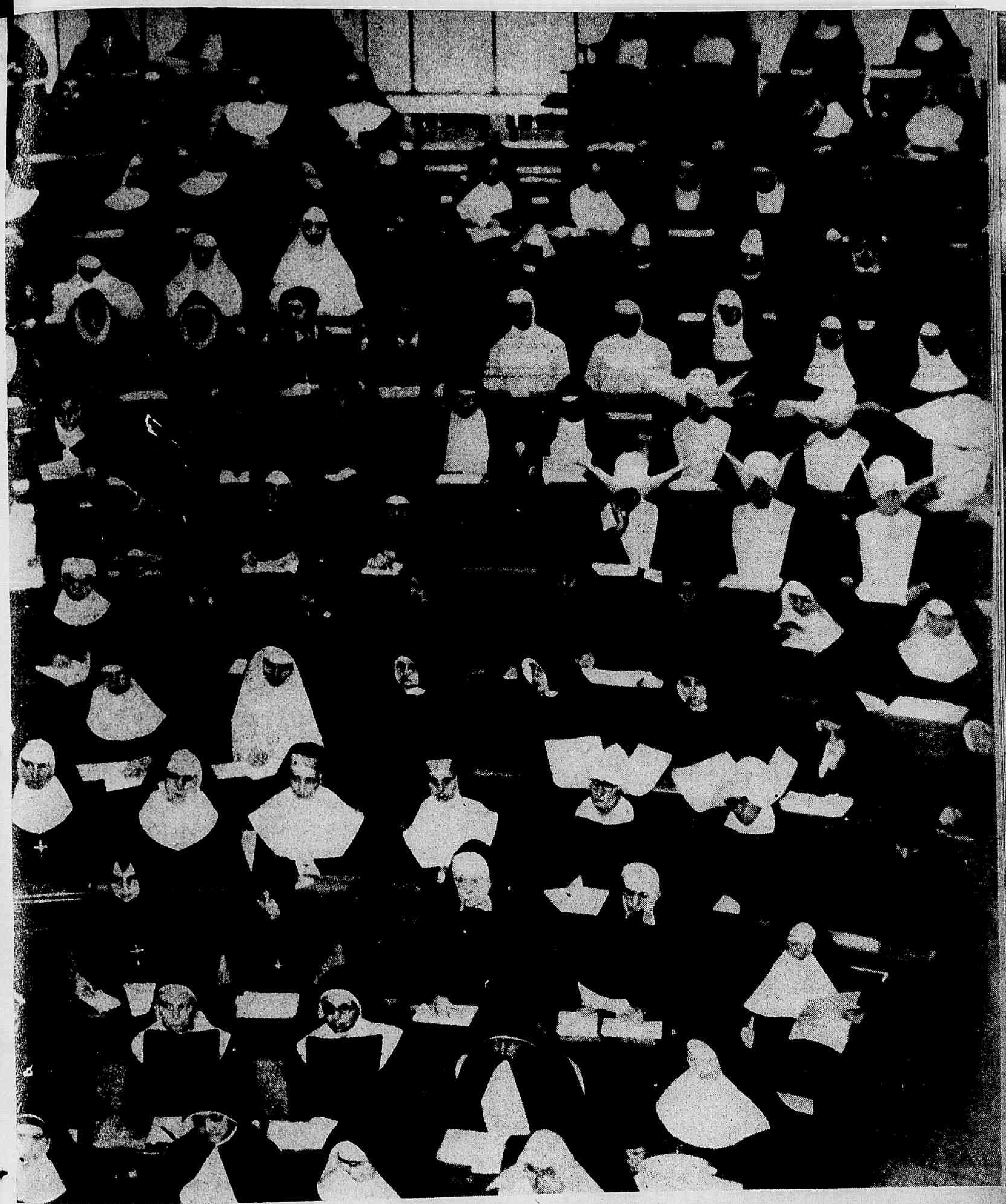
Sôbre as mansas asas brancas das coifas, vindas de todos os cantos do mundo, o apêlo teve o efeito de uma verdadeira bomba. E a partir de então, uma revolução silenciosa se processa na sombra dos claustros.

Ao contrário de tôdas as outras, essa "revolução" das religiosas começou por cima, bem do alto, o que não surpreende tratando-se de uma sociedade tão respeitadora da hierarquia.

Tendo já que se haver com os pesados encargos do seu pontificado, o Papa escolheu para essa tarefa um ver-



**A voz do Papa se elevou solene francesas. Até aos últimos meses, banhados da paz das tradições, uma qualquer transformação desde a Muitas religiosas desertam dos con preparada uma revolução: as coifas ultramodernas são fundadas como madas «religiosas em civil». Porém rimos no presente artigo, ao passo moderna. Na Bretanha, por exemplo,**



mente em Roma, para lançar um fervoroso apêlo de modernização às cento e trinta e quatro mil religiosas
todos os rumores do século XX morriam à porta dos conventos de mulheres; no silêncio dos claustros, outrora
enorme efervescência cresce agora em segrêdo. Um modo de vida anacrônico (em geral sem haver sofrido
Idade-Média) e rigores excessivos acabaram engendrando nas comunidades religiosas um perigoso mal-estar
ventos, após vários anos de resignação. A crise das vocações é tal que emocionou o Vaticano, onde foi
e os hábitos são simplificados, os costumes suavizados, enquanto os diplomas técnicos se multiplicam e ordens
entre os padres os religiosos de usina vão surgindo. Sem dúvida, já existem, desde muitos anos, as cha-
formavam até agora uma exceção, como as Irmãs de Jesus Crucificado, brasileiras, sôbre as quais nos refe-
que agora a porta de cada convento se abre mais ou menos largamente às necessidades impostas pela vida
podem ser vistas as Irmãs Socorristas, de «maillot» de banho, tomando lição de natação e salvamento

dadeiro "especialista", o reverendíssimo padre Arcádio Larraona, secretário geral da Sagrada Congregação dos religiosos. Mas é preciso explicar que sob êsse título que evoca outros séculos, esconde-se um homem extremamente moderno e que foi, em 1950, o organizador do Primeiro Congresso Internacional dos Religiosos, conhecido na história da Igrèja.



O estado de pobreza e solidão é tal, no Convento das Carmelitas, que até os relógios são proibidos. Para marcar o tempo adotam a ampulheta, porque êsse engenho não quebra o silêncio com qualquer tiquetaque...

A partir de então, seu trabalho tem frutificado. De tempos a tempos, o alto clero sabe, com espanto, que tal fundação diocesana é elevada à honra de congregação *romana*, passando, assim para a autoridade direta da Santa Sé, que logo se incumbe de imprimir mais fortemente sua marca sôbre as religiosas modernas do mundo inteiro. Na França, os bispos reagiram, feridos em suas susceptibilidades nacionais. Houve, mesmo, verdadeira consternação. Séculos de obediência episcopal não podiam ser aniquilados com uma simples penada pelo prelado romano, sob pretexto de reformas urgentes.

*Mesmo na Igreja universal, uma fronteira continua sendo uma fronteira mesmo.* Dar um impulso modernista nas ordens femininas, sim, todos estavam de acôrdo; mas tendo-se em conta os caracteres e as necessidades nacionais!

Sòmente dois anos depois, a "bomba" do Vaticano foi ecoar surdamente, às portas de uns 2 000 conventos femininos da França, anunciando a revolução. Foi

(Cont. na pág. 116)







**A Ordem das Carmelitas Descalças é a mais humilde e também a mais pobre de todo o mundo. No convento, onde vivem, o silêncio é absoluto. Nunca mostram o rosto a ninguém — nem sequer entre si.**

# A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

*PAUL FÈVAL*

Só Oriol, o bravo e heróico Oriol, conseguira sair intato!...

A expedição fôra mal sucedida. No entanto, o que mais os intrigava era quem seria aquêle temível esgrimista. As salas de armas de Paris já não tinham a afluência do final do século precedente. Não havia tempo... e nenhum dos *virtuoses* da esgrima era capaz de pôr em debandada aquêle grupo...

Há pouco havia-se falado do duque de Nevers, morto na flor da idade... mas êsse esgrimista, rápido como o pensamento, de pé firme e bom golpe de vista já morrera e ninguém iria dizer que o dominó prêto era o seu fantasma!...

Existira, porém, no tempo de Nevers, um homem ainda mais forte do que êle: um oficial do corpo da guarda do falecido rei, chamado Henrique de Lagardère... Mas isso que interessava?... Fôsse o mascarado quem fôsse, apenas uma certeza restava: que tinham sido infelizes naquela noite!...

O corcunda batera-lhes com palavras... o dominó negro com a espada. Tinham, portanto, duas desforras a tirar...



Iam principiar os bailados.

A orquestra tocou o seu primeiro acorde e a multidão ficou suspensa, verdadeiramente encantada. Depois, todos se voltavam para o lado onde se encontrava o senhor Law, o homem prodígio quê inventara um país onde se dançava daquela maneira!... E a multidão sorria-lhe, apaixonada, delirante!

No entando, perdidas no meio de tanta alegria, havia duas almas que não tomavam parte no entusiasmo geral...

Cocardasse e Passepoil tinham seguido, religiosamente, durante dez minutos, aproximadamente, Cidalise e o seu dominó côr-de-rosa, mas, de súbito, a rapariga evaporara-se, desaparecera como se a terra a tivesse tragado!

---

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

Estamos no vale do Luron, junto ao castelo de Caylus-Tarrides. Para ali, em 1699, o marquês, viúvo, se retirara com sua filha Aurora. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, foi repousar em suas terras, no Jurancon, onde se enamorou de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito». Quatro anos depois, Nevers já não habitava no Jurancon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês queria casar a filha, pois Gonzaga era o único herdeiro de Nevers, que era solteiro e possuía uma das maiores fortunas da França. Em uma tarde de outono de 1699, em uma estalagem próxima ao castelo, se reúnem vários espadachins, contratados por Peyrolles, secretário de Gonzaga, com o fim de atacar e assassinar Nevers, dando, assim, ao príncipe, a fortuna de sua vítima. Entre os «bravos» se encontram Cocardasse e Pessepoil, que têm um único ídolo na vida: o jovem cavalheiro Henrique de Lagardère, o maior espadachim de França. Nesse dia, aparece também, junto às muralhas, o cavalheiro Lagardère que, sendo recebido festivamente pelos espadachins, lhes comunica estar de viagem para o exílio, porém que, antes, pretende cruzar a espada com Nevers. Os bandidos dizem ao cavalheiro o que vão fazer e propõem ajudá-lo. Lagardère recusa indignado, expulsando-os do local. Permanece, porém, junto às muralhas e vê chegar dois homens: Gonzaga e Peyrolles. Ouve quando o secretário diz ao príncipe que «tudo estava arranjado, mas que não pudera apoderar-se das fôlhas do registro do casamento, porque tinham sido arrancadas, mas que, morto Nevers, Gonzaga desposaria Aurora, ficando com tôda a fortuna do duque». Peyrolles então, julgando ser Lagardère um dos capangas, chama-o e lhe dá uma «senha», mandando-o esperar junto à janela da muralha. Quando êles se retiram a janela se abre e surge Aurora que, julgando falar com Nevers, entrega a Lagardère sua filha e o registro de casamento. Pouco depois chega Nevers, a quem o cavalheiro informa o que se passa, prometendo ficar ao seu lado. Trava-se a luta e Gonzaga, vendo as coisas mal paradas, ataca e mata Nevers, pelas costas, covardemente. Mas Lagardère foge com a criança, tendo antes ferido o príncipe numa das mãos. Passam-se os anos. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga. Êste abre um banco nos jardins de seu palácio, e vende bancas para quem queira especular. Entre os compradores surge um corcunda — Êsopo, que compra a última banca que restava e vê o príncipe contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, que ali apareceram. Gonzaga havia pedido a reunião de um Conselho de Família para, entre outras coisas, apresentar à Aurora a sua filha, Aurora de Nevers. Para isso, Peyrolles havia arranjado uma jovem espanhola, a quem o príncipe convencera ser a filha de Nevers. A espanhola, cujo nome era Flor, declarou que conhecera, na Espanha, uma mocinha da sua idade chamada Aurora, e que a havia visto em Paris, à rua do Chantre. Começada a reunião, Gonzaga, após hábil discurso, manda entrar Flor, que não é reconhecida por Aurora como sua filha. Para maior assombro de Gonzaga, Aurora anuncia que irá ao baile oferecido pelo Regente de França. Isto porque, uma voz misteriosa repetira a divisa de Nevers — «Aqui estou» — e lhe prometera apre-

Fora por detrás do lago, à entrada de uma espécie de tenda tôda feita em papel, imitando fôlhas de palmeira. Quando os nossos heróis lá quiseram entrar, os guardas franceses não lho permitiram. Aquela tenda servia de camarim às senhoras do corpo de baile.

— Bonito serviço! — disse o gascão.

— É comer e beber!... Quanto ao resto... seja o que Deus quiser!...

Compadre Passepoil soltou um profundo suspiro e disse:

— Quanto a mim, só lhe vou pedir uma coisa: que me mate com uma boa estocada no peito!... Para *êle* deve ser a mesma coisa!...

— E por que há de ser com uma estocada no peito? — perguntou Cocardasse, intrigado.

— Porque, estando geralmente habituado a agradar ao belo sexo, repugnava-me pensar que uma senhora me visse desfigurado depois de morto!... — respondeu o normando, com lágrimas nos olhos.

— Pobre rapaz!... — comentou o companheiro, sem ter, porém, coragem para rir.

E começaram a andar às voltas em redor do lago, como dois sonâmbulos que caminhassem sem ver, nem ouvir.

Entretanto, aquêle bailado intitulado a "Filha do Mississipi" era qualquer coisa de muito interessante e curioso e obteve um sucesso sem igual.

Quando terminou a representação, três ou quatro mil vozes gritaram entusiasmadas:

— Viva o senhor Law!

A festa, porém, ainda não terminara. Seguiu-se uma canção pelo *signor* Angelini, tenor da Ópera, e só então prosseguiu o baile.

O príncipe de Gonzaga fôra obrigado a tomar o seu lugar no estrado, durante a representação. A sua consciência fazia-o recear uma modificação nos modos do Regente, para consigo, mas o acolhimento de Sua Alteza foi excelente. Com certeza ainda o não tinham prevenido... Antes de subir para o estrado, Gonzaga encarregou o seu *factotum* de não perder de vista a princesa e de o avisar logo que qualquer desconhecido se aproximasse dela. Nenhuma mensagem lhe foi enviada durante o espetáculo, portanto, tudo corria às mil maravilhas.

No entanto, logo que terminou a representação, o príncipe foi ter com Peyrolles à tenda indiana, junto da estátua de Diana. Era ali que a princesa se encontrava, sò-

---

sentar-lhe a filha no baile. Terminada a reunião, Peyrolles informa ao príncipe que Lagardère está em Paris, pois Faenza e Saldanha foram mortos pelo «bote de Nevers». Quando Gonzaga ordenava que Cocardasse e Passepoil fôssem ao endereço de Aurora, fornecido, inocentemente, por Flor, surge o corcunda, que se prontifica a falsificar a assinatura de Lagardère num bilhete para Aurora. Faz mais: pede a Gonzaga um salvo-conduto para Lagardère, prometendo, assim, atraí-lo a uma cilada. Em casa, Aurora aguardava a chegada do seu amigo, fazendo anotações em seu «Diário», onde contava o que fôra a sua vida, em companhia de Henrique, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde lhe permitia a memória. Nesse diário conta, entre outras coisas, a viagem que havia feito com Henrique aos fossos de Caylus, quando lhe foi revelado que ali mesmo ela nascera e que êle próprio a recebera das mãos de sua genitora, numa noite trágica. Termina seu manuscrito apelando para essa mãe desconhecida, para que, enfim, aparecesse e que a amasse e também a Henrique. Pouco depois, estando Aurora a sonhar com o seu amado protetor, surge Flor, a ciganinha. Como pôde descobrir onde Aurora morava? Um corcunda a guiara até ali! Conta a sua amiga que dentro de duas horas seria princesa. Seu verdadeiro nome era Nevers. Aurora estremece, mas a ciganinha conta-lhe a revelação que ouvira do sr. de Gonzaga (o que mais assusta Aurora, porque êsse nome estava ligado a certa aventura sofrida por Lagardère, em Pamplona). Depois de D. Cruz, surgem dois emissários com caixas contendo vestidos belíssimos e prendas adoráveis. Acompanhava tudo isso uma carta com a letra de Henrique, convidando-a a vestir-se, fazer-se bela e acompanhar os dois pagens que a esperavam, embaixo, com duas liteiras, sendo uma para ela própria e outra para D. Cruz. Enquanto se veste, chegam dois personagens, Cocardasse e Passepoil, que encontram alguma resistência da parte de Berrichon e sua mãe, que serviam a Lagardère. Mas, dominam a situação, embora de algum lugar, na sala, um rosto os fitava, um rosto muito pálido, o do corcunda. Êste lhes fala como se fôsse o patrão e, apesar de tudo, êles obedecem, conduzindo Aurora até à liteira, que parte para o palácio do Príncipe, onde todos se espantam porque horas a fio o Regente faz esperar as maiores figuras do reino, para receber secretamente o corcunda, que lhe diz ser enviado por Lagardère e conta como ocorreu o assassinato de Nevers. A seguir, solicita e consegue do regente um salvo-conduto, prometendo levar a palácio, naquela noite o próprio Lagardère, o vingador de Nevers. Mais tarde, todo de negro, o corcunda se intromete numa brilhante roda de fidalgos, aos quais impressiona com relatos que a todos assombra, parecendo conhecer a vida de todos êles e suas ligações com o falecido duque de Nevers. Peyrolles corre a prevenir Gonzaga do que discursara o Corcunda, porém o príncipe fica ou finge ficar satisfeito, declarando que o aleijado apenas o ajudava, proporcionando-lhe o ensejo de apanhar Lagardère e apresentá-lo ao regente e à viúva de Nevers como o assassino do duque. A êsse tempo, no jardim do palácio, o grupo de loucos, formado por Oriol, Nocé, Girone, Choisy, Navailles e Chaverny descobrira o lindo dominó guardado por Cocardasse e Passepoil e decidira raptar a bela criatura. Já conseguiam o que desejavam quando um dominó alto, vestido de negro, surgiu e, num relance, desbarata os atacantes, desaparecendo com Aurora antes de que surgissem os guardas.

zinha, sentada. Com certeza esperava alguém...

No momento em que o príncipe de Gonzaga ia retirar-se para não espantar a caça com a sua presença, o grupo dos nossos estouvados entrou na tenda, rindo às gargalhadas. Tinha esquecido o seu desaire... cantarolavam os últimos versos da canção do tenor.

Ao verem Gonzaga, a animação desapareceu como por encanto e todos, à exceção de Chaverny, tomaram a atitude de verdadeiros cortesãos.

— Ora, até que enfim o encontramos, primo! — exclamou Navailles. — Já estávamos inquietos!

— Sem o nosso querido príncipe a festa perde todos os encantos! — exclamou Oriol.

— Tu sabes o que se passa? — perguntou Chaverny.

— Sei... muitas coisas! — replicou Gonzaga.

— Contaram-te a cena que aqui teve lugar, ainda há pouco? — insistiu Chaverny.

— Já informei Monsenhor — respondeu Peyrolles.

— O quê?... Êle contou a história do homem do sabre?... — perguntou Nocé.

— Mais tarde riremos — disse Chaverny. — Acabo de receber um favor por intermédio do meu ilustre primo, portanto, se lhe puder proporcionar qualquer ajuda que possa auxiliar o Regente nas suas pesquisas...

— Estamos todos à disposição do príncipe... — disseram os outros.

— Além disso — prosseguiu Chaverny — êste caso Nevers, que vem de novo à cena, após decorridos vinte anos, interessa-me como o mais extraordinário de todos os romances. Tens alguma suspeita, primo?

— Não... — respondeu Gonzaga.

Depois, interrompendo-se de súbito, como se uma idéia acabasse de lhe acudir ao pensamento, acrescentou:

— Sim... de fato há um homem...

— E quem é?

— São todos muito novos... não o conhecem...

— O nome dêle?

— Ora, êsse homem — fingiu pensar Gonzaga, em voz alta — talvez pudesse dizer qual a razão criminosa que feriu o meu pobre Filipe de Nevers...

— O nome dêle! — repetiram várias vozes.

— Cavalheiro Henrique de Lagardère!

— Êle está hoje aqui! — exclamou Chaverny, desastradamente. — É, com certeza, o nosso dominó negro!

— Como? — perguntou Gonzaga, com vivacidade. — Viram-no?

— Foi um estúpido negócio... Não conhecemos êsse Lagardère, primo, mas se por acaso êle estiver no baile...

— Se êle cá estiver — terminou Gonzaga — eu me encarregarei de mostrar a





*— Eu nem falo mais dos bons tempos dos preços baixos. Foram há tantos anos que revelam a minha idade!*

Sua Alteza o assassino de Felipe de Nevers!

— *Aqui estou!* — pronunciou por detrás do príncipe uma voz máscula, que perturbou tão violentamente Gonzaga, que Nocé foi obrigado a ampará-lo.

## XXXV

## FRENTE A FRENTE

O príncipe de Gonzaga ainda levou algum tempo a refazer-se da sua emoção. Os cortesãos, ao verem-no tão perturbado, ficaram interditos. Chaverny franziu as sobrancelhas e, com a mão no punho da espada, perguntou:

— Êste é que é Lagardère?

Gonzaga voltou-se, finalmente, e olhando para o homem que pronunciara as palavras: *"Aqui estou!"* — o qual permanecia imóvel, de braços cruzados sôbre o peito e de rosto descoberto — disse em voz baixa:

— Sim... é êle!

A Princesa que, desde o início da cena se deixara ficar no mesmo sítio, perdida nos seus pensamentos, pareceu despertar ao ouvir o nome de Lagardère, não se atrevendo a aproximar-se.

Aquêle homem tinha o destino dela nas suas mãos!

Lagardère vestia um traje completo de Côrte, em cetim branco, bordado a prata. Continuava a ser o belo, o elegante Lagardère, e estava mais interessante do que nunca!

O seu corpo, sem nada perder da esbelteza que o caracterizava, tornara-se mais forte e majestoso do que nos anos da juventude. A inteligência viril, a fôrça de vontade, brilhavam-lhe no rosto, onde, para temperar o ardor do olhar, havia um não sei quê de tristeza resignada e suave.

O sofrimento faz bem às grandes almas e Lagardère tinha uma alma grande que bastante sofrera. O corpo, porém, era de bronze e assim como o vento, a chuva, a neve e a tempestade deslizam sôbre a fronte dura e severa das estátuas, o tempo, a fadiga, a dor, a alegria, a tristeza e a paixão tinham passado sôbre a sua fronte altiva sem nela deixarem o mais leve traço.

Era formoso e ainda jovem. Aquela tonalidade doirada que o sol de Espanha lhe imprimira ao rosto harmonizava-se perfeitamente com a côr dos cabelos louros.

Havia naquela festa, sem dúvida alguma, trajes mais ricos e tão bonitos como o de Lagardère, no entanto, nenhum o vestia com tanta elegância. O cavelheiro tinha o porte altivo de um rei!

Lagardère não respondeu ao gesto fanfarrão do marquês de Chaverny. Lançou um olhar de relance para o lado da princesa, como se lhe dissesse: "Aguarde um momento" e, pegando no braço direito de Gonzaga, levou-o à parte.

O príncipe não opôs a menor resistência.

Peyrolles, em voz baixa, disse:

— Meus senhores, preparem-se!

Tôdas as espadas se desembainharam. A prinecsa foi colocar-se entre o grupo formado pelo marido e por Lagardère e o dos cortesãos.

Como Lagardère nada dissesse, Gonzaga perguntou-lhe em voz alterada:

— Que deseja de mim?

Os rostos de ambos eram iluminados pela esplêndida luz do lustre sob o qual se encontravam. Ambos estavam pálidos e os olhares pareciam lâminas de aço. Ao cabo de alguns instantes, as pálpebras fatigadas de Gonzaga bateram... depois, baixaram-se. Furioso, deu com o pé no chão, procurou soltar-se e, pela segunda vez, perguntou ao cavalheiro o que desejava.

Não conseguiu, porém, livrar-se da mão de aço que o segurava e principiou a notar uma coisa extraordinária: Lagardère, sem perder o seu ar impassível, principiou a apertar-lhe a mão. O pulso de Gonzaga, apertado por aquela forte tenaz, contraiu-se.

— Está a magoar-me! — murmurou o príncipe, enquanto o suor lhe corria pelo rosto.

Henrique de Lagardère conservou-se calado e continuou a apertar ainda mais. Por fim, a dor arrancou um grito a Gonzaga e os dedos, os dedos da mão direita, embora sem querer, abriram-se. Então,

Lagardère, sempre frio, sempre em silêncio, tirou-lhe a luva.

— Podemos consentir uma coisa destas? — exclamou Chaverny, dando um passo em frente.

— Diga a êsses homens que não avancem! — ordenou Lagardère.

O príncipe voltou-se para os seus cortesãos e disse:

— Meus senhores: peço-lhes que não se metam neste assunto!

A sua mão direita, entretanto, estava a descoberto. Lagardère colocou o dedo sôbre uma longa cicatriz que principiava no pulso e murmurou, com profunda emoção:

— Fui eu quem lha fêz!

— Sim — respondeu Gonzaga, cujos dentes rangiam — e eu não o esqueci! Porque vem recordar-mo?

— É a primeira vez que nos encontramos cara a cara — respondeu Henrique lentamente — e também não será a última. Até agora apenas tinha suspeitas... precisava da certeza. O senhor é o assassino de Nevers!

Gonzaga soltou uma gargalhada convulsiva.

— Eu sou o príncipe Felipe de Gonzaga — pronunciou em voz baixa, mas erguendo a cabeça — tenho dinheiro bastante para comprar tôda a justiça da terra e o Regente vê tudo pelos meus olhos. Só tem um recurso contra mim: a espada! Desembainhe-a... desafio-o a que o faça!

E dizendo isto lançava um olhar para o grupo dos seus amigos.

— Senhor de Gonzaga — retorquiu Lagardère — a sua hora ainda não chegou. Escolherei o lugar e a ocasião. Uma vez, disse-lhe: "Se não procurar Lagardère, Lagardère procurá-lo-á". Como não me procurou, aqui me tem! Deus é justo e Felipe de Nevers será vingado!

Largou então o pulso de Gonzaga, que recuou alguns passos.

Henrique de Lagardère dirigiu-se, então, à princesa de Gonzaga, saudou-a respeitosamente e disse-lhe:

— Senhora! Estou às vossas ordens!

A princesa dirigiu-se ao marido e disse-lhe, em segrêdo:

— Se tentar alguma coisa contra êste homem, encontrar-me-á no seu caminho!

Em seguida, aproximou-se do cavalheiro e ofereceu-lhe a mão.

Gonzaga era bastante forte para dissimular a ira que o afogava e disse para os seus partidários:

— Meus senhores: êste homem propõe-se destruir a vossa fortuna e o futuro, mas é um louco e o destino acaba de o colocar à nossa disposição! Sigam-me!

E caminhou em direção à escadaria, conseguindo que o fizessem entrar nos aposentos do Regente.

Soara, havia poucos instantes, o sinal que anunciava o comêço da ceia. O jardim encontrava-se agora deserto e não se via ninguém sob os maciços. Apenas se poderia encontrar um ou outro retardatário nas avenidas principais.

Lagardère e a princesa encontravam-se sòzinhos.

— Cavalheiro — disse a princesa, cuja voz tremia de emoção — acabo de ouvir o seu nome... Depois de vinte anos decorridos, a sua voz desperta em mim uma terrível recordação... Tenho a cer-






*— A senhora tem um entregador bastante valente para fazer meu marido aceitar a compra?*

teza de que fòi o senhor — sim, tenho a certeza absoluta! — de que foi o senhor que recebeu minha filha nos seus braços, no castelo de Caylus-Tarrides!

— Fui eu... — respondeu Lagardère.

— E por que motivo me enganou nessa ocasião, senhor?... Responda com tôda a franqueza, peço-lhe!

— Porque a bondade de Deus me inspirou, senhora! Isso, porém, é uma longa história, cujos pormenores contarei mais tarde... Defendi seu marido, recebi as suas últimas palavras e salvei sua filha. Que mais devo dizer para acreditar em mim, senhora?!

A princesa olhou-o atentamente.

— Deus estampou a lealdade no seu rosto — murmurou ela — no entanto, tenho sido tanta vez enganada!...

Lagardère mostrava-se frio e esta linguagem quase o tornou hostil.

— Tenho em meu poder as provas do nascimento de sua filha...

— Mas as palavras que pronunciou: *Aqui estou!*...

— Soube-as, minha senhora, não pela bôca de seu marido, mas pela dos próprios assassinos.

— E também pronunciou essa divisa nos fossos do castelo?...

— Foi dessa maneira que consegui dar uma segunda vida a sua filha, senhora!

— E hoje, quem as pronnciou junto de mim, na reunião no palácio de Gonzaga?

— Um outro eu!

A princesa parecia procurar as suas palavras.

Era natural que a conversa entre a princesa e o salvador de sua filha fôsse afetuosa e terna... No entanto, decorreu como uma luta diplomática, cujo desenlace ia ser uma rutura mortal. Por quê?... Porque entre êles existia um tesouro a que ambos muito queriam e isto excitava-lhes o ciúme. O salvador tinha direitos... a mãe também! Ela, pobre mãe, abatida pela dor e pela solidão, desconfiava... Êle, em face daquela mulher que não lhe abria o seu coração, sentia também receio e temor.

— Senhora — insistiu Lagardère — tem dúvida acêrca da identidade da sua filha?

— Não — respondeu a princesa — qualquer coisa me diz que minha filha — a minha pobre filha! — está em suas mãos. Que recompensa deseja por êsse benefício imenso?... Não receie pedir demasiado, senhor, daria por isso metade da minha vida!

Lagardère conteve-se para não dar uma resposta amarga e inclinou-se sem dizer palavra.

— Onde está minha filha? — perguntou a princesa.

— Primeiro, torna-se necessário que me escute...

— Creio ter compreendido, senhor, e por isso já lhe disse...

— Não — interrompeu Henrique, severamente — não me compreendeu e receio muito que não possa compreender-me?

— Que quer dizer com isso?

— Sua filha não está aqui, senhora!

— Está em sua casa! — exclamou a princesa, com altivez.

E logo em seguida, acalmando-se, disse:

— É simples... Tem velado sempre por ela, é natural, portanto, que se encontre em sua casa... Com certeza tem criados...

— Quando sua filha atingiu os doze anos, tomei ao meu serviço uma velha e fiel criada de seu primeiro marido... Francisca...

— Francisca Berrichon! — exclamou a princesa, com vivacidade.

Então, pegando na mão de Lagardère, acrescentou:

— Isso é uma ação de verdadeiro fidalgo!... Vamos, leve-me até junto de minha filha... estou pronta a segui-lo!

— Mas eu ainda não! — replicou Lagardère. — Há grandes perigos em redor de sua filha...

— Mas eu estou aqui e saberei defendê-la — respondeu a princesa.

— A senhora?... — não pôde deixar de dizer Lagardère. — A senhora?... Ah! O que me surpreende é que não tivesse ainda feito aquela pergunta tão natural nos lábios de uma mãe: por que motivo levou tanto tempo a restituir-me minha filha?...

— No entanto, já a fiz para comigo...

Henrique sorriu tristemente:

— Pois se ma tivesse dirigido diretamente, ter-lhe-ia respondido com a franqueza e o respeito que a cortesia permite.

— Então responda-me agora, pondo de parte, se assim o entender, tôda a cortesia e respeito.

— Senhora — respondeu Lagardère — se tardei tantos anos a trazer-lhe sua filha, foi porque ao local do meu exílio chegou uma notícia... uma notícia estranha, na qual, a princípio, não quis acreditar: a viúva de Nevers mudara de nome e chamava-se agora princesa de Gonzaga!

Aurora de Nevers baixou a cabeça, ruborizada.

— A viúva de Nevers!... Ah! quando me persuadi de que a notícia era verdadeira, disse: A filha de Nevers não poderá nunca viver sob os tetos do palácio de Gonzaga!!...

— Senhor! — quis interromper a princesa.

Há muitas coisas que ignora, minha senhora! — cortou Henrique. — Ignora, por exemplo, a razão por que o seu casamento com o príncipe me pareceu um sacrilégio; ignora, com certeza, por que motivo a presença no palácio de Gonzaga da filha daquele que foi meu amigo durante uma hora, e que me chamou irmão ao exalar o seu último suspiro, me parecia um ultraje para o seu túmulo e uma blasfêmia odiosa e ímpia!...

— E não me dirá agora, senhor? — perguntou a princesa, cujo olhar brilhou vagamente.

— Não... Esta primeira e última entrevista será breve e nela apenas trataremos de assuntos indispensáveis. Noto antecipadamente e com desgôsto, muito embora com resignação, que não nos entendemos... Quando eu soube esta notícia, fiz ainda outra pergunta a mim próprio. Conhecendo melhor o poder dos inimigos de sua filha, pensei: "Como poderá a mãe defendê-la, quando não se pôde defender a si mesma?..."

A princesa cobriu o rosto com as mãos.

— Senhor!... Pois não vê que me despedaça o coração!... — exclamou em voz entrecortada pelos soluços.

— Deus bem sabe que não é essa a minha intenção!...

— O senhor desconhece quem era meu pai, não sabe as torturas do meu isolamento, as ameaças...

Lagardère inclinou-se profundamente.

— Minha senhora — disse, em tom de sincero respeito — eu sei com que amor adorava o duque de Nevers! O acaso que colocou nas minhas mãos o berço de sua filha fêz-me entrar nos segredos daquela alma nobre. Amava-o ardentemente, profundamente, porque era uma espôsa fiel e corajosa, no entanto, foi obrigada a ceder à violência.

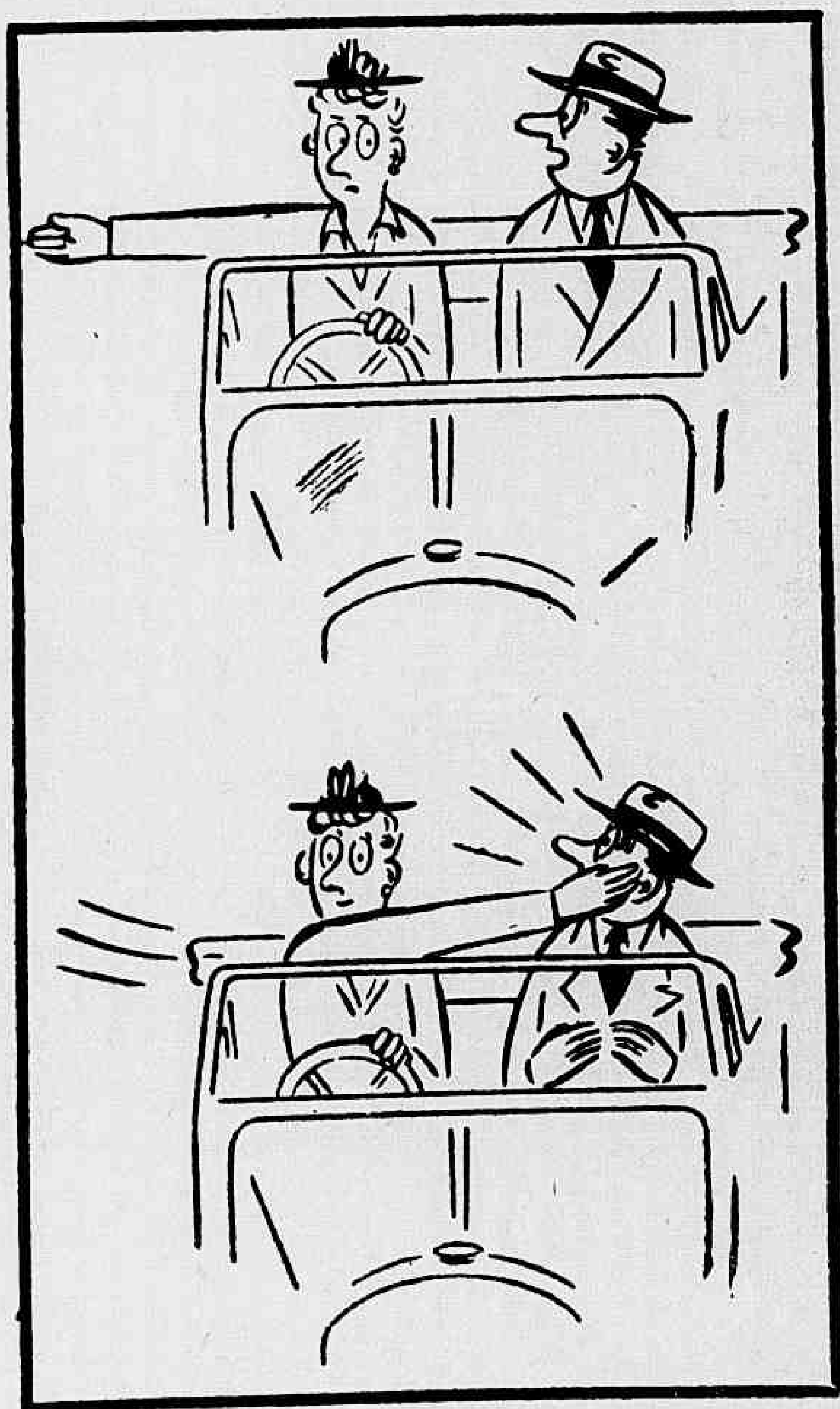
— Para fazer constar o meu primeiro casamento e o nascimento de minha filha.

— A lei francesa não admite êsses meios... As verdadeiras provas do seu casamento e do nascimento de Aurora tenho-as eu.

— E vai dar-mas! — exclamou a princesa.

— Sim, minha senhora. Como ia dizendo, apesar da sua firmeza, das recor-





— *Recolhe o braço, "barbeira"!*

dações tão recentes de uma felicidade perdida, cedeu à violência! Assim, a violência empregada contra a mãe não se poderia repetir contra a filha?! Não terei eu, portanto, o direito de preferir a minha proteção a qualquer outra, eu que não verguei nunca diante da fôrça?

A princesa conservou-se muda durante alguns momentos, olhando Lagardère com receio.

— Adivinharei se disser que me vai recusar minha filha?

— Eu não recusarei entregar-lhe sua filha... é conveniente não esquecer que percorri quatrocentas léguas e arrisquei a minha cabeça para lha trazer... No entanto, a minha linha de conduta está traçada. Há dezoito anos que a defendo; a sua vida pertence-me dez vêzes, porque dez vêzes a salvei! e defendê-la-ei seja contra quem fôr!

— Mesmo contra sua mãe? — perguntou a princesa, com altivez.

— Talvez... depende da mãe...

— O senhor está brincando com a minha situação! — murmurou ela. — Explique-se... não o compreendo.

— Foi exatamente para isso que vim e estou ansioso por que a explicação termine... Não sei como me julga, mas creio que não me julga bem... Ora, como já disse, a minha linha de conduta está antecipadamente traçada. Assim, seguirei o meu caminho, derrubando todos os obstáculos! É que eu tenho os meus direitos como tutor!

— Tutor! — exclamou a princesa.

— Que outro nome se pode dar ao homem que, para cumprir o desejo de um moribundo, destroça a sua vida e a entrega inteiramente a outrem? Sim, porque a autoridade solenemente delegada pelo pai moribundo dá-me o direito de velar com maior cuidado, com maior ternura, pela órfã e êsse direito pretendo usá-lo, mesmo que seja junto da própria mãe.

— Não tem confiança em mim? — murmurou a princesa.

— Esta manhã, minha senhora, ouvi-a dizer, enquanto me encontrava escondido entre a multidão: "Se minha filha tivesse esquecido, por um momento que fôsse, o que deve à sua raça e ao seu nome, cobriria o meu rosto e diria: Nevers morreu completamente para mim!..."

— Mas então?... — perguntou a princesa, ansiosa.

— Nada receie, senhora — interrompeu Lagardère. — O caso é diferente: eu cheguei confiante, feliz, cheio de esperança!... Ao ouvir aquelas palavras senti o coração gelar-se... Se não fôsse isso, sua filha já estaria nos seus braços!... Mas, antes de ter visto sua filha — a sua única filha! — o orgulho falava mais alto do que o amor! Eu não sou mãe, mas compreendo de outra forma o amor maternal, porque se me dissessem: "a tua filha está ali!", eu creio que um só pensamento me acudiria... abraçá-la, beijá-la, apertar junto do coração a filha dos meus encantos!...

A princesa chorava, mas o orgulho obrigava-a a esconder as lágrimas.

— Não me conhece e, no entanto, julga-me!

— Julgo... se se tratasse de mim, esperaria, mas... trata-se dela! Nessa casa que não é sua, qual seria o destino da pobre criança?... Seria rica, tinha honrarias, mas isso não bastava! E a alegria? E a sua tranqüilidade?... Ah! minha senhora! Onde está o seu amor? não o vejo!... A sua altivez fá-la vibrar, mas o coração emudeceu... Não! Tenho mêdo, muito mêdo não só do príncipe de Gonzaga, como de si própria!

— Minha senhora — prosseguiu Lagardère, procurando acalmar-se — perdoe, mas o dever obriga-me a impor condições: quero que Aurora seja feliz. Antes a quero ver livre, do que escrava...

— Termine, senhor! — disse a princesa, em tom de provocação.

— Não... não termino pelo respeito que me merece! Suponho que me compreendeu perfeitamente!

A princesa de Gonzaga teve um sorriso amargo e, endireitando-se de repente para o olhar de cara a cara, lançou estas palavras a Henrique, estupefato:

(*Continua no próximo número*)

# JÓIAS DE AQUÁRIO

O fascinante, instrutivo — e lucrativo — trabalho de cultivar os maravilhosos e multicoloridos peixes de aquário já hoje conta com muitos devotos em quase todos os países do mundo, inclusive o Brasil, onde — no Rio de Janeiro e em São Paulo principalmente — existem inumeráveis tanques de criação, em geral orientados ou iniciados por





Aqui apresentamos um exemplar magnífico e raro.

colonos japonêses. Êsse crescente interêsse pela criação dessas verdadeiras jóias de aquário e mais outro aspeto do secreto impulso que nos impele, moços e velhos, a uma mais estreita aproximação com a natureza, com o desejo de conhecer minuciosamente o segrêdo das criaturas viventes.

A popularidade dos peixes "dourados" como especial objeto de atenção depende da maior ou menor sedução da forma e da côr das diferentes variedades, o que se relaciona com os limites de conhecimentos e familidades do amador, da mesma forma que com o preço e facilidade de obter os melhores espécimes para reprodução, terreno apropriado, com abundância de água e instalações adequadas.

Em nosso país conhecemos alguns criadores com boas instalações, destacando-se os tanques de criação estabelecidos na velha estrada do Picapau no caminho de Jacarepaguá, mais ou menas na altura do Itanhangá-Gôlfe Clube. Outros criadores menos importantes, do tipo mais *amador* que *comercial*, estão localizados em diferentes partes do Distrito Federal e São Paulo, sendo maior, entre os que se dedicam a êsses cuidados de seleção e criação, o número de mulheres e crianças, justamente por se tratar de um trabalho bastante sedutor.

Na verdade, os peixes para aquário são mais extensamente cultivados e mais largamente usados do que qualquer outra criatura do tipo ornamental. Pelo número e infinita variedade ocupam, de fato, o primeiro lugar entre os animais. Pela sua estonteante beleza e surpreendente combinação de formas e coloridos, trabalhosamente conseguidos pelos criadores da Ásia, Europa e Américas, após longos e pacientes esforços de muitas gerações de criadores, ocupam realmente uma posição única.

Embora já constitua, nas Américas, uma prática bastante antiga, a criação dos peixes para aquário (introduzido neste hemisfério por um emigrante asiático, há uns cinqüenta anos, pelo menos), desenvolveu-se ràpidamente e adquiriu um cunho caracterìsticamente americano.

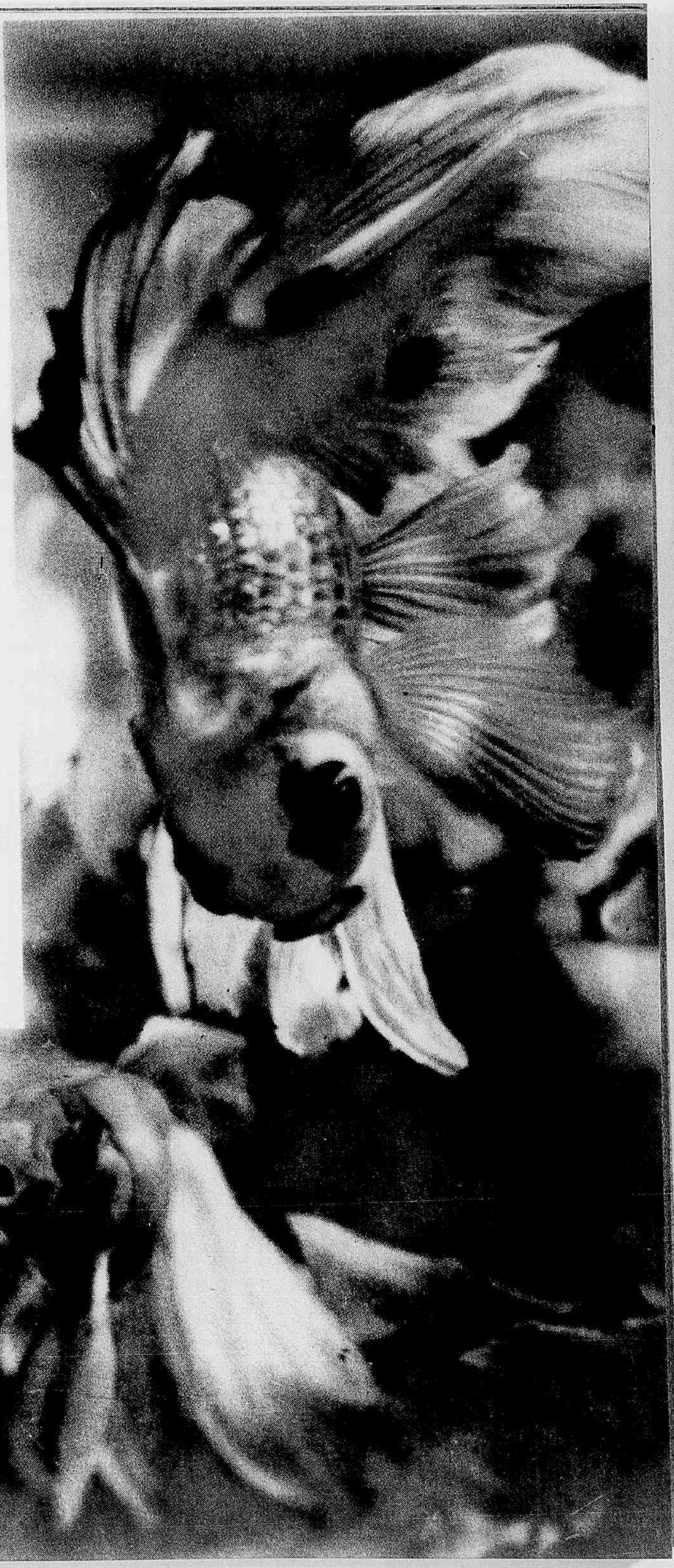
Os peixes "dourados" pertencem à família das carpas (Cyprinidae), formada por milhares de membros com abundante representação em tôdas as regiões temperadas e tropicais do mundo. São mais numerosos na Ásia e na América do Norte, considerados, mui justamente, como a mais importante entre as famílias dos peixes.

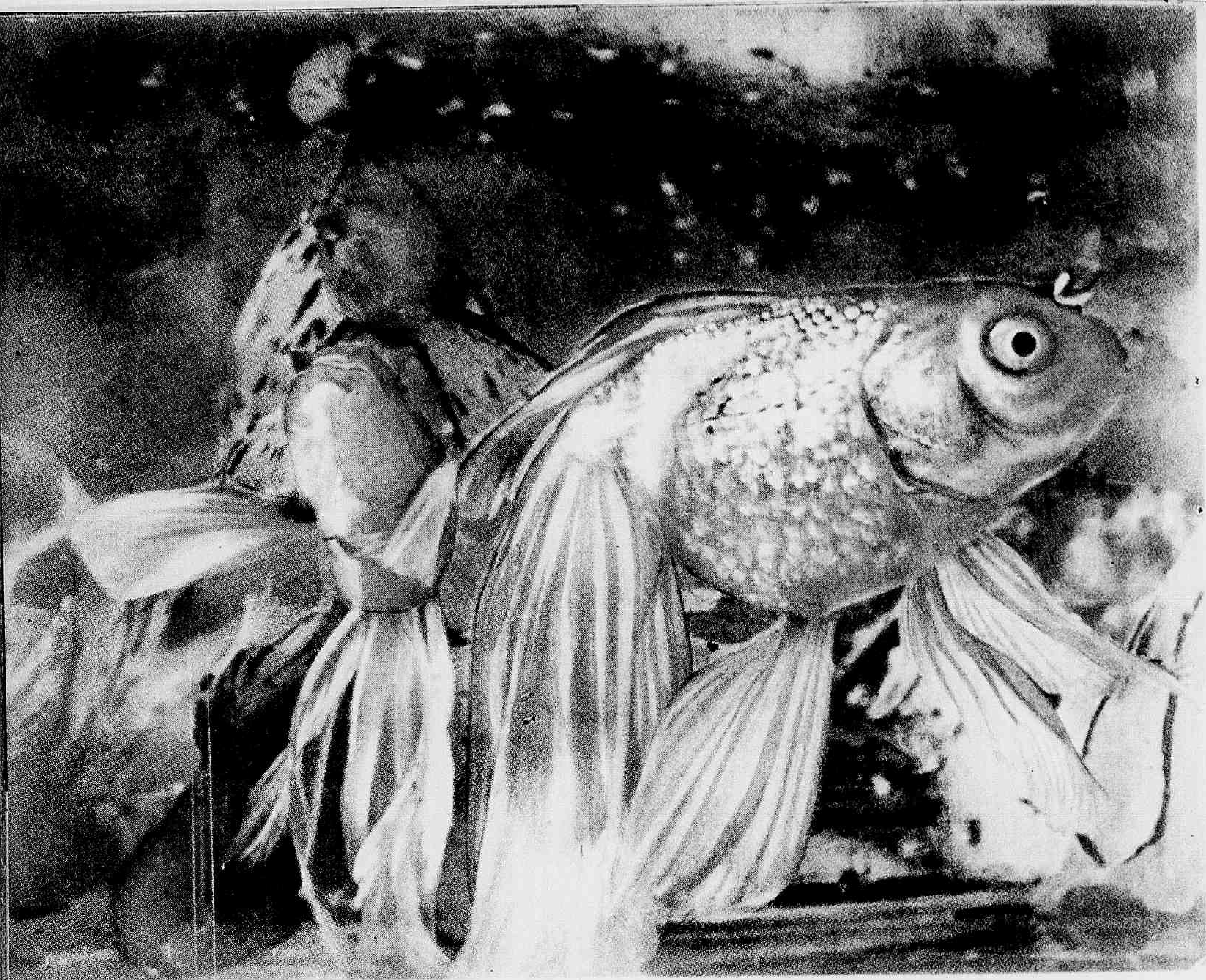
O peixe "selvagem", do qual derivaram as inumeráveis variedades de peixes "dourados", é uma feita, achatada e desagradável espécie, que não sugere absolutamente as possibilidades de desenvolvimento em forma e côr que conhecemos. O corpo é ligeiramente alongado e extraordinàriamente achatado e coberto com largas e feias escamas; as barbatanas são curtas e a côr pálida e olivácea. Chega a atingir um comprimento médio de 20 centímetros. Recorda a espécie doméstica comum da carpa asiática e Lineu, o pai do moderno sistema de classificação e nomenclatura dos animais, colocou os dois peixes no mesmo gênus, dando aos peixes "dourados" o nome de Cyprinus auratus, evidentemente baseando seu nome específico num exemplar "dourado". O peixe "dourado" pode ser fàcilmente dis-

tinguido da carpa asiática pela ausência de pequeninos e flexíveis apêndices, chamados barbelas, nos cantos da bôca. Nos mais antigos trabalhos zoológicos, e colocados no mesmo gênus da carpa Cruciana (ou Karass) da Europa e Ásia Ocidental, sendo o seu nome científico atual Carassius auratus.

O lar ancestral do peixe "dourado" para aquário é a China, onde abundam em estado selvagem. Também existe grande variedade do mesmo distribuída através de todo o Japão, embora possivelmente não seja indígena neste país, mas simplesmente tendo fugido dos tanques de criação, revertendo ao seu caráter original, conforme é encontrado na Europa e América do Norte.

Não causa estranheza que tais peixes tenham sido culti vados desde tempos remoto por um povo tão hábil e imaginativo como o Chinês, ao qual devemos, sem sombra de dúvida, os pacientes trabalhos para o estabelecimento

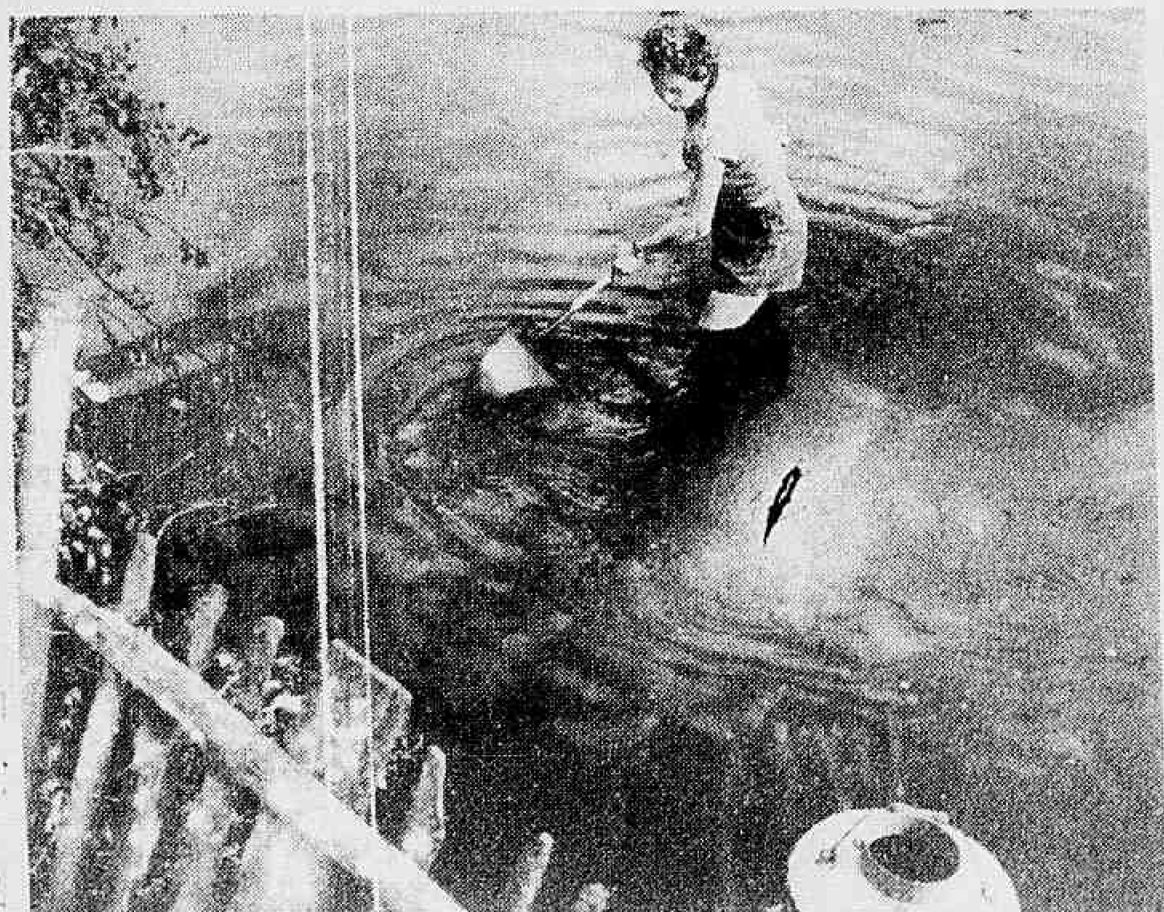




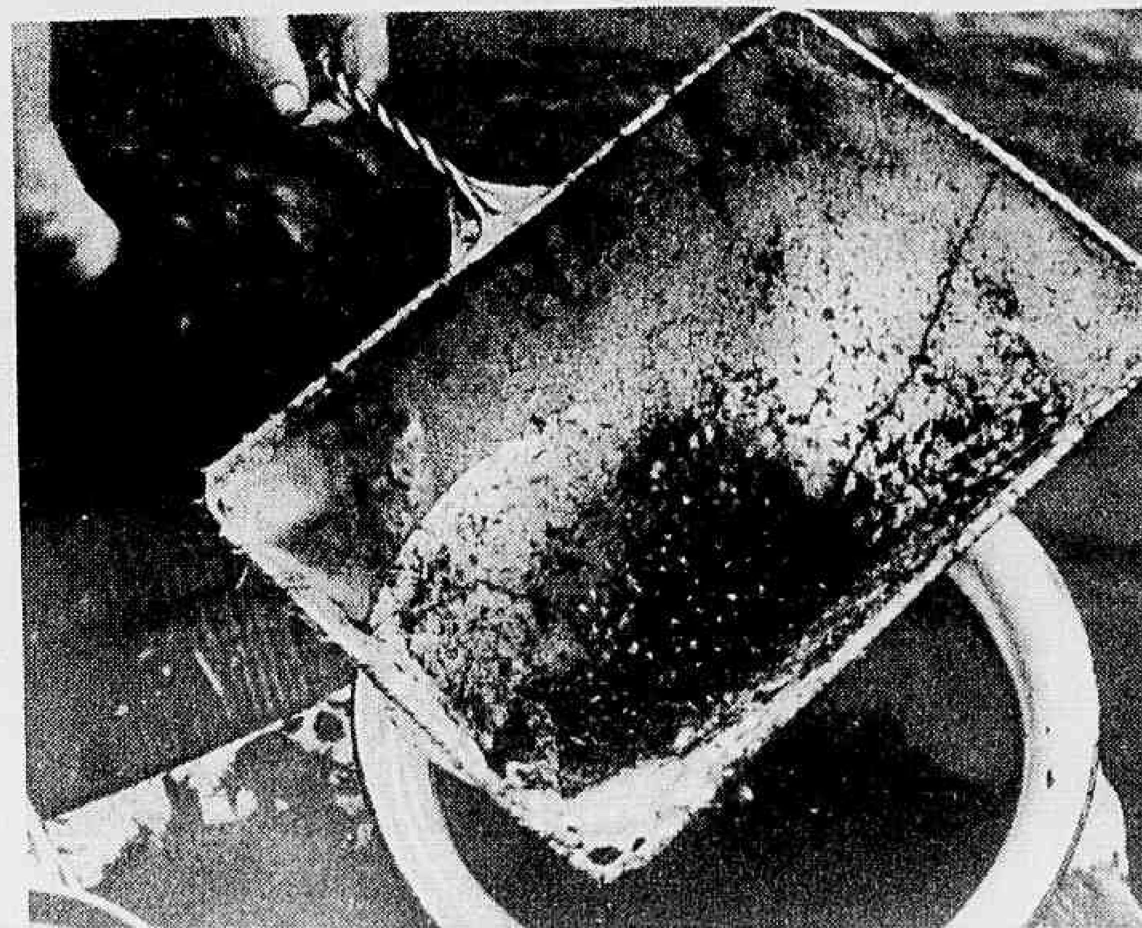
da variedade colorida do peixe original, criando êsses exemplares de rara beleza, cuja popularidade aumenta de ano para ano e pelo desenvolvimento de novas combinações em côr e forma até atingir as surpreendentes variedades que chegam a alcançar preço elevado nos mercados atuais. Foi, de fato, em tempo bem afastado que os Chineses começaram a efetuar cruzamentos sábios e pacientes, a fim de conseguir novas variedades. Parece certo que os Coreanos também participaram ativamente dêsses esforços, embora quando já os Chineses haviam conseguido boa variedade trabalhando com o peixe inicial.

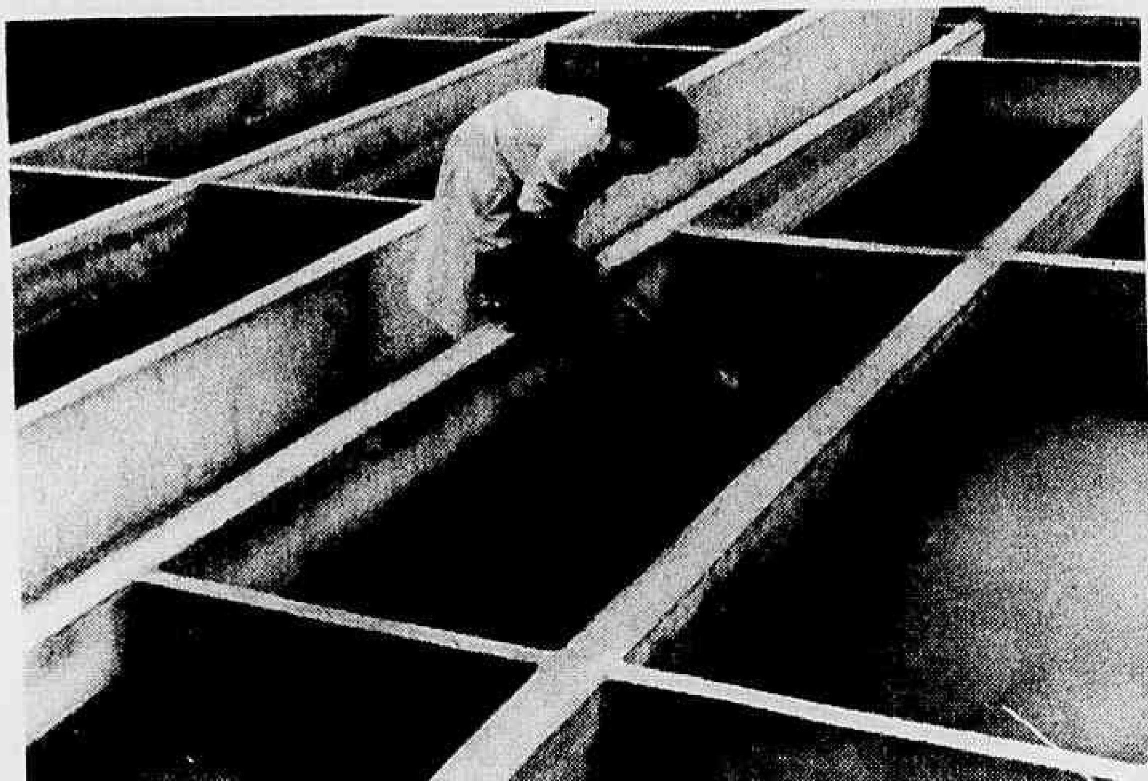
As côres e formas obtidas pelos Chineses podem ser, aliás, consideradas como indicativas dos artísticos instintos

Diàriamente, as algas que servirão de alimento aos peixinhos coloridos são apanhados nos rios.



Os peixes de 4 anos (vivem de 6 a 10) são transportados de trem ou avião para as grandes cidades.





Vinte compartimentos recebem os peixes segundo o seu tamanho e a sua côr. Com os primeiros frios são todos recolhidos a câmaras aquecidas.



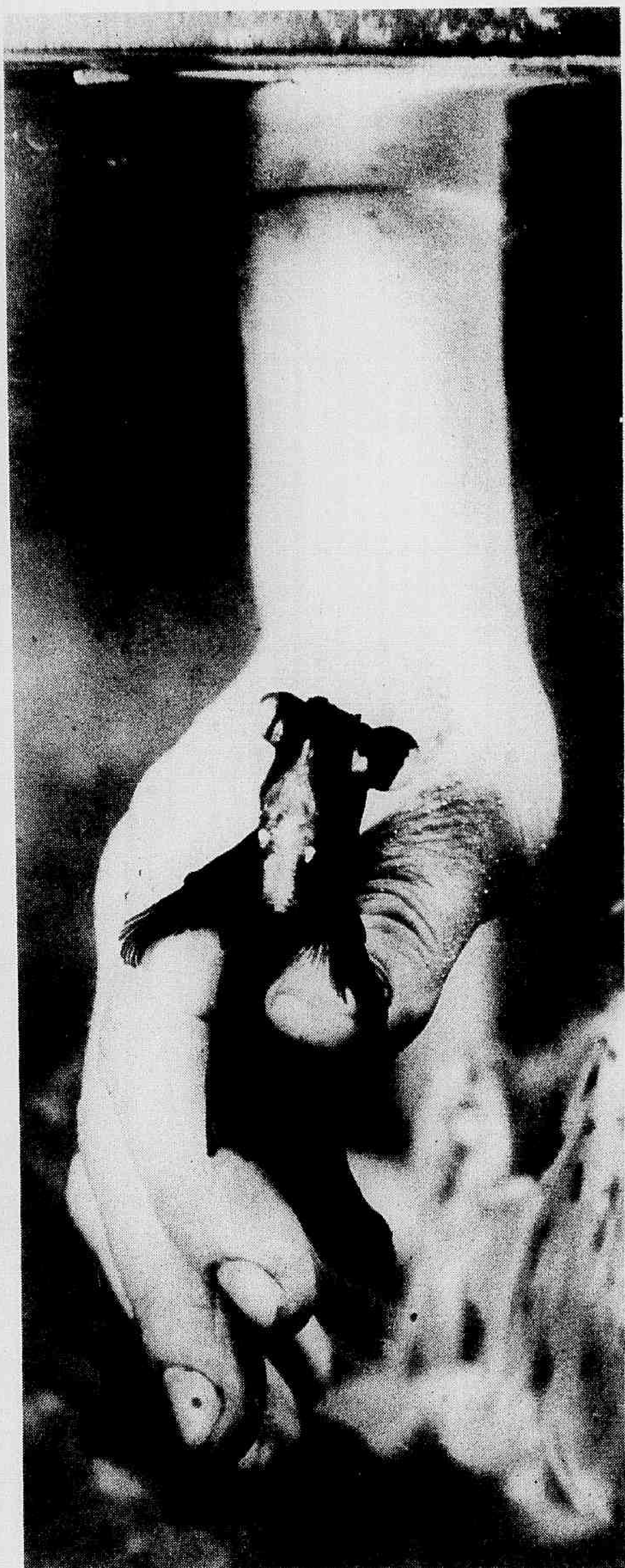
Os exemplares considerados mais belos e de caudas e natatórios mais longos são colocados, depois de cuidadosamente selecionados, em aquários separados.

dessa raça, sendo interessante notar que a expressão da arte chinesa está manifestada nesses peixes para aquário na produção das formas grotescas, bizarras ou até mesmo horríveis.

Há nisso forte contraste com os Japonêses, outra raça oriental em que o cruzamento dos peixes de aquário avançou em prazo relativamente curto e que preferem, ao contrário dos Chineses, obter as formas graciosas, harmoniosas e realmente encantadoras para o olhar.

No Japão, os peixes coloridos são conhecidos desde o ano 1500. Foram ali introduzidos originàriamente da China, por importação direta ou através da Coréia ou das ilhas Ryu-Kyu (Lu-Chu), segundo as últimas importantes.





**Com precauções infinitas o criador manipula um peixe da China, que foi em outros tempos considerado, em seu país, como um verdadeiro ídolo.**

E o cultivo dêsses peixes começou no Japão desde a chegada das primeiras importações. Entre 1700 e 1710 já existia uma fazenda de criação nos subúrbios de Kyoto, havendo ali ainda hoje um importante estabelecimento dêsse gênero e que começou a operar em 1763. Os Japonêses empregam métodos próprios de cultivo, ajudados pela sua inata perseverança e reconhecida habilidade, passando a ser os líderes entre os criadores de todo o mundo, onde as suas variedades são muito conhecidas e apreciadas.

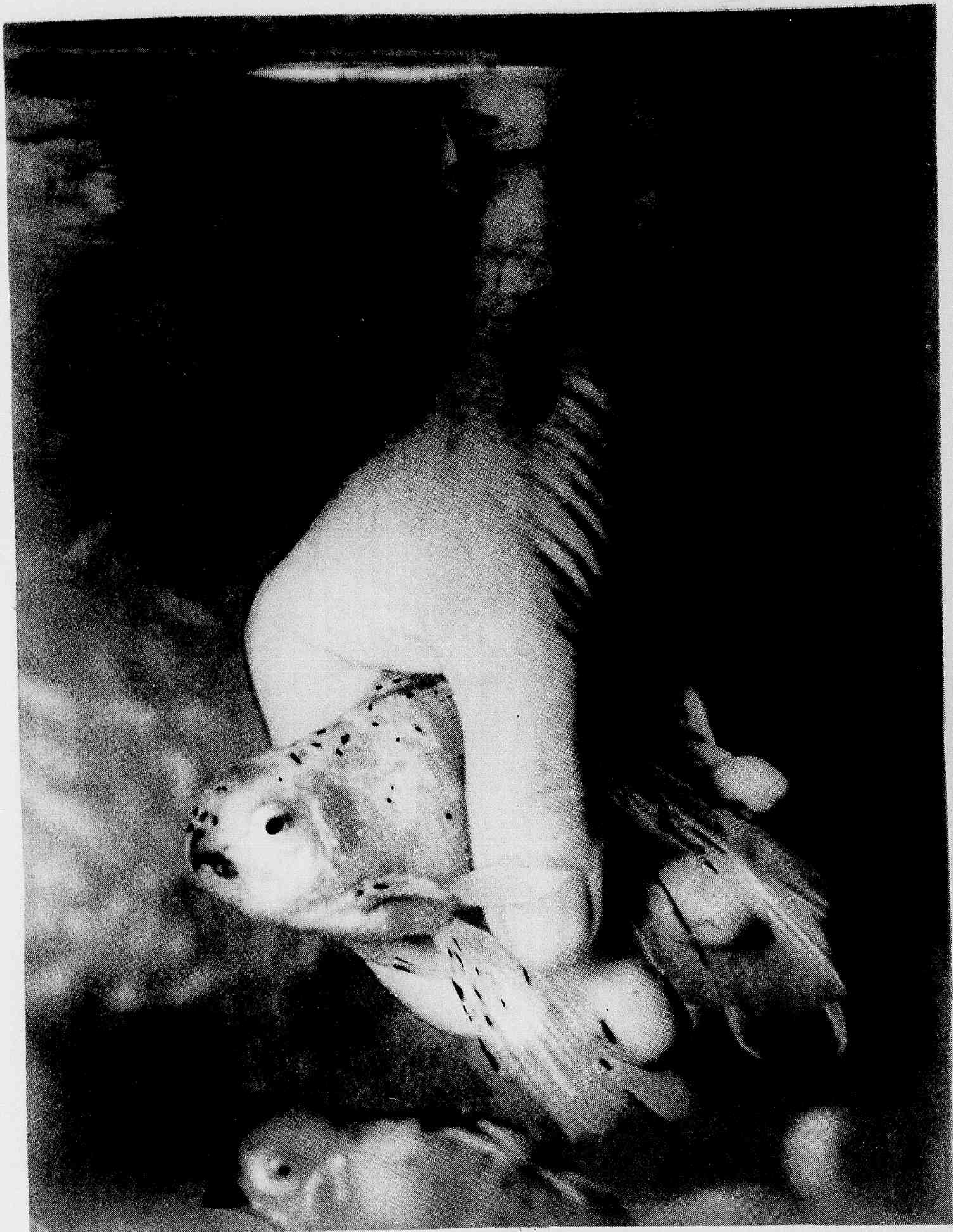
O primeiro peixe "dourado" a chegar à Europa, surgiu na Inglaterra no reinado de Jayme I (1566-1625), embora uma data mais autêntica possa ser 1691. Só muito mais tarde, êsses peixes chegaram à França, sabendo-se que, em meados do século XVIII, um peixe "dourado" foi levado da China como um presente para Madame Pompadour, favorita de Luís XV. Desde então sua importação aumentou, sendo enviadas enormes quantidades do Japão. A Inglaterra foi o primeiro país a cultivar essas variedades, embora, na Europa atual, a Alemanha seja o país maior e melhor produtor.

A evolução das modernas variedades mereceu a atenção dos mais famosos biologistas da Ásia, Europa e América do Norte. As modificações em colorido, forma e estrutura conseguidas pelo cultivo receberam também a maior consideração dos mais eminentes zoologistas de todo o mundo. O prof. John A. Ryder, já falecido e que foi um dos mais competentes biologistas norte-americanos, declarou que as variedades de peixes para aquário provam que tais animais podem ser considerados como "a raça de organismos" animais domesticados mais profundamente modifica entre tôdas.

Especialmente notável é o desenvolvimento das barbatanas abdominais e caudais, ambas altamente cultivadas em suas formas, chegando a assumir características que jamais ocorrem em qualquer outra espécie de peixes ou mesmo em qualquer outra espécie animal. No peixe original, essas barbatanas são simples e colocadas em uma linha média; em numerosas variedades domesticadas são duplas e localizadas fora da linha mediana. Essa modificação, conseguida por meio de pacientes cruzamentos, constituem uma das maiores façanhas dos modernos criadores

e a maneira como a cauda curta e simples do peixe original chegou a se desenvolver é uma das maravilhas da ciência, pois a sua forma atual, dupla, não é apenas uma simples e superficial separação das partes tenras, mas representa uma separação bilateral do próprio osso de onde nasce a barbatana.

Já hoje são numerosas as Sociedades de criadores dêsses peixes, em todo o mundo, cujos membros recebem taças e medalhas por seus esforços.




ÁGUA

# BALANÇA DE ÁGUA

*Se o leitor espera ver um geiser de água, engana-se...*

SE alguém ficar de pé sôbre um saco de água ao qual foi ligado um tubo de borracha com dois metros de comprimento, o pêso da pessoa elevará a água até à extremidade do tubo,

Se o saco fôr de tamanho ordinário e a pessoa pesar 60 quilos, a resposta é **não** — porque a quantidade de água no tubo equilibrará o pêso de todo o corpo!

Para operar essa balança hidrostática colocar primeiro a pessoa a ser pesada sôbre o saco, enquanto enchemos mais ou menos o tubo, até que a altura da água seja visível.

Só os muito pesados podem fazer a água transbordar. Mas, em geral um pouco mais de água levantará a pessoa do solo.

Esse paradoxo foi explicado por Pascal em 1653. Segundo a sua «lei», a pressão exercida sôbre o líquido assim contido, é transmitida **em tôdas as direções e age com fôrça igual em tôdas as superfícies de área igual**. Na balança a pressão da água na parte baixa do tubo é transmitida para iguais áreas em tôda a superfície interior do saco. Se a área do tubo é de um centímetro quadrado e a do saco 500 vêzes maior, a fôrça exercida no tubo é aumentada no saco até uma fôrça mil vêzes maior!

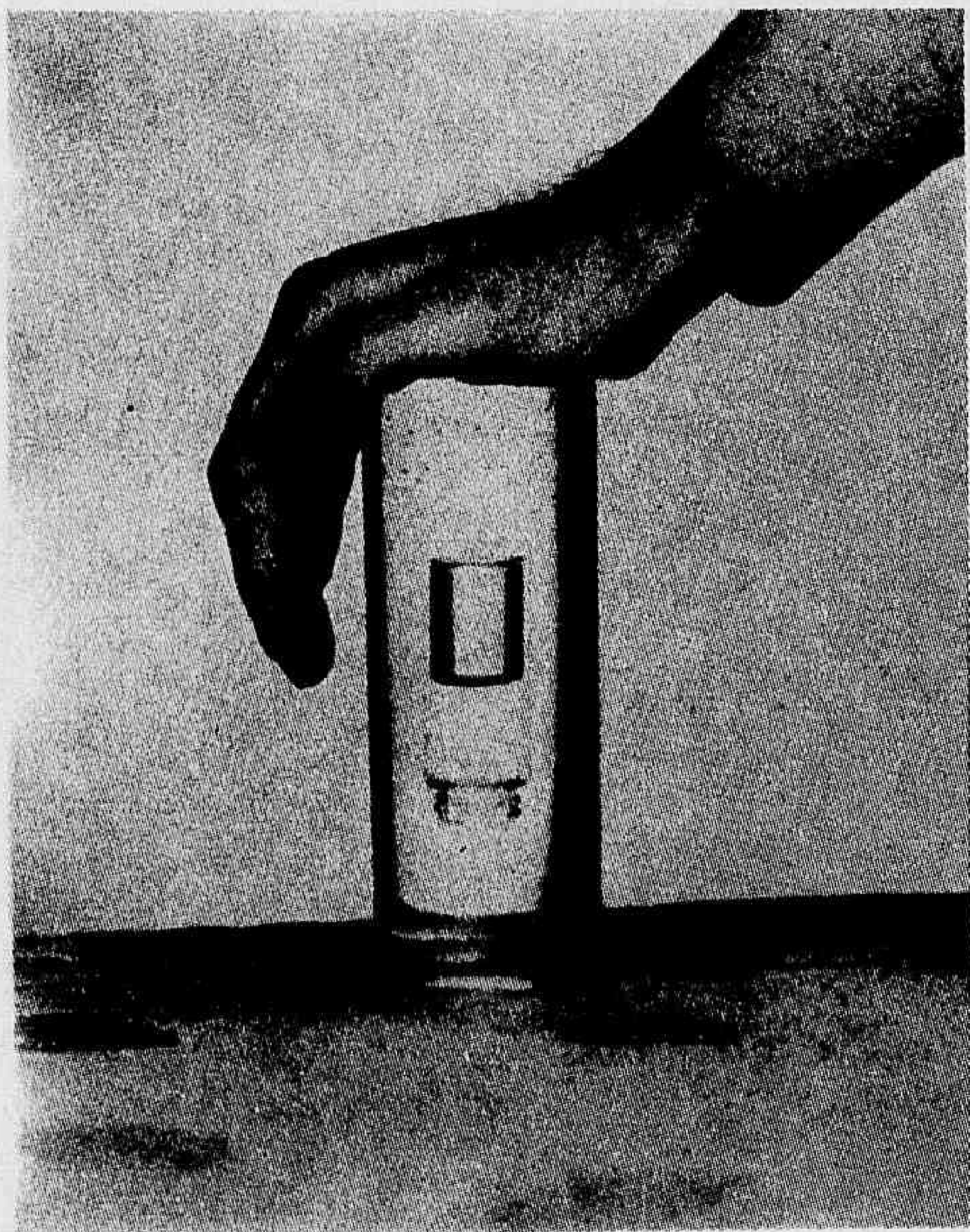


**A balança de água divertirá sobremaneira os seus convidados sem risco de molhar o tapête.**

★

# O FRASCO-BÓIA

*Aproveitado em brinquedos durante trezentos anos, êsse princípio de Descartes é também usado pelos submarinos.*



**O frasco menor flutuará entre «duas águas». segundo a pressão superior da mão espalmada**

EMBORA hoje poucos recordem os trabalhos religiosos e científicos de Descartes, famoso filósofo francês, seu «Mergulhador Cartesiano» garante a sua imortalidade. Durante 300 anos êsse brinquedo científico fascinou homens e crianças e como fonte de instrução figurou nos livros escolares de todo o mundo.

Em geral, tem a forma de um pequeno frasco ou sino, que flutua entre duas águas, num frasco maior, cujo bocal está coberto com um diafragma. Quando êste é comprimido ou relaxado o frasco menor (de bocal invertido e contendo água e ar) desce para o fundo ou sobe para a superfície ou permanece nesta ou naquela altura, segundo a vontade do operador.

Por quê? O ar é fàcilmente compressível. A água, ao contrário, dificilmente o poderá ser.

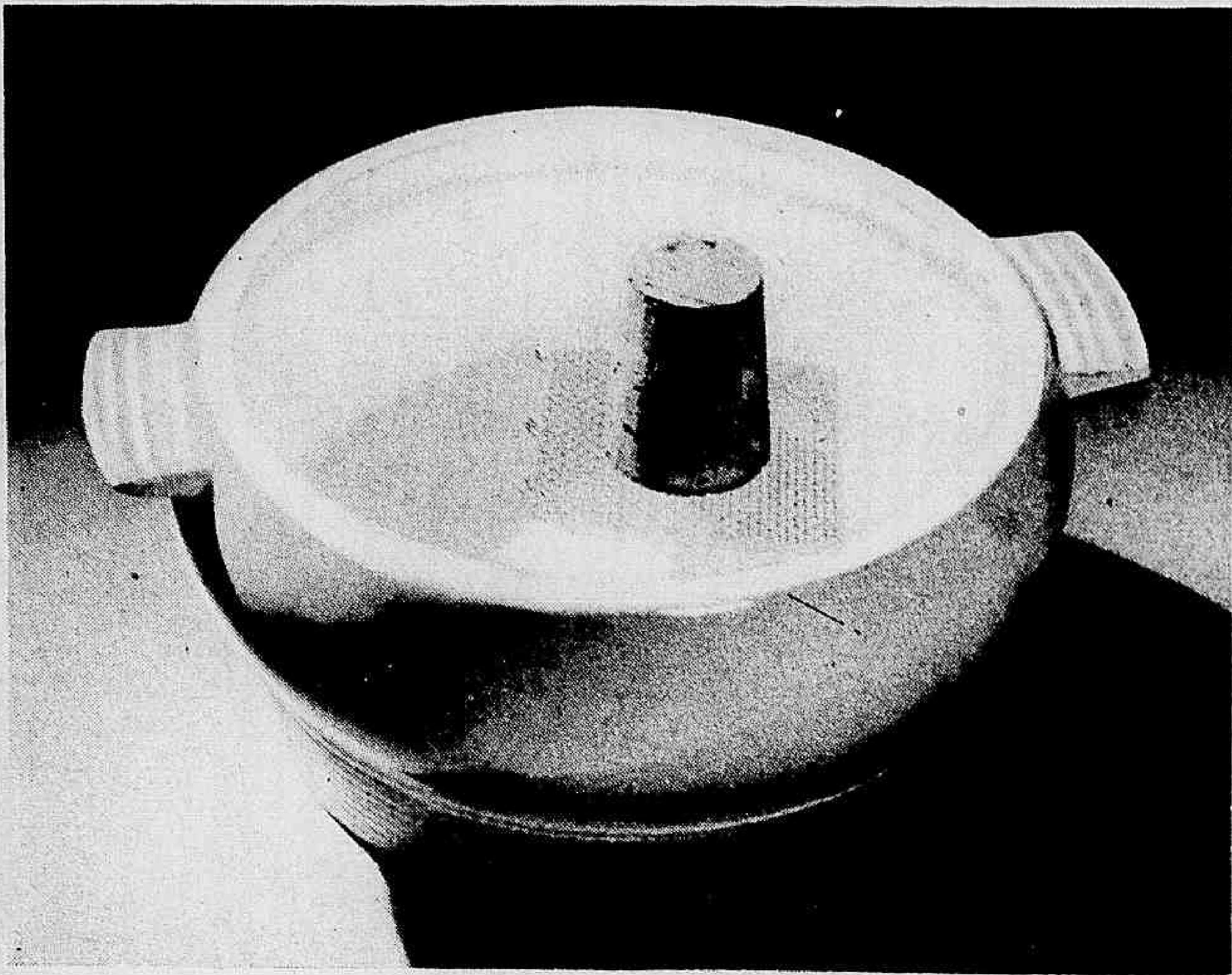
A pressão, entretanto, não comprime a água, pròpriamente, mas sim o ar contido no frasco menor.

Com mais água e menos ar em seu interior, o frasco perde sua propriedade de boiar e mergulhar.

Os submarinos, por sua vez, mergulham ou sobem à superfície, simultâneamente recebendo ou expelindo a água de suas comportas.

# FLUTUAR METAL NA ÁGUA

*A superfície da água é bastante elástica para sustentar objetos pesados.*



**Uma tela metálica flutua e ainda suporta o pêso de uma rôlha de cortiça. — (Pousá-la com cuidado sôbre a superfície d'água.)**

APESAR de um gradeado metálico ser cêrca de oito vêzes mais pesado do que a água, um gradeado achatado, quando pousado mansamente sôbre a superfície da mesma, nela flutuará como uma jangada. Com igual precaução, agulhas de aço e lâminas de barbear também flutuarão; mais fàcilmente ainda quando ligeiramente oleadas.

Môscas, mosquitos e outros insetos podem caminhar pela superfície da água sem ferí-la com suas patas.

A razão dêsse fenômeno está na **tensão da superfície**, que é uma tendência da superfície líquida para agir como uma membrana elástica e resistente. Quando a água entra em contato com o ar, as moléculas de superfície são atraídas mais fortemente entre si do que as do ar, acima delas.

O resultado é que aquelas ficam mais estreitamente ligadas que as do interior do líquido.

Se um objeto (pés de mosquito, gradeado metálico, agulha ou lâminas de barbear) não é muito pesado e não possa ser fàcilmente **invadida pela água**, simplesmente repousará nesse leito líquido, sem quebrá-lo e, portanto, sem mergulhar.

Alguns líquidos têm maior tensão de superfície que outros. O álcool, por exemplo, tem essa tensão muito inferior à da água.

Também a temperatura influi, afetando êsse grau de tensão.

Quando o termômetro sobe, as moléculas se desassociam um pouco mais e a tensão diminui.

Essa a razão porque a água quente foge mais depressa por um minúsculo orifício do que a água fria.

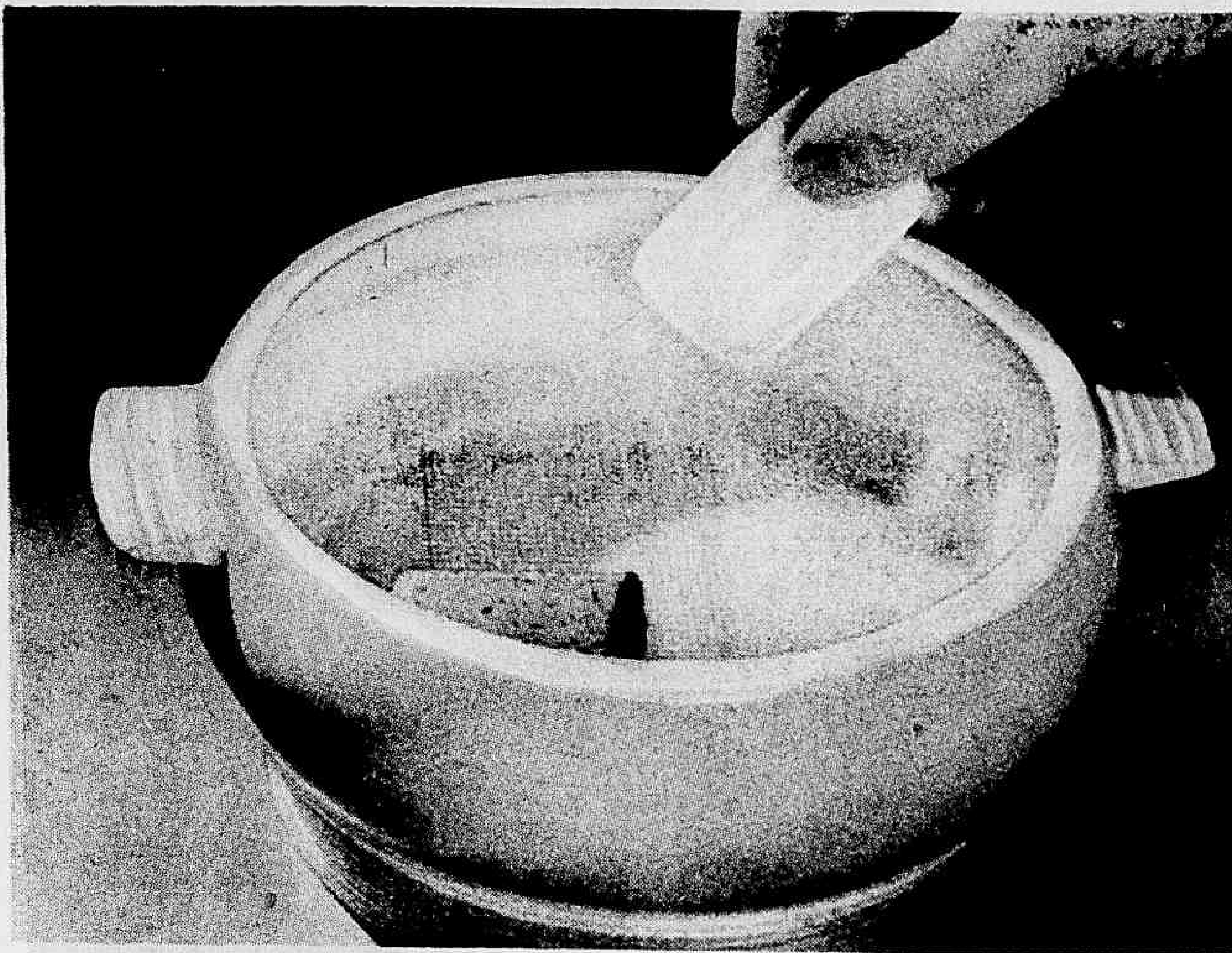
Certas substâncias como o sabão, pode baixar consideràvelmente essa tensão.

Para provar esta última afirmativa, encostem o cantinho de um sabão na água sôbre a qual flutui um gradeado metálico.

O filme da superfície logo é arruinado e quase instantâneamente o gradeado naufragará!

Façam a experiência, que é muito interessante. Poderão usar para a operação um pedaço de tela metálica, como a que protege um guarda-comida, com as dimensões de 6x6 centímetros e sôbre ela (depois de colocada cuidadosamente sôbre a água) pousem objetos leves, como, por exemplo, uma rôlha de cortiça, um grampo de cabelo, um botão grande, etc. Qualquer tipo de sabão servirá, convindo, porém, que não esteja muito sêco.

Um, já usado e mais tenro dará resultado quase instantâneo.



**Tocando a água com sabão a tensão da superfície é quebrada e, conseqüentemente, provoca o naufrágio imediato da tela metálica**

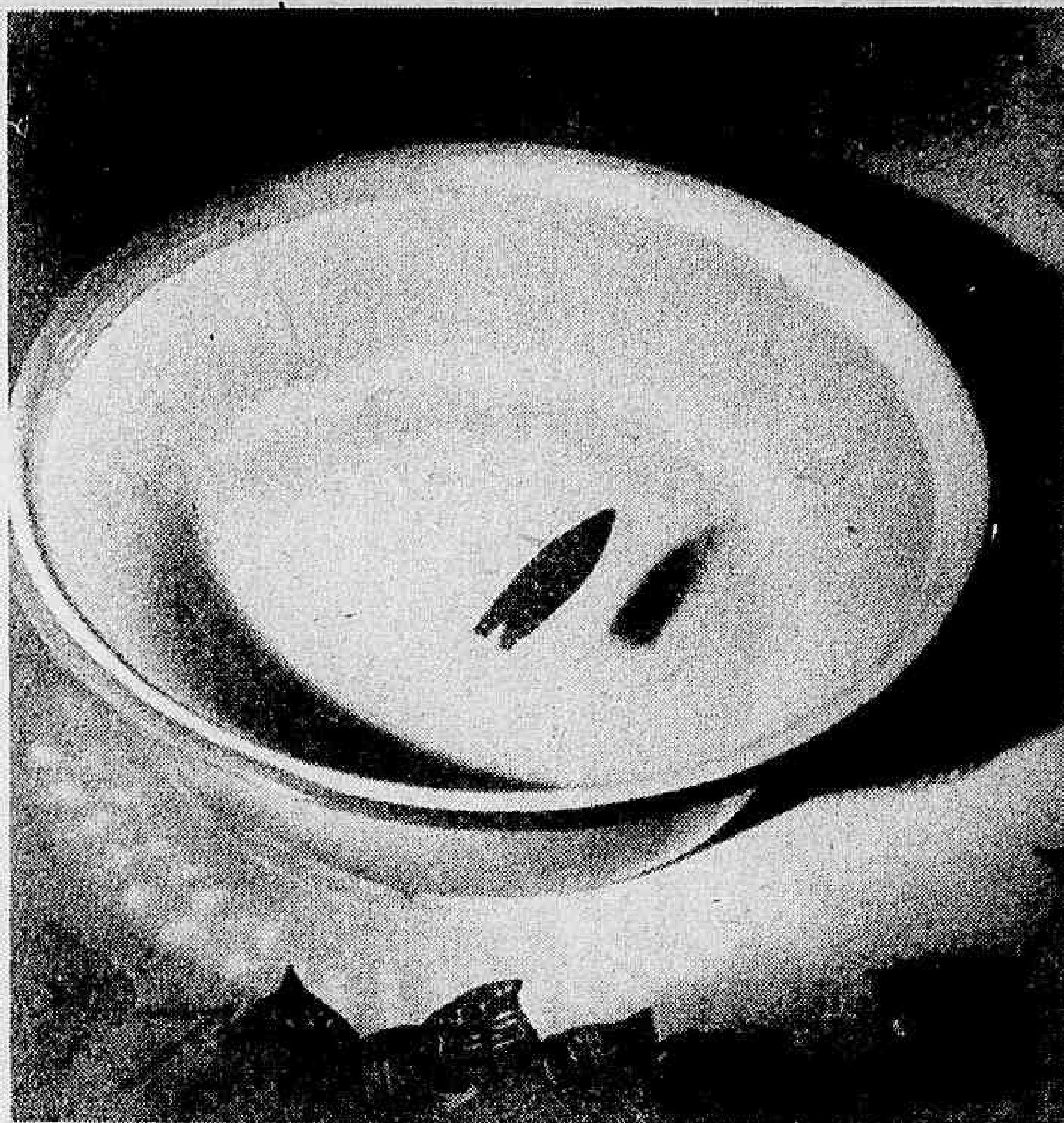
## O BARQUINHO DE SABÃO

*Com um pedaço de sabão, à guisa de motor, é fácil construir um barco que navegue.*

PEQUENAS embarcações de brinquedo, que navegam na água da banheira, sem meios visíveis de propulsão constituem grandes novidades e, no entanto usam apenas a tensão da superfície do líquido. A «umidade de energia» de um dêsses barcos consiste em um pedaço de agente úmido concentrado e colocado à pôpa da embarcação.

Quando se dissolve, a tensão de superfície, diretamente atrás do barco, passa a ser menor do que a da proa e, por isso, o barquinho é impelido para a frente.

Com apenas um depaço de cartolina e um pequeno cubo de sabão, pode ser construído um barco capaz de navegar tão bem como outro laboriosamente construído, movendo-se **misteriosamente** até que tôda a superfície da água tenha sido alterada pelo sabão. Quanto mais ampla essa superfície, mais prolongada será a navegação. Se trocada a água o barco reencetará a **viagem**.



**Misteriosamente impelido, o barquinho cortará a superfície d'água como se fôra um navio-fantasma.**



## "FEITIÇARIA" COM A ÁGUA

*Esvaziem um saleiro num copo cheio de água até o bordo. — O liquido não será derramado!*



PODE o leitor acreditar que é possivel deitar todo o conteúdo de um saleiro normal num copo cheio de água até os bordos, sem que o líquido derrame? Vejam o que indicam os «clichés».

Encham o copo até os bordos, mas sem que o liquido chegue a derramar.

A seguir, deitem o sal bem devagar, mexendo sempre com um arame fino. Isto dissolverá logo o sal. Embora o volume da água aumente, segundo se vê pela elevação no segundo clichê, o volume total da solução não será tão grande que a soma dos dois volumes (sal e água) antes de misturados. Porque a solução tem menos volume do que as duas partes componentes, não está definitivamente explicado. Evidentemente, há espaços entre as moléculas do solvente nos quais, em condições favoráveis, as moléculas da substância dissolvida se introduzem. O aumento varia segundo as substâncias.

Se usarmos açúcar em vez de sal, a alteração será ainda menos insignificante. Poucas substâncias aumentarão sensìvelmente o total quando dissolvidas lentamente.

**Um saleiro comum e um copo cheio de água até os bordos são os «aparelhos» necessários para o «truque». Todo o sal será absorvido sem derramar uma gôta.**



## ÁGUA . . . ÚMIDA!

*A água não molha as penas do dorso de um pato. Mas...*

**Os dois copos foram polvilhados com enxôfre, mas um detergente provaca uma queda de «neve"...**

E o leitor pensa que água é sinônimo de umidade, um químico lhe dirá que, algumas vêzes, a água simples pode ser perversamente «sêca». Tente pintar penas com aquarela.

Jamais o conseguirá. Pulverize inseticida nas plantas e tente, a seguir, molhar as fôlhas. A água escorrerá, sem conseguir fixar-se na planta, ficando grandes áreas expostas aos insetos. Tente lavar fazendas, metais ou vidros com mesclas de água e não conseguirá sequer molhar a parte suja.

Isto porque a água recusa molhar certas coisas, em razão da tensão de superfície.

Quando a superfície que entra em contato com a água quebra a sua tensão, a superfície fica molhada. Se é uma superfície oleosa ou contenha outro repelente da água, esta tombará, como o faz do dorso de um pato, **sem molhar**.

Por muitos anos, os homens tentaram tornar a água mais úmida, procurando meios de baixar sua tensão de superfície.

O sabão ordinário foi o primeiro material descoberto para tal, sendo largamente usado.

Mais recentemente, agentes sintéticos foram descobertos, com efeito superior ao do sabão.

Alguns agentes detergentes, ora usados na indústria, são tão poderosos que, adicionando-se uma parte em 100 000 partes de água, aumenta de um têrço a sua umidade. Para demonstrar êsse poder, deitem enxôfre sôbre a superfície da água de um copo. Apesar de mais pesado que o líquido, o enxôfre flutuará, porque a água recusa **molhá-lo**. Com duas gôtas de **detergente**, as partículas de **enxôfre se umedecerão**, caindo como neve ao fundo do copo

## O JARDIM MÁGICO

*É possível criar uma floresta de plantas de cristal em duas horas.*



Um aquário pequeno pode ser usado para conter o «jardim». Areia, sulfatos e silicatos fazem o resto

A química pode conseguir jardim colorido em que as «plantas» cresçam diante de nossos olhos, como uma bela demonstração da forma mais complexa da **ação osmótica.** Para tanto, derrama-se areia até formar um **centímetro, aproximadamente, de espessura,** no fundo de um pequeno aquário.

A **seguir, encha-se o recipiente com uma solução de silicato de sódio (cêrca de 1 copo) diluída em igual quantidade de água.**

**As sementes para êsse jardim serão alguns sais, como sulfato de cobre, de ferro, de zinco e de níquel, dorido de cobalto e de manganês. Usem os que possam conseguir. Para melhor resultado, os cristais deverão ter 4 milímetros de diâmetro, de côres diferentes e deverão ser lançados ao fundo de forma bem distribuída para ser obtido o melhor** efeito.

Em poucos segundos alguns dêsses cristais entrarão a «crescer»; em minutos, alguns alcançarão o alto da solução, enquanto que em 1 ou 2 horas o jardim terá desabrochado inteiramente, formando uma floresta colorida e intrincada, semelhante a uma paisagem subamrina.

Após vinte e quatro horas, retirar por meio de sifão a solução de silicato de sódium, substituindo por água fresca.

Em razão da insolubilidade dos cristais de silicatos metálicos, as «plantas» continuarão até quebrarem-se, ao fim de muitos dias.

# O ÔVO MÁGICO

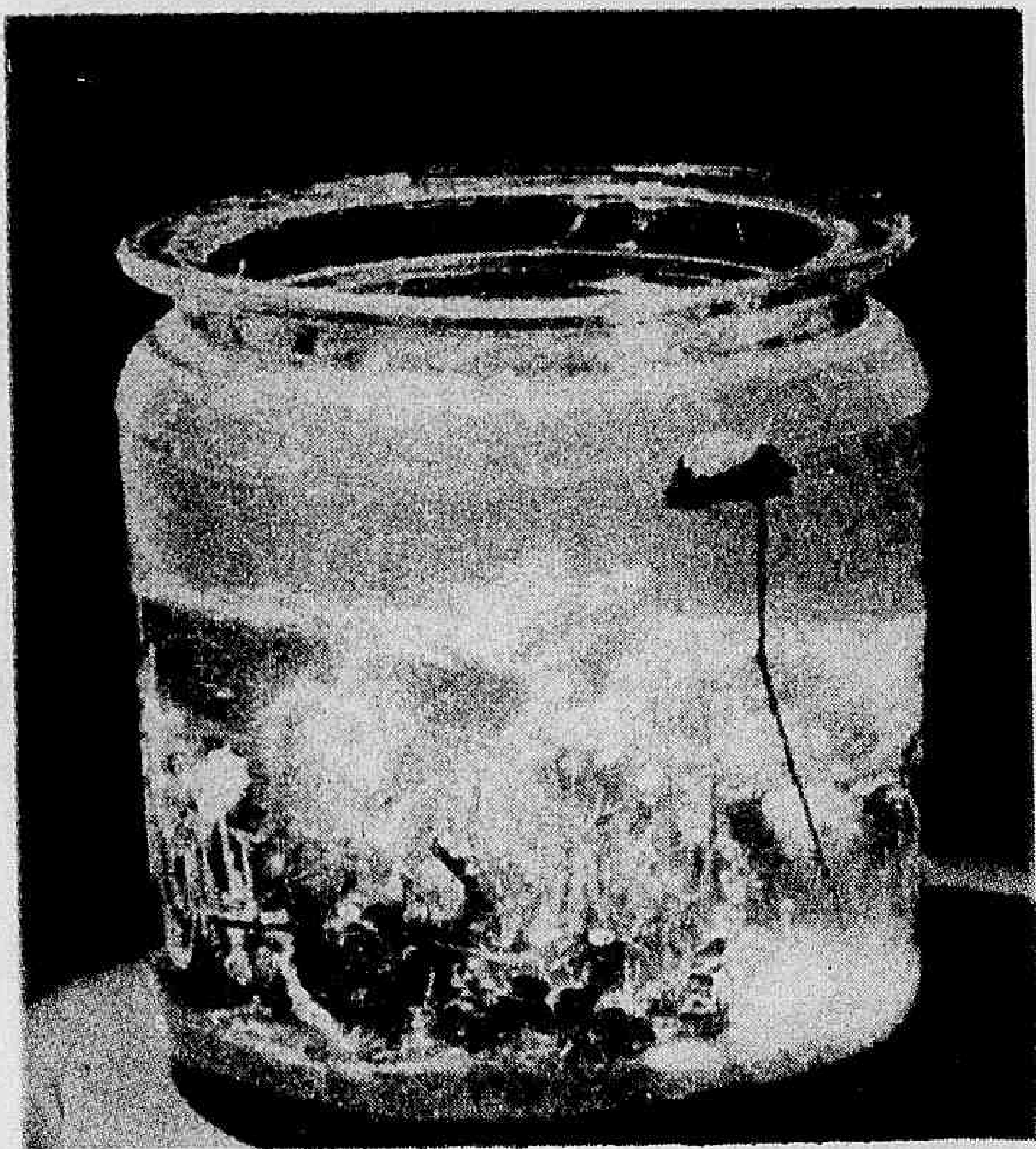
*A água faz coisas estranhas. Uma delas é forçar um ôvo a passar através de um tubo de vidro...*

A maneira como a nutrição do alimento que comemos pode atravessar as paredes dos intestinos entrar na corrente sanguínea e, finalmente, penetrar nos bilhões de células do corpo, é qualquer coisa de notável.

O nome do processo que torna isso possível é osmosis.

Com a ajuda de um ôvo não cozinhado e de um curto tubo de vidro, podemos ter a demonstração dêsse «milagre».

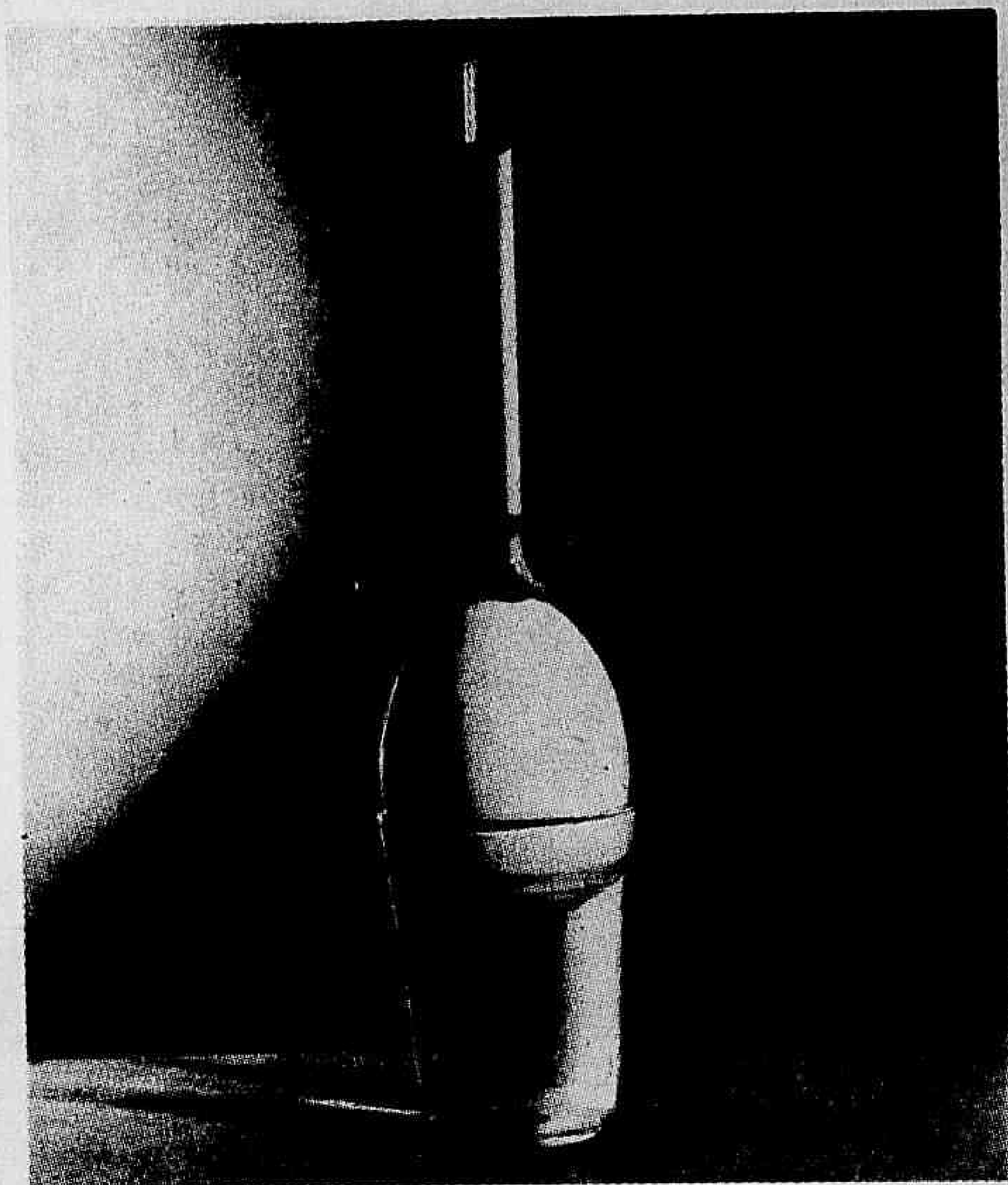
Cuidadosamente retirar um pouco da casca de uma das extremidades, sem perfurar a membrana branca que há sob ela. Abrir pequeno orifício, através da casca e da membrana, na outra extre-



**Quando as «sementes» de cristal são plantadas na água, os sais logo dissolvidos começam a crescer.**

midade e sôbre êle ligar um tubo por meio de cêra, soldando muito bem.

A seguir colocar a parte com a membrana descoberta mergulhada na água de um pequeno copo.



**Com orifícios nas duas extremidades, muito embora com a membrana intacta, ocorre a «osmosis».**

Apesar do conteúdo do ôvo estar separado da água pela membrana, aquela filtrará através do ôvo. Ao fim de uma hora, todo o interior do ôvo terá subido para o tubo e, se a operação prosseguir, chegará a transbordar do mesmo. Por quê?

Apenas porque a membrana do ôvo, muito semelhante com as paredes das células do nosso corpo contém minúsculos poros, através dos quais as pequenas partículas da água e de certas substâncias dissolvidas passam livremente, nunca, porém, as grandes moléculas do albume do ôvo ou as células protoplasmas.

Da mesma forma, alimento e água penetram nas células do nosso corpo, enquanto os detritos não o fazem.

A Osmosis ocorre quando dois líquidos contendo diferentes concentrações de matéria dissolvida, são separados pela semipermeabilidade da membrana.

Plantas e árvores extraem seu alimento e água do solo pelo mesmo processo.

# "ACHADOS" PRECIOSOS...

— Movia a cabeça como se seus ouvidos não conseguissem ouvir o que êle mesmo dizia. — *Lucas Bárcena*

— Há dias tão nublados que nossa sombra descansa e fica em casa. — *F. Herce*

— As lágrimas alcançaram o nível de desbordo de seus olhos e lhe inundaram as faces. — *Barbara Hurlbink*

— Sua voz parecia calçar sapatos com solas de borracha. — *Elizabeth Seifert*

— Demolidoras humanas abriram caminho até à mesa de saldos. — *Maureen E. Tipping*

# QUANDO O CRIME CAUSA RISO

A polícia de Berlim prendeu Lloyd Maupin, ao descobrir que o mesmo cidadão havia transformado o banco traseiro do seu automóvel em um **boudoir**. Colocara venezianas azuis no vidro traseiro, enfeitando ainda tudo com candelabros de cristal, laterais, uma rica mesinha de **toilette**, espelhos venezianos, perfumes, incensórios, geladeira, armário para coquetéis, dois rádios, três porta-cigarros e uma cama de abrir.



**JOHN Tata, de Elyria, Ohio, foi prêso por estar conduzindo embriagado... uma bicicleta, da qual tombava cada dez metros.**

MRS. Dorothy Florence de San Diego, Califórnia, foi prêsa por suspeita de estar embriagada, pois caminhava em ziguezague pela calçada... depois de ter cavalgado, num rodopio vertiginoso... um cavalinho de carroussel.

A polícia de Paris prendeu dois rapazolas que empurravam tranqüilamente pelo centro da Cidade Luz um carrinho de bebê, cujos lençóis pareciam cobrir uma... enorme criança. De fato, o carrinho conduzia 50 pares de sapatos, roubados numa loja das mais elegantes.

UM padeiro dos subúrbios de Turim, Itália, foi queixar-se à polícia de que um homem bem vestido penetrou em sua loja e, apontando uma pistola para seu peito, obrigou-o a entregar-lhe um saco de rosquinhas recém-saídas do forno. A seguir, deixando um insignificante níquel sôbre o balcão retirou-se... num belíssimo automóvel.

DEPOIS de ouvir a queixa de Fred Horn, que fôra roubado em uma camisa branca, o xerife Philip Sebold, de Newark, Nova Jersey, designou para o inquérito dois dos seus melhores detectives.

A polícia de Cordoba prendeu Eduardo Salvador Quinteros, acusado de haver incendiado a residência de Dolores Labruna... porque o pai da pequena favorecia o seu namôro com outro candidato.

J. W. Williams, de Weldon, Carolina do Norte, foi prêso no momento em que colocava uma bengala de dinamite no porão de uma casa, cujos residentes tinham um cão policial, que sempre o perseguia com latidos furiosos, quando por ali passava.

UM garôto de catorze anos foi prêso, em New York, por haver roubado em seis meses de «visitas diárias», 120 pastéis de um restaurante próximo da sua escola.

CONHECIDO ladrão parisiense procurou a polícia para se queixar de ter sido assaltado por um bando de garotos, que amarraram com cordas e o «aliviaram» da sua «féria».

NUM cárcere da Alemanha Oriental, três presos conversavam. O primeiro declarou que tinha sido acusado de «quinta-coluna» por haver chegado cinco minutos atrasado ao trabalho. O segundo explica que havia chegado cinco minutos antes da hora e, por isso, fôra condenado como espião. O terceiro era pontualíssimo.

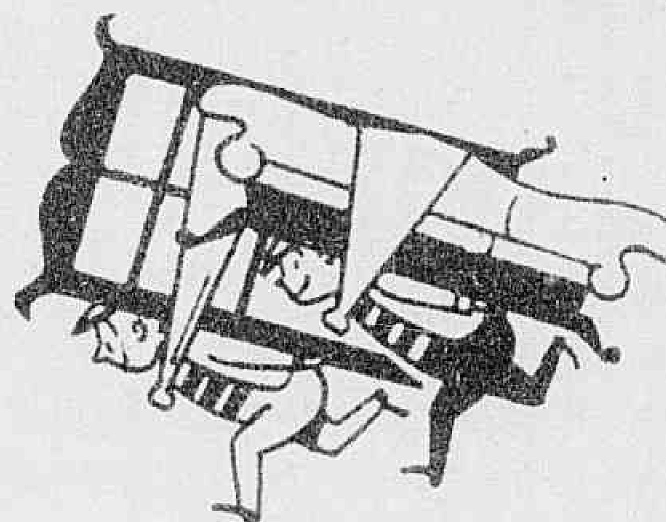
— «Acusaram-me de haver comprado um relógio ocidental» — declarou.



**ANTON Slenka, de Hamburgo, despertou certa noite e viu um ladrão que tentava forçar uma das portas de sua residência. Não tendo outra arma em casa, apanhou os sapatos de sua espôsa, lançando-os, com mão certeira, contra o invasor. Dois dos projéteis, batendo contra a cabeça do ladrão, deixaram o desgraçado sem sentidos.**

EM Vera-Cruz, México, Manoel Virado queixou-se ao delegado de ter sido roubado. Alguém levara o papagaio de estimação, que estava sempre à porta da sua quitanda, distraindo os fregueses. Após curto inquérito, o delegado descobriu o papagaio... no quintal de sua própria residência, para onde fugira desejoso, talvez, de mudar de ambiente.

A «Associated Credit Bureaus of America" arruinou a «emprêsa» de um caavlheiro que escrevera para 200 igrejas pedindo a cada uma a quantia de 3 dólares e 75 centavos, para comprar uma Bíblia. E informava, muito a sério, que fazia êsse apêlo porque êle e a espôsa haviam festejado a sua **lua de mel** distribuindo esmolas por tôdas as caixas de óbulos existentes nas igrejas da cidade.



**A Polícia de Los Angeles procura até hoje dois ladrões que, fingindo-se de carregadores, levaram tôda a mobília de uma residência, sem levantar qualquer suspeita entre a vizinhança.**

# O CARA DE ANJO

*Conto de*

*COLIN LOFTING*

NOSSO rancho era pobre mas papai, que era teimoso, sentia que ali havia um futuro promissor. Parecia mesmo ter selado um compromisso com aquelas colinas azuladas, e quando viu que o negócio de gado bovino não progredia resolveu mudar para criação de cavalos. Talvez também fôsse porque o mugido das vacas o aborrecia ou então as constantes discussões com os vizinhos por causa da água — tão necessária ao pasto e ao gado — qualquer coisa enfim levou-o a mudar de idéia. De qualquer modo, êle achava que os cavalos resistiam melhor ao inverno e eram mais fáceis de alimentar e que assim nosso rancho renderia mais.

Antes de me ausentar do rancho, nunca compreendi bem o meu pai. Não alcançava o quanto significava para êle ter sido o campeão do "rodeo" em 1935, e

*Êle comprou o cavalo mais selvagem do mundo para competir no "rodeo" — e agora teria que provar que era homem capaz de dominá-lo.*

que nada o agradasse mais que recordar os *bons tempos*, as exposições, os "rodeos" de Cheyenne Frontier, Calgary Stampede e Pandleton. Em geral, íamos apenas aos festejos locais no 4 de Julho e no Dia do Trabalho. Nestas ocasiões papai encontrava velhos companheiros e eu ficava atento, junto dêle, ouvindo a conversa sôbre o passado. Lamentavam, então, que, agora, os *rodeos* não passavam de *shows* com *cowboys*-cantores *made in Hollywood!*

Ao voltarmos de um dêstes "rodeos" ouvi, certa vez, mamãe dizer a papai:

— Jim, não gosto de ver você se mortificando com estas coisas do passado. Não posso compreender como é que homens que tiveram coragem bastante para dominar potros bravios não têm a mesma coragem para admitir que o seu tempo já passou. Tôda vez em que vamos assistir a um "rodeo" você se aborrece... mas continua indo, assim como uma pessoa que mastiga em cima de um dente dolorido!

E por estas e outras razões, ir a um "rodeo" lá na vila sempre redundava em ambiente triste e desagradável em casa. Na volta papai subia para o sótão e ficava olhando, examinando a sela de prata, que ganhara em 1935. Ou então pegava um pedaço de pano com óleo e ficava limpando as calças de couro... com o nome dêle gravado a fogo na parte do lado esquerdo.

Agora compreendo; compreendo que naqueles momentos êle chegava a ouvir o relinchar dos potros selvagens contidos pelos *cowboys*, ouvia também o vozerio da assistência impaciente, o anunciador gritando o seu nome para o público e sentia a ansiedade geral.

Fiquei um pouco inquieto na noite em que papai anunciou a mamãe a sua decisão de comprar e criar cavalos para "rodeo", mas para grandes "rodeos", segundo frisou.

O gado rendia dinheiro, mas cavalos de "rodeo", na opinião de minha mãe, não passavam de loucura. E que diriam MacAllister e os outros diretores do Banco que financiava os negócios de meu pai?

Papai interrompeu-a dizendo:

— Enquanto eu estiver em dia com os pagamentos das letras êles não têm direito a opinar.

Creio que foi "Cara de Anjo" quem nos salvou. "Cara de Anjo" era um cavalo feio, de quatro anos, e pertencia a um índio que trabalhava para nós. Certo dia, quando terminou de arar um trecho de terreno, o índio guardou o arado e decidiu voltar a cavalo para a sua cabana. Segurando a rédea da égua que fazia a parelha, êle saltou para o lombo do "Cara de Anjo". O animal verdadeiramente explodiu! O índio foi atirado longe, enquanto o cavalo continuou ali mesmo, com aquêles olhinhos de porco semicerrados e o beiço pendente e tremendo de raiva.

Uma semana mais tarde um vaqueiro de um rancho vizinho — e que se dizia domador invencível — tentou cavalgar "Cara de Anjo", num desfile em Arlee. Papai e eu fomos assistir. Eucurralaram "Cara de Anjo" no *corredor* cercado e ali o selaram. Então o tal domador montou e gritou que podiam abrir a porteira. Esta foi aberta e "Cara de Anjo" ficou parado um segundo para em seguida, disparar numa corrida vertiginosa por alguns metros. De repente, sacudiu a cabeça e ficou em pé sôbre as patas traseiras e, quando desceu, parecendo andar para trás, ficou com as patas da frente espalhadas e com a cabeça para baixo. Então, o vaqueiro me fêz lembrar um saco vazio que é atirado pela janela do celeiro. Imediatamente, meu pai foi procurar o índio e lhe disse:

— Dou quarenta dólares por êste cavalo.

— Não aceito; êle é um bom cavalo no trabalho.

— Cinqüenta então...

Por muito tempo regatearam e discutiram e a conclusão foi que eu e papai viemos para casa trazendo o "Cara de Anjo" e o índio recebeu oitenta dólares!

Quando mamãe viu o cavalo e soube que tinha custado tanto dinheiro ficou desesperada e disse várias vêzes:

— Você é tão tolo, Jim!

Enquanto isso, "Cara de Anjo" ficou parado lá fora, esperando com uma das patas traseiras dobrada, tocando o chão apenas com a ponta da ferradura, numa pose um tanto arrogante e grotesca. Papai olhou para o animal e sorriu.

Nos meses seguintes papai vasculhou todo o Estado negociando cavalos.

Depois de muita discussão, ficou, enfim, resolvido que eu poderia ir com êle às exposições para ajudar a cuidar dos animais. Durante tôda a primavera e todo o verão "Cara de Anjo" tomou parte em "rodeos", derrubando sempre os vaqueiros com extrema facilidade. O cavalo parecia ter a inteligência de um bom lutador; quando uma tática não dava resultado recorria logo a outra. Ninguém conseguia montá-lo por mais de seis segundos, nunca chegando ao tempo mínimo requerido, de dez segundos. Muitos valentes tentaram montá-lo num desafio, sem concorrer a prêmios, apenas tentando alcançar a glória de ser o primeiro homem a dominar o endiabrado animal. Mas êstes também eram atirados longe.

Eu estava no celeiro, um dia, quando vi MacAllister chegar no seu automóvel à nossa porta. Mamãe foi atendê-lo no portão. Como entre êles e eu ainda havia o galinheiro pude ver sem que me notassem e ouvir o que diziam.

— Mas, Maude — insistia MacAllister com sua voz grave — criação de gado é fonte de renda, como todo mundo sabe, mas êste negócio de cavalos para "rodeo" não consta do contrato. Não podemos renovar o empréstimo. Jim continua comprando cavalos, seguro de tirar lucro mais tarde, mas êsse não é o parecer do pessoal do banco!

Já tenho dito isto a êle muitas vêzes — disse mamãe, na defensiva.

— Sim; e se não fôsse por sua causa já teríamos protestado aquela letra.

E MacAllister se inclinou um pouco, dizendo qualquer coisa a mamãe. Ela recuou, corando extraordinàriamente e respondeu:

— Mac, você me faz lembrar um livro que tenho lá no sótão; só lhe falta o bigode comprido e o chicote para ser o vilão!

Desta vez foi MacAllister quem corou e, sem dizer mais nada, dirigiu-se para o veículo e foi embora.

Naquela tarde, papai chegou no seu calhambeque, saltou correndo e, excitado, sacudindo um envelope grande e branco. Eu o segui, correndo para dentro de casa.

— Após um primeiro ano já conseguimos a Exposição de Denver!

Papai dissera isto em gritos de alegria, mas, em vez de tomar o envelope, mamãe foi para a cozinha, dizendo, calma:

— Folgo muito com isso, Jim.

Mas não parecia nem um pouco satisfeita. A mão de papai, que ainda acenava



com o envelope, caiu desanimada sôbre a mesa. Durante o jantar ficaram ambos calados. Mamãe nem mencionou a visita de MacAllister.

Naquela noite, quando fui até ao curral, papai me seguiu. Havia um prenúncio de outono no ar e as estrêlas pareciam muito próximas. Tínhamos a impressão de que holofotes esverdeados brincavam de esconder por trás das colinas. Quando se via aquêle clarão, lá ao longe, com tanta nitidez era sinal de que ia esfriar a temperatura. Ouvi o som sibilante de asas quando os pássaros noturnos batendo de leve as asas passaram rente às nossas cabeças.

— Você não parece muito entusiasmado com a idéia de ir a Denver — disse papai.

— Estou sim, e muito — respondi, meio sem jeito.

— O que se passa com você, Jimmy?

Tentei contar tudo o que sabia; quis falar sôbre a visita de MacAllister e a conversa dêle com mamãe, mas apenas consegui murmurar:

— Que há com mamãe? Ela está esquisita...

Papai baixou o olhar para o chão.

— Jimmy, quando conheci sua mãe eu não passava de um vaqueiro de "rodeo". Minha família havia gastado muito dinheiro e conselho com a minha educação, mas eu a decepcionei; apenas seguia as exposições, tomando parte em "rodeos". Sua mãe estava de namôro com um rapaz do Banco quando deu com os olhos em mim. Todo mundo disse a ela que aquilo era uma loucura, pois eu não passaria de um domador de cavalos bravios, e parece que êles tinham razão.

.Eu ia fazer um comentário animador, porém êle prosseguiu:

— Nos dois primeiros anos, depois do nosso casamento, eu a levei comigo por tôda parte onde havia um "rodeo" e garantia a ela que aquêle seria o último em que eu tomaria parte. Mas, depois, dei para ficar até altas horas da madrugada bebendo e conversando nos botequins e fui perdendo um pouco da fibra como domador. Cheguei ao ponto em que não podia ir para a prova sem tomar um trago antes.

E então, certo dia, um cavalo caiu comigo. Não fiquei ferido, mas fui desclassificado e daí, declarando que me magoara, não quis mais concorrer.

Não compreendi, não sabia porque até hoje êle vivia descontente daquele modo, mas quando, minutos depois, voltei para casa e no caminho olhei para trás vi que papai experimentava a resistência de uma das pernas, pondo sôbre esta todo o pêso do corpo. Quando fazia isso o joelho dobrava um pouco. Reparei que êle estava fazendo como os vaqueiros fazem antes do "rodeo", para pôr a prova a resistência das pernas e dos joelhos.

Não sei porque naquele momento tive o palpite de que papai ia tentar, êle próprio, domar um dos cavalos comprados ùltimamente. Meus pensamentos, a seguir, se voltaram para mamãe e fiquei pensando que MacAllister era homem de boa aparência, muito alto, embora sempre o tivesse achado bonito demais. Talvez tivesse sido êle o *rapaz do Banco*, que namorara mamãe antes dela conhecer papai.

No dia seguinte, fomos acomodar os animais em Arlee, com a ajuda dos índios. Quando vi a fumaça da chaminé do trem se aproximando pensei que ia estourar de entusiasmo. Aquela ia ser a primeira grande exposição para nós e, além disso, eu nunca vira uma cidade tão grande quanto Denver.

Nossos cavalos ocuparam quatro vagões de carga. Papai e eu embarcamos no trem e êste partiu de Arlee. O vagão em que íamos *saltava* de um lado para outro e, de vez em quando, caía um carvão nos meus olhos, porém, para mim, era tudo maravilhoso, pois aquela era a primeira grande viagem da minha vida.

— Papai — gritei, repentinamente, no meio do barulho do trem. — Por que você não toma parte no "rodeo"?

Um sorriso manso iluminou a fisionomia de meu pai, que então piscou misteriosamente para mim. Depois, tirando debaixo do banco a sua velha mala, abriu-a e, no meio de outras coisas, vi as suas calças de montar, as esporas e todo o resto dos apetrechos necessários para a ocasião.

Descemos em Denver seis horas mais tarde e, logo que acabamos de fazer o registro no hotel, voltamos à arena para dar água e alimento aos animais. A seguir, papai ficou no meio da pista escura, olhando para as filas de bancos vazios. Parecia perdido em seus pensamentos. Depois olhou para o relógio e exclamou:

— Macacos me mordam se eu não tomar parte!

E sorriu para mim.

A secretaria do hotel, onde eram feitas as inscrições, estava lotada. Quando finalmente papai conseguiu aproximar-se da mesa e entregou o dinheiro da inscrição dizendo calmamente:

— Domador de cavalos...

Um murmúrio se ouviu pela sala e um *cowboy* moço resmungou:

— Ora, meu velho... tenha juízo!

Papai nem sequer voltou a cabeça. O homem da mesa tomou nota do nome de meu pai, enderêço, cidade e, então, reconhecendo-o, olhou-o com curiosidade. Mas papai apenas deu a volta e saiu da sala. Quando passamos pela porta ouvi um crescente zum-zum no recinto.

O "rodeo" foi iniciado no dia seguinte e transcorreu com precisão cronométrica. Primeiro forma os espetáculos de canto e dança e a prova de montaria só começou à noite. Houve logo um acontecimento impressionante. Um dos nossos cavalos foi montado por um jovem vaqueiro canadense. Êle conseguiu manter-se na sela, enquanto o animal deu uns quatro pulos e então o cavaleiro foi atirado no espaço, com violência, de cabeça para baixo, e, antes de que caísse no solo, o cavalo escoiceou-o no rosto!



Enquanto observava os homens, carregando o ferido para fora da pista, pensei que ia adoecer. Eu já havia visto vaqueiro acidentados antes, mas naquele momento, imaginei papai sendo carregado ensanguentado... Desci a cerca, onde estava sentado, e me senti meio tonto.

Fomos até ao hotel, no intervalo entre o espetáculo da tarde e o da noite. Tendo parado um pouco na entrada, um velho amigo de meu pai apareceu e convidou:

— Vamos tomar um trago?

— Não, obrigado; vou montar esta noite... — respondeu o *velho*. — E eu notei um certo orgulho e segurança em sua voz.

Creio que a espera mais longa de minha vida foi aquela entre o momento em que a prova teve início e o momento em que anunciaram o nome de meu pai. Eu podia até ver papai de pé, no corredor de madeira, um pé em cada trave lateral. As luzes da pista silhuetavam-no nìtidamente. Eu estava de pé, olhando por entre as frestas da cêrca, e vi papai ajeitar o chapéu e cuspir na mão esquerda. Um outro vaqueiro ajudou-o a colocar as calças de couro e a montar no animal. Abriram-se as porteiras e êle disparou para a pista. Então ouvi o vozerio da multidão.

É interessante como os potros bravios fazem um ruído característico; ouve-se como que um grunhido de revolta quando êle pisa o chão, os arreios e a sela também tilintam e rangem. A multidão delirava, quando ouvi o tiro de marcação de tempo.

Pouco depois, papai voltou, caminhando pelo corredor de cêrca, procurando por mim. Trazia as calças de couro na mão e sorria francamente. Tinha a respiração cansada e parecia mancar ligeiramente.

Eu estava mudando de voz, naquela época, e lembro que, com o entusiasmo, gritei para êle com voz esganiçada:

— Pronto, papai. Abandone isto agora!

Êle sacudiu a cabeça, tirou do bôlso um programa e me mostrou uma das linhas que dizia: — Mil e quinhentos dólares de prêmio ao vencedor da prova final.

Naquela noite, no "hall" do hotel, vários homens vieram cumprimentar papai. Êle

fôra o herói daquele dia e eu estava muito orgulhoso dêle.

Quando chegamos ao nosso quarto, papai começou, de repente, a falar, olhando para o teto, numa voz preocupada:

— Jimmy, sua mãe vai ficar sèriamente aborrecida. Ela é capaz... Sim, ela é capaz de ir para a casa dos pais para me dar uma lição.

— Mas, papai, mamãe não ficará muito zanagda... É só esta vez...

Um sorriso largo iluminou seu rosto.

— Você é exatamente igual a mim — disse êle. — É justamente por causa dêstes "últimos" que ela se zanga. *Só mais esta vez*...

No dia seguinte, papai repetiu a façanha. Senti coragem bastante, desta vez, para assistir à prova. Vi quando esporeava o cavalo com maestria. Fiquei fascinado pela sua canhota. Êle não a mantinha acima da cabeça, como a maioria dos montadores, mas, com o braço estendido para o lado, espalmava a mão para baixo, numa atitude elegante que me lembrava um dançarino. Um velho, sentado na arquibancada, perto de mim, murmurou:

— É como ver um fantasma. Êle está tão bom como sempre foi!

Mas, quando o ajudante, terminada a prova, veio segurar as rédeas para meu pai desmontar êle estava esgotado; ao saltar, caiu ao solo, meio tonto.

Naquela noite, papai brilhou outra vez; mas, depois da prova, levou uns minutos para recuperar a respiração normal. Foi para trás da cêrca, encostando-se a uma trave; ainda respirava com dificuldade quando os juízes anunciaram os resultados através do porta-voz.

Então, exclamou para mim:

— Muito bem, Jimmy; seu *velho* está habilitado para as finais!

No mesmo momento em que êle falou, eu me lembrei de "Cara de Anjo". Tínhamos seis cavalos para tomar parte nas provas finais, cujos nomes seriam escritos em papèizinhos e misturados dentro de um chapéu para serem retirados por sorte pelos participantes. Senti um frio de nervoso no estômago.

A sala de inscrição, como sempre, estava repleta. Os homens falavam em voz alta. Papai foi o último dos quatro concorrentes a tirar a sorte. Meteu a mão dentro do chapéu que o secretário segurava e, calmamente, desenrolou a tira de papel. Os outros três foram para a mesa do encarregado e, entregando os papéis, foram dizendo os nomes dos respectivos cavalos.

De repente, fêz-se silêncio completo no recinto. Papai fôra o último a se encaminhar para a mesa. Passou a mão pela fronte. Sua mão tremia, mas foi com voz calma que anunciou:

— "Cara de Anjo"!

O silêncio na sala continuou por mais uns segundos e então, como se alguém houvesse dado um sinal, todos começaram a falar. Quando chegamos à porta de saída, papai falou:

— Jimmy; vá andando para o quarto que irei daqui a pouco.

Dirigi-me para o elevador, mas parei. No meio da multidão eu podia ver a figura alta de papai abrindo caminho para a porta de mola. De repente, senti mêdo. Não podia deixar de ver e pensar em "Cara de Anjo" atirando longe todos os que haviam tentado montá-lo. E segui papai, de longe. Meio escondido na sombra, acompanhei-o, com os olhos, descendo a rua vagarosamente. Tinha as mãos nos bolsos. Parou na frente de uma janela iluminada; ao lado havia uma porta sob os dizeres em gás neon: "Bar — Bebidas". Êle parou um pouco, olhou e entrou.

Fui espiar pela janela. Papai estava junto ao balcão, de costas para mim. Pôs o pé em cima do batente e esfregou o joelho esquerdo. E então, ainda pela janela, vi o homem do bar pôr uma garrafa e um copo em frente de meu pai, que encheu o copo e começou a levá-lo aos lábios. Por um momento tive a impressão de que nossos olhos se encontraram dentro do espelho, mas deve ter sido imaginação minha; não obstante, só sei que papai desceu o copo e entregou-o ao homem do bar, que calmamente, e de um só golpe, bebeu todo o conteúdo. Papai pôs algum dinheiro sôbre o balcão e ambos sorriram. Quando papai se virou para sair, eu tratei de correr, o mais depressa que pude, para o hotel.

O dia seguinte me pareceu interminável. A prova dos montadores seria a última da noite. Durante o dia, papai estivera ocupado, preparando condução para a viagem de volta ao rancho. Depois do jantar (nem eu nem êle comemos, quase), voltamos para a pista. Eu estava meio *nas nuvens* por poder ajudar a preparar as montarias e ficar ali junto dêle durante os preparativos. Finalmente, papai disse:

— Jimmy, pode pôr as cordas nos animais das últimas provas.

Apanhei todos os apetrechos e dei a volta até onde estavam os cavalos da prova, quietos como cavalos de arado.

"Cara de Anjo" veio até onde eu estava a espera do torrão de açúcar que eu sempre lhe trazia, mas, desta vez, eu o esquecera. Olhando aquela cabeça feia e selvagem, esfriei de mêdo. Começava a preparar os cavalos quando alguém gritou de longe.

— Pode mandar o Cyanido para ser montado por Carnaham.

Ao mesmo tempo o *speaker* anunciava:

"Senhores e senhoras, o último espetáculo do "rodeo" anual será a prova de domadores de cavalos selvagens. Aí vem direto do corredor número dois o vaqueiro Tim Carnaham montando o cavalo Cyanido!"

Fiquei um pouco mais tranqüilo. Logo estaria tudo terminado. Só queria que o "Cara de Anjo" não machucasse o velho...

Empurrei Cyanido para o corredor, onde Carnaham esperava, de pé em cima das traves, correias na mão, olhar impaciente. O montador de potros bravos faz uma demonstração de coragem e destreza; fica em cima da montaria por segundos que parecem intermináveis, mas leva tempo estudando a posição da sela, das barrigueiras e quando monta, finalmente, ainda experimenta a resistência de tudo.

O silêncio de expectativa era tal que mesmo os da última fila ouviram Carnaham gritar:

— Podem abrir a porteira!

Carnaham era dos bons. Parecia haver perfeita combinação entre êle e a montaria; instigou o cavalo no pescoço, a cada pulo, cada corcova, mas aquilo parecia um filme em câmara-lenta. Êle estava meio no ar, sôlto no espaço, antes de cair, quando o marcador encerrou o tempo.

E então foi anunciado o nome de papai.

Não sei quem levou o "Cara de Anjo" para o corredor, pois eu estava sentado na cêrca, assistindo à prova de Carnaham, quando, de repente, fiquei paralisado. Cheguei a ficar de bôca aberta olhando papai que subia para as traves.

Quis descer da cêrca para não ver, mas parecia-me que estava prêso, fascinado, e não consegui mexer-me.

Papai, no corredor, tinha o rosto pálido. Ajeitou o chapéu e cuspiu na mão esquerda. Alguém lhe entregou as calças de couro. Finalmente, montou, segurou as rédeas, experimentou a resistência e fêz sinal. O portão foi escancarado. O "Cara de Anjo" pareceu tomar impulso nas pernas de trás e então, com um grunhido, disparou. Correu alguns metros e começou a cabecear. Escoiceou duas vêzes, corcoveou furiosamente e saltou com violência. Não se ouvia na pista outro ruído que os de suas patas batendo violentamente no



chão. Foi então que papai o esporeou; mais tarde, êle me contou que havia estudado aquêle recurso para surpreender o animal. E deu resultado.

O cavalo ficou um instante parado, o corpo todo tremendo. Já havia gastado todos os seus meios violentos de atirar longe o cavaleiro e, então, num desespêro, disparou numa corrida em linha reta.

Papai continuou dominando, com as esporas descrevendo um movimento semicircular. Senti, no entanto, que êle estava cansado. Seu corpo oscilava para frente e para trás. Cheguei a ver, em certo momento, que êle ia segurar a sela com as duas mãos, mas tal não se deu; agüentou valentemente.

Então, depois daqueles minutos que pareciam intermináveis, ouvi o disparo que indicava o fim do tempo.

Papai ainda manteve a pose mais alguns segundos e então largou as rédeas, desmontando de um salto.

Não sei quando explodiram os aplausos. O som parecia vir de tôdas as direções. Os *cowboys* acenavam com os chapéus, entusiasmados e gritando como os índios. Papai ficou parado e logo uma multidão o cercou. E esta mesma multidão o ergueu no ar, carregando-o em triunfo em direção à porteira que leva para os corredores.

Um homem ao meu lado resmungou, emocionado:

— É o melhor vaqueiro que eu já vi! Coragem assim é coisa rara.

Eu sentia meus joelhos tremendo, quando desci da cêrca e abri caminho entre a multidão para chegar junto de papai. Êle agora estava sentado e seu nariz sangrava. Outro finalista foi anunciado e a multidão voltou, correndo, para vê-lo fazer a prova. Papai e eu ficamos a sós. Então perguntei, meio atrapalhado:

— Está muito ferido?

Êle abanou a cabeça e sorriu. Nesse instante, por trás do seu ombro, eu vi... mamãe! Ela vinha caminhando em nossa direção com passo firme. Chegou até onde estávamos e ficou olhando papai. Recordo-me que a cena seguinte não foi nada como eu (que era então um menino) esperava. Sem dizer uma palavra, mamãe entregou ao velho um lenço para que êle limpasse o sangue do nariz.

— Eu li o seu nome no noticiário — disse ela.

Papai tentou ficar de pé, mas a perna esquerda não agüentava o pêso do corpo. Começou a falar, mas a prova que se passava na pista provocava um vozerio ensurdecedor. Quando o barulho acalmou um pouco eu o ouvi dizer:

— Maude, talvez eu ganhe um bom dinheiro com a *chance* que o "Cara de Anjo" me deu, de mostrar como se monta.

Mamãe continuava olhando para êle, que curvou a cabeça, embaraçado.

Eu me senti na obrigação de dizer alguma coisa, fazer alguma coisa, *qualquer coisa* para quebrar aquêle silêncio. Então mamãe caminhou mais para perto dêle, pigarreou, talvez para despistar as lágrimas.

Papai abanava a cabeça, como se dissesse *Não* a uma pergunta que não fôra feita. E então ela caiu nos braços dêle.

Sim, porque, do contrário, eu não teria chorado um pouco também.

Tentei dominar as lágrimas; elas tornavam meus olhos brilhantes; mas, quando ouvimos o *speaker* anunciando o nome de papai como o vencedor, não fiz tentativa alguma para deter o pranto de alegria que correu pelas minhas faces. Papai murmurou qualquer coisa para mamãe e ela sorriu para êle, dizendo depois:

— Quer dizer que, ainda que não ganhasse hoje a prova, você conseguiu vencer pela fôrça-de-vontade... ontem, no bar? Oh! Jim, estou tão contente, tão orgulhosa!

Fiquei corado porque, já agora, êles se beijavam românticamente, enquanto vários vaqueiros e criadores vinham em nossa direção para cumprimentar o velho. Alguém soltou um assobio longo e estridente e todos riram jovialmente. Papai escorregara do banco para o chão. Senti meu rosto afogueado e comecei a caminhar para onde estavam os animais.

O "Cara de Anjo" lá estava, respirando ruidosamente e batendo com a pata dianteira no chão. Cheguei mais para perto dêle e acariciei-lhe a cabeça, onde havia um galo bem grande.

Naturalmente que eu só tinha catorze anos de idade, então, e não senti tanto orgulho de papai quanto sinto hoje...

# A GRANDE REPORTAGEM

(Episódio real)

Por F. JACOBS

POR QUE Red Burns, o sinistro criminoso de Chicago, procurou-me, antes de qualquer outro, foi coisa que jamais pude descobrir. Eu era repórter de polícia para um jornal daquela tumultuosa cidade norte-americana. Creio que leu alguns dos meus artigos e acreditou que poderia confiar em mim.

De qualquer maneira, recebi seu telefonema numa quente noite de agôsto. Foi logo dizendo: — "Estou em Saint Louis. Venha depressa. Tenho boa notícia para seu jornal". — Não pude deixar de sorrir. Dois anos antes êle tinha sido também uma "boa notícia". Conhecera Tommy O'Connor, um bandido, assassino de um policial de Chicago e que fugira da prisão de Cook, depois de matar e ferir várias pessoas. Depois disso nenhuma notícia. Tommy continuava fugitivo, se algum dos seus antigos comparsas não o tivesse, talvez, liquidado. Entretanto, Red conhecia a vida subterrânea da cidade e, quem sabe? Talvez pudesse ter uma boa informação.

Depois de conduzir-me num táxi, em caprichoso ziguezague, levou-me para o fundo de uma modesta loja de cigarros, onde afastou uma cortina, que escondia um salão.

— Êste é um esconderijo nosso — sussurrou. — O velhote lá da frente é um comparsa. Agora a notícia: vamos saquear um banco dentro de duas horas. Aluguei quarto num hotel, do outro lado da rua, de onde você poderá assistir ao "show".

Olhou-me de lado e concluiu:

— É ou não uma boa reportagem? E assim ficaremos em boas relações...

Tive que sorrir. Êle estava pagando um grande serviço que eu lhe prestara, anos atrás.

— Cada manhã, cêrca de 11 horas, um caminhão blindado chega ao banco, com sacos de dinheiro, continuou Red. Atacaremos nessa ocasião.

— Mas serão metralhados sem piedade! — disse eu.

— Preste atenção — disse êle, apressado. — O banco fica apenas a três blocos daqui, entre as ruas Olive e Heap. Em Olive fica o hotel, de nome Willow. Aqui está a chave do quarto 203. Aluguei-o esta manhã, com nome suposto... Jack Wilson.

Guardei a chave no bôlso. A coisa era fantástica. Bem que eu gostaria de assistir a uma batalha em plena rua. Mas não podia fazer isso, pois me sentiria — e de fato seria — como um cúmplice do atentado, caso cruzasse os braços e deixasse o barco correr.



— Confio em você! — declarou Red, como se lesse meus pensamentos.

Partimos. Êle desapareceu por uma outra porta, para juntar-se ao bando, enquanto eu chegava à calçada, com passo arrastado.

Havia uma farmácia na esquina. Fui até lá tomar um refrigerante e observar para verificar se não era seguido. Depois procurei a cabine telefônica no fundo da loja. Nos minutos seguintes, tratei de agir com rapidez. A seguir, saí e fui para o quarto 203.

Era coisa barata, com uma pobre cortina cobrindo tôda a janela dando para a rua. Abri-a cautelosamente e pude ver a rua, em baixo. Tudo parecia normal, com as calçadas fervilhando de pedestres e o asfalto riscado por automóveis e ônibus. Consultei o relógio. Três minutos para as onze.

Um arranhar discreto na porta e logo ouvi a voz de Red, cautelosa, pedindo que lhe desse entrada. Fui abrir e êle logo penetrou, ágil e silencioso, para explicar:

— Fiquei fora do brinquedo. Êles já eram muitos... Por isso vim ver a coisa, com você.

Fomos para a janela e ficamos observando cautelosamente o edifício do banco. Uma grande "limousine" preta estava parada junto do meio-fio, diretamente em frente da porta principal. Outro automóvel a seguia, detendo-se pouco atrás do primeiro. Muitos homens estavam saindo dos veículos. Vestiam-se à paisana e todos empunhavam uma arma — pistolas e metralhadoras de mão. Meu coração começou a bater descompassadamente. Meu aviso telefônico chegara atrasado? Já um automóvel blindado se aproximava, manobrando para ocupar o espaço entre os dois primeiros automóveis. Red rosnou ao meu lado:

— Alguma coisa está errada. Não são os nossos homens!

O caminhão blindado finalmente parara. Quatro homens da primeira "limousine" correram ao seu encontro. A porta de aço foi aberta e dois funcionários desceram, de pistola em punho. Conversaram com os primeiros e um dêles riu gostosamente. Depois, os funcionários carregaram pesados sacos sôbre os ombros, enquanto os das "limousines" formavam um cordão protetor em seu redor. Finalmente, o grupo penetrou no banco.

— Aquêles *caras* são da polícia! — voltou a rosnar Red Burns. — Alguém os preveniu. Quando os nossos companheiros viram a coisa trataram de dar o fora. O golpe falhou!

Tive que fazer um esfôrço para fingir desapontamento.

— E era essa a *grande reportagem* prometida! — exclamei, mostrando-me zangado.

Red olhou para mim, com ar envergonhado.

— Não fique zangado — disse êle. — Tratarei de arranjar outra... e mesmo duas. Fico devendo duas, agora.

* * *

## ESCOLA DE EXPLORADORES

RECENTEMENTE, a revista «Everybody's», de Londres, mandou um de seus redatores visitar um grupo de jovens escolares, que se encontravam em viagem de exploração e estudo na Colúmbia britânica. O pobre jornalista foi forçado a dirigir seu automóvel através de mil e quatrocentas milhas e, a seguir navegar em canoa cêrca de outras cem milhas, antes de atingir o acampaamento-base da expedição e retornar a Vancouver.

Em diversos momentos de sua acidentada viagem sofreu surprêsas mais ou menos desagradáveis.

De uma feita, teve que se haver com um urso: em outra ocasião seu automóvel capotou e, finalmente, quase morreu, semi-atolado num pantanal. Mas sua reportagem chegou às oficinas do jornal!



Essa foi a décima quinta expedição da «British Schools Exploring Society», fundada em 1932 pelo cirurgião chefe da Marinha Inglêsa, G. Murray Levick, que foi companheiro de Scott em sua última expedição ao Artico.

Já agora estão sendo estudados os planos para nova expedição, em 1954 — provàvelmente à Terranova, que já foi visitada por seis diferentes grupos de jovens exploradores.

A escolha dêsses escolares obedece a um critério democrático, podendo ser estudantes de Eton ou das mais humildes escolas. O custo **per capita** é de 180 libras, porém anualmente é organizado um fundo de auxílio para os alunos cujos pais não possam dispor dessa quantia. Para o próximo ano já foram recolhidas 5.000 libras.



*Eu acabara por tornar-me um impulsivo...*

# ALTOS E BAIXOS

Por WILLIAM POGANY, célebre ilustrador

ESTAS palavras do Livro Sagrado dos Hindus sempre têm especial significação para mim, quando começo a mostrarme temperamental e impulsivo.

Aceitar o êxito ou o desapontamento com desprendimento e serenidade é a verdadeira filosofia estóica com a qual tenho tentado viver. Procuro permanecer calmo em ocasiões de grande adversiadde e manter a cabeça num nível normal se alguma boa fortuna vem me favorecer.

*"Encarar vergonha e glória com igual frieza e coração tranqüilo."* —— *Bhagavda-Gita*

Essas breves e sábias palavras contêm uma clara verdade e não menos clara visão que me ajudam a enfrentar os altos e baixos da vida.

Entretanto, há duas exceções que sempre existirão através das idades: — de fato não tardei muito a descobrir que não há filosofia que preste e venha a surtir efeito contra os assaltos do amor e das dores de dentes.

E. infelizmente, a vida está cheia de ambos os males!

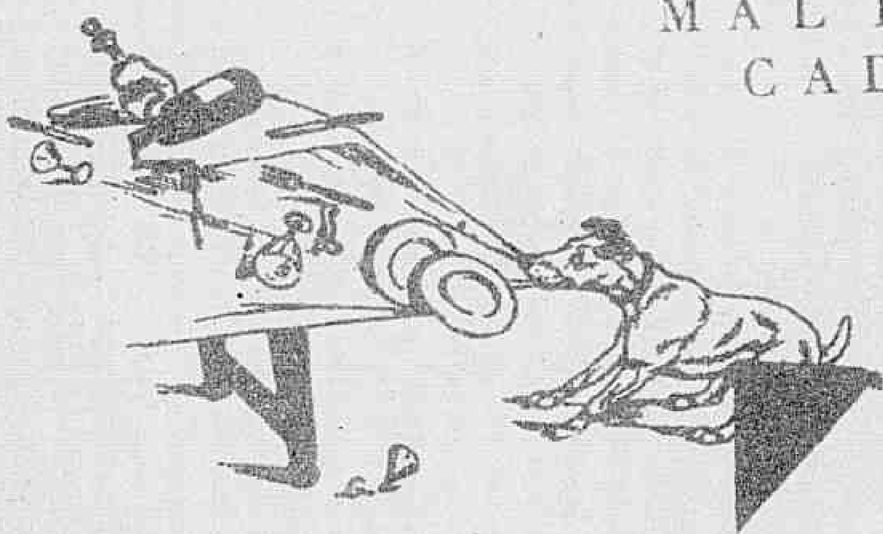
# A ARTE



POSSUIR um cão? Excelente idéia, sim; mas como escolher o animal e tratá-lo para que seja feliz sem que nos transforme em seu escravo? É o que vamos ensinar aos nossos leitores, graças aos esclarecidos conselhos de um técnico francês de nomeada, o Dr. Méry, que sôbre o assunto acaba de publicar nada menos que um livro. Dessa "arte de ser, realmente, o *dono* e *senhor* de um cão", extraímos algumas receitas utilíssimas.

★

## OS CÃES MAL EDUCADOS



Sempre batemos na mesma tecla: existem cães que são como as crianças. Odiosos ou encantadores, segundo aquilo que aprendem, isto é: quer lhe ensinemos ou não a disciplinar suas tendências. Depende, portanto, mais de nós mesmos que dêles, que os cães nos dêem satisfação ou aborrecimento, seja em casa, na residência dos amigos, na rua, nos lugares públicos, nos concursos, por tôda parte onde, partilhando nossa existência, o cão que amamos se integre, quer queira quer não, a nossas preocupações ou a nossas alegrias.

Um cão bem amestrado é um cão agradável para todos. E o seu, leitor, pode ser um cão assim — e o será sem grande esfôrço.

★

Mas não devemos ter ilusões: desde a idade de três meses a personalidade de um cão se manifesta. Dependerá quase sempre de nós que êsse travêsso, cujo ardor nos diverte, que morde sem causar mal e que, para brincar, nos assalta, venha a ser, mais tarde, um cão obediente ou, ao contrário, agressivo e rancoroso.

Nada de hábitos maus; nada de indulgência culpada; nada de severidade exagerada e brutal! A correção dolorosa assim posta de lado (que deverá ser excepcional, para não criar o mêdo, a desconfiança ou a hostilidade do aluno), tenhamos em mente que a correção ligeira é a sanção que o cão esquece mais depressa, enquanto que a recompensa (guloseima ou carícia) é a verdadeira sanção agradável que buscamos; aquela que o animal deseja que se renove o mais vêzes possível. Teremos, assim, mais probabilidade de obter resultados satisfatórios com a carícia que com a violência...

O alívio a que se entrega o cãozinho de poucos meses neste ou naquele determinado lugar, está na dependência de uma



Primeiro convém ensinar o cão a permanecer quieto e só se mover ao ouvir a voz de comando do dono

# DE POSSUIR UM CÃO

simpatia olfativa. O acaso ou a necessidade premente o força a isso, na primeira vez. A memória associativa é que provocará o mesmo fenômeno no mesmo local — se não dermos remédio para o mal com a devida urgência.

Se, por razões diversas, conservamos o animal dentro de casa, cabe-nos escolher um canto onde, com paciência, conseguiremos que o cão se alivie uma primeira vez. Então — mas só então — devemos manifestar abertamente a nossa satisfação com palavras de encorajamento. Que sejam, porém, palavras bem curtas e não frases inúteis. "Bem! *Muito* bem! *Muito* bem!", juntando-se uma carícia imediata, como prêmio.

Dois casos podem surgir:

1º — Ou o cão entra a latir, quando seus donos estão presentes. A propósito de tudo e de nada (campainha do telefone, sineta do portão, chegada de um amigo ou de um fornecedor, entrada da criada, etc.).

2 — Ou late quando está só. Começa por gemer, entusiasmando-se pouco a pouco, até que, finalmente, entra a uivar seu desgôsto ou a rosnar sua revolta...

No primeiro caso, é desaconselhável o querer *por qualquer preço* obter o silêncio. O cão que solta dois latidos para prevenir seu dono, desempenha seu papel de cão. Deixemo-lo, pois, dar o sinal de alerta, *mas apenas isso*. Para tanto, um apêlo à calma, uma zanga ligeira, mesmo um tapa suave, não serão suficientes... se, durante as primeiras semanas, consentimos que o jovem cãozinho desse livre curso à sua antipatia ou ao seu temor.

Torna-se, então, necessário que outro fator, além de nós mesmos, entre em jôgo. Alguém ou melhor "alguma coisa", que não será nós mesmos e contra quem ou contra que êle não tenha sequer a esperança, para a própria proteção, de apelar para a nossa ajuda.

Ou bem aproveitaremos a nossa ausência, para confiar a um professor especializado, como existem muitos, seu "adestramento" a domicílio ou criaremos em seu pequenino cérebro limitado o complexo do inexplicável: uma longa correia, passando por vários anéis, manipalada a distância, permitirá que executemos a seguinte manobra: alguém calca a campainha da porta ou uma pessoa qualquer penetra na sala contígua àquela em que estamos. Deixaremos o cão saltar e correr, soltar os dois ou três latidos tolerados, e, então, com um golpe sêco, sem que êle o veja nem suspeite, daremos um puxão na correia, para quebrar seu ímpeto e gritaremos brutalmente: *Chega!* O choque ineseprado e o grito, que surpreende, levarão o animal depressa a ocupar-se mais consigo mesmo que com os outros...



QUAL O QUE CONDUZ O OUTRO

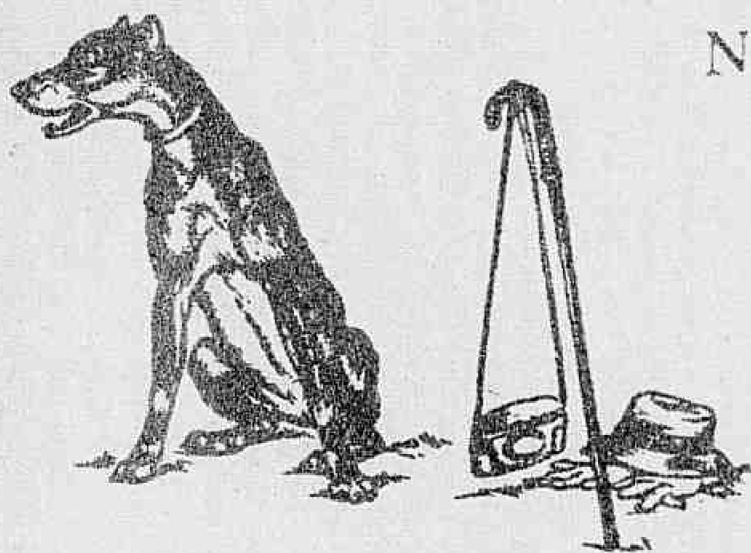
É muito fácil também habituar um cão a ficar só, quer tenha ou não apanhado o mau costume de desandar a gemer, latir ou uivar quando seus donos se ausentam.

"Ter um cão de guarda" não deve significar, realmente, "ter um cão ao qual guardamos".

Para impor silêncio ao animal é muito simples. Devemos sair ostensivamente, dizendo-lhe: *"Shh... Quieto... Bem quieto..."*

Então saímos. Mal a porta é fechada, o cão entrará a gritar, a chorar, a protestar, enfim, à sua maneira. Então faremos irrupção imediata e, com um jornal dobrado, batendo ruidosamente contra uma perna, acompanhando o gesto com um *"Que é isto?"* ou com um tonitroante *"Silêncio!"*, chamaremos o animal à realidade, tornando a desaparecer.

Desta vez o cão aguardará... Um minuto — ou dois, ou três. Devemos sentar, pacientemente, a alguma distância, do lado de fora, para surgir novamente, ao menor sinal de protesto. Recomecemos essa manobra dez vêzes, durante duas ou três noites seguidas, se fôr necessário. Não será preciso mais. Depressa o animal compreenderá. Compreenderá... *que nada compreende*; compreenderá que será bastante proferir o menor queixume para que, logo, apareçamos, com o jornal na mão...



NÃO EXISTE CÃO SÁBIO

Falemos agora do cão que tudo cheira e que rouba e que, no interior da casa, come seja lá o que fôr, seja lá onde fôr, por prazer. Não será com zangas e gritos, nem com ameaças ou pancada que dominaremos o animal. A moral do cão nesses casos muito especiais, difere totalmente da nossa: o temor da vigilância, é claro, paralisa os veleitários, mas não detém os teimosos quando se mostram surdos a tôda consciência.

Após cinco ou seis vêzes, a situação se torna clara para êle: quando o dono está presente é proibido perambular pela cozinha, provar o sabor das salsichas, focinhar sôbre a mesa já servida; mas, estando êle ausente, as "coisas" merecem ser abocanhadas, pois que as "coisas" nada contam!...

Temos, portanto, que apelar, para as "coisas", sempre que fôr possível... O cão perderá depressa o hábito de tocar no "fruto proibido" e acabaremos vencendo, mais uma vez.

*Aquêle pedaço de lingüiça, êsses biscoitos que se defendem tão maldosamente, quando um pobre cãozinho dêle se apodera! O "dono", ao contrário, os tem à sua mercê e leva a sua generosidade a oferecê-los... a abandoná-los ao cão, sem nada pedir em troca... Como o "dono" é bom e generoso! Como o adoro!*

Eis o que, "grosso modo", poderá pensar um cão...

Para alcançar êsse resultado, todos os meios são bons, desde que, sem ser brutais,



**O cão aprende depressa a caminhar ao lado do dono e o segue passo a passo, mesmo que êste percorra o caminho em ziguezague.**



**Ensinar a um cão a distinguir entre as pessoas que são consideradas amigas e inimigas do seu possuidor é fundamental...**



**O cão deve saber que seu lugar pode ser junto dos móveis da casa — nunca, porém, em hipótese alguma, «sôbre» os mesmos.**

se inspirem no mesmo princípio: um barulho infernal, desencaedado pelo próprio cão, se coloca as patas sôbre a mesa; a pimenta ou a mostarda, com a qual cobriremos alguns biscoitos, aparentemente *abandonados* num prato; a pequena armadilha indolor, mas que surpreende e assusta, ou a simples camapinha avisadora.

Questão de habilidade e boa dose de malícia!

A sabedoria mais elementar nos dita, naturalmente, que devemos sair com o cão prêso a uma correia, pelo menos nos primeiros dias, se não desejamos (na cidade principalmente) que o animal atrapalhe o caminhar das demais pessoas, atarantado e nervoso no meio da calçada, ou salte para os perigos do asfalto.

Comecemos, pois, a passear com o animal num jardim, em qualquer recinto fechado, onde o deixaremos, em liberdade, saltar e correr a sua vontade. Quando notarmos que está cansado e farto, apanhemo-lo e, depois de prolongadas carícias, levemos o animal, prêso pela correia, para a rua ou para uma estrada qualquer, bem freqüentada. Alguns dias dessa manobra serão suficientes para que o cão faça a diferença, entre o campo ou o jardim em que não há perigos e movi-



mento e a rua onde a correia é obrigatória.

E convém evitar, também, que o cão, crescendo, não tome outro hábito funesto: caminha mansamente ao nosso lado e,

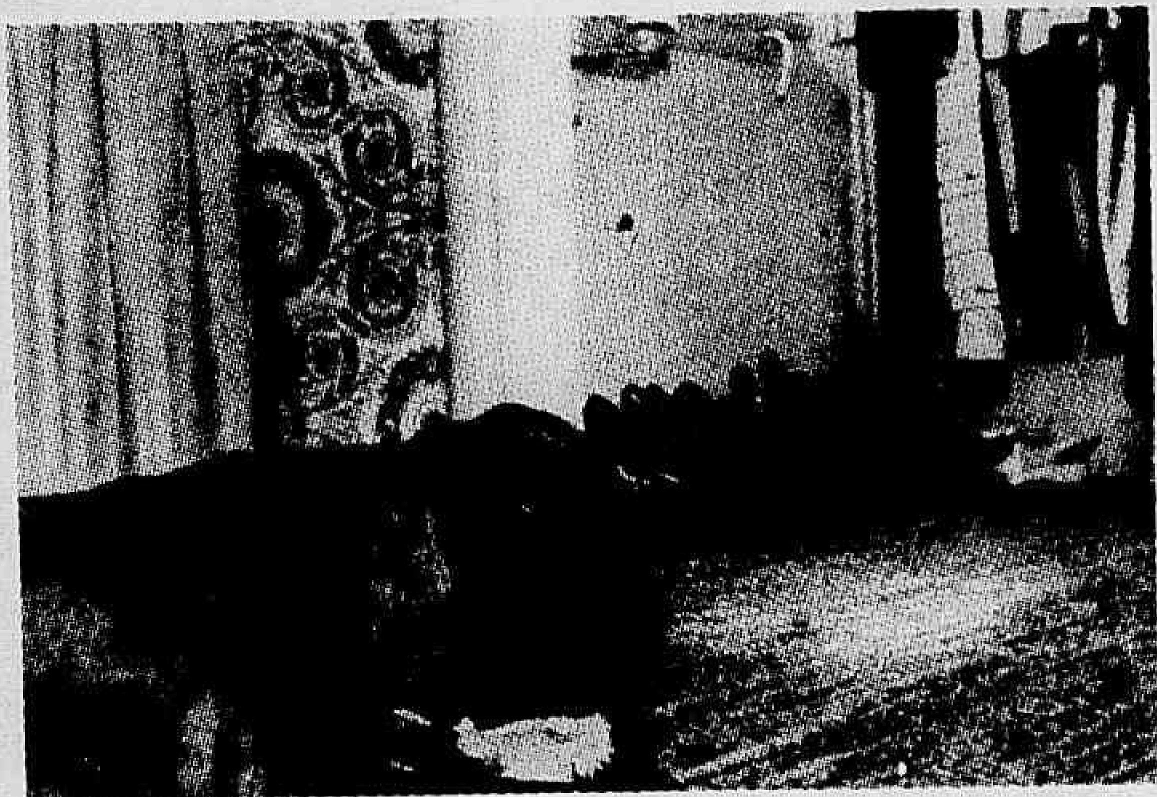


Os apaixonados abraços da criança bem que incomodam o cão, porém êle os suporta pacientemente, porque sabe que ela é «de casa» e sua amiga. Devem, porém, ser evitados os gestos brucos e violentos mesmo com os cães bem amestrados.

bruscamente, porque aparece um gato ou um papel o atrai, dá um salto e nos arrasta, com o risco de nos dar um tombo ou simplesmente tornar ridículos. Convém manter êsse fantasista com mão firme e correia curta. Na outra, um jornal, um chicotinho de criança, etc.

A cada veleidade do cão para atirar-se, puxaremos a correia bruscamente, dizendo "Não!" em tom sêco. Assim, até que se mostre atento ao menor retezamento da correia. Quando caminhar normalmente, convém dirigir-lhe, de tempos a tempos, palavras afetuosas, gestos carinhosos e dar-lhe guloseimas. Isto é bastante.

Logo ao primeiro contato escolha um nome curto para o seu cão e repita-o sempre que fôr possível, durante as lições.



Um guarda-roupa cheio de sapatos é atração quase irresistível para qualquer cão. Mas o animal aprende a respeitá-lo e, em recompensa, ganhará um sapato velho para brincar à sua vontade...

Assim êle atenderá prontamente ao chamado do dono.

A aprendizagem mais rápida é conseguida aproveitando-se esta ou aquela disposição natural do cão, associando sua manifestação ou repetição a uma recompensa. O animal é louco por açúcar? Levanta o olhar e a cabeça, olhos brilhantes à hora de receber o presente? Ensine-o primeiro, a sentar. Tal exercício deve começar a partir do quarto mês. Desde que um cão quer repousar, senta ou deita. Mas se há diversas maneiras de deitar, há para o cão uma só de sentar.

Habitue o animal a sentar à uma ordem e a ficar nessa posição enquanto não receber ordem em contrário.

É a melhor maneira de pôr um cão "em guarda". Se êle fica de pé sôbre as quatro patas, acariciar sua cabeça com a mão esquerda, repetindo: "Sentado! Sentado!", exercendo pressão cada vez maior sôbre o lombo, enquanto com a mão direita, erguendo o focinho, forçar o cão a levantar a cabeça. Assim solicitado por duas pressões em sentido inverso, só haverá para êle uma solução: sentar mesmo. Recompensá-lo, então, com carícias e açúcar.

Com tais processos obteremos do cão sòmente horas tranqüilas e de segurança. Nada de atropelos, sustos, gritos e correrias desagradáveis.

Cada lição bem aprendida será, é claro, recompensada. Não repetir, porém, cada exercício, mais de seis vêzes por sessão.

★ ★

## ÁGUA "SUPERÚMIDA"

OCORREU, recentemente, nos Estados Unidos, um incêndio que consumiu quase inteiramente 4.000 toneladas de borracha e 2.000 toneladas de tanino.

O fogo já lavrara há dois dias, tendo fracassado todos os métodos usados no combate às chamas, quando, finalmente, o comandante dos bombeiros resolveu empregar a água «superúmida». Duas horas e meia depois, o fogo estava dominado.

A surpreendente água «úmida» é um novo composto químico. Um litro da substância química, que é vendida sob o nome de «Rockwood Wet», é misturada com 100 litros de água. O objetivo visado pela substância química é tornar a água «mais úmida», quer dizer, dar-lhe um maior poder de penetração, de maneira que possa chegar até ao interior dos materiais que estão sendo destruídos pelo fogo.

Foi esta a primeira vez que se conseguiu apagar com água um incêndio em que o material combustível era borracha.

O produto químico, com seu assombroso poder de tornar a água «mais úmida» encontrará grande aplicação para dominar o fogo que, como já foi dito, é «um bom servidor, porém mau senhor».

## OS COMEDORES DE CARNE

TALVEZ por não conseguir cumprir a missão para a qual foi destinada, a ONU se ocupa, em suas horas vagas, de estabelecer estatísticas. Sôbre tudo e seja lá o que fôr, sendo seu intuito principal ocupar seus numerosos funcionários.

Êsse trabalho gigantesco atinge, de tempos a tempos, a verificações possìvelmente curiosas, mas cujo alcance prático escapa ao comum dos mortais.

Ainda recentemente recebemos uma comunicação dêsse órgão internacional sôbre os resultados de um longo estudo sôbre o consumo da carne através do mundo. Por êle ficamos sabendo que os nossos irmãos, os uruguaios, são os campeões da alimentação carnívora, com 281 libras por ano e por habitante, enquanto que os japonêses são os últimos classificados, com menos de 2 libras!

Isto, repetimos, não prova lá grande coisa, a não ser que os gostos dependem da natureza e que se alguém desejar enriquecer como açougueiro é preferível que não abra um estabelecimento no país do Mikado.

★

## DEFINIÇÃO

Ter **sense of humour** é rir de um caso qualquer que nos deixaria fulos de raiva se acontecesse conosco.




O SENHOR VIU O MEU CÃOZINHO?

UM jornal parisiense publicou, certa vez, a fotografia acima. Desde então, a pedido dos leitores, por meio de cartas e telefonemas, teve que publicá-la mais duas vêzes. E, de fato, merece. Não gostamos de ouvir várias vêzes uma determinada música? Não revemos muitas vêzes um quadro? Pois a fotografia acima merece ser vista muitas vêzes. O garotinho percorre a vizinhança, procurando pelo seu cãozinho perdido. E pergunta, de porta em porta. No seu rostinho há um mundo de ansiedade, prestes a explodir em alegria louca, transformando-lhe a fisionomia num sorriso de felicidade ou a traduzir tôda a sua dor, nas lágrimas que estão ali, já nas pálpebras, prontas a correr, intermináveis... Nos seus olhinhos e no gesto gentil há uma eloqüência que nos esmaga os sentidos porque nos relata um drama que as palavras não podem traduzir...

# GRÁTIS

O maravilhoso romance
da insigne escritora
DAPHNE DU MAURIER

## MINHA PRIMA RAQUEL

A mais aplaudida obra
da famosa autora de
"REBECA" e "OS PARASITAS".




Juntamente com a
**SELEÇÃO DE DEZEMBRO**

INSCREVA-SE HOJE MESMO NO *Livro do Mês*, E

**ÊSTES DOIS MAGNÍFICOS LIVROS SERÃO SEUS.**




**Centenas de livros são editados anualmente. É humanamente impossível ler todos e muito difícel escolher os melhores. "Livro do Mês" lhe presta êsse serviço, selecionando mensalmente a melhor obra publicada.**

**Adquirindo sòmente o mínimo de quatro livros por ano, V. S. gozará das enormes vantagens que sua inscrição em "Livro do Mês" representa: receberá um magnífico livro-prêmio, completamente grátis, junto com a primeira seleção que adquirir e mais outro livro-dividendo, *também grátis*, para cada grupo de seis seleções. Receberá ainda o Boletim bimestral que o informará de nossas seleções. Não há taxa de inscrição, jóia ou quaisquer outras despesas adicionais.**

**Milhares de associados plenamente satisfeitos são a melhor prova da excelência de nosso plano e de nossas seleções.**




GRAFIX

DAPHNE DU MAURIER
reuniu neste livro seis excelentes novelas de grande valor literário e cujos títulos damos em seguida:

- BEIJA-ME OUTRA VEZ, DESCONHECIDO
- MONTE VERITÁ
- AS AVES
- A MACIEIRA
- O PEQUENO FOTÓGRAFO
- O VELHO

INSCREVA-SE VOCÊ TAMBÉM, REMETENDO-NOS HOJE MESMO ÊSTE CUPOM

**GRÁTIS: "MINHA PRIMA RAQUEL"**

**LIVRO DO MÊS**
São Paulo — Rua 7 de Abril, 34 — 3.º
Rio de Janeiro — Rua do Ouvidor, 140
Pôrto Alegre — Rua dos Andradas, 991

Queiram inscrever-me como sócio do "Livro do Mês" e enviar-me ABSOLUTAMENTE GRÁTIS, como prêmio, o livro indicado no espaço acima, juntamente com a seleção do mês "BEIJA-ME OUTRA VEZ, DESCONHECIDO", pela importância de Cr$ 75.00.

Vv. Ss. me remeterão, também GRÁTIS, um livro-dividendo para cada grupo de seis seleções que venha a adquirir. Estou ciente de que me enviarão regularmente a Seleção Mensal, a menos que ordene antecipadamente o contrário, e de que meu único compromisso consiste em comprar um mínimo de quatro livros dentre os apresentados nos doze primeiros meses.

Os livros deverão ser remetidos para:

Nome .................................... Fone ..........

Rua e N.º ...............................................

Cidade .............................. Estado ................

# VOCÊ JÁ VIVEU ANTES?



— Neste quarto fui assassinada em minha vida anterior — balbuciou a sonâmbula. Teria ela, realmente, vivido antes? E podia se recordar do fato?

Por TREVOR HOLLOWAY

*Fatos e panoramas ocorrem e surgem, às vêzes, pela primeira vez... e que, no entanto,* **não são novos** *para nós.*

HÁ momentos, em nossa vida, em que prontamente exclamamos:

— Engraçado! Êste lugar parece familiar para mim! No entanto, embora todos os detalhes nos sejam "como velhas recordações" *jamais ali estivemos em nossa vida!*

As pessoas que acreditam na reincarnação afirmam que isso é devido ao fato da pessoa haver passado uma prévia existência na terra, tendo vivido naquele lugar ou próximo dêle durante a sua vida anterior.

Na verdade, tal como é apresentada atualmente, a teoria da reincarnação ainda está para ser provada ou renegada definitivamente.

No presente artigo não pretendemos defendê-la nem combatê-la, mas apenas apresentar certos fatos, alguns talvez fantasiosos, outros positivos em seus detalhes, deixando ao leitor o cuidado de sua interpretação.

Houve quem afirmasse, há tempos, que George Bernard Shaw tivera uma prévia existência, 2 300 anos antes, como... Eurípedes, o grande trágico da Grécia antiga; outros juram que a reincarnada Cleopatra é, atualmente, uma insignificante criaturinha, vivendo em Paris, e que a rainha Elizabeth da época dos Tudor é, na atualidade, uma ativa comerciante, nascida num arrabalde pobre de Londres.

É longa, realmente, a lista de outras tantas "célebres reincarnações", indo desde Júlio César até Napoleão Bonaparte.

Tais histórias dificilmente podemos ignorar, dado que são produto de sensacionalistas.

NÃO ocorre o mesmo com a espantosa história de Íris Farezady, uma mocinha de quinze anos, filha de um engenheiro de Budapeste, e cujo nome encheu colunas dos jornais de todo o

mundo, em 1935. Íris adoeceu tão gravemente de "influenza", naquele ano, que houve um momento em que foi considerada morta.

A crise passou, felizmente, e a menina recuperou a saúde. Fìsicamente, a recuperação foi total, porém sua personalidade se transformou inteiramente, passando a ser, de fato, outra pessoa, muito diferente da que fôra até então, e com total desconhecimento de sua língua de berço.

Entrou a falar ùnicamente espanhol. Ao fim de algumas semanas reconheceu sua mãe, mas a ela se dirigindo sempre como "Señora".

Muito surpreendido com o fato, o pai tratou de chamar um intérprete espanhol. Para êste, em castelhano fluente, a menina fêz a espantosa descrição de sua nova identidade:

— Sou a senhora Lúcia Altarez de Sálvio. Fui espôsa de um operário de Madrid e tive catorze filhos.

"Morri há poucos dias e agora retornei a êste país estranho e não posso explicar o que aconteceu comigo."

Os médicos, chamados a fim de investigar o fenômeno, mostraram-se totalmente desorientados, pois verificaram que a menina podia cantar em espanhol, preparar pratos tìpicamente espanhóis, assim como descrever ruas e edifícios de Madrid, com absoluta fidelidade, a despeito do fato de jamais haver abandonado a sua Hungria natal. Tratar-se-ia, realmente, de um caso de reincarnação? Teria a senhora Lúcia Altarez de Sálvio morrido em Madrid e a sua alma se apossado do corpo de Íris Farezady *naquele curto instante em que a menina foi considerada morta?*

São incontáveis as pessoas que acreditam no fato, afirmando que foi isso o que realmente aconteceu.



**Muitas pessoas têm a abaladora sensação de recordar um lugar em que nunca estiveram antes... (Cena de «Dead Men Walk», com George Kuco.)**

CONTAREMOS, a seguir, o que pode ser considerada uma dupla história de reincarnação. A sra. Ada McLaren, jornalista e escritora londrina, tão convencida estava de haver tido uma prévia existência, como filha de um mercador da Babilônia, que escreveu uma novela sôbre o tema.

Nessa obra, entre outras coisas, descreveu a sua luta tenaz no sentido de unir-se matrimonialmente ao seu amado, Merondo-Oásis, sendo, porém, forçada a casar com um aventureiro romano.

Agora, a parte mais extraordinária da sua história e, de fato, a parte da sua verdadeira vida. Um editor aceitou o manuscrito da sra. McLaren, publicando-o passados alguns meses.

Dois dias depois do lançamento do livro no mercado, a sra. McLaren recebeu a visita de um homem a quem imediatamente reconheceu... *como o seu antigo enamorado e herói de sua novela: Merondo-Deserto!*

Também êle havia escrito uma novela, que, embora ainda não publicada (exibiu os manuscritos), era idêntica em tema

ao próprio trabalho da sra. McLaren, havendo apenas diferenças relativas aos pontos de vista de ambos.

Poderia o longo braço da coincidência ser realmente tão extenso para provocar essa identidade de imaginação e êsse encontro, ou devemos, antes, aceitar como boa e real explicação a reincarnação dos antigos enamorados?

UM caso que pode ser considerado clássico entre tôdas as histórias de reincarnação é o que está ligado ao famoso pintor e poeta Dante Gabriel Rossetti. Como muitos de nossos leitores devem saber, entre as suas obras mais estimadas surge "A Donzela Ferida".

Por ocasião dêsse trabalho, Rossetti procurava incansàvelmente um modêlo que pudesse representar, de fato, a encantadora criatura de sua imaginação.

Foi o poeta Swinburne, seu amigo particular, quem sugeriu ao pintor que, como modêlo do seu futuro famoso quadro, usasse Elizabeth Siddal, cujo rosto era "um delicioso flagrante de beleza quase irreal, coragem, fortaleza e indizível doçura."



**A teoria de reincarnação ainda não foi provada... Mas, de fato, certas pessoas recordam detalhes de uma outra vida anterior...**

Tão entusiasmado ficou Rossetti com os encantos naturais de seu modêlo que não tardou a se apaixonar por Elizabeth, que correspondeu a êsse amor.

Finalmente o quadro ficou pronto e, apresentado na Real Academia, alcançou um dos mais altos prêmios.

Ao fim de algumas semanas, um crítico observou que havia uma espantosa semelhança entre o retrato pintado por Rossetti e um quadro representando Sta. Inês da Intercessão, existente num museu de Bolonha, Itália. Poucos meses depois do mencionado crítico haver escrito êsse comentário, Elizabeth Siddal adoeceu. Prontamente, Rossetti decidiu casar-se com seu modêlo, alimentando a esperança de que essa grande felicidade a ajudasse a recuperar a saúde. Infelizmente, dois anos depois Elizabeth morria.

Desesperado, decidiu visitar Bolonha, a fim de conhecer o quadro representativo de Sta. Inês.

Penetrou no museu e estacou, imobilizado pela surprêsa, diante do retrato...

*porque as feições pintadas no mesmo eram de fato as de Elizabeth Siddal!*

Imediatamente, interrogou o diretor do museu.

O homem pouco sabia. Entretanto, podia mostrar um retrato do autor, "caso interessasse". Tratava-se de um artista chamado Angioleri, que tinha vivido no século XV.

ROSSETTI, com o retrato em mão, olhava para o mesmo como se estivesse em transe -- porque aquêle homem, que morrera há tantos anos, *era... êle próprio!* Como se fôsse o seu próprio retrato!

Convencido de que via o seu próprio retrato, Rossetti lembrou-se de duas linhas do verso que escrevera para sua adorada Elizabeth, pouco antes de sua morte.

*"Você já foi minha, antes...*
*Há quanto tempo não sei dizer..."*

Mas, *agora*, sabia, e para o resto de sua vida ficou convencido de que quatro séculos antes vivera como Angioleri e que Elizabeth Siddal tinha sido a reincarnação da linda criatura que quatrocentos anos antes êle próprio havia empregado como modêlo para o retrato de Sta. Inês e que havia sido sua espôsa duas vêzes.

Seria realmente o amor de ambos tão forte para resistir através dos séculos, permitindo que o dedicado par voltasse a se unir uma vez mais, embora por pouco tempo, como espôso e espôsa, por meio da reincarnação?

Ou será mais conveniente anular o tema encantador com esta palavra nada romântica: *coincidência...?*

O dr. Alexandre Cannon, que foi durante algum tempo membro do Hospital Mental do Condado de Londres, tendo mesmo figurado destacadamente em vários congressos internacionais, contou, certa vez, uma história extraordinária e perfeitamente autenticada, referente a uma jovem mulher que descobriu, repentinamente, *já ter vivido outra vida*, descrevendo mesmo *como havia morrido*.

Um jovem advogado de Budapest encetou, com sua jovem espôsa, uma viagem de lua-de-mel ao longo do Danúbio e chegando, finalmente, a uma determinada localidade, Passu, onde jamais êle próprio ou a espôsa haviam estado.

Foi nesse ponto que a jovem espôsa se mostrou estranhamente indisposta e apreensiva.

Tôda a região lhe parecia familiar e, quando encetaram um passeio, descobriu que podia antecipar todos os acidentes do terreno e de panorama com certeza infalível. *Nada, ali, era novo para ela!*

Contou ao marido que, pouco mais além, havia um velho castelo, descrevendo-o detalhadamente, pedra por pedra, sem a menor hesitação.

Achando graça no que ouvia, o advogado declarou que ela estava sonhando, porém, à vista da insistência de sua jovem espôsa, decidiu interrogar os habitantes do lugar e acabou sabendo que a descrição que ouvira dela era absolutamente exata.

Depois, como ela insistisse, decidiu que visitariam o castelo. Ali, mais assombrado ficou o advogado, quando sua espôsa revelou conhecer maiores detalhes sôbre o lugar e o edifício milenário. De fato, afirmou ela que, em determinado local do castelo, havia um quarto que se conservara fechado por muitos e muitos anos.

O guia reconheceu que assim era, realmente, mas que, estando as chaves desaparecidas, nem êle próprio jamais pudera penetrar naquele cômodo.

— *Venha comigo e lhe mostrarei onde estão as chaves* — disse ela.

Na verdade, as chaves foram encontradas no exato lugar que indicou!

No momento em que o velho guia se preparava para abrir a porta, ela, com voz trêmula, anunciou:

— *Vamos encontrar dois corpos nesse quarto."*

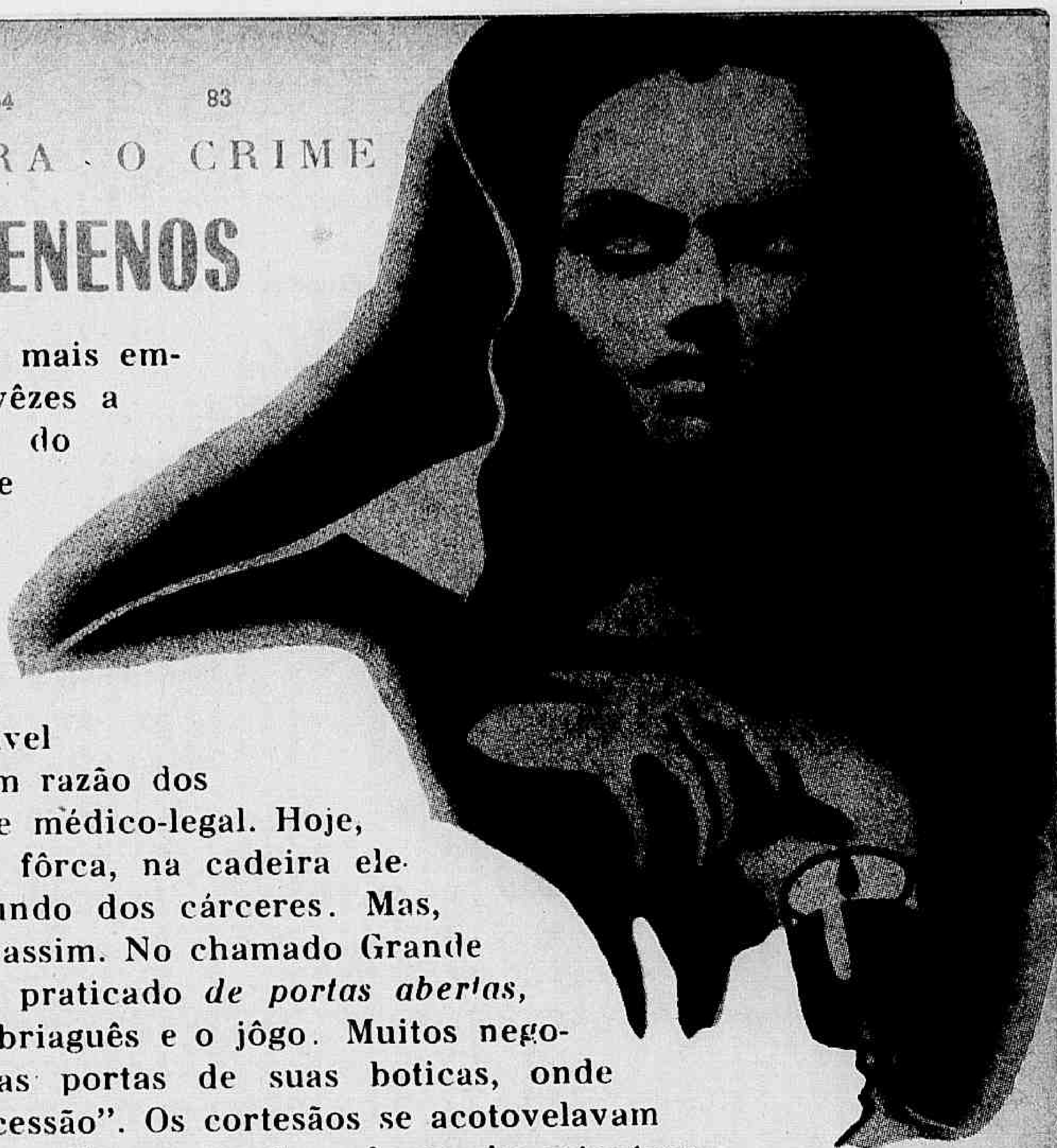
A porta foi empurrada, provocando um gemido metálico. Na outra extremidade, sôbre o chão de pedra, estavam dois esqueletos, sendo que no flanco de um dêles havia uma velha adaga enferrujada.

— *Neste quarto eu fui assassinada...* — murmurou a visitante. A seguir, tombou, desmaiada.

Que opina o leitor? Coincidência ou prova de uma prévia existência neste planêta?

A CIÊNCIA CONTRA O CRIME

# O DRAMA DOS VENENOS



São as mulheres (quatro vêzes mais que os homens) as que usam, com mais freqüência o recurso do veneno para matar...

O veneno é uma das armas mais empregadas — e algumas vêzes a mais perfeita — do arsenal do crime. Teve as preferências de Nero e de Agripina, sem esquecer os Bórgia, de sinistra memória e cujos segredos químicos jamais puderam ser inteiramente elucidados. Nossa época, entretanto, não é favorável à carreira de envenenador, em razão dos enormes progressos da análise médico-legal. Hoje, os envenenadores acabam na fôrca, na cadeira elétrica, na guilhotina ou no fundo dos cárceres. Mas, infelizmente, nem sempre foi assim. No chamado Grande Século, o envenenamento era praticado *de portas abertas*, como em outros tempo a embriaguês e o jôgo. Muitos negociantes mantinham abertas as portas de suas boticas, onde eram vendidos os "pós de sucessão". Os cortesãos se acotovelavam nessas lojas principalmente na França, onde a freguesia ostentava os maiores nomes da nobreza. A Voisin, de triste memória, chegou a reunir fabulosa fortuna. A Brinvilliers, outra envenenadora famosa, subiu com um orgulho acerbo ao cadafalso. O próprio Racine, o suave Racine chegou a ser mencionado — por maldade, sem dúvida — por ocasião dêsses tristes e arrepiantes escândalos.

As "receitas" dessas curiosas especialidades haviam de parecer grosseiras aos químicos de hoje. Em geral, apelavam para o arsênico, ao qual eram adicionados outros venenos vegetais menos ativos... e que proporcionariam à polícia de hoje meios para apanhar o culpado em vinte e quatro horas!

Havia, porém, um certo "veneno de sapo distilado", do qual uma só gôta chegava para matar um homem em terríveis convulsões, mas cujo segrêdo, infelizmente (se assim podemos dizer), não é conhecido. Uma das mortes cuja recordação chegou até nós foi a de Henriette da Inglaterra. Essa princesa era a primeira espôsa de Gastão de Orléans, mais conhecido por *Monsieur*, irmão do rei. Henriette morreu repentinamente, em 1670, em circunstâncias extremamente suspeitas. Alguns de nossos leitores não devem estar esquecidos da grande voz de Bossuet:

*"Madame se meurt, Madame est morte!... Ce matin, elle fleurissait avec*



*quelles graces vous le savez; ce soir nous la vimes séchée."*

O rei, segundo é sabido, não fêz talvez o impossível para esclarecer o mistério. Houve, realmente, uma autópsia, feita diante de testemunhas indicadas pelo rei da Inglaterra, irmão da vítima. Mas a incrível falta de habilidade de um moço ajudante, transpassando com seu instrumento o estômago do cadáver, deixou transparecer que se queria, antes de tudo, fazer desaparecer uma perfuração suspeita.



James March, inventor do primeiro método para descobrir o arsênico.

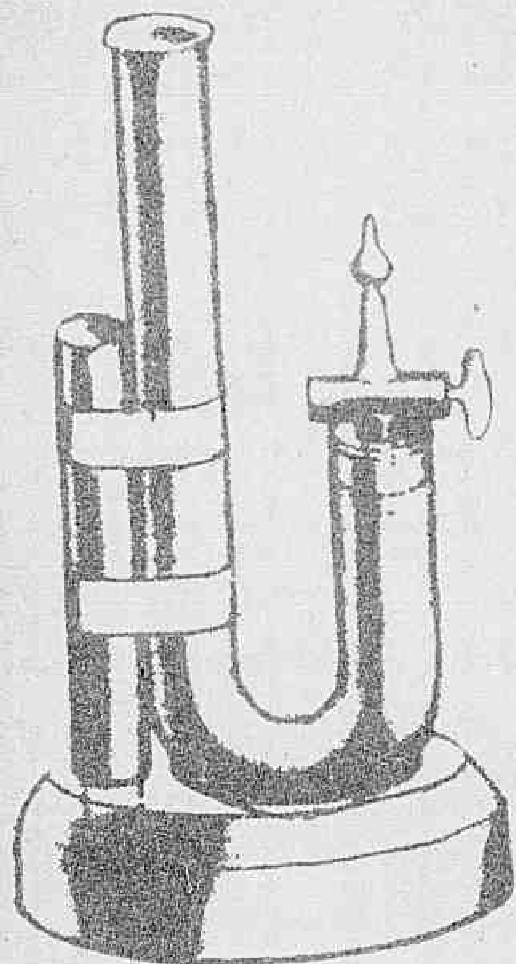
Entretanto, segundo recentes trabalhos de certos eruditos franceses, seria possível atribuir a morte da encantadora princesa a um veneno duplo, a um tempo mineral e *microbiano*, conseguido na Itália e com o qual o sinistro cavalheiro d'Effiat teria esfregado o bordo da taça mortal. Êsse veneno microbiano se aparentaria, sem dúvida, com o muito célebre Botulinum, estudado atualmente nos laboratórios da morte do Campo-Dietrich, no Estado de Maryland, Estados Unidos da América do Norte, e que permitiria, em caso da guerra bacteriológica, suprimir, com facilidade, vários milhões de indivíduos! O duplo veneno explicaria a ação brusca, o grito desesperado da princesa: *"Ah! Que dor! Devo estar envenenada!"*, assim como as circunstâncias ulteriores da morte, que fazem lembrar a ação das toxinas microbianas.

Essas toxinas eram obtidas, na época, por meio de carne avariada, podre mesmo, da qual extraíam elixires (!), ou matando lentamente um porco a golpes de vara: o sangue do animal enraivecido fornecia a toxina desejada...

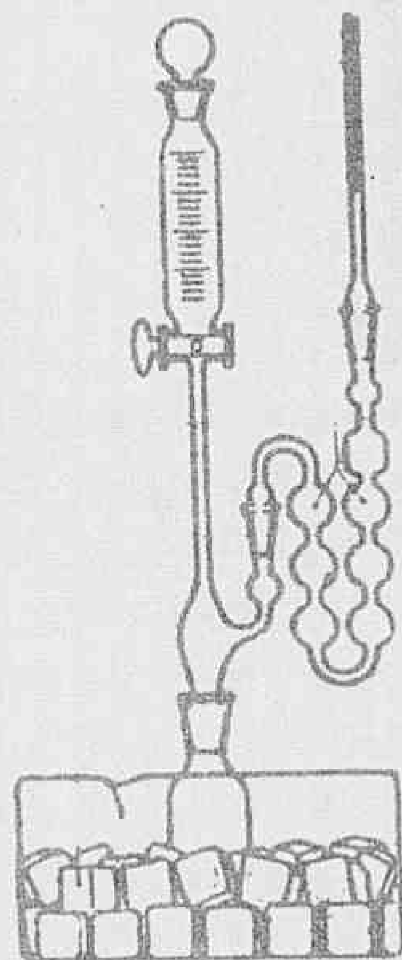
Podemos afirmar, porém, sem violar qualquer segrêdo de laboratório, que os envenenadores de hoje fazem coisa muito superior.

Uma imperturbável tranqüilidade é um dos traços dominantes dêsse tipo de criminoso, que acredita sempre, graças a um luxo de precauções, estar seguro de impunidade... E como se engenham na administração do veneno!

Vejamos, como exemplo típico, o caso do dr. Perley Mordecai, dentista e morfinômano, que teve a idéia de matar seu sôgro, a fim de herdar mais depressa. Mordecai, que tratava dos dentes do sôgro, introduziu aconitina num curativo. O produto penetrou, por dissolução progressiva, no sistema digestivo e causou a morte em terríveis convulsões. Um exame toxicológico atento permitiu a descoberta do veneno no estômago do



O aparelho de March. Pela parte curta do tubo introduz-se uma lâmina de zinco; pela parte alta deita-se o líquido suspeito, convertendo-se ácido sulfúrico, até submergir o zinco. A seguir deixa-se sair um pouco do hidrogênio formado, fecha-se o grifo e torna-se a abri-lo, uma vez o líquido expelido do outro lado do zinco pelo gás desprendido. Atea-se fogo ao jôrro gasoso esmagando-se a chama com um vidro frio, sôbre o qual surgem placas negras e brilhantes, caso a matéria esteja, de fato, contaminada pelo arsênico.



O aparelho de Truffert de papel fotográfico. Utilizando o enegrecimento de um papel impregnado de sal de prata pelo hidrogênio-arseniado (reação de Gutzeit). Truffert empregou, para descobrir o arsênico, um papel fotográfico de tomada direta, metido num tubo formando «câmara escura». A solução é tratada como se fazia anteriormente com o frasco. O gás desprendido, primeiro fica purificado num lavador de potassa; depois, dirigido por um bisel de vidro, vai sôbre a parte sensível do papel fotográfico, no qual deixa mancha... quando está carregado de hidrogênio arseniado.

morto, acompanhado — para infelicidade do culpado — de alguns fragmentos sugestivos de gutta-percha, proveniente do curativo dentário. O dentista, acusado de "assassinato em primeiro grau", foi condenado a morrer na câmara de gás.

Há, também, o caso, muito conhecido e que serviu de origem ao filme *Arsenic and old laces*. A sra. Archer-Mulligan, proprietária de uma casa de repouso, em Connecticut tornara-se, ao chegar à idade avançada, uma verdadeira virtuosa do arsênico, talento que ela associava estranhamente à sua paixão pela música de igreja.



**Um bom cirurgião-dentista sabe administrar um «remédio» definitivo.**

Seu método nada encerrava de original: persuadia seus pensionistas a redigir um testamento em seu favor e a seguir êles morriam, um após outro, aparentemente de morte natural. Alegou, em sua defesa, que havia empregado a maior parte da fortuna assim adquirida na compra de um órgão para a igreja de sua cidade.

Era verdade, mas não pareceu desculpa suficiente para o júri, porque a estranha assassina administrara, em cinco anos, uma dose de arsênico suficiente para matar um regimento de cavalaria... inclusive os cavalos!



**São bastante variados os meios empregados para se envenenar em família...**

Dezoito anos de experiências permitaram a Gettler, o grande especialista norte-americano, verificar que os venenos mais comumente empregados são: o arsênico, ao qual recorrem os indivíduos rústicos e ignorantes; a morfina e a estriquinina, venenos preferidos pelos médicos criminosos: iôdo, os cianuretos e o ácido fênico, muito corrosivos e que provocam morte dolorosa; veronal, fósforo, heroína, cocaína e clorofórmio, empregados principalmente pelos adeptos da droga.

O ácido oxálico, o fósforo, o óxido de carbono surgem, quase sempre, nos casos de envenenamentos domésticos. Êste último é um veneno gasoso, que combina com os glóbulos vermelhos e pode ser identificado no cadáver vários meses após a morte.

A ação mortífera dos diferentes venenos é muito variada. O mercúrio ataca os rins e causa a morte pela nefrite; a digitalina afeta o coração como uma corrente elétrica que faz saltar o filamento de uma lâmpada. A estriquinina provoca o tétano pela ação sôbre a moela espinhal; o óxido de carbono, alterando o sangue, provoca uma asfixia generalizada.

O envenenamento pela morfina é reconehcido por uma contração anormal das pupilas do cadáver. Um médico criminoso teve a idéia de instilar nos olhos de sua vítima uma dose de beladona suficiente para redilatar as pupilas até suas dimensões normais.

Foram necessárias três longas séries de experiências para confundir o culpado, ao passo que, hoje, a presença simultânea de morfina e beladona seria estabelecida ràpidamente por um teste toxicológico.

É contada, entre os peritos no assunto, a história de um indivíduo, Mike Malloy, o "*vagabundo que não queria morrer*".

O dono de um bar de ínfima ordem, na Sexta Avenida, onde Mike fazia suas libações, concebeu o plano maquiavélico

de segurar a vida do seu cliente pela miserável quantia de 600 dólares e, a seguir, envenená-lo.

Com a cumplicidade de um *chauffeur* de táxi e de um garção do bar, tratou de embriagar o pobre Mike, grátis, com vinho ordinário, ao qual juntara um veneno qualquer. Longe de morrer, como esperavam os cúmplices, Mike reclamou, aos gritos, um suplemento daquela "coisa gostosa".



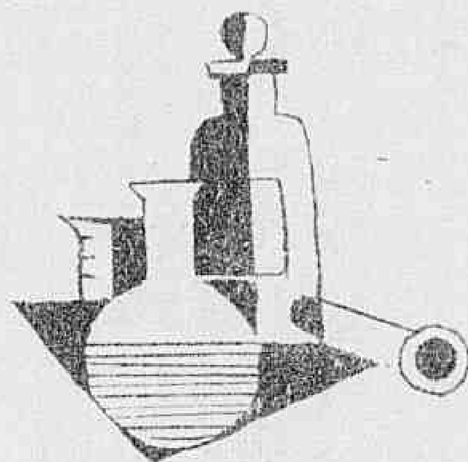
Serviram-lhe ostras regadas com aldeído fórmico. Mike pediu mais e mais, abençoando a mão que lhe servia o regalo. Abriram, então, especialmente para êle, uma lata de sardinha, polvilhada com fragmentos do metal da tampa; tudo em vão. Mike começou até a engordar. Devorou aquêle *hors-d'oeuvre* metálico quase chorando de gratidão.

Desesperando de alcançar o que desejavam, os três cúmplices encheram o desgraçado de álcool metílico, meteram-no numa banheira e, assim encharcado, foi atirado à rua, numa noite gelada. Para maior segurança, o *chauffeur* tratou de passar uma ou duas vêzes com seu pesado veículo sôbre o maltratado corpo. Na manhã seguinte, Mike despertou da carraspana, sem o mais leve resfriado!

Resolvidos a acabar com êsse *gracejo*, os três homens introduziram um tubo de gás na bôca de seu cliente, assim mantendo o instrumento de tortura, até que o pobre diabo entregou a alma a Deus.

Um médico inescrupuloso se deixou convencer pelos três cúmplices e assinou um atestado de óbito por... *pneumonia!*

Depois de Mike estar bem enterrado, o trio reclamou o montante do seguro. A seguradora, entretanto, teve lá suas suspeitas e, seis meses após o enterramento, conseguiu a ordem para exumar o corpo, para fins de autópsia. O dr. Gettler foi encarregado dêsse serviço e não teve dificuldade em verificar que o sangue de Mike estava saturado de óxido de carbono, combinado com a hemoglobina dos glóbulos vermelhos, sob a forma de *carboxyhemoglobina* estável.



Assim, os três assassinos foram condenados e executados — e o médico teve bastante tempo (quatro anos) para meditar na prisão, sôbre os inconvenientes dos atestados levianos.

★ ★

## FACILITADO O DIAGNÓSTICO DA ARTERIOSCLEROSE

JÁ é possível determinar-se se uma pessoa tem tendência para a arteriosclerose, por meio de três provas de laboratório relativamente simples segundo anunciou o dr. Thadeu D. Labecki, numa recente reunião da Sociedade Norte-Americana para o Estudo da Arteriosclerose.

Duas das provas medem o tamanho das partículas de gorduras no sangue e o terceiro exame, já conhecido na medicina desde algum tempo, determina quanto colesterol — outra substância gordurosa — circula na corrente sanguínea.

Acredita-se que, em determinados indivíduos, o organismo não utiliza adequadamente essas partículas de gordura, que se depositam na parte interior das artérias, provocando o seu endurecimento e obstruindo a circulação.

As pesquisas do dr. Labecki fazem parte de um amplo programa destinado a determinar até que ponto essas partículas gordurosas da corrente circulatória refletem uma tendência para a arteriosclerose. Em muitos casos estudados, as provas de laboratório demonstraram que a enfermidade podia ser diagnosticada antes dos pacientes apresentarem qualquer sintoma clínico.

# POR TRÁS DA PORTA AMARELA

*Romance de VALENTIM WILLIAMS*

*Capítulo XXVI*

## O INESPERADO

Tio Eustáquio acompanhara sir Charles, Rodney e Aline ao inquérito. Após a audiência, que fôra curta, sir Charles e o filho ficaram conversando com o advogado da família, mr. Lamb, enquanto o velho tio levava a jovem norte-americana para tomar chá no Rumpelmeyer.

Embora não tivesse sido chamada a depor, Aline saiu do tribunal num estado de depressão que nem tôdas as gentilezas do tio Eustáquio puderam dissipar. O salão do *coroner*, com seu cheiro de ácido fênico e de humanidade mal lavada, o soalho pouco asseado, seu amontoado de espectadores indiferentes e de fisionomia triste, haviam esmagado os seus nervos. Regressando a Frant House, encontrou no "hall" uma vasta correspondência da América.

Às cartas e aos jornais se juntava um telegrama. Era da sua família e, ao abri-lo, Aline fêz uma pequena careta diante do grande espelho veneziano.

"Muito triste com o ocorrido. Esperamos tudo corra bem. Telegrafe detalhes. Sua mãe e eu acreditamos em vista das circunstâncias sir Charles e lady Julia prefiram você termine visita. Pedimos aos Chamberlain recebam você sua residência. Telegrafamos nesse sentido sir Charles. Cumpra imediatamente nossa vontade. Tudo muito sério. Beijos de teu pai."

Aline respirou com fôrça. As instruções de seu pai mereciam reflexão. Rodney desejava livrar-se dela. Deixaria que sua família ajudasse seu aliado nesse sentido? Os Chamberlain tinham um apartamento

---

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Miss Innesmore, Aline Innesmore, norte-americana, em visita a amigos em Londres, sir Charles Rossway e lady Julia Rossway, vive com êles na majestosa e aristocrática mansão de Mayfair, conhecida por Frant House, onde também vivem os filhos do casal, Sholto, atualmente numa propriedade da Kenia, na África Oriental; Geraldine (Gerry), espôsa de Sholto e que não quis ficar ao lado do marido nas terras estranhas, e Rodney, o filho mais moço, solteiro. Num anexo de Frant House vive Barrasford Swete, solteirão, que alugou êsse apartamento a seus velhos amigos Rossway. Entre Sholto e Gerry a situação estava esfriando bastante, com grande desgôsto de lady Julia, que via também, com grande desagrado, as relações, exageradamente cordiais, entre Swete e sua nora, Gerry. À tarde, preparando-se para a grande recepção desta noite, no palácio real, onde seria apresentada à côrte, por lady Julia, Aline recebe um recado de Swete e, visitando-o, verifica que êle sofreu um acidente, ferindo-se num pé, o que o impediria de ir, à noite, apreciar a sua «toilette» de côrte, na casa dos Rossway. Aline promete-lhe, então, que, ao regressar de Buckingham Palace, iria visitá-lo, em companhia de Gerry, para que êle pudesse ver como era lindo o seu vestido. Tudo corre conforme o combinado, tendo apenas Gerry faltado ao encontro, por se haver aborrecido com Rodne» que, em nome de lady Julia, pedira-lhe, e quase exigira, que deixasse de visitar Swete. Mesmo assim, Aline despede-se de lady Julia, que se prepara para dormir e sai para tirar fotografias e, em seguida, visitar Swete, embora ligeiramente, para cumprir a sua promessa. Ao chegar, porém, ao patamar superior, encontra a porta fechada e nota que a luz que vira brilhar, ao saltar do automóvel, se extinguira, reinando agora completa escuridão no interior do apartamento. Desce, decidida a voltar diretamente para casa, quando verifica, juntamente com o «chauffeur», que a barra do seu vestido está empapada de sangue, assim como os sapatos. Nesse instante, surge Rodney, que também regressava para casa e, ao ver o que ocorria, sobe com o «chauffeur», derrubam a porta e encontram Barry inanimado ou morto, banhado em sangue. Na sua mão direita está um revólver. Rodney manda o «chauffeur» chamar o dr. Pargetter, médico da família, e procura acalmar Aline, que julga ter visto alguém sair do apartamento, perdendo-se logo no «fog». O dr. Pargetter aumenta o alarma declarando que aquilo não fôra suicídio, mas assassinato, pois a pistola não está descarregada e o seu calibre não era o mesmo da arma com que Swete fôra assassinado. Rodne» diz a Aline que esconda a sua visita ao apartamento, pois êle dirá à polícia que tinham ido juntos, visitar Swete. Isto a livraria de aborrecimentos futuros. Pouco depois, surge um policial que, avisado pelo «chauffeur», vinha colhêr detalhes e, pouco depois, surge o próprio inspetor Manderton, com o legista e o técnico de impressões digitais. Manderton, o inspetor-chefe, interroga os criados, o médico, rebusca a casa inteira, auxiliado por Dene, um jovem policial, especialmente encarregado das impressões digitais e que encontra pó-de-arroz diante do grande espelho da lareira. Tudo isso assusta cada vez mais Aline, que pensa apenas em Gerry. Pouco depois, Manderton interroga lady Julia e esta, com superioridade e sorrindo, não deixa o detective tomar pé. O mesmo não acontece com Gerry, que se rebela contra a insistência com que o inspetor deseja saber detalhes e responde com altivez irritando o policial, que, por sua vez, teima em apanhá-la em contradição. Quem mais se preocupa com a situação de Gerry é Aline. Para refletir melhor sôbre os fatos, recolhe-se ao

no Berkeley. Eram, ambos, amigos deliciosos. Mas viver num apartamento, depois de estar habituada a Frant House!

Subindo para o seu quarto, retirou o chapéu, banhou rosto e mãos com água de lavanda e dedicou-se à leitura do seu correio.

Ali estava uma longa carta de sua mãe, entremeada de verdadeiros sermões, de recortes de jornais, entre êles um discurso pronunciado pelo pai no Clube dos Banqueiros, um convite para casamento, recados de velhas amigas e uma carta engraçadíssima de um antigo colega da universidade. A seguir, distraiu-se com as colossais edições de domingo dos seus jornais preferidos, saturando-se da vida ardente e febril da moderna América. Frant House e o drama que se colava em suas velhas muralhas ficaram muito distantes...

Bruscamente, fêz um retôrno a Londres. Batiam na sua porta. Segundos depois, Gerry surgia e, desde logo, Aline leu em seu rosto o anúncio de um fato novo.

Gerry entrou vivamente, logo fechando a porta.

— Deus seja louvado! Você está em casa, minha querida! — declarou ela, como que momentâneamente aliviada. — Manderton voltou e quer falar comigo!

— Por que, Gerry?

— Para me interrogar uma vez mais, creio. Foi falar com Mona Bryce e também com outra senhora de minhas relações, mrs. Leadbury, que estêve quarta-feira na Ópera. As duas me avisaram, por telefone. Aline...

Os dedos de Gerry se apoderaram do colar de sua amiga.

— Êsse homem me apavora! Desça comigo. Êle está no gabinete de trabalho. Eu me sentirei mais forte diante dêle, se você estiver ao meu lado. Sòzinha, neste casarão, não sei como poderia...

Seus lábios tremeram, enquanto desviava o rosto, para esconder as lágrimas.

— Mas é claro que a acompanho, querida. Não a deixarei só...

Gerry se agarrou com as duas mãos a um braço de Aline.

— Você não deixará que Chass a mande para fora da sala, hein? Prometa-me que ficará firme. Sem isso, jamais poderia suportar...

---

«court» de tênis, onde é surpreendida pelo assistente de Manderton, que com ela conversa banalidades, embora, no fundo, quisesse sondar seus pensamentos. Quando vai mostrar uma curiosa «berlinda» do século XVII, que ali é guardada, recua e, com uma desculpa, despede o policial. Surge Rod e Aline faz uma trágica revelação. No interior da berlinda há um revólver, escondido sob uma almofada. Interrogam Larking, que se perturba, mas afirma ignorar a quem pertence a arma. A seguir, surge Gerry. Ao ver a arma declara que lhe pertence. Fôra um presente de Sholto. E essa arma só podia ter sido roubada, na véspera, da gaveta do seu «boudoir», onde a guardava. Quem sabia da existência da arma? Quem a tirara do quarto de Gerry? Rod declara que vai entregar o revólver a Chass e fará o que êste resolver que se faça. Depois do almôço, Aline e Rod vão a um jardim público, onde tratam de elucidar os próprios movimentos da véspera e chegam à conclusão de que possuem bons alibis. Os outros procurariam saber depois. Quanto a Gerry, seus passos pareciam bem esclarecidos. Rod informa nesse momento que, por conta própria, telegrafara a Sholto, em Nápoles, pedindo o seu imediato regresso. Decidem, a seguir, interrogar o velho Larking, que, para êles, além de Murchie, é o único que não tem os movimentos bem esclarecidos. O secretário revela realmente os seus passos, havendo apenas um pequeno lapso em que retornou, sem testemunhas, a Frant House. Mas, seu relato piora a situação de Larking, que saiu misteriosamente, de casa. Depois, rebuscando na copa, encontram um boné pertencente a sir Charles, escondido numa gaveta. Aline afirma que êsse boné é igual ao que viu na cabeça do vulto misterioso, que saíra furtivamente, na véspera, da casa de Barry. Voltam ao escritório, onde Rod esconde o revólver na gaveta da mesa da máquina e, retirando-se por alguns instantes, retorna qaundo chegava sir Charles. Contam ao baronete o que ocorreu e quando vão exibir a arma esta já desaparecera da gaveta. Sir Charles, furioso, vai interrogar Gerry. Nada adianta com isso. Também Murch ignora tudo sôbre a arma. Sir Charles pede para que escondam o caso de lady Julia e todos acreditam na culpabilidade (ou cumplicidade) de Larking, que desapareceu de casa. Sim Charles tudo relata a Manderton, que se mostra reservado e retira-se para lançar seus homens no encalço do mordomo. Na mesma noite, procurando um livro, altas horas, para entreter sua insônia, Aline vai ao «court» de tênis e, após apanhar o que desejava, auxiliada pela luz de uma vela, nota que o tambor do paredão... desapareceu. Cheia de mêdo foge e esbarra com Rod, no corredor do «hall». Êste ouve sua história e volta para verificar o fato. O tambor lá estava novamente no lugar de sempre. Ligando êsse fato ao que lera, certa vez nas Memórias de Phil, o Louco, Aline corre à biblioteca, a fim de reler as famosas cartas, não antes de surpreender o jovem Dene, agachado, no «court», examinando a muralha e que, ao vê-la, vem aconselhar a norte-americana a deixar quanto antes aquela casa. Impressionada, Aline começa a reler as cartas. É surpreendida por Rodney nessa leitura e conta-lhe o que descobrira. Em Frant House havia uma passagem secreta, nas imediações da figura do tambor, no «court» de tênis. A êsse tempo, Manderton apresentava um relatório ao inspetor-chefe e prometia-lhe melhores resultados para breve, pois descobrira que Larking se chamava realmente Harness e já tivera contas a pagar à polícia, anos antes. Precisava apenas de encontrar certo «chauffeur», para completar seu esquema tático e apontar o criminoso. Isso é o que consegue, instantes depois graças a seus auxiliares e, imediatamente, retira-se para interrogar o homem.

— Ficarei firme, sim, junto de você, minha querida. Mas, Gerry... Por que você não é franca? Por que não revela tôda a verdade? Pensa que me engana? Manderton também não se deixará enganar. Se você foi, realmente, ao apartamento de Swete na noite de quarta-feira, por que não diz?

Gerry baixou a cabeça.

— Você não compreende — disse ela, com a fisionomia fechada. Tenho que continuar mentindo, mentindo sempre, sem parar!

Sem dar a Aline o tempo de compreender o alcance de suas palavras, Gerry a arrastou para fora do quarto.

Embora ainda fôsse dia, o *hall*, mal iluminado pela lanterna da escadaria principal, já se enchia de sombras do crepúsculo. Ao descer, as duas jovens amigas ouviram o pêndulo bater lentamente sete pancadas...

Uma tosse quebrou, repentinamente o silêncio do *hall*. Dois homens estavam sentados no comprido banco, ao longo da parede, ao lado da porta. Dois indivíduos de aspeto indefinível, que rolavam o chapéu entre as grandes mãos vermelhas.

No momento em que as duas amigas penetravam no gabinete de sir Charles, a voz do inspetor se fazia ouvir, estridente e arrogante.

— Sim, falo bem alto, sir Charles, quando noto que me fazem ouvir mentiras, que negam a evidência, que atrapalham as minhas investigações.

Manderton estava de pé, de costas para a porta, gigantesco, dardejando contra o barão um olhar de fogo. Instalado confortàvelmente diante de sua escrevaninha, sir Charles tinha as faces rubras e nos seus olhos azuis havia um brilho de mau augúrio. Aline teve a extrema surprêsa de notar a presença de lady Julia. Esta, portanto, não mais devia ignorar a descoberta do revólver e a fuga de Larking. Sentada num canto do sofá, o olhar parado, fitando o inspetor, acariciava o próprio joelho. Sua fisionomia, como sempre, exprimia essa serenidade que é própria das estátuas; mas havia em sua atitude uma tensão que Aline notava pela primeira vez.

À entrada de Aline e de Gerry, o inspetor se voltou vivamente. Lady Julia se ergueu, ao ver a norte-americana.

— Seu lugar não é aqui, meu bem — disse ela.

— Fui eu quem lhe pediu que viesse em minha companhia — disse Gerry, com ar decidido.

— Por favor, senhora! Não exija, por minha causa, a saída dessa moça — pediu Manderton. — Talvez tenha que lhe fazer uma ou duas perguntas.

Aline tinha o olhar perdido... muito longe. Acabara de ver Rodney, morno, braços cruzados, sentado no banco junto da janela.

— Permita que Aline se instale a seu lado — disse Gerry a sua sogra.

Então, com um rápido olhar ao marido, lady Julia estendeu a mão e fêz a norte-americana sentar ao seu lado, no sofá. Gerry, aparentemente impassível, ficou de pé, preguiçosamente apoiada no espaldar do móvel.

★




— "... *e esta luzinha vermelha acende sempre dois dias antes do pagamento da prestação do automóvel!*"

Houve um instante de silêncio: o inspetor examinava as pontas dos próprios sapatos.

— Sra. Rossway — começou êle, enfim, com voz incolor — enquanto estava na Ópera, quarta-feira à noite, foi palestrar com a sra. Leadbury, em sua frisa. Foi durante o intervalo do segundo para o terceiro ato. Pode dizer quanto tempo estêve com essa sua amiga?

Gerry fêz um movimento com os ombros, significando sua indiferença pelo detalhe.

— Lamento... — disse ela — mas não tenho a menor idéia.

— Naquela ocasião, o intervalo em Covent Garden durou trinta e dois minutos. Para ser mais exato... (Manderton consultou o caderninho que extraiu do bôlso externo do paletó) o pano desceu, findo o segundo ato, justamente às nove horas e trinta, voltando a ser levantado, para o terceiro, às dez horas e dois minutos. Passou todo êsse tempo com sua amiga?

Gerry hesitou e, em seus olhos verdes, Aline julgou surpreender um súbito temor.

— Não.

— Quanto tempo ficou naquela frisa? Cinco minutos? Dez? Um quarto de hora? Vejamos... A senhora deve ter uma idéia aproximada...

— Já lhe disseram que não tenho nenhuma noção das horas. Conversei um instante com os Leadbury, retirando-me depois.

— E voltou diretamente para o seu lugar?

A pergunta surgiu rápida como relâmpago. Gerry hesitou novamente e, então, teve que lutar muito para conservar-se calma.

— Não... Não *diretamente*. Fazia calor na sala. Fui respirar na varanda do *foyer* e fumar um cigarro.

— Muito bem — disse o inspetor, com voz afável. — E, é claro, será supérfluo perguntar quanto tempo ficou nessa varanda?

— Compreenda, inspetor, que não deve contar com minha ajuda quanto à questão de tempo. Só deixei a varanda depois de levantado novamente o pano. Naquele local estava um arzinho fresco delicioso... E havia mesmo encontrado um senhor conhecido...

— Posso saber o nome dêle?

Um pouco de sangue aliviou a palidez de Gerry.

— Infelizmente, não sei. Conheci êsse senhor numa *soiré*-dançante. Êle foi quem me avistou, primeiro, e logo se aproximou para um dedo de palestra. Encontramos tanta gente, em Londres! Como é lá possível reter o nome de cada pessoa?

No início, ao falar, olhava para as próprias mãos. Mas havia. pouco a pouco, levantado a cabeça e ensaiava sôbre o homem que a interrogava o poder do seu sorriso.

Nenhuma mudança se manifestou no inspetor. Com a mesma polidez atenciosa, perguntou:

— E que horas seriam, quando retornou ao seu lugar?

— Tarde... — respondeu ela, sem qualquer embaraço. — Dez horas e meia, pelo menos...

Deteve-se, hesitante, mas logo em seguida prosseguiu, sorrindo.

— Recordo a hora porque o tal senhor chamou a minha atenção para o espetáculo que perdíamos, dizendo a hora.

Manderton, porém, fêz um largo gesto negativo:

— Não, sra. Rossway. Se se recorda da hora, talvez eu possa dar uma razão mais exata: é que estava preocupada. Era, realmente, dez horas e meia, quando o táxi que havia tomado a trouxe de volta da casa do sr. Swete para a Ópera.

Ela ficou abalada, porém não desarmada.

— Já lhe disse, várias vêzes, aliás, que não estive na residência do sr. Swete.

Pela primeira vez o inspetor elevou a voz:

— Agora, chega de mentiras! — proferiu êle, com violência. — Persiste ainda em negar? Pois bem... Veremos! Noto que é muito hábil e corajosa, mas não deve esquecer que tenho também os meus recursos... e que êstes poderão ser fatais para quem insiste em mentir...

Gerry perdeu totalmente o contrôle. Vacilante, o olhar fixo, a bôca entreaberta, estendeu as duas mãos, num gesto de súplica. Parecia fazer um grande esfôrço

para falar, porém nenhum som saiu de sua garganta. Nesse instante crítico, Aline, que se encontrava mais próxima da porta, foi, por um momento, distraída do drama que se desenrolava à sua frente. Alguém havia empurrado suavemente o batente. Um rapaz se insinuara na sala, parando logo em seguida. Só ela o havia notado; mas, acreditando ser um dos dois indivíduos que havia avistado no *hall* e que lhe tinham dado a impressão de ser dois policiais a paisana, não prestou muita atenção. Tanto mais quanto lady Julia se erguera para recolher Gerry em seus braços, ao mesmo tempo que exclamava com voz de comando:

— Queira pôr ordem em tudo isto, Charles!

A voz do barão se fêz ouvir, fria, incisiva:

— O senhor tem um dever a cumprir, inspetor; faça-o, porém, com bons modos! Quer ter a bondade de explicar a causa de suas ameaças?

O inspetor teve um riso insolente:

— Não ameaço ninguém, sir Charles. Apenas enuncio os fatos. Pergunte o senhor mesma à sra. Rossway se pretende teimar em suas mentiras... Sim; em suas mentiras! Não há outro têrmo! Quando eu lhe disser...

Lançou para o lado de Gerry um olhar sem benevolência:

— ... que encontrei o *chauffeur* do táxi, no qual, pouco depois de descer o pano sôbre o segundo ato, ela se fêz conduzir a Manson Street, que, como o senhor sabe, passa pelo fundo de Mayfair Row... É verdade que ela estêve na frisa da sra. Leadbury e que, em seguida, estêve na varanda do *foyer*; mas, às dez horas, ela tomou um táxi à porta do teatro e só retornou à Ópera meia hora mais tarde. Tenho sôbre isso o testemunho do homem que abriu a porta do camarote para ela entrar.

Fêz meia volta, a fim de encarar Gerry com ar feroz:

— O *chauffeur* que a conduziu a Manson Street, enquanto esperava seu retôrno ao veículo, ficou trocando passos até à esquina formada pelas velhas estrebarias e, cêrca de dez horas e meia, viu a passageira do seu táxi sair de uma casa de porta amarela. Agora, ela que se explique! Levo-a à Scotland Yard, para lá ser identificada...

Um silêncio de morte acompanhou suas últimas palavras. Finalmente, sir Charles falou, para perguntar:

— O senhor... prende a sra. Rossway?

— Por enquanto, pretendo efetuar apenas uma prisão preventiva...

Um grito agudo de Gerry cortou suas palavras.

— Sholto!

O inspetor fêz outra meia volta.

Gerry correra para a entrada da sala. E Manderton viu quando ela, chorando convulsivamente, estendia os dois braços para o rapaz alto, forte e com a tez queimada pelo sol.

Rodney também se erguera, correndo ao encontro do recém-chegado. Lady Julia, por sua vez, erguendo-se num só movimento e com os olhos muito abertos e parados, verdadeira estátua de mármore,

★




— *Aqui tem seu bife, senhor. Seja feliz!*

fitava o estranho como se visse uma aparição — com assombro e incredulidade. Sholto avançou ràpidamente, apertou a mão que Rodney lhe estendia, mas não se deteve. Parecia não ver outra pessoa senão o homem de Scotland Yard. Num silêncio de morte, caminhou até junto do policial, que o esperou, firme como uma rocha.

— É inútil acrescentar seja o que fôr aos seus discursos, inspetor — disse êle, em tom sêco e imperativo. — Fui eu quem matou Barry!

Sua mão mergulhou, um instante, num bôlso de seu paletó.

— *E aqui está a arma do crime.*

Tendo falado, depositou um revólver sôbre a escrevaninha.

*Capítulo XXVII*

## SHOLTO

Assim, conforme Rodney havia previsto, Sholto voltara sem nada dizer. Agora que os dois irmãos ali estavam, lado a lado, Aline podia notar sua semelhança. Semelhança mais de modos que mesmo de traços fisionômicos ou colorido, pois Sholto era do tipo céltico, moreno, ao passo que Rodney era louro e estava, sem dúvida, ligado por laços ancestrais à velha linhagem dos Highlandes. Seu corpo, esbelto e ágil, revelava um esportista, senhor de perfeita educação física; e seu rosto era tão bronzeado como os seus dentes, sob o bigodinho prêto, tinham de brancos e brilhantes.

O primeiro cuidado do inspetor foi o de apanhar a arma, examiná-la e a seguir depositá-la outra vez sôbre a mesa. Ao fazê-lo, face a face com Sholto, havia perdido — conforme Aline notou — todo o seu ar valentão. Nem mesmo cólera havia em seus olhos, que se mostravam frios, mas sempre alertas. Tôda a sua pessoa, fogo e fumaça, pouco antes, parecia convertida agora em um bloco de gêlo. Sentia-se, entretanto, que se concentrava profundamente.

— Se não estou errado, falo com o sr. Sholto Rossway? — perguntou êle, de uma maneira um tanto impessoal.

O interrogado baixou a cabeça em sinal de assentimento e imediatamente o inspetor estendeu o braço, pedindo:

— Posso ver os cigarros que o senhor fuma?

Sholto Rossway hesitou meio segundo, consultando com o olhar a fisionomia do policial. Depois, em silêncio, retirou do bôlso e entregou a Manderton os cigarros pedidos.

Manderton retirou um cigarro da carteira, apenas o suficiente para que deixasse ver a marca: "Nairobi Cigarrette Company". A seguir, retirou-o completamente, guardou-o num dos bolsos exteriores do seu paletó, restituindo o resto a Sholto. Parecia muito satisfeito.

— O senhor deixou uma ponta de cigarro igual a êste no cinzeiro de Swete — explicou êle, com uma cordial alegria. — Sem contar dois fósforos, de céra, de fabricação italiana. Foram êsses os primeiros indícios que me guiaram até o senhor.

Em redor dos dois homens, um pequeno grupo se formara, composto de criaturas mudas, como que imobilizadas pela estupefação e a dor. Rodney, muito pálido, encostara-se ao irmão, desesperado, mas vagamente provocante, pronto — dir-se-ia — a defendê-lo. Do outro lado ficara lady Julia, com as mãos apertadas sôbre o próprio peito. Em seguida vinha Gerry, junto da escrevaninha, por trás da qual, de pé e temível, sir Charles dardejava sôbre o filho olhares que quase queimavam. Também Gerry olhava Sholto numa espécie de êxtase e por suas faces rolavam grandes e incessantes lagrimas.

— Creio que o senhor deixou Nápoles para Paris, segundo-feira ultima? — perguntou o inspetor, falando o mais pausada e naturalmente que pôde.

Sholto ergueu os ombros, num primeiro gesto de impaciência.

— Que importa isso? O senhor já sabe o que precisava saber.

— Telefonei para o seu hotel, em Nápoles — respondeu Manderton, imperturbável. — E informaram-me... Quando chegou a Londres?

— Quarta-feira... à noite.

— A que horas?

— Cêrca de sete horas e meia.

— Ao chegar, que fêz de imediato?

— Jantei na estação.

— E depois?

— Caminhei um pouco.

— Não tinha pressa de vir encontrar-se com sua espôsa?

— Isto, inspetor, é comigo.

— Mas, sem dúvida, estêve em sua casa, sr. Rossway, sem o que não teria conseguido esta arma.

Sholto pareceu, repentinamente, por-se em guarda.

— Não declarei *que não tinha vindo até cá*. Sabia que minha espôsa tinha um revólver, que eu mesmo lhe dera. Tenho sempre comigo as chaves desta casa. Subir até ao quarto dela e apanhar a arma foi coisa fácil.

Lady Julia esboçou um gesto de protesto; um movimento involuntário escapou também a sir Charles. Em ambos, Aline julgou ler o desgôsto que os atingia por ter, um dos seus, um ser dêsse círculo familial em que reinava comunhão tão íntima, penetrado naquela casa, a casa de todos êles, para dela sair como um gatuno.

— Por que motivo — continuou o inspetor — o revólver foi encontrado no *hall*?

Sholto permaneceu mudo.

— Talvez não lhe convenha explicar de que forma êle foi ter às suas mãos?

Sholto continuou silencioso.

— Pois seja! — disse o inspetor, em tom ameaçador. — Talvez encontremos menos reserva com o seu amigo Harness, *também chamado Larking*.

— Também chamado... Larking? — interrogou sir Charles, com real surprêsa.

— Sim... O senhor ouviu muito bem, sir Charles. Um malandro muito nosso conhecido, o respeitável Larking! Mas não tenha dúvida de que o traremos de volta!

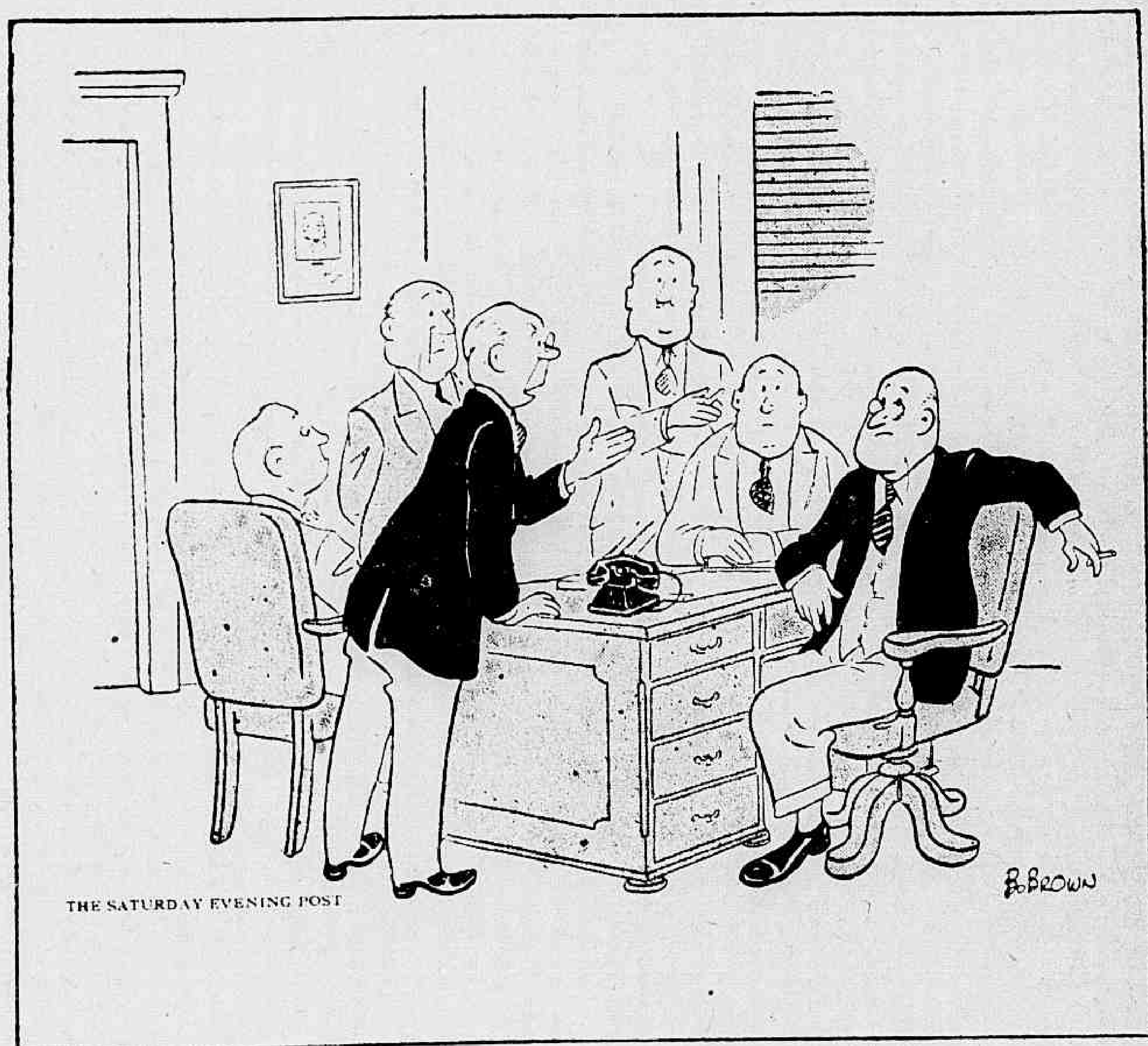
E o inspetor, que se voltara para sir Charles, tornou a interrogar Sholto:

— Então está mesmo decidido a nada dizer? Excelente! Vai acompanhar-me ao comissariado de Marlsborough Street, a fim de ser identificado. A seguir, prepararei um processo verbal, com o depoimento que lá fizer e que será pelo senhor mesmo assinado. E tudo começará logo a agir contra o senhor, em boa e devida forma, ou seja, a acusação de homicídio voluntário, praticado, segundo sua própria confissão, sôbre a pessoa de Barrasford Swete...

— Você está louco, Sholto! — gritou Rodney. — Você não praticou êsse crime... Não pode ter praticado... Você procura simplesmente inocentar Gerry...

— Cale-se! — replicou Sholto, com violência. — Sei o que faço.






*— Se não aumentarmos os preços, o público pensará que está pagando caro há muitos meses.*

— Mas está sendo de um *quixotismo* imbecil!

O inspetor se permitiu sorrir. Tudo, porém, muito rápido.

— Não tanto quanto o senhor pensa. É bom que saiba: a sra. Rossway havia deixado Mayfair Row e retomado seu lugar, na Ópera, *antes de Barry ser assassinado*.

— O que não o impediu de ameaçá-la — interrompeu sir Charles, com indignação. O senhor chegou a insultá-la, taxando-a de mentirosa e de criminosa.

— Quando alguém responde com mentiras, senhor — retrucou severamente o policial — sempre tenho meios de fazer essa pessoa adotar um tom de maior sinceridade. O sr. Swete foi assassinado às onze horas e vinte. Um *chauffeur* ouviu o espoucar do tiro...

E como sir Charles fizesse um gesto como se pretendesse interromper o seu discurso, o inspetor acrescentou, mais rápido:

— O *chauffeur* de lady Drumfield, de nome Chafe. Veio, quarta-feira, um pouco antes de onze horas, à garagem onde aloja o automóvel de sua patroa. Estando lady Drumfield ausente, atualmente, levou em sua companhia uma amiguinha, para com ela dar um bom passeio lá para os lados de York. A garagem em questão fica a poucos metros apenas da porta da residência de Swete. Chafe ouviu distintamente o tiro, bem acima de sua cabeça. Consultou o relógio, que marcava onze horas e vinte. Nada tendo com o caso e não desejando meter-se em complicações, tratou de afastar-se. Mas sempre acabamos por encontrar quem desejamos e o homenzinho terminou contando tudo.

Mal acabara de falar, quando o telefone chamou, na sala.

Sir Charles atendeu.

— Para o senhor — disse êle a Manderton, passando-lhe o fone.

Frases curtas quebraram o silêncio dramático de tôda a sala:

— Sim... Compreendo... Não esta noite... É justamente o que desejavam... Sim, os portos, naturalmente..."

Sôbre êsse fundo de palavras incompreensíveis, Aline ouviu um rápido cochicho:

— *Rod... em meu sobretudo... sôbre a cadeira, junto da porta... meu passaporte... apanhe-o e faça-o desaparecer.*

Viu, a seguir, Rodney recuar sorrateiramente e passear uma das mãos, às cegas, atrás do próprio corpo. Quando voltou a ocupar seu lugar, no grupo, sustentava um chapéu cinzento e um sobretudo da mesma côr.

O inspetor terminara com o telefone; ouviu agora, com ar distraído, sir Charles que o chamara a parte e o arengava em tom sussurrante, porém enérgico. Gerry soluçava, com a cabeça entre as mãos. Sholto se mantinha deliberadamente afastado dos demais. Mais pálido, agora, com a fisionomia fatigada, não fazia qualquer esfôrço para aproximar-se de sua espôsa. Com um vago "*Obrigado*", tomou de Rodney o chapéu e o sobretudo; mas persistiu em seu silêncio. Não falou sequer com sua mãe, que se movera um pouco mais para junto dêle.

Do sofá, onde tornara a sentar-se junto de Gerry, a quem procurava consolar, Aline, levantando a cabeça, ficou assustada com a rigidez que apresentava lady Julia. Era como se o assombro, a incredulidade, o horror, tivessem estendido sôbre ela um manto que a transformava.

Manderton apanhara num bôlso do paletó um lenço branco, com êle envolvendo, cuidadosamente, o revólver. Nesse instante, sir Charles conversava em voz baixa com Sholto e as palavras chegavam, entrecortadas aos ouvidos de Aline.

— *Não posso acreditar... Tudo será explicado, certamente... Sim, certamente... Não deve falar antes de consultar o advogado... Temos que conversar o mais depressa que fôr possível com Lamb...*

Com gesto emocionado, Sholto pousou uma das mãos sôbre um ombro do pai.

— Muito bem, Chass...

Mas sua voz foi quebrada, bruscamente. Sem olhar para os demais, rodou nos calcanhares e se dirigiu para a porta, seguido pelo inspetor e por Rodney.

Então, em todo o salão só foram ouvidos os soluços de Gerry.

(*Continua no próximo número*)

# Mande os seus filhos á ESCOLA!


109


110


111


112

O ANALFABETO É UM ESCRAVO CÉGO QUE QUANTO MAIS OUVE FALAR EM LUZ, MAIOR LHE PARECE A ESCURIDÃO EM QUE VIVE.

109 28 a 33 Cr$ 150,00 — 34 a 40 Cr$ 195,00 Sapato colegial-esportivo. adotado pelas principais escolas do País. (ótimo Bezerro prêto ou marron). Saltos de Borracha.

110 Até 27 Cr$ 100,00 — 28 a 32 Cr$ 148,00 — 33 a 39 Cr$ 150,00 Sapato colegial esportivo em vaqueta preta ou verniz. Saltos de Borracha.

111 28 a 32 Cr$ 148,00 — 33 a 40 Cr$ 150,00. Sapato cem por cento Sapato colegial-esportivo em vaqueta preta ou verniz. Saltos de Borracha. Um grande sapato!

122 28 a 32 Cr$ 148,00 — 33 a 37 Cr$ 150,00 — Ótimo sapato para meninos, rapazes

Remetemos para todo o Brasil. Porte 5 cruzeiros Não fazemos reembôlso postal.

**CARIOCA, 46-48**
**SETE SETEMBRO, 199-201**

**insinuante**

*é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.*

AT. SEMOG

COMO É FÁCIL SABER TUDO

# DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS

PEQUENA ENCICLOPÉDIA POPULAR

BIOGRAFIA DE TODOS OS SANTOS E PERSONALIDADES HISTÓRICAS E LEGENDÁRIAS

PEDRO (Santo), cognominado Chrysólogo (isto é: das palavras de ouro), arcebispo de Ravena, nascido e morto em Ímola (380-450). Professou a vida monástica, até que o Papa Sixto II o sagrou, em 433, arcebispo de Ravena. Em 449, repeliu o pedido do heresiarca Eutíquio, que reclamava sua ajuda contra a autoridade de S. Flaviano, patriarca de Constantinopla. Deixou setenta e seis Sermões e Discursos latinos (impressos em 1541) em estilo elegante, embora empolado.

PEDRO (Santo), bispo de Sebaste, na Armênia, em fins do século IV. Era irmão de S. Basílio, o Grande, de S. Gregório de Nysse e de Santa Macrina, a mais velha da família e que o educou. Consagrado padre por seu irmão Basílio, bispo de Cesareia, parece ter sido bispo de Sebaste sòmente um pouco depois da morte dêste último (379) e de Santa Macrina (380). Uma carta dêsse santo a seu irmão, S. Gregório de Nysse, figura entre os documentos que pertenceram ao último. (Festejado em 9 de janeiro.)

PEDRO (Santo), arcebispo de Tarentaise, nascido em Saint-Maurice-de-Exill (Delfinato), em 1102, morto em Bellevaux, em 1175. Após haver fundado (1132) e governado, durante dez anos, a abadia de Tamié, na Savóia, foi bispo de Moutiers e arcebispo de Tarentaise. Em 1155, fugiu para a Alemanha, escondendo-se num convento de sua ordem; mas foi levado, à fôrça, de volta a Moutiers (1155). O papa Alexandre III o chamou à Itália, confiando-lhe várias missões. Celestino III o canonizou, em 1191. (Festejado em 8 de maio.)

PEDRO de Verona (Santo), mártir, da ordem dos dominicanos, nascido em Verona, em 1190, morto perto de Como, em 1252. Pregou em numerosas missões contra os cataros ou neo-maniques, da Lombárdia. Nomeado inquisidor, em Milão (1233), depois em Cremona (1252), foi assassinado na estrada de Como para Milão, por um grupo de hereges. Inocêncio IV o colocou entre os mártires. (Festejado em 29 de abril.)

PEDRO Nolasco (Santo), fundador da ordem da Mercê, nascido em S. Papoul, segundo uns, e em Mas-Saintes-Puelles, segundo outros, em 1182 ou 1189, morto em Barcelona, em 1256. Serviu primeiro na cruzada contra os albigenses, e Simão de Montfort lhe confiou a guarda de Jayme de Aragão, feito prisioneiro pelos cruzados. Logo que recuperou a liberdade, êsse príncipe, feito rei de Aragão (1213), encarregou Pedro de ir resgatar vários cristãos, prisioneiros dos Mouros. Mais tarde, Pedro fundou, em Barcelona, a ordem de Nossa Senhora das Mercês, para redenção dos prisioneiros, ordem que foi aprovada pelo papa Gregório IX, em 1230. Pedro Nolasco foi canonizado em 1628. (Festejado em 29 de janeiro.)

PEDRO I, rei da Navarra e de Aragão. Sucedeu, em 1094, a seu pai, Sancho Ramirez, e morreu em 1104. Pedro conquistou, em 1094, uma sangrenta vitória em Alcoraz, sôbre o emir Al-Mustain, apoderando-se de Huesca. Em 1104, sitiou Tamarite e morreu, no mesmo ano, deixando o trono a seu irmão, Afonso, o Batalhador.

PEDRO II, rei de Aragão e príncipe da Catalunha, nascido em 1174, morto na batalha de Muret (1213). Sucedeu, em 1196, a seu pai, Afonso II. Já soberano do Bearn e de Bigorre, possuidor do Roussillon, comprou a Provença, mas teve que ceder a seu irmão, Afonso. Compensou essa perda, desposando Maria, herdeira do condado de Montpellier (1204). Simão de Montfort, na véspera de intervir nas querelas religiosas do Sul, teve que considerar Pedro como um soberano católico e render-lhe homenagem, por intermédio dos viscondados de Bézière e de Carcassonne (1209). Tomou parte gloriosa na batalha de Las Navas de Tolosa (1212). Mas, em 1213, voltou-se contra Montfort e pereceu na batalha de Muret. O rei Pedro contribuiu para expandir na Espanha o gôsto pela poesia provençal, que prepararia a eclosão da poesia catalã.

PEDRO III, o Grande, rei de Aragão e de Valência, nascido em 1236, morto em Villafranca del Panades, em 1285. Era filho do rei Jaime I e da rainha Iolanda, da Húngria. Sucedeu a seu pai, em 1276. Em 1278, forçou seu irmão, Jaime, rei da Majorca, a reconhecer-se seu vassalo. Em 1280, enviou uma frota contra Tunis, estabelecendo o seu protetorado sôbre a cidade e o reino. Depois do massacre das Vésperas sicilianas (1282), foi, pessoalmente, contra a Sicília e desembarcou em Trapani. A frota aragonesa bateu a frota angevina, em Malta e em Nápoles (junho de 1284), onde o almirante Roger de Loria aprisionou Carlos, o Capenga, filho de Carlos de Anjou. O papa havia excomungado Pedro de Aragão e dado seu reino a Carlos de Valois (maio de 1284). Felipe, o Ousado, rei de França, invadiu a Catalunha e avançou até Girone. A heróica defesa da cidade permitiu a Roger de Loria bater uma frota francesa diante de Rosas. Enfermidades epidêmicas forçaram Felipe, já enfêrmo, a retirar-se para a França. Pedro III morreu, assim, em pleno triunfo.

PEDRO IV, o Cerimonioso, rei de Aragão, nascido em 1319, morto em Barcelona em 1387. Sucedeu, em 1335, a seu pai Alfonso IV. Em 1340, aliou-se aos reis de Castela e de Portugal para combater os Mouros, que sitiavam Tarifa, tomando parte na vitoriosa batalha do Rio Salado. Reconquistou Majorca e o Roussillon sôbre seu primo, Jaime IV, reprimiu, em Aragão, os rebelados da nobreza e ocupou, depois de bater os genoveses, as principais cidades da Sardenha (1354). Suas guerras contra Pedro, de Castela, o levaram a aliar-se ao rei Henrique II de Transtamara; uma infanta de Aragão, D. Leonor, desposou o príncipe de Castela, D. Juan. Pedro procurou ligar-se estreitamente à casa da Sicília e aceitou, em 1380, a soberania de Atenas. Seus últimos anos foram entristecidos por querelas domésticas. Casara-se cinco vêzes, deixando onze filhos.

PEDRO, o Cruel, rei de Castela, nascido em 1334, morto em 1369. Sucedeu, em 1350, a seu pai, Afonso XI. Logo que subiu ao trono, mandou prender, no alcazar de Talavera, D. Leonor de Guzman, que fôra amante de seu pai, e começou a perseguir os seus irmãos naturais. Durante dezesseis anos, fêz pesar sôbre a Castela a mais espantosa tirania. Com a morte de D. Juan Nuñez de Lara, senhor de Biscaia, mandou aprisionar as duas filhas dêste último, tentou matar seu filho, de três anos de idade, e apoderou-se da província. Garcilasso de la Vega, «adelantado» de Castela e amigo dos Lara, foi assassinado a golpes de bordão em pleno palácio real. A rainha Branca de Bourbon, mal chegada à Espanha, foi internada em Aravala, depois em Toledo, onde Pedro tentou envenená-la. O rei concedeu todo o seu favor a Maria de Padilla, depois a Joana de Castro. Assassino de seu irmão, D. Fradique, assassino do rei de Granada, seu hóspede, Pedro quis, ainda, procurar querela com o rei de Aragão. Mas, Pedro IV, de Aragão, abriu seus Estados a Henrique, conde de Transtamara, filho de Leonor. Êste contratou os serviços das «Brancas Companhias», comandadas por Du Guesclin, fazendo-se reconhecer rei de Castela (1366). Pedro pediu a ajuda do Príncipe Negro, governador da Guiana, bateu o exército de Henrique em Navareto (1367), mas, em 1369, foi completamente batido em Montiel. Alguns dias mais tarde, caiu numa emboscada e, após uma rixa terrível com seu irmão, teve a cabeça cortada por um escudeiro, cujo pai mandara, outrora, degolar.

*OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS*

# MEMENTO de EU SEI TUDO

## OS FATOS OCORRIDOS EM JANEIRO DE 1954

1 — SEXTA-FEIRA — Começa o ano com o panorama internacional apresentando o mesmo ambiente de promessas, ameaças, exigências, recuos, propostas e insinuações insultosas entre os 4 Grandes, em tôrno da reunião que está anunciada para o dia 25 próximo. ★ Em Tóquio, na ânsia de cumprimentar o imperador, pela passagem do ano, morrem 17 pessoas, esmagadas, quando mais de quinhentos mil japonêses tentam invadir o palácio após prolongada espera. ★ E os Estados Unidos, anunciam que o seu orçamento para a segurança nacional será de 35 milhões de dólares, pois só assim poderá viver em paz mais alguns meses.

2 — SÁBADO — O "premier" Laniel, da França, pede ao Parlamento que o aguente no poder... pelo menos até a terminação da próxima conferência dos 4 Grandes. ★ Na Índia, o "premier" Nehru anuncia que não aceitará ajuda militar de qualquer potência estrageira, com isso atirando maldosa indireta a seu vizinho, o Paquistão. ★ Nesta capital falecem o tabelião e deputado federal, Raul Sá e, em Florianópolis o Coronel Vidal Ramos, ex-governador de Santa Catarina e ex-deputado e ex-senador Federal.

3 — DOMINGO — Enquanto segue adiante a idéia da conferência de Berlim, os comunistas coreanos acumulam 150 mil toneladas de alimentos na Coréia do Norte, para a eventualidade de reinício da guerra na península. ★ O embaixador da Turquia, no Egito recebe ordem urgente para deixar o país, esperando-se o rompimento de relações entre as duas nações árabes. ★ Também Nehru, descrente de paz, afirma em discurso radiofônico que a ajuda militar dos Estados Unidos ao Paquistão constitui um passo para a guerra.

4 — SEGUNDA-FEIRA — O professor Ernesto de Morais é nomeado representante do Brasil no Conselho de Segurança da ONU. ★ A "Mau-Mau" continua muito ativa no Kenya, onde as autoridades britânicas decidem agir com maior rigor contra os terroristas. ★ E o caso Haya de la Torre continuando agitando o cenário sul-americano, sem aparência de breve solução, como sem solução continua a crise política italiana, ainda pràticamente sem govêrno.

5 — TÊRÇA-FEIRA — A Áustria está esperançosa de conseguir solução para a sua paz com os "aliados" na conferência dos 4 Grandes. ★ Eisenhower, zangadíssimo, ameaça a China de represálias atômicas caso se reinicie a guerra na Coréia. ★ Na Itália demite-se o "premier" Giuseppe Pella, ante o desapoio da ala esquerda do seu próprio partido, enquanto na França o "premier" Laniel é mais feliz e obtém um voto de confiança. ★ No Egito consuma-se a gravidade da situação com a expulsão do embaixador da Turquia. ★ Do Vaticano é anunciada a canonização do Papa Pio X para à tarde de 29 de maio,


BANCO DO COMÉRCIO S. A.

FUNDADO EM 1875

O MAIS ANTIGO DO RIO DE JANEIRO

| | |
|---|---|
| Capital .......... | Cr$ 90.000.000,00 |
| Reservas .......... | Cr$ 80.583.748,70 |

Matriz:
RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Tel. 43-8966

AGÊNCIAS:

Distrito Federal:

| | |
|---|---|
| COPACABANA | — Av. Copacabana, 1.155 |
| MÉIER | — Rua 24 de Maio, 1.355 |
| S. CRISTÓVÃO | — Rua S. Luís Gonzaga, 45 |
| TIJUCA | — Praça Saenz Peña, 9 |
| URUGUAIANA | — Rua Uruguaiana, 7 |
| RIACHUELO | — Rua Riachuelo, 387 |

Estado de S. Paulo: S. PAULO — CAPITAL

TÔDAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS INCLUSIVE CÂMBIO

SEÇÕES ESPECIALIZADAS PARA GUARDA DE TÍTULOS E VALORES

em cerimônia ao ar livre, na praça de S. Pedro. ★ No Rio, entrega credenciais o novo embaixador da Bolívia.

6 — QUARTA-FEIRA — Moscou revela que pedirá um govêrno único para a Alemanha, na próxima conferência dos 4 Grandes. Também está a Rússia disposta a discutir, em Washington, o problema da energia atômica. ★ Na Itália receia-se que a nova crise política fortaleça o partido comunista. ★ Dos Estados Unidos anunciam que sobe a cêrca de milhão e meio o número de desempregados. ★ Sancionada lei criando o Instituto Nacional de Imigração e Colonização, com sede no Rio de Janeiro.

7 — QUINTA-FEIRA — Os Ocidentais "deixam bem claro que a Conferência de Berlim, não poderá ser realizada no setor oriental. ★ A Rússia concorda em ceder à Inglaterra materiais estratégicos como ferro e manganês... cuja exportação para os países comunistas fôra proibida pelas potências ocidentais!. ★ Enquanto isso a Coréia Meridional, cedendo à ameaça da ONU retira sua ameaça de invadir a zona neutra e a "proteger" os prisioneiros de guerra anticomunistas, sob a guarda dos indus. ★ Revela-se que antes de morrer Béria reabraçou o cristianismo, pedindo o Evangelho. ★ E o Brasil anuncia estar sem café para atender às exportações!

8 — SEXTA-FEIRA — Molotov disposto a ir a Berlim "para arrancar o máximo dos Ocidentais". ★ Acusada a ONU pela Coréia do Sul de haver favorecido a "vitória comunista" na península e, ainda, de estar preparando o Japão para uma nova Pearl Harbour. ★ Crise política muito séria, na Itália, aumentada pelas novas inquietações em Trieste. ★ Decreto presidencial estabelecendo normas para a classificação e exportação do fumo.

9 — SÁBADO — Preparam-se os Estados Unidos para realizar no oceano Pacífico novos testes com "tôdas as categorias de armas atômicas" enquanto permanece o desacôrdo quanto ao lugar em que se reunirão os 4 grandes para a Conferência de Berlim. ★ Na Indo China, os rebeldes do Viet-Minh empreendem perigosa e fulminante ofensiva contra os franceses no Laos. ★ Mas o chefe do govêrno comunista chinês quer que se ativem os trabalhos no sentido de estabelecer a paz definitiva na Coréia. ★ Na Rússia acredita-se estar em marcha adiantada a crise econômica dos Estados Unidos, começando Moscou a tomar medidas para tirar partido da mesma.

10 — DOMINGO — Londres afirma saber que a Rússia exigirá, na Conferência de Berlim, a desocupação militar da capital alemã. ★ Chega a Washington, a delegação russa que ali vai discutir o aproveitamento da energia atômica. ★ Violentas manifestações antibritânicas no Cairo e em Madrid, relativamente ao Suez e a Gibraltar.

11 — SEGUNDA-FEIRA — A Rádio de Moscou revela que em 14 de março próximo serão realizadas "eleições" para o Supremo Soviet. ★ A Índia pede à sra. Nehru, presidente da Assembléia Geral da ONU, que convoque imediatamente êsse organismo para estudar o caso coreano, *estudar* apenas. ★ A animosidade dos espanhóis contra a Inglaterra, prende-se à anunciada visita da rainha Elizabeth II a Gibraltar. A imprensa britânica se mostra muito ofendida. A de Madrid também. Os pontos de vista, entretanto, são muito diversos.

12 — TÊRÇA-FEIRA — Prosseguem os maus prenúncios para a conferência de Berlim. ★ Le Trowuer, ex-Prefeito de Paris, é eleito Presidente da Assembléia Nacional Francesa, ao passo que um govêrno da esquerda surge na Itália, quando Amintore Fanfani, líder do grupo esquerdista do Partido Democrata Cristão, aceita a missão de formar o gabinete. ★ Schuman, Ministro do Exterior francês alerta seu govêrno para a possibilidade dos Estados Unidos retirarem suas tropas




APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO






O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias

Laboratórios BINDOBONA

n. 104 - 5.º - Rio
Rua Uruguaiana

O perfeito destruidor do pêlo



Racé

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório "Racé".

NOME ..........................................

RUA ..........................................

CIDADE ..........................................

ESTADO .......................................... ALM — 54


da Alemanha concluindo aliança direta com êsse país, caso a França não ratifique o Tratado que cria a Comunidade da Defesa da Europa. ★ Decreto presidencial instituindo no Brasil o seguro agropecuário.

13 — QUARTA-FEIRA — Eisenhower revela a nova estrategia defensiva do seu país que será a de "responder de surprêsa a qualquer agressão do inimigo, levando a êste a destruição em local e momento que êle menos esperar", enquanto o Secretário de Estado, Dulles, pede ao Senado a imediata ratificação do pacto de defesa mútua com a Coréia do Sul. ★ No Egito não é das melhores a situação do govêrno, sendo presos sem qualquer explicação mais de trezentos líderes da Comunidade Muçulmana, considerados hostis a Naguib. ★ Declarado de utilidade pública o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

14 — QUINTA-FEIRA — Os Ocidentais suspendem as negociações preparatórias da Conferência de Berlim. ★ Criando atmosfera de inquietação a Índia anuncia que devolverá 22 mil prisioneiros de guerra não repatriados ... ao lado que os capturou. ★ Denunciada no Senado norte-americano a Guatemala como "cabeça de ponte comunista" neste hemisfério. ★ Cresce a ameaça das fôrças comunistas contra os franceses na Indo China. ★ Nesta capital, falece o jornalista e crítico musical Oscar Guanabarino.

15 — SEXTA-FEIRA — Concordam os Ocidentais com a proposta russa para realizar as sessões da Conferência de Berlim, ora no setor oriental, ora no ocidental. ★ Washington afirma que a intenção indiana de restituir os prisioneiros aos seus captores é uma ameaça à paz na Coréia. ★ Chegam aos Estados Unidos, Celar Bayar, presidente da Turquia, e sua espôsa, a convite de Eisenhower. ★ Instalada no Palácio Tiradentes a III Sessão Extraordinária da II Legislatura. ★ Empossado na presidência do Banco do Nordeste o Sr. Rômulo de Almeida. ★ Nesta capital, falece o deputado Mário Altino.

16 — SÁBADO — Singhman Rhee, da Coréia do Sul dá mais 3 meses de prazo à ONU para resolver o caso coreano, findo os quais "invadirá o setor norte". ★ Empossado o sr. René Coty como Presidente da República Francesa. ★ Os Estados Unidos reforçam a Europa Ocidental com mais dois esquadrões de bombardeio atômico. ★ A Inglaterra rejeita os protestos oficiais da Espanha, contra a visita da Rainha Elizabeth II a Gibraltar. ★ O govêrno norte-americano preocupado com a repentina alta do preço do café brasileiro.

17 — DOMINGO — Febrilmente operários preparam agora não mais um e sim dois edifícios, em Berlim, para as sessões da Conferência, um em cada setor, segundo o recente acôrdo. ★ Sofrem os franceses pesadas perdas, num avanço de surprêsa dos comunistas contra o Laos. ★ A China comunista não poderá ingressar na ONU porque não respeita as normas ele-

CURSO DE LATIM por correspondência

Solicite folhetos
Caixa Postal 6821
São Paulo

mentares de conduta entre as nações — declara Foster Dulles.

18 — SEGUNDA-FEIRA — O Sr. Fanfani não conseguiu ainda formar seu gabinete... e parece que não o conseguirá nunca. ★ Greve da indústria de eletricidade na Inglaterra, força Churchill a reunir o gabinete. ★ Instalado em Curitiba o I Congresso Mundial do Café. ★ Designado o sr. Guilherme Niebelung para o cargo de Ministro junto à Embaixada do Brasil em Portugal.

19 — TÊRÇA-FEIRA — A Espanha, reiterando seu protesto contra a visita da rainha da Inglaterra a Gibraltar, salienta que "isso poderá ter graves repercussões". ★ Alarmados os círculos exportadores britânicos com a notícia que o Brasil importará menos 20% que o ano passado. ★ Empossado no cargo de diretor da Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil, o sr. Luís Moraes e Barros.

20 — QUARTA-FEIRA — Turva-se o panorama no Marrocos, onde a Espanha fecha a fronteira do seu protetorado com o da França e esta trata de enviar unidades de sua esquadra para aquela zona. ★ Imprensa e certos políticos norte-americanos decididos a agir contra a alta do café. ★ No Conselho para o Progresso Internacional, é comentada favoràvelmente a recuperação financeira do Brasil. ★ Inaugurando a nova rota aérea, Rio-Manáus, segue para a Amazônia o Presidente da República. ★ Nesta capital, falece o jornalista Álvaro Freire.

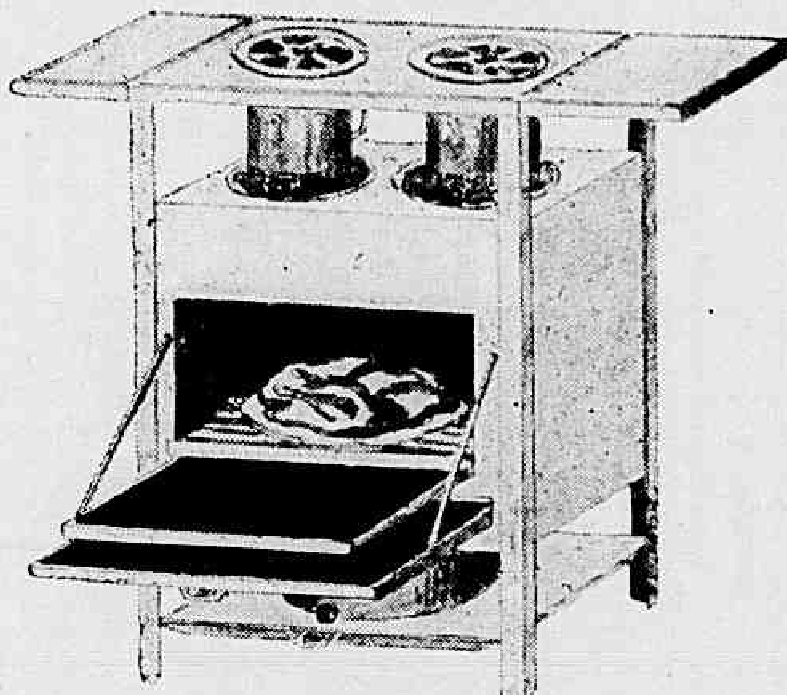
21 — QUINTA-FEIRA — Piora a situação do norte da África, onde o novo Sultão da zona francesa protesta "contra a interferência espanhola", que qualifica de "agitadora". ★ Os Inglêses continuam muito preocupados com o Brasil que anda comprando muito menos. ★ Os Estados Unidos ao tempo em que anuncia iniciar nova política de mais defesa com menos dinheiro lança ao mar o primeiro submarino atômico, que custou quantia fabulosa.

"Seleções do Reader's Digest" em português: números avulsos, perfeitos, desde 1942, vendo a colecionadores, a Cr$ 50,00 o exemplar. Escrever para sra. A. G. Pereira, Avenida Anita Garibaldi, 2417 — Curitiba, Paraná.


FOGÕES E FOGAREIROS

o gás de óleo cru ou querosene

REI



A venda nas boas casas do ramo

INDÚSTRIAS "REI"
RUA DAS MARRECAS, 5

Fabricantes do afamado
CHUVEIRO ELÉTRICO "REI"


22 — SEXTA-FEIRA — Enquanto o chanceler Adenauer, da Alemanha Ocidental, diz esperar que Conferência dos 4 Grandes surjam liberdade, paz e unidade para a Alemanha o chanceler da Áustria pede prioridade para o tratado de paz austríaco. ★ Na Espanha as coisas ficam "calientes" havendo ruidosas manifestações hostis à Inglaterra. A Inglaterra protesta. ★ Os 22 mil prisioneiros chineses e norte-coreanos que recusaram retornar à pátria foram considerados "homens livres" pela guarda indiana, que se retirou do campo de prisioneiros. ★ Renuncia ao mandato de deputado o sr. Osvaldo Orico.

23 — SÁBADO — Colombia e Peru decidem tratar diretamente o já conhecidíssimo caso Haya de La Torre. Parece que a coisa agora vai mesmo. ★ O Evening Standard afirma que Churchill renunciará logo que a rainha regresse de sua atual excursão pelas colônias, pretendendo recolher-se à vida privada. ★ Procurando apoio para seu programa de govêrno, o "premier" Fanfani promete "salvar as finanças italianas". ★ A França coloca mil soldados veteranos ao norte de Fez, perto da fronteira espanhola no Marrocos "em vista da crescente hostilidade dos espanhóis."

# AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

**Os** doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de giagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmula que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

**INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO**

Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ..........................................
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDERÊÇO ......................................
CIDADE ..................... ESTADO .....................


24 — DOMINGO — Apavorados os norte-americanos com a notícia de que aumentará mais ainda o preço do café. ★ Turbulentas manifestações na Espanha contra a anunciada visita da Rainha Elizabeth a Gibraltar. ★ Na Câmara dos Comuns é feita "severa advertência" ao govêrno espanhol. ★ Chega ao Rio o sr. Bernard Hardion, novo embaixador da França.

25 — SEGUNDA-FEIRA — Iniciada a Conferência de Berlim. Falaram, apresentando o plano de paz dos ocidentais os srs. Bidault e Eden. ★ O sr. Molotov, de início declara que se tornava necessária a participação da China Comunista, o que provoca acaloradas discussões. ★ A Inglaterra acusa o Egito de dificultar as conclusões de um acôrdo entre os dois países. ★ Alguns jornais de Nova York, defendem o govêrno brasileiro, negando que o mesmo seja responsável pela alta do café, conforme fôra acusado por alguns parlamentares.

26 — TÊRÇA-FEIRA — Os Estados Unidos declara enèrgicamente que jamais tomarão parte numa conferência para a paz mundial em que participe a Rússia. ★ Colossal campanha nos Estados Unidos, animando o povo a beber menos café. ★ Periga a posição de Fanfani como "premier" italiano. ★ Corre sangue nas ruas de Madrid quando a polícia ataca um grupo de manifestantes que ameaçava invadir a embaixada britânica.

27 — QUARTA-FEIRA — Os Estados Unidos pedem urgência para os debates sôbre a questão da unidade Alemã e do tratado de paz com a Áustria. ★ Enfêrmo o Papa Pio XII, atacado de soluço. ★ Apesar da campanha contra o seu consumo, o café atinge nos Estados Unidos o preço mais alto de todos os tempos. ★ Instala-se no Itamarati, o Instituto Brasileiro de Relações Exteriores. ★ Conferidos os prêmios aos Melhores de 1952, do teatro brasileiro, pela Associação Brasileira de Críticos Teatrais.

28 — QUINTA-FEIRA — O chanceler Molotov, após ouvir a negativa norte-americana de aceitar a China na Conferência de Berlim, propõe que a mesma se transforme em Conferência Mundial. ★ Tito, em relatório ao parlamento iugoslavo recomenda o fortalecimento das relações com o ocidente e a reaproximação com os países do bloco soviético. ★ Em represália aos atos de hostilidade espanhóis, a Inglaterra não enviará êste ano, seus navios de guerra em sua habitual visita aos portos da Espanha.


A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



**BÉL-HORMON**

**Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro**

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ...........

NOME ..........................................

RUA ............................ Nº ...........

CIDADE ................. ESTADO .................

**Preço para todo o Brasil Cr$ 50.00**

★ Os países produtores de café estão indignados com as acusações de "especuladores" contra os mesmos lançada por alguns parlamentares norte-americanos. ★ O São Paulo campeão paulista de futebol de 1953, vence no Rio o campeão carioca, C. R. Flamengo.

29 — SEXTA-FEIRA — Nada de novo da Conferência de Berlim, além de palavras menos corteses e troca de acusações. ★ Descoberto em Guatemala um "complot" para derrubar o presidente Jacobo Arbewz. ★ Decreta a lei marcial na Síria para esmagar "complot" visando derrubar a fronteira, sendo ainda fechada a fronteira com a Jordânia. ★ O café continua a subir e a ser comprado nos Estados Unidos. ★ O Presidente da República assiste demonstrações com o 1.º canhão anti-aéreo automático fabricado no Brasil.

30 — SÁBADO — Como já era esperado caiu Fanfani, o aspirante à chefia do Gabinete Italiano, ao lhe ser negado um voto de confiança. ★ Tanques e tropas impõem a "tranqüilidade" nas cidades e aldeias da Síria, onde são presos 10 antigos membros do gabinete e dirigentes políticos. ★ Demite-se também o gabinete peruano, sendo encarregado o General Menon Norlega de dirigir o Conselho e assumir o cargo de Ministro da Guerra. ★ Tito é reeleito pela segunda vez consecutiva Presidente da República Iugoslava, tendo prestado juramento. ★ Os guerrilheiros comunistas iniciam grande ofensiva geral na Indo China, cercando as tropas francesas recém-desembarcadas na costa do Anan.

31 — DOMINGO — Prosseguem as investigações das autoridades norte-americanas, para tentar descobrir a razão da alta do café. ★ O Govêrno de Belgrado decide que a Iugoslávia continuará fora do Cominform, sendo anunciado que êsse país "está satisfeito com sua atual posição". ★ Estacionário o Estado de Saúde do Papa.




AGORA SIM!
Sugestões MAIZENA
resolve o seu PROBLEMA.
Uma valiosa coletânea de receitas uteis, econômicas e saborosas
INTEIRAMENTE GRATIS.
Peça hoje mesmo o seu exemplar do novo livro
Sugestões MAIZENA




Amido de milho "MAIZENA" 55
Caixa Postal, 8006 - São Paulo E
GRATIS! Peço enviar-me o livro Sugestões "MAIZENA"
NOME ..........
RUA ..........
CIDADE .......... ESTADO ..........



TRABALHOS GRÁFICOS

★ LIVROS
★ FOLHETOS
★ PROSPECTOS
★ BULAS
★ RÓTULOS
★ CARTAZES

E QUALQUER SERVIÇO DO RAMO GRÁFICO
TRABALHO RÁPIDO E LIMPO

Cia. Editôra Americana

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — TEL. 22-8647 — RIO




À VENDA, também, em tôdas as "LOJAS BRASILEIRAS DE PREÇOS LIMITADOS", em todo o Brasil.

**INTERIOR:**

PEÇA POR REEMBÔLSO POSTAL, PELO TALÃO ABAIXO, ENVIANDO-O PARA O RIO!

## SEXUAIS POPULARES

- 3 - A FELICIDADE SEXUAL NO CASAMENTO ... 15,00
- 7 - DICIONÁRIO MODERNO DO SEXO E AMOR .. 15,00
- 92 - A CONQUISTA AMOROSA E SEXUAL ........ 15,00
- 67 - ESTIMULANTES SEXUAIS ................. 15,00
- 5 - GUIA ÍNTIMO DA SEXUALIDADE ........... 15,00
- 4 - COSTUMES SEXUAIS ESTRANHOS ........... 15,00
- 18 - COMO EVITAR A SOLIDÃO AMOROSA ........ 15,00
- 66 - PROBLEMAS SEXUAIS DOS SOLTEIROS ..... 15,00

## EDIÇÕES CULTURA POPULAR

- 12 - COMO INTERPRETAR OS SONHOS ............ 15,00
- 13 - COMO LER OS PENSAMENTOS ............... 15,00
- 15 - HIPNOTISMO PRÁTICO .................... 15,00
- 20 - SUGESTÕES PARA CARTAS DE AMOR ......... 15,00
- 24 - ITALIANO SEM MESTRE ................... 12,00
- 25 - FRANCÊS SEM MESTRE .................... 12,00
- 26 - ERROS DE PORTUGUÊS E SUAS CORREÇÕES ..... 15,00
- 27 - FALA E ESCREVE CORRETAMENTE TUA LÍNGUA .. 15,00
- 30 - ALEMÃO SEM MESTRE ..................... 12,00
- 31 - ESPANHOL EM QUADRINHOS ................ 12,00
- 32 - YES SIR - INGLÊS SEM MESTRE ........... 12,00
- 36 - MANUAL DO MOTORISTA ................... 15,00
- 61 - ELETRICIDADE DO AUTOMÓVEL ............. 15,00
- 68 - O LIVRO DAS MÁGICAS ................... 10,00
- 69 - TIRA-DÚVIDAS DE PORTUGUÊS ............. 15,00
- 80 - DIC. DE CITAÇÕES DE FRASES CÉLEBRES - 1º vol.. 15,00
- 144 - DIC. DE CITAÇÕES DE FRASES CÉLEBRES - 2º vol.. 15,00
- 189 - DIC. DE CITAÇÕES DE FRASES CÉLEBRES - 3º vol.. 15,00
- 196 - DIC. DE CITAÇÕES DE FRASES CÉLEBRES - 4º vol.. 15,00

## SEXUAIS

- 87 - MÉTODOS PARA LIMITAR OS FILHOS ...... 20,00
- 6 - VIGOR SEXUAL ........................ 20,00
- 95 - ANORMALIDADES SEXUAIS ............... 20,00
- 125 - PRÁTICAS SEXUAIS NO MATRIMÔNIO ...... 20,00
- 127 - HÁBITOS SEXUAIS DO HOMEM ............ 20,00
- 145 - VENÇA A TIMIDEZ SEXUAL .............. 20,00
- 130 - SEXO E PSICANÁLISE .................. 20,00
- 166 - A EDUCAÇÃO SEXUAL DOS FILHOS ........ 20,00
- 174 - MANUAL DA VIDA SEXUAL ............... 20,00
- 160 - ENFERMIDADES SEXUAIS ................ 20,00
- 191 - A CURA DA IMPOTÊNCIA SEXUAL ......... 20,00

## ROMANCES FAMOSOS e POESIAS

- 266 - E. Brontë - MORRO DOS VENTOS UIVANTES ........ 10,00
- 270 - Balzac - A MULHER DE 30 ANOS ................ 10,00
- 250 - Prévost - MANON LESCAUT ..................... 10,00
- 180 - E. Zola - NANÁ .............................. 10,00
- 208 - E. Zola - A TABERNA ......................... 10,00
- 215 - E. Zola - A BÊSTA HUMANA ..................... 10,00
- 261 - E. Zola - GERMINAL .......................... 10,00
- 269 - E. Zola - TERESA RAQUIN ...................... 10,00
- 181 - O. Wilde - O RETRATO DE DORIAN GRAY ........... 15,00
- 140 - Júlio Ribeiro - A CARNE ...................... 25,00
- 195 - Flaubert - MADAME BOVARY ..................... 10,00
- 207 - Dostoiewski - CRIME E CASTIGO ................ 10,00
- 245 - Dostoiewski - O JOGADOR ...................... 10,00
- 293 - Lamartine - GRAZIELA ......................... 10,00
- 210 - V. Hugo - O HOMEM QUE RI ...................... 10,00
- 216 - Gauthier - MADEMOISELLE DE MAUPIN ............. 10,00
- 178 - Henry de Kock - GRANDES CORTESÃS - 1º vol...... 10,00
- 217 - Henry de Kock - GRANDES CORTESÃS - 2º vol...... 10,00
- 218 - Tolstoi - ANA KARENINA ....................... 10,00
- 222 - J. Alencar - IRACEMA .......................... 10,00
- 224 - J. Alencar - UBIRAJARA ........................ 10,00
- 225 - J. Alencar - DIVA ............................. 10,00
- 226 - J. Alencar - A VIUVINHA - e - CINCO MINUTOS .... 10,00
- 238 - J. Alencar - A PATA DA GAZELA ................. 10,00
- 239 - J. Alencar - LUCÍOLA .......................... 10,00
- 241 - J. Alencar - SENHORA .......................... 10,00
- 256 - J. Alencar - O TRONCO DO IPÊ .................. 10,00
- 229 - Dumas Filho - A DAMA DAS CAMÉLIAS ............. 10,00
- 206 - Freitas - AS AMANTES DO IMPERADOR ............. 10,00
- 240 - Guimarães - A ESCRAVA ISAURA .................. 10,00
- 252 - R. L. Stevenson - A ILHA DO TESOURO ........... 10,00
- 227 - J. M. de Macedo - A MORENINHA .................. 10,00
- 84 - POESIAS DE GONÇALVES DIAS ...................... 10,00
- 121 - Castro Alves - OS ESCRAVOS .................... 10,00
- 142 - Castro Alves - A CACHOEIRA DE PAULO AFONSO .... 10,00
- 175 - Casimiro de Abreu - AS PRIMAVERAS ............. 10,00
- 176 - C. de Abreu - CANÇÕES DO EXÍLIO ............... 10,00

---

Peço enviar, pelo REEMBÔLSO POSTAL, os livros, cujos números indico abaixo:

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

(Não temos catálogos)(Não mande dinheiro, nem selos, nada adiantado)

Nos pedidos abaixo de Cr$100,00, há aumento de 10%.

**EDITÔRA GERTUM CARNEIRO S/A**

AVENIDA RIO BRANCO, 25 — DEP. 1-B — RIO DE JANEIRO

NOME: ..........................................

RUA: ...........................................

LOCALIDADE .....................................

ESTADO: ........................................

# NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

«Aplica-te ao livro e poderás, um dia, erigir um pequeno edifício com os teus pensamentos, e, ainda que o não ofereças à Humanidade, que exige obra forte, poderás dedicá-lo aos teus, mostrando-lhes, como exemplo, a tua vida, ora feliz, ora nublada de tristezas, mas sempre pura, correndo sôbre a virtude.» —— COELHO NETO

## QUESTÕES PRÁTICAS (1)

Escreva:

101) *soçobrar* = afundar e não *sossobrar*
*soçôbro, subs.* " " *sossôbro*

102) *ao invés de* = ação contrária.
*Ao invés de* dizer a verdade, mentiu.
*em vez de* = em lugar de
Escreva *z em vez de s*.

103) *esgotar* e não *exgotar*
*esgôto,* subs. " " *exgôto*

104) *apóstrofo* = sinal ortográfico(1)
*apóstrofe* = figura de estilo

105) *maçante* = o que importuna.
*maçar* = importunar, bater com maça.
*maçagem* = ato de maçar o linho, ato de importunar.
*massagem* = compressão dos músculos e articulações.

106) *tersal* = toalha de igreja.
*terçol* = pequeno tumor.

107) *justapor* e não *juxtapor*
*misto* " " *mixto*

108) *quanto a mim* e não *enquanto a mim*

109) *dar um passeio* e não *fazer um passeio (gal.)*
*passear*

110) *pudico* e não *púdico*

111) *pára* (verbo parar).
*para* (preposição).

112) *percalço* e não *precalço*

113) *companhia* e não *compania*

114) *cinqüenta* e não *cincoenta*

115) *catorze* ou *quatorze*

116) *xifópago* e não *xipófago*

118) *informei-o disso* e não *informei-lhe isso* — *informei isso a êle*.

119) *caramanchão* e não *carramanchão*

120) *gorjeio* e não *gorgeio*
*gorjear* " " *gorgear*

121) *haver*
*reaver* e não *rehaver*

122) *harmonia*
*desarmonia* e não *desharmonia*

123) *história*
*pré-história*

124) *miçanga* e não *missanga*

125) *içar* = levantar, erguer e não *issar*.



## CORRESPONDÊNCIA

*O. R.* (São Paulo) — *Mairinquiano* ou *mairinquense,* como *brasiliano* ou *brasiliense*. Na verdade, as desinências *ano* e *ense* indicam origem.

*JOSÉ RICARDO NETO*

---

(1) Escrevemos, em novembro de 1953:

«Com o objetivo de ser útil a maior número de leitores, ou de ser mais útil a cada leitor, neste século XX, em que as soluções devem ser práticas e imediatas, porque as condições de vida não permitem grandes indagações, e só aos especialistas sobra tempo para examinar os fenômenos em suas causas, inicio hoje a publicação de série de questões práticas, em que as formas corretas são apresentadas sem discussões, principalmente quando se trata de matéria pacífica entre os gramáticos. Se o leitor desejar saber o porquê de alguma forma recomendada, poderá consultar-me.

Em assunto ortográfico, prevalecerá, por motivos óbvios, o que estiver consubstanciado no **Vocabulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras**.»

# QUEBRA CABEÇAS

Diretor: Dr. LAVRUD — Secretário LABLIÚ — ANO XXXVII — N.º 10 — MARÇO — 1954
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 9.ª edição — Japyrassu, Monossílabos Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção

1.º TORNEIO
**JANEIRO A MARÇO**

CHARADAS NOVÍSSIMAS

108 — Duas — duas — O **homem** que **fêz economias** pode fazer **distribuição de alimentos e dinheiro** aos **pobres em dia festivo** e depois oferecer-lhes uma grande **festança.**

**Eva Dio** (Rio)

109 — Duas — uma — Fui a um **casamento sem festa** de **onde** trouxe, como lembrança, uma **bala de melaço.**

**Iza Abel** (Rio)

110 — Três — uma — **Simula tristeza** e emprega um modo **artificioso** para se desculpar.

**Oarcim**

111 — Duas — uma — **Comi** meia dúzia de bananas e senti forte **dor** de estômago, por **tê-las comido** de madrugada.

**Cysneirense Júnior**

112 — Três — uma — Com **habilidade única** consegui imitar uma **antiga moeda portuguêsa.**

**Fusinho** (Rio)

113 — Uma — duas — Serviu de **desfrute** a **boneca** de pano da **Albina.**

**Fiote** (Cuiabá)

114 — Duas — duas — Quem **faz intrigas** e **permanece** no êrro, acaba vítima de sua **intriga.**

**Goleno** (S. Paulo)

115 — Duas — duas — O **macaco** pulou o **algodoeiro** e da **piroga** furtou as bananas.

**KTQZ** (S. Paulo)

116 — Duas — duas — A **côr muito vermelha** pode **durar** muito e até tornar **rubra.**

**Paulistinha** (Rio)

117 — Duas — duas — É uma **mentirola**, o **incêndio** não foi ateado pela **pessoa que provoca desordens.**

**Segon** (Rio)




**Juntas rijas e inchadas, torturadas pelo reumatismo, são sintomas de rins debilitados. As dores que estes males provocam, são insuportáveis, deixando o doente desanimado, a passar as noites em claro, sem fôrças para o trabalho ou disposição para gozar a vida. Milhares de pessoas sofrem essas dores, quando poderiam evitar, de vez, tais padecimentos, tomando as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga**

**Especialmente preparadas para combater os distúrbios renais, as Pilulas De Witt aliviam as dores prontamente, restaurando o vigor e a vitalidade ao organismo, graças à sua magnífica ação tonificante**

**Pilulas DE WITT**
**para os Rins e a Bexiga**
**Em vidros de 40 e 100 pilulas**
**O grande é mais econômico**

118 — Duas — duas — As **pules** que tenho na **mão são de colher**, para garantir a **vitória inesperada de um cavalo, cujo resultado é uma grande pule.**

**O Sineiro** - P.S. (S. Paulo)

119 — Uma — uma — Causa **compaixão** a **multidão** de mendigos estacionada no largo da **igreja.**

**P. Del Debbio** - C.E.P. (S. P.)

120 — Duas — duas — Aquêle homem **vêsgo**, era **pardo** ou **mulato**?

**Zenon** (Ouro Fino, Minas)

121 — Duas — uma — **Rua estreita**? **Não diga mais, já sei**, é a que sai na **enseada estrita**

**José Balsamo** (Rio)

LOGOGRIFOS

— 122 —

**Ao distinto confrade Gumercindo Leite:**

Há certo **número** de gente — 9-5-6-9
Que na vida nada fáz
Por ter a maldade em mente
O que a Deus não apraz

Certo **homem** que era douto — 1-2-3-4-3
E vivia em boa carreira
Ingressou num **valhacouto** — 8-9-7
Abraçando a ladroeira.

Mas, num **Asilo** acabou — 8-9-5-6-9
Em estado bem penoso
Nada na vida lucrou
Por querer ser **Ardiloso.**

**Mavicaro**

CHARADAS CASAIS

123 — Três — Registra logo teu **invento** para não sofreres **multa.**

**Bisilva** (Manaus)

124 — Cinco — Por que um **superior eclesiástico** não paga a sua **pensão alimentícia?**

**Cysneirense**

---

125 — Quatro — Para deixar o pobre calouro ainda mais **confuso,** mandou o examinador que êle falasse sôbre o **universo em formação.**

**Conselheiro** (R.G. do Norte)

---

126 — Duas — O **preguiçoso** só de fazer um pequeno esfôrço, **transpira um pouco.**

**Edu Gomes Monteiro** (Cuiabá)

---

127 — Três — Houve **demora capiciosa** na construção do **telhado em declive.**

**Ecêbê** (Maceió)

---

128 — Três — Deus dá **novas fôrças a** quem a humanidade nega **auxílio.**

**Gomes Júnior** (Maceió)

---

129 — Duas — É o cúmulo! — armarem grande **contenda** por causa dum **remendo no calcanhar das meias.**

**Hiron Silpes** (Canavieiras)

---

130 — Duas — Uma má **pincelada** põe o quadro **defeituoso.**

**Irahydes Costa** (Rio)

---

131 — Três — É por causa da tua **gabolice** que eu **minto.**

**Lutércio** (Rio)

---

132 — Duas — **Gamela** limpa enfara o **porco...**

**Plá** (Rio)

---

133 — Três — Reveste o **recinto** com a **tira de lona com que se forram os cabos.**

**Malba Tautan** (Santos)

---

134 — Três — **Atormenta-se** o moleiro quando perde a **talha do moinho.**

**Mavicaro**

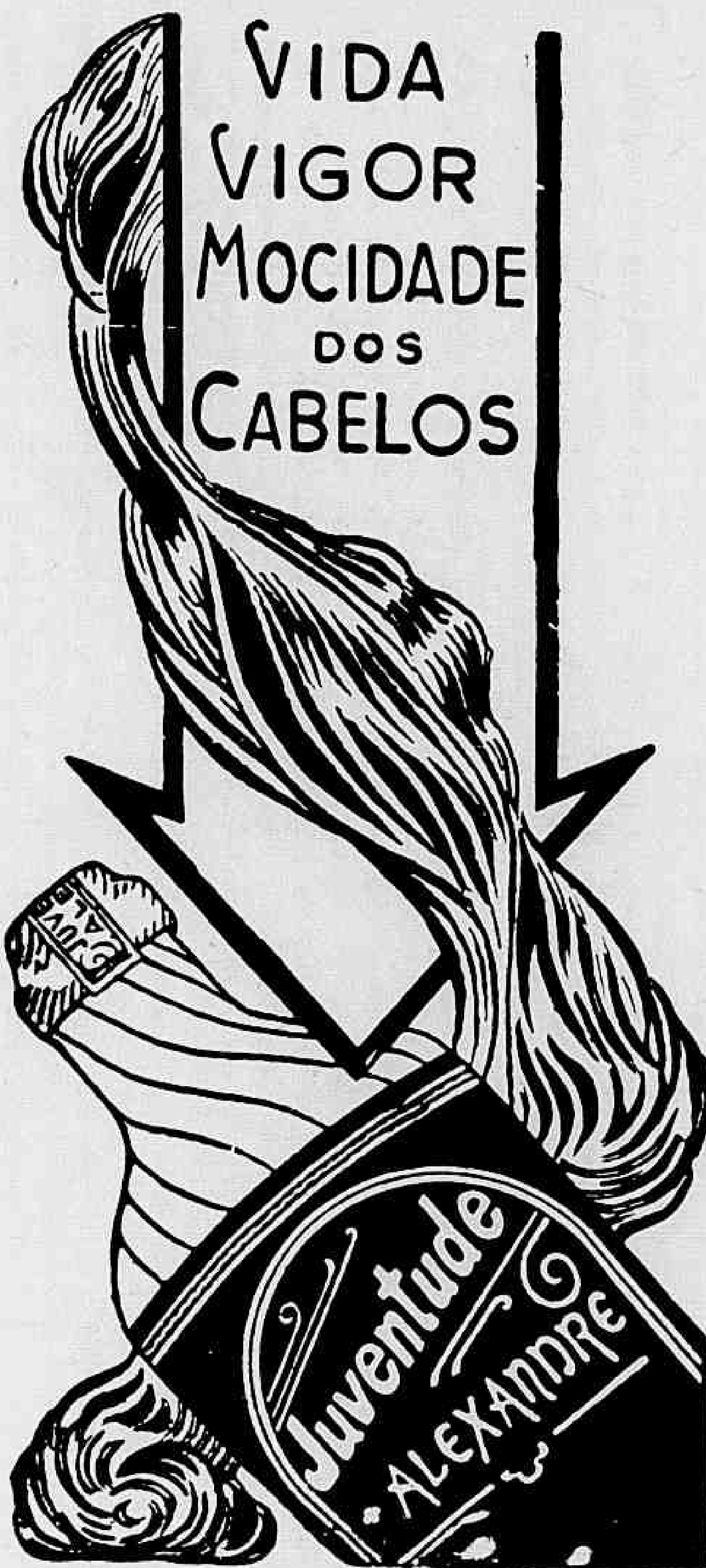
---

135 — Três — Só **negocio com quem** nunca fêz **transação cavilosa.**

**Seamva** (Santos)




JÚVENTUDE
ALEXANDRE




136 — Duas — O **terror** apoderou-se de todo o **agrupamento.**

**Tony** (Campo Flórida)

---

CHARADAS SINCOPADAS

137 — Três (duas) — É na **saída** da festa, que o **poeta** faz seresta.

**Asil** A.C.C.B.

---

138 — Três (duas) — O **agrimensor** veio montado num **cavalo muito magro.**

**Anchieta** R.P. (São Paulo)

---

139 — Três (duas) — É **admirável** o **modo de andar** desta garôta!

**Bereco**

---

140 — Três (duas) — Naquele **trecho de mato** ainda se vê alguns pés de **café.**

**De Souza** T. G. (Rio)

---

141 — Três (duas) — Depois que comprei o **veículo usado, de pouco valor,** percebi que havia caído numa **cilada.**

**El Príncipe** (Uberaba)

---

142 — Três (duas) — Homem **cabeludo** tem má **fisionomia.**

**Iris** (Teófilo Otoni, Minas)

---

143 — Três (duas)
**Pessoa obesa** não deve
Bambolear-se no **samba,**
Pois se a tal fazer se atreve,
No ridículo descamba.

**J. D. Mingo** (Bahia)

---

144 — Três (duas) — **Amabilidade** não é coisa que qualquer um **possua.**

**Nilva** (Rio)

---

145 — Três (duas) — Que **suavidade** na voz daquela **mulher!**

**Nomísio Nuno** (F. de Santana)

146 — Três (duas) — É um indivíduo que não se deixa lograr, o trovador.

Odnauref (S. Cruz, Rio)

---

147 — Três (duas) — Faz-se mister que o garôto desde a infância trace bem a sua personalidade.

Roania (Grapiaçu)

---

Ao caríssimo Zigomar, agradecendo o seu "Místico"

148 — Três (duas) — Os que confiam no Senhor têm sempre sua reserva de bênçãos.

Sertanejo II (Lavras)

---

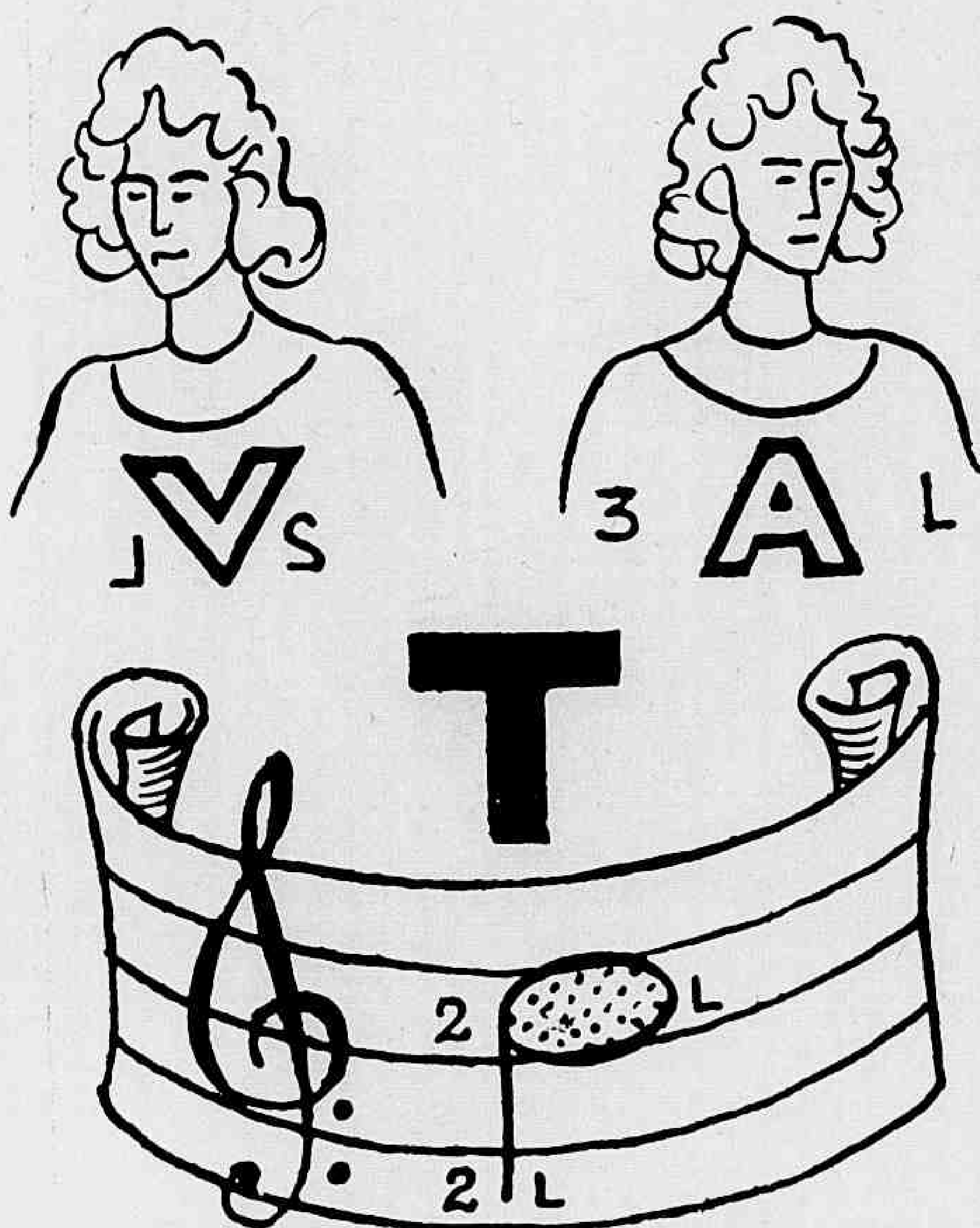
149 — Três (duas) — Por se tornar relaxado foi que êle sofreu êsse revés de fortuna.

Sefton (Rio)

---


BIGODE
de SENHORAS e VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
FUNDADO 1926
AV. BRIG. LUIZ ANTONIO, 4289 - S. PAULO
PEÇA PROSPECTOS


ENIGMA PITORESCO — 157




Anchieta - R.P. (São Paulo)


Alívio rápido para
HEMORROIDES
Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides
Pomada ManZan
Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.


150 — Três (duas) — Dosar um pedido não é conceder.

Zoraco

---

151 — Três (duas) — O rico só paga impôsto por ostentação.

Zigomar T.E.M. (B. H.)

---

152 — Três (duas) — Ainda vou apurar se é verdade que o velho iate não pode mais navegar.

Carlinhos (Morro Agudo)

---

ENIGMAS

— 153 —

Li no íntimo do
[peito
Em um corpo
[bem sadio,
Muita falta de
[respeito
Dêste rapaz tão
[Vadio.

Oarcim

---

— 154 —

Se o homem na
[bebedeira
Fôr procurar um
[consôlo;
Fará uma gran-
[de asneira
Bancando indiví-
[duo tôlo

Bisilva (Manaus)

— 155 —

No tribunal ou na rua,
Tal homem não se habitua
A viver com retidão.
Sem ter mêdo de cadeia,
Demonstra que tem na veia
Instinto de Valentão.

Gil Vírio (Andradina)

---

— 156 —

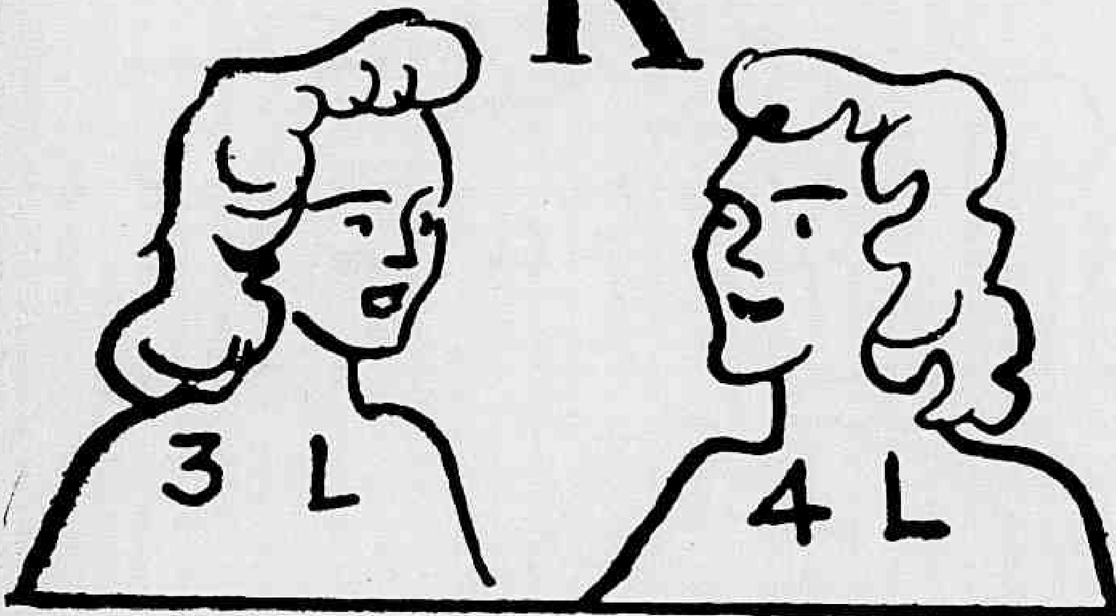
Duas letras repetidas
valem dez, quanta beleza!!
Num "mascate", bem unidas,
deixam a gente sem defesa...

KTQZ (São Paulo)


fixbril
ASSENTA E DÁ BRILHO AO CABELO!
Atraia tambem a admiração de todos, fixando seu penteado com FIXBRIL, o fixador ultra-moderno que não empasta.
★ AGORA TAMBEM EM BISNAGA
DE WITT - RIO - LONDRES - NOVA YORK - BUENOS AIRES

ENIGMA FIGURADO — 158

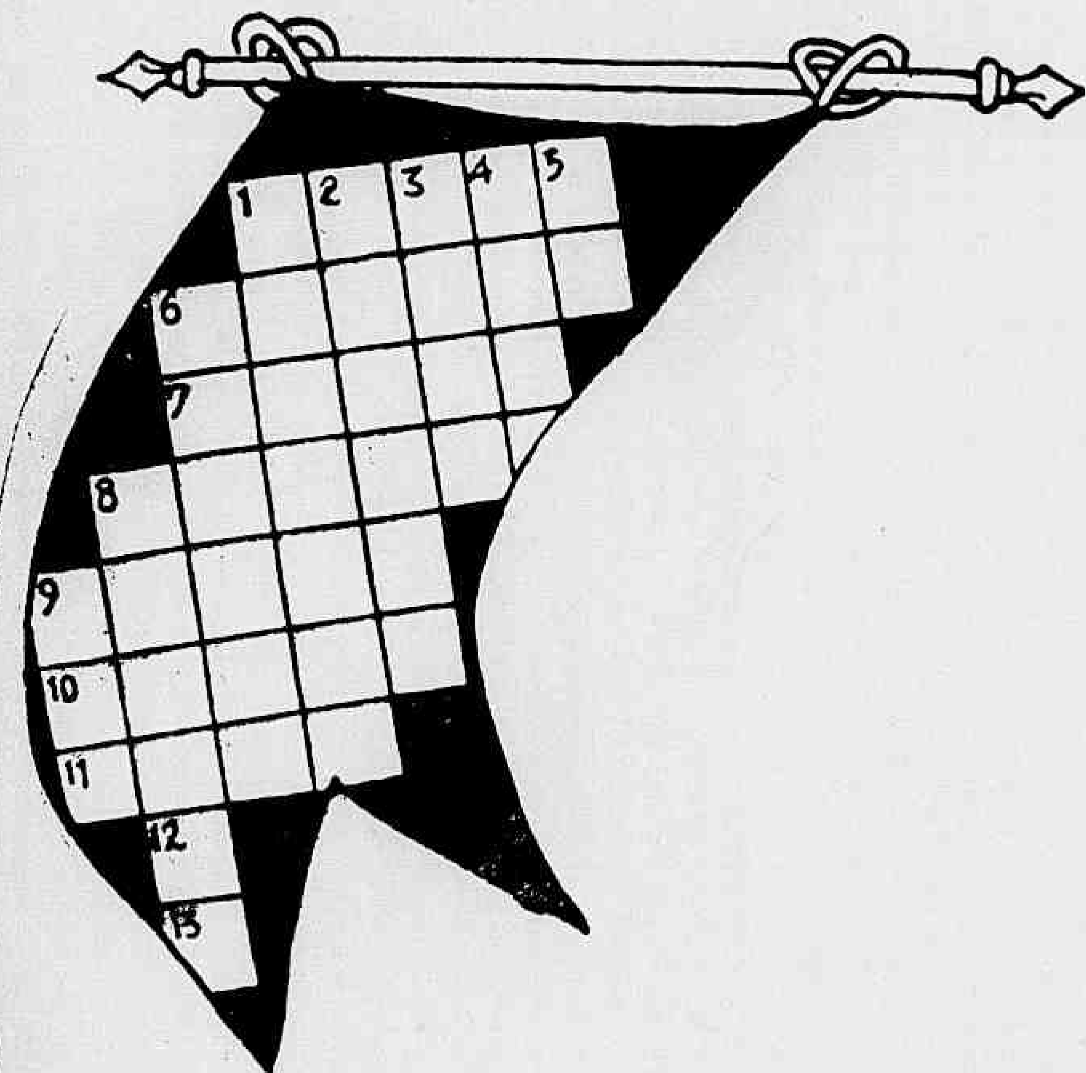



Guilherme Tell

PALAVRAS CRUZADAS

**Problema n.º 5**

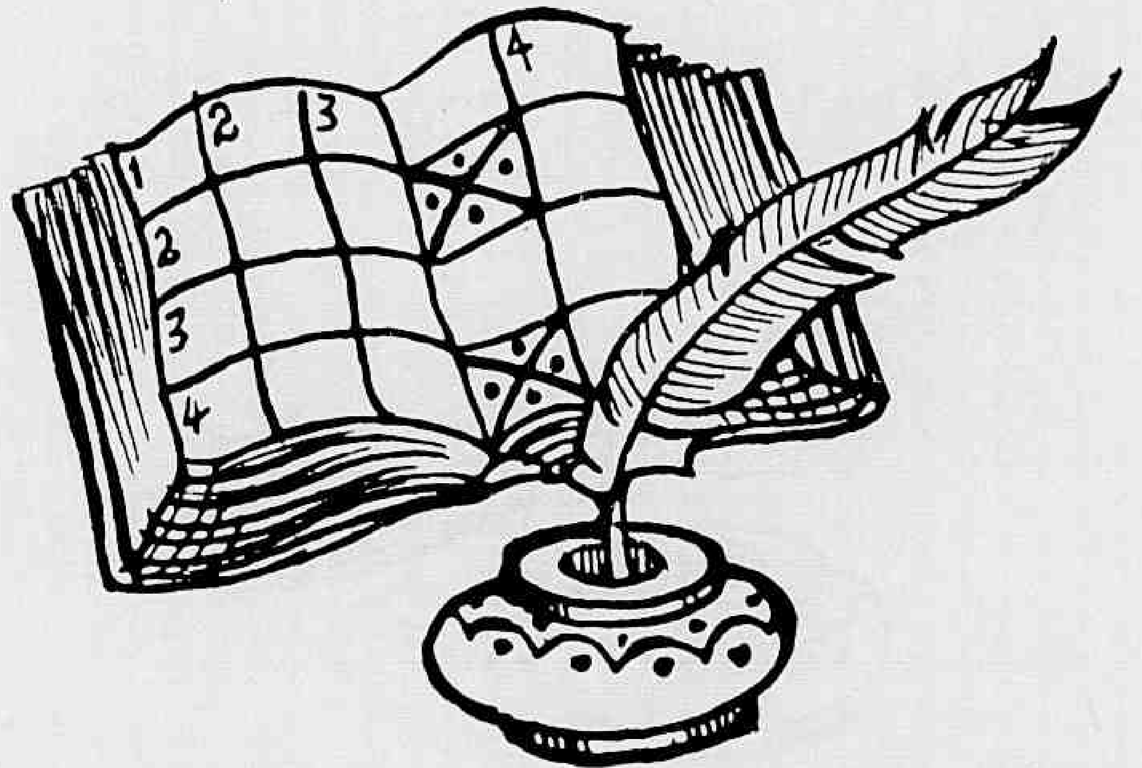


Fiote (Cuiabá)

HORIZONTAIS: 1 — Bramir; 6 — Eventual, precária; 7 — Morador de propriedade rural; 8 — Fêmea do pavão; 9 — Escrúpulo, zêlo; 10 — Abotoa; 11 — Ferro que se embebe no vão da fêmea e sôbre o qual joga a porta ou janela; 12 — O dó na antiga notação musical e entre os inglêses e alemães; 13 — Se.

VERTICAIS: 1 — Unânimente; 2 — Confirma, firma novamente; 3 — Mostrara alegre; 4 — Constelação austral; 5 — 8.ª letra do alfabeto armênio; 6 — Abatem-se; 8 — Orna de modo exagerado e inestético; 9 — Tão bom, tão grande, etc.

Problema n.º 6



**Donatila Borba** (Criciúma, S. Catarina)

HORIZONTAIS: 1 — Abalo; 2 — Malha de côr diferente, redonda, no pêlo da rês; 3 — Liga de cobre e zinco; 4 — O mesmo que olá.

VERTICAIS: 1 — Nome dado à flauta entre os gregos; 2 — Almofarig; 3 — Embarcação de recreio; 4 — Insignificantes.

AGUA PURA
SAÚDE SEGURA
VELAS
SENUN
ESTERILISANTE
FABRICADAS
PELO PROCESSO SENUN

DECIFRADORES DO ALMANAQUE "EU SEI TUDO" DE 1953

**Totalistas** — Janota, Julião Riminot, O Sineiro, Cantagalo, Nostradamus, Breque, Malba Tantan, Pompeu Júnior, Seamova, Agabê, Arpetra, Lesocha, Lupe, Oidaleh, Thelma, Katia, Cysneirense, Don Rial, Oicaroh, Durmel, Tony, Cysneirense Júnior, Edur Gomes Monteiro, Sertanejo II, El Príncipe, Jayreis, J. C. A., Conselheiro, Alguém, Edipo, Envergonhado, Jocati, Lujoca, Ordisi, Ruvina, Varetas, Sefton, Ziul, Zigomar, Jasbar, Alô Tropina, Marcus, Pati, Lutércio, Nilva, Plá, Gomes Júnior, Dopasso, Alvasco, Narciso, Conde de la Fère, Nerff, Botucarahy, O. Jang, Padre Chagas, Rafinha, Juca Pirolito, Marcimento, Sam, Gil Vírio, Jota, D'Avila, Lotônio, Spartaco, Valério Vasco, Júpiter, Zepenha, Binastro, Heron Silpes, Segon, Dr. Barreto Cardoso, Farani, Jobair Soares, Oarcim, Gumercindo Lute, Zoraco, Dr. Zinho, Mambira de Jiquitaia, Milon, Eva Dio, Toberal, Buridan, Ronega, Zuncrontano, Guilherme Tell.

**Mais de 70%** — Roama, Carsoli, Paulistinha.

**Nota** — Mme. Paulete concorre sòmente às Palavras Cruzadas.

---

TERTULIA ENIGMÍSTICA OURIFINENSE

Foi fundada em Ouro Fino, Minas, a T. E. O. no dia 11 de Janeiro, fazendo parte os confrades **Orbidius** (Dr. Geraldo Correia de Almeida); **Orsyz** (Jair Pitaguary); **Zenon** (Gustavo Capanema de Almeida); **Arion** (Gildásio Castelo de Almeida.


*Minha esposa é para mim como uma noiva...*





A sua vivacidade, a sua alegria permanente, tornaram-na a creatura mais adoravel do mundo. E ela diz sempre: - "Devo minha alegria contagiante á saúde perfeita e a saúde á Emulsão de Scott". Em minha casa todos fazem uso da Emulsão de Scott, do mais puro óleo de fígado de bacalhau, rica em vitaminas, cálcio e fósforo, o tônico ideal para crianças, moços e velhos

**EMULSÃO DE SCOTT**



*TÔNICO DAS GERAÇÕES*

**COMO APRENDER A DANÇAR**

**5ª EDIÇÃO AMPLIADA**



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

# Eu Era do CONTRA





"Era"... mas acontece que passei a fazer o regime Eno diariamente - "Sal de Fructa" Eno ao deitar e ao levantar. A irritabilidade e o nervosismo provindos de má digestão, de prisão de ventre, de acidez, cessaram. Hoje posso dar e vender bom humor. Não seja "do contra" tome ENO laxante, antiácido e estomacal.

"Sal de Fructa"

ENO



## Quer ser escritor?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILISTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.



VARIZES E HEMORRÓIDAS

TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO



HEMO-VIRTUS

VARIZES: FRICCIONE A POMADA NAS VARIZES E TOME O LIQUIDO

HEMORRÓIDAS: TOME O LIQUIDO E APLIQUE A POMADA NO LOCAL




NAS FARMÁCIAS

Usar durante três meses.


MOCIDADE

É a revista do Centro de Estudos Jacques Maritain, de Maceió.

O número que acabamos de receber vem cheio de bons artigos, reportagens, ensaios, crônicas e muitas outras seções, entre elas "Recreios Instrutivos" de charadas, hoje a cargo de **Ecêbê**, nosso amigo e colaborador — A seção está bem organizada e promete ir longe.

CORRESPONDÊNCIA

**Cartas recebidas até 31 de Janeiro**

**Gil Blas** (Ouro Fino) — Inscrito com muito prazer, mas só com êste pseudônimo. O livro seguiu pelo correio.

**Costinha** (Rio) — Evite o mais possível trabalhos feitos com têrmos de colapinos, isto é, preferimos sinônimos. Gratos pela gentileza.

**Pedro Ross** (São Paulo) — Vamos estudar o assunto. Preferimos não dar a nossa opinião sôbre o assunto final de sua carta.

**Julião Riminot** (São Paulo) — Parabéns pelo casamento do filho Durval.

**Dr. Zinho** (São Paulo) — Estamos sem trabalhos seus.

**Prof. Nimbus** (Ouro Fino) — Inscrito com muito prazer.

PRAZO

Para as soluções de cada mês: Distrito Federal e Niterói 45 dias; demais Estados 90.

Tôda a correspondência sôbre charadas deve ser dirigida ao diretor desta seção.

**DR. LAVRUD**

PANTERA AO LUAR

(Cont. da pág. 21)

Dali observou os homens cortando pilhas de galhos de espinheiro e de bambu todo o resto do dia. Viu-os, ativos, construindo uma rústica barreira em redor das estreitas entradas da aldeia, ajudados pelas mulheres, que juntavam gravetos para fogueiras, que trataram de acender, retirando-se para trás das trincheiras recém-construídas.

Quando o sol enfim desceu, por completo, além do horizonte, a lua se mostrou redonda e inundando tôda a planície imensa com o seu reflexo prateado. Logo a estranha excitação da floresta nas noites de luar, começou sua cacofonia, que sempre alucina os ouvidos novatos.

A pantera voltou a mover-se, lenta mas incessantemente, na direção da aldeia, parando apenas diante da espêssa trincheira de bambu e espinhos, que cercava o amontoado de casas. Essa muralha transparente e agressiva levantava-se diante dela, sem uma abertura sequer. Em absoluto silêncio a fera caminhou num grande semicírculo, procurando localizar o seu filhote, atenta às vozes humanas, em suas palestras mansas, como é comum depois que a noite desce sôbre as aldeias, e com os olhos semicerrados, para evitar o assalto da fumaça negra das fogueiras, que o vento forçava a rastejar a poucos metros do solo.

Repentinamente, o filhote de pantera miou, desesperado com o leite diferente que tinha no estômago insaciado.

*Ali*... Naquela choça!

Caminhou de um lado para outro, diante da barreira, como um animal enjaulado faz diante das grades. Sua impaciência crescia perigosamente, duplamente perigosa, para ela própria e para os que, do outro lado, repousavam o corpo das fadigas do dia. Finalmente, esmagando-se contra a terra, começou a abrir caminho por baixo dos espinhos que lhe riscavam o pêlo e picavam a pele, de onde brotava o sangue.

No interior da aldeia um cão despertou e latiu. Imediatamente, muitas vozes subiram à sua esquerda, trocando informações. A pantera se imobilizou, colada ao chão. Alguém gritou com o cão, que se aquietou, voltando a esticar-se para dormir. De novo, a fera reencetou sua marcha rastejante. O cão, porém, não dormia. Voltou a levantar-se sôbre as quatro patas e, desta vez, latiu furiosaemnte, com a cabeça apontando na direção da fera. Um homem alto e magro apanhou um lenho da fogueira e, levantando-o muito acima da cabeça, adiantou-se para ver melhor.

Repentinamente, deixou escapar um grande grito, com o braço estendido, apontando a pantera, enquanto outros chegavam, correndo. Então foi o pandemônio. Gritos de terror e de ódio lançaram a aldeia num tumulto de loucura, com os homens reunindo-se, frenéticos, batendo com os cajados no solo e contra latas de querosene vazia.

A pantera rosnou selvagemente, cravando as unhas no solo, pois que tanto ruído esticava os seus nervos dolorosamente. Mas logo recuou violentamente, sem sentir os espinhos que se cravavam em suas carnes. Em poucos segundos estava livre e distante novamente.

Voltou para as trevas da mata, onde trepou para os galhos mais altos de uma mangueira, como qualquer gato o faria, ágil e silenciosamente. Dali podia olhar de cima, para o interior da aldeia, que era um oásis de luzes fortes, movimentando-se em tôdas as direções, carregadas pelos homens, que gesticulavam e discutiam. Viu, também, um homem retirando o filhote de dorso escuro do interior de uma choça e entregando-o a outro homem, que brandia um comprido cajado.

Então, o ar chegou a vibrar com o seu salto impetuoso. Como uma javelina negra e dourada, surgiu de entre os galhos da mangueira, lançando-se muitos metros além, antes de tocar o solo.

A pantera estava agora no centro do recinto!

Tôda a aldeia gritava como se tivesse enlouquecido; o homem que segurava o filhote largou a sua prêsa, deixando-a cair, enquanto os demais corriam, em pânico, para suas choças.

A pantera abocanhou o filhote pela pele frouxa da nuca e levantou-o do chão,

encaminhando-se, com um surdo rosnar na direção da trincheira. Era muito difícil, porém, passar pelos espinhos. Galopou para cima e para baixo, mas sempre com a cria na bôca, tentando saltar a trincheira, mas sempre fracassando.

Mas agora os homens retomavam a coragem. Armados com longas lanças de bambu e pesados bordões e galhos inflamados, cada qual mais ansioso por provar o seu valor, avançaram contra a fera, gritando e brandindo suas armas tôscas, ocm o intuito de surrá-la e virá-la até à morte.

A pantera, que comia seus porcos, suas cabras e mesmo os seus cães — que era tão farta em lançar outras feras naquelas terras — e que, sem dúvida se tornaria uma comedora de homens quando tivesse mais idade — ela, o flagelo temido e odiado daqueles campos, voltou-se para lutar pela própria vida.

Com um movimento sêco da enorme cabeça, lançou o filhote para trás e, depois, de costas para a trincheira de espinhos, observou o semicírculo que se fechava à sua frente. Estava cercada e todos os fogos das tochas a cegavam, cada vez mais próximos, mais próximos. Repentinamente, um dos homens, um só, avançou mais o braço, encostando a chama contra a sua cabeça, ao mesmo tempo que desferia contra a fera a primeira bordoada.

Com um rugido de furor, ela saltou para a frente; dentes e garras encontraram qualquer coisa. Cravou profundamente as prêsas na garganta de sua prêsa, deslocando ossos, abrindo um abismo de onde o sangue saiu, aos borbotões, rubro e espumando. Escarranchada sôbre a sua vítima e pronta para saltar outra vez, olhou em redor, enquanto os homens fugiam em pânico, empurrando-se e caindo uns sôbre os outros, na ânsia de escapar.

AGORA, num canto mais distante, os homens tratavam de desfazer o cercado, afastando os bambus, ferindo as mãos nos espinhos acerados, abrindo febrilmente a trincheira que haviam construído para a noite e desejando, ùnicamente, dar uma saída para a fúria que nela haviam colhido.

Quando um grande buraco foi aberto, afastaram-se e voltaram a cercar o perigoso inimigo, atiçando-o outra vez.

A pantera tornou a apanhar a cria entre os dentes e esgueirou-se junto do cercado, sempre rosnando e parando para enfrentar os mais próximos. Sùbitamente, viu a passagem na trincheira e, com um rugido de triunfo, varou-a, desaparecendo dentro das trevas da noite.

Às suas costas não tardaram a morrer de todo o brilho das fogueiras e o alarido da aldeia. Galopou ainda através da planície banhada pelo luar, na direção do juncal, das colinas e do rio. Os chacais, poltrões, afastavam-se depressa do seu caminho. Desta vez atravessou o rio a nado, sem tocar na ponte de cordas. Na margem oposta, sacudiu todo o corpo, para secar o pêlo e lambeu, amorosamente, a pequenina cria, que logo se atirou contra ela, ansiosa e esfomeada, não cessando de sugar até que se sentiu de novo aquecida com o estômago cheio, enquanto todo o amor da fera fluía para o filhote, gôta a gôta, com a própria seiva do seu corpo.

Depois carregou-o para longe, muito longe, dentro da noite, detendo-se, de certa em certa distância, para ouvir o menor ruído, pois que agora não se sentia tranqüila.

Mas eis que surgiu o juncal mais espêsso e mais alto, onde nem mesmo um elefante ousaria penetrar pelo receio de nêle ficar perdido; inteiramente fechado por árvores robustas, era um lugar ideal. Então pousou a cria no ponto mais sombrio e afastou-se em busca de uma prêsa para seu próprio estômago.

★ ★

EM Miami, um policial foi suspenso de suas funções três vêzes num só ano, por apresentar o seu fardamento mal passado e com falta de alguns botões. Como resultado disso, o policial solicitou divórcio, acusando a espôsa de descuidada e preguiçosa. O juiz aceitou o pedido, declarando que a espôsa, por sua falta de zêlo, prejudicava a carreira do funcionário.

UM ladrão penetrou no tranqüilo lar de J. O. Townsend, de Birmingham, Alabama, de onde roubou simplesmente um livro intitulado... Criminologia.

A GRIPE

(*Cont. da pág.* 32)

Os pesquisadores do mundo inteiro decidiram unir seus esforços no sentido de não estar armado apenas contra a epidemia do ano presente, mas também do ano próximo, estudando mais atentamente os efeitos da vacina. Para isso trataram de estabelecer um Pôsto Central Mundial Contra a Gripe (Influenza), localizado em Hampstead, Inglaterra, que foi instalado sob os auspícios da Organização Mundial da Saúde. Sua atividade consiste em acompanhar de perto tôdas as epidemias de gripe ocorridas sôbre o planêta, recolhendo os diferentes vírus.

Os primeiros resultados completos, relativos ao inverno de 1948-49, na Europa, permitiram acabar com uma importante controvérsia científica.

Certos sábios pensavam que a gripe existia por tôda parte em estado endêmico e que a epidemia era provocada por uma simples passagem para o estado ativo. Outros, porém, acreditavam, ao contrário, que a gripe se espalhava de região em região, por contágio. Hoje está quase provado que essa segunda hipótese corresponde à realidade.

A epidemia começou em setembro de 1948, no norte da Sardenha, Propagou-se, em seguida, através da Sicília, Calábria, Itália continental, Suiça, Áustria, chegou ao sul da França e Espanha do Norte, passou para a Alemanha ocidental, Dinamarca, Bélgica, Holanda, Inglaterra e, finalmente a Irlanda.

Tratava-se, certamente, de um fenômeno de contágio, pois que tôdas as amostras de vírus, chegadas ao Pôsto Central e provenientes dos diferentes países eram idênticos. Pertenciam ao grupo A, como os vírus da epidemia de 1947, porém apresentando relativamente a êstes últimos algumas diferenças.

De que modo a epidemia tivera início na Sardenha? Os observadores informaram que a mesma começou simultâneamente em várias cidades, atacando mesmo pastôres isolados.

Foi então que a primeira teoria da gripe ganhou alguma fôrça. Segundo parece, o vírus se instala pouco a pouco na população, antes de surgir a epidemia. Sùbitamente, êle se torna agressivo. É verdade que o vírus se propaga de um país para outro pelo contágio, porém essa propagação não pode ser aparente, ficando a epidemia para surgir muito mais tarde.

## AS PEQUENAS EPIDEMIAS EVITAM AS GRANDES

O estudo dos diferentes vírus da gripe revela que são êles muito variáveis e que contêm a cada nova epidemia, elementos novos e inesperados.

Devemos, portanto, temer que uma vacina eficaz contra um certo tipo de vírus venha a ser ineficaz contra um novo tipo.

Assim é que, atualmente, na Inglaterra, no maior laboratório de combate à gripe em todo o mundo (dependente do Centro de Estudos de Hampstead), em Mic Hill, distante poucos quilômetros de Londres e instalado em um imenso edifício, os pesquisadores tratam de fabricar febrilmente a nova vacina, que permitirá, talvez, evitar a nova epidemia de 1953-54. Milhares de ovos de galinha são artificialmente infectados pelo vírus. O embrião não tarda a morrer de gripe. Retiram imediatamente os líquidos do ôvo, a fim de extrair a preciosa vacina, com a qual já estão sendo vacinados milhares de inglêses. Caso venham a escapar da próxima epidemia, significará que o método é excelente.

A vacina pode ser empregada a título preventivo (isto é: injetam no sangue um elemento que impede que o vírus nêle se desenvolva) ou a título curativo, para destruir no sangue de um invidivíduo já infectado pela gripe os vírus que nêle pululam.

Quais as probabilidades do retôrno de uma terrível epidemia como a de 1918-19? Os cientistas nada podem responder a esta pergunta. No máximo poderão indicar que quando um país ficou por longo período sem qualquer contato com os vírus que invadiram outros países, está automàticamente ameaçado de uma grave epidemia quando tais vírus se espalharem por seu território. Não estará, por assim dizer, imunizado bastante por um primeiro

contato mais ligeiro. O desenvolvimento da civilização, a freqüência das viagens internacionais, resultantes dos transportes aéreos tornam essa eventualidade cada vez mais improvável. É essa, aliás, aos olhos dos sábios, uma grande esperança de evitar as epidemias violentas.

O último mistério da gripe — e que não é o menos bizarro — se relaciona com esta simples pergunta:

— Onde se esconde o vírus, durante o verão, entre as epidemias?

Ninguém sabe a resposta. Talvez a luz venha brevemente da América do Norte, onde o cientista Shope descobriu que o vírus da gripe do porco se conserva, de uma estação para outra, nos pulmões dêsse animal.

Não é inconcebível que o porco seja, realmente, o reservatório da gripe do Homem.

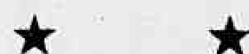


## PARA EVITAR A GRIPE

1 — Usar roupas interiores que agasalhem realmente o corpo.
2 — Proteger as extremidade ( pés e mãos ) do frio e da umidade.
3 — Fazer gargarejos, pela manhã e à noite, com qualquer líquido antisséptico.
4 — Vaporizar, diàriamente, desinfetantes nas narinas.
5 — Arejar os cômodos da casa durante as ausências dos moradores.
6 — Entreabrir as janelas, à noite, no quarto de dormir.
7 — Beber algum líquido quente, sem álcool, antes de sair de casa.
8 — Beber um pouco de álcool ao regressar para casa — caso sentir frio.
9 — Evitar o abuso do cigarro .(Máximo: 10 cigarros por dia.)

## PARA CURAR A GRIPE

1 — Recolher-se imediatamente ao leito, aos primeiros arrepios.
2 — Agasalhar-se com o máximo de cobertores e, na falta dêstes, colocar sob a coberta uma fôlha de jornal.
3 — Não hesitar em colocar sob o cobertor uma garrafa com água quente.
4 — Absorver bebidas quentes; limonadas, laranjadas (quentes).
5 — Tomar aspirina em alta dose (uma ou duas pastilhas cada 4 horas).
6 — Não esperar que surjam complicações para chamar o médico.
7 — Após a cura, observar vários dias de completo repouso, com alimentação reconstituinte e medicamentos fortificantes.



## PARA VENCER VÊNUS...

O livreiro, a quem pedíssemos um mapa exato do itinerário para Vênus, talvez chamasse a polícia para nos meter no asilo de loucos mais próximo ou nos indicaria, ao acaso, o endereço de um negociante de quadros.

No entanto, é muito provável que, dentro de poucos anos, êsse gênero de artigo figure em tôdas as boas casas do ramo, juntamente com outros mapas contendo o itinerário da Terra à Lua, a Marte ou mesmo a Saturno.

Não estamos inventando nada. O primeiro dêsses itinerários já existe, tendo sido estabelecido por John Wuerth, físico da Califórnia. Êsse mapa das estradas do céu lembra por várias razões as estradas terrestres, com os «cruzamentos perigosos» perfeitamente indicados (trata-se, bem entendido, dos locais onde a «astronave» corre o risco de encontrar um meteoro ou passar de raspão pela cauda de um cometa) e quanto à duração do trajeto, indica, com o êrro máximo de uma hora: a viagem não ultrapassará de 146 (ida sòmente) para visitar Vênus.

Com a condição, é claro, de que não haja alguma **panne** no correr da viagem.



## CANTAR VITÓRIA FORA DO TEMPO

É difícil para os humanos deixar de vangloriar-se quando iniciaram com êxito algum empreendimento. Um rico industrial afirmava que havia logrado êxito por haver observado o comportamento de um galo.

A ave era briguenta mesmo. Voava mais alto e atacava com mais violência que qualquer outra, no galinheiro. No entanto, frequentemente caía vencida por um adversário mais fraco.

Qual seria a causa de suas repetidas derrotas?

Apenas esta: no meio da luta, quando acreditava haver triunfado, o galo parava para... cantar vitória.

OS ESPECTADORES

(Cont. da pág. 11)

Subiu a rampa e, tirando a touca impermeável, passou as mãos pelos cabelos. Stephen ficou parado no meio da escada, com os pés ainda dentro d'água.

Ela sorriu do silêncio dêle; era justamente aquêle ar compenetrado que fazia desaparecer a expressão amadurecida que êle queria aparentar, permitindo que ela o visse tal como sempre o vira: *uma criança*.

Deixou-o ali, na mesma atitude, e foi para a cabine trocar de roupa. Quando saiu encontrou-o enxugando a cabeça com a toalha, o olhar distante.

— Cuidado com um prego, lá na cabine — disse ela.

Talvez êle tivesse ouvido, mas nada disse.

Ela subiu a colina, sentindo um bem-estar físico em conseqüência do exercício que acabara de fazer. Pelo ranger da porta de madeira sentiu que Stephen entrara na cabine para trocar de roupa, mas não se preocupou com êle; pelo menos, por enquanto, estava descansada.

Algum tempo se passou até que ela levantou o olhar e teve a atenção despertada pelo som de vozes, vindo lá da margem do lago. Stephen já estava pronto, todo vestido e penteado e sentado perto da margem com o livro equilibrado sôbre os joelhos. Duas pequenas falavam com êle. Ambas tinham vozes alegres e calmas. Ouviu uma dizer para a outra:

— "Pesquisas"! Hum... Leitura muito séria! Êle deve ser um *crânio*.

Margaret sentiu um certo desânimo. Com certeza Stephen ia explicar às mocinhas que êle estava muito ocupado, estudando uma tese, e não queria ser perturbado. As meninas haviam feito o esfôrço de se aproximar dêle para puxar conversa e fazer camaradagem. Stephen, porém, não estava ajudando em nada. Ela sabia que o caso não era de timidez. Apenas êle não fazia questão de conversar com gente muito moça. Mas, segundos depois, não quis acreditar no que via, pois o filho largou o livro no chão e embarcou na canoa com as pequenas.

Chegara, talvez, o momento importante! Pareceu-lhe que havia uma multidão olhando por cima do seu ombro o que se passava. Para ela era um momento de "suspense". O grupo de moças e rapazes do outro lado do lago parecia ter feito uma pequena trégua na algazarra. Todos observaram a chegada do bote com interêsse.

— Êle não trouxe o calção? — perguntou um qualquer.

— Êle disse que já está vestido! — respondeu uma das meninas.

— Estou perguntando pelo calção de banho, *sua boboca*.

— Êle disse que sempre nada assim, vestido como está, *e que é até melhor!*

Aquela pequena informação foi uma bomba. Todos correram para a beira do lago para saudar o "cara" que nadava todo vestido.

Margaret nem tentou disfarçar o interêsse que sentia pelo que se estava passando entre aquêles loucos. Estavam todos ao redor de Stephen e o seguiam para onde êle fôsse. Alguém lhe deu qualquer coisa para comer. Êle se encostou, displicentemente, na trave da escada do trampolim e cruzou os braços, perfeitamente à vontade. Margaret imaginou logo que êle estivesse fazendo uma de suas ridículas explanações sôbre algum tema pseudo-científico, talvez até sôbre uma teoria própria acêrca da maneira de nadar vestido, tudo acompanhado de citações de mestres como o professor Sticlepuss ou qualquer outra autoridade.

O que quer que êle estivesse dizendo estava tendo uma entusiástica aceitação geral. Cada frase era recebida com gritos e gargalhadas.

Agora a turma se havia dividido, abrindo cmainho para que Stephen, ainda falando e gesticulando, passasse. Êle caminhou até ao pé da escada do trampolim e colocou as mãos no corrimão. Margaret começava a perceber. Lembrou-se do olhar preocupado depois do que ela dissera.

Para quem era aquela demonstração? Não era muito do jeito dêle chamar a atenção daquela gente moça. *Era para ela que êle estava fazendo aquilo. Para mostrar a ela!*

A outra mãe havia gritado, lá do *chalet*, impedindo a façanha, mas para ela talvez

fôsse coisa comum aquela travessura, enquanto que para Margaret era talvez o marco de uma nova Era, mais feliz, uma *revelação!*

Stephen a conhecia muito bem. Êle compreendera a sua angústia silenciosa. E aquela atitude tinha por objetivo dizer a ela qualquer coisa lá de longe, do outro lado do lago. Êle queria dizer talvez apenas isto:

— Sei o que você teme, mamãe; mas não se preocupe comigo.

Mais que nunca ela achou que nunca saberia prever o que êle iria fazer; mas nada disso tinha importância. Podia ter uma visão do futuro, dêste tortuoso caminho de amanhã e estava agora mais descansada. Stephen saberia tomar uma iniciativa!

Observou-o subir para o trampolim, caminhar até à ponta da prancha, olhar em volta e, então, com o maior desembaraço e naturalidade, mergulhou.

Margaret começou a rir, meio nervosa e contente; mas, então, sentindo as lágrimas umedecendo os olhos, levantou-se ràpidamente e foi para dentro do *chalet* preparar qualquer coisa para o jantar.



TEMPESTADES SÔBRE OS CONVENTOS DE MULHERES (*Cont. da pág.* 38)

um grande atraso, pois que de todos os países cristãos, a França é aquêle em que a crise dos conventos de mulheres é mais acentuada. Contam-se na França 135 000 religiosas, sendo 12 000 só em Paris O número parece enorme e, no entanto, o recrutamento tem caído sempre, chegando a menos da metade. Como exemplo citaremos as irmãs do Santíssimo Salvador, de Niederbronn (5 000 religiosas), onde contava-se, antes da guerra, duas tomadas de hábito anuais, de 40 noviças cada uma. Tal número desceu a 18! E êsse exemplo nada significa, ao lado de outras crises bem mais severas e que fazem pesar sôbre êsses conventos uma ameaça de morte a breve prazo.

Visitando recentemente uma congregação religiosa, para solicitar sua ajuda num vasto programa de catecismo, um jovem padre francês foi recebido por três irmãs entrincheiradas por trás de seus guarda-chuvas abertos! Notando, em outra visita, que suas coifas estavam sujas e amarrotadas, ouviu a confissão de que "era proibido lavá-las ou passá-las a ferro no próprio convento. Isso *só* podia ser feito na sede principal da ordem, do outro lado da França... três vêzes por ano! Outro padre, jesuíta, viajando pela Bretanha, foi bater à porta de dois conventos de mulheres, separados, na mesma rua, por menos de 300 metros um do outro. O primeiro mantinha um hospital e o segundo uma clínica. Pois bem: apesar de não existir clausura, as duas comunidades não se visitaram jamais em 24 anos.

A essas tradições, a essas austirdades excessivas, próprias para desviar da "vocação" muitas mocinhas, os bispos franceses sabem que devem ser juntadas outras causas, tais como a última guerra e seus transtornos.

Imprimir aos conventos de mulheres uma nova orientação no sentido dos métodos modernos não poderia ser coisa fácil. Para tanto é bastante conhecer que uma religiosa está, por definição, fora do século e do mundo. Três "votos" solenes, de pobreza, de castidade e de obediência, uma clausura mois ou menos estrita e a "santa regra" da ordem que escolheu, fazem dela uma prisioneira. Voluntàriamente renuncia ao seu estado civil e a seu passado; a superiora a rebatiza com um "nome de religião" e lê sua correspondência. A coifa, o véu de côro e a porta do mosteiro a abrigam dos olhares do mundo. Não pode ler os jornais e quando seu convento possui um rádio, êste só é ligado por ocasião das alocuções pontificais. Durante os seus dois anos de "véu branco". a diretora das noviças ensina a cada uma a colocar inteiramente sua vontade nas mãos de sua superiora. Tôda a vida da prisioneira de Deus se resume numa única palavra: *Obediência.* O regulamento tudo prevê: o horário de cada dia, minuto por minuto, o número de Ave-Marias a recitar durante as abluções, os assuntos de palestra, os risos excessivos, o número de alfinêtes que devem prender o véu. E, além dessa lista de renúncia, existe mais uma. S. Vicente de Paula a

resumiu nestas palavras célebres: *"Oh, uniformidade!"*. Sob as coifas brancas, todos iguais, outras tantas mentalidades forjadas na mesma moenda pelo noviciado e que os anos de vida religiosa vão polir, ainda mais. Há um "espírito" franciscano, feito de alegria íntima, há um "espírito" carmelitano, feito de ferver ascético. Emanando das corolas brancas de suas irmãs, o perfume espiritual particular a cada convento constitui o grande luxo e o orgulho único das religiosas.

É êsse luxo que a Sagrada Congregação, invocando a dureza dos tempos e a urgência da mobilização das fôrças eclesiásticas, ameaça fazer desaparecer.

Já hoje, em todos os conventos, as irmãs estudam novos hábitos, aprendem a andar de bicicleta, substituem a pelerine esfiapada por capas de matérias-plásticas contra a chuva. As imensas asas brancas das Irmãs de S. Vicente de Paula, passam a ter proporções mais razoáveis. As irmãs do Santíssimo Salvador, de Niederbronn, embaraçadas com uma coifa exigindo 200 pregas minúsculas, mandaram reproduzir êsse ornamento em matéria-plástica, rígida. Cêrca de 60% das mais antigas congregações francesas estudam agora a modernização de seu hábito, vendo-se os bispos esmagados sob um aluvião de desenhos, modelos, etc. Mais ainda: as irmãs estudam medicina, odontologia, engenharia, agricultura, enfermagem, etc. E gozam férias em praias e montanhas, visitam escolas, centros técnicos, etc.

Porém, no meio dessa tempestade, remoinhos se formam em redor de um ilhote preservado de tôda modernização. Por trás de sua dupla clausura de ferro, silenciosas em seus cláustros invioláveis, 8 000 a 10 000 religiosas contemplativas prosseguem imperturbàvelmente um ritmo de vida imutável há três séculos. A grande austeridade das monjas não cedeu uma linha diante da corrente atual. Entre elas não há crise de vocações, embora a pobreza e o desmoronamento de seus claustros cheguem a ser alarmantes, a ponta da Santa Sé, por uma constituição apostólica de 21 de novembro de 1950, e intitulada *Sponsa Christi*, tenha voltado sua atenção para o caso. Segundo as novas disposições, elas são obrigadas a "ganhar honestamente com o suor de sua fronte o pão de que se alimentam" e mesmo a "tornar-se, segundo o tempo atual exige, mais aptas e mais hábeis para os diversos trabalhos".

Esperemos que a grande Voz do Vaticano possa cobrir essa tempestade de hesitações, de esforços e de metaformoses. Já agora, segundo o relatório da Sagrada Congregação, *"surge a sombra imprecisa e tímida da religiosa de amanhã"*.

VANGUARDA DO PROGRESSO — Reagindo depressa e eficazmente às diretivas do Vaticano, algumas organizações se colocaram à frente da corrente atual de modernização, formando legiões de "técnicas", como, por exemplo, entre as Irmãs da Assunção (140 casas em tôda a França), onde cêrca de 80% obtiveram diploma de enfermeiras; as Irmãs Missionárias de Maria, onde já trabalham 34 religiosas médicas.

Entre nós devemos destacar como as mais avançadas e mais úteis também as freiras de Jesus Crucificado, que se organizaram há 25 anos, em Campinas, e que só usam o hábito na própria casa da Congregação. Na rua usam boinas e "tailleurs", entregando-se a todos os variados serviços como socorristas do corpo e da alma.

Fìsicamente e moralmente armadas por um novo e mais avançado espírito de caridade, segundo as exigências do mundo atual, elas se lançam à ação, cuidando dos enfermos, confortando os desgraçados, ensinando às crianças.

Esperemos que êsses exemplos sejam imitados quanto antes e que a Igreja possa contar com a ajuda real e eficiente de tantas criaturas finalmente dedicadas cem por cento ao verdadeiro espírito cristão.



## A CERVEJA E OS PEIXES

CURIOSO decreto acaba de ser tomado pelo govêrno dinamarquês: de agora em diante, os cafés não podem ter aquários. Não procurem a razão disso, porque jamais a encontrariam. Foi apenas para proteger os peixes. Os fregueses tinham o costume de esvaziar o resto dos copos... nos aquários.

# EU SEI TUDO

Nº 442 — Ano XXXVII Nº 10 — Março — 1954

*SUMÁRIO:*

De Arrancar os Cabelos ... 3
Êta Joguinho Bom ... 3
Para o seu lar: Mobílias Pintadas ... 4
Salão de Barbeiro ... 6
As leis de Hospitalidade ... 6
Os Espectadores (conto) ... 7
Em Busca do Eldorado ... 12
Pantera ao Luar (novela) ... 18
O Niagara — Suas vítimas e seus vencedores ... 22
O Busílis Austríaco no Panorama Estratégico Desafiando os Diplomatas da ONU (Conclusão) ... 23
Amigos da Onça ... 27
Êste Mundo Louco ... 28
A Gripe — Prevenção e tratamento, na palavra do maior especialista do mundo ... 29
Tempestades Sôbre os Conventos de Mulheres. — A crise das vocações é tal que emocionou o Vaticano — No silêncio dos claustros outrora banhados da paz das tradições, enorme efervescência cresce agora em segrêdo — Na Bretanha, as irmãs socorristas, em maiô, tomam lições de natação e salvamento ... 33
A Fôrça de Um Juramento (Romance-Continuação) 39
Jóias de Aquário (Policromia) ... 47
Água... — Balança de água — O frasco-bóia — Flutuar metal na água — O barquinho de sabão — Feitiçaria com água — Água... úmida — O jardim mágico — O ôvo mágico ... 54
Achados Preciosos ... 59
Quando o Crime Causa Riso ... 60
O Cara de Anjo (conto) ... 60
A Grande Reportagem (Episódio real) ... 69
Escola de Exploradores ... 70
Altos e Baixos ... 71
A Arte de Viver Com um Cão (Os cães mal-educados — Qual o que conduz o outro? — Não existe cão sábio) ... 72
Água "superúmida" ... 76
Os Comedores de Carne ... 76
Definição ... 76
O Senhor Viu o Meu Cãozinho? ... 77
Você Já Viveu, *Antes*?... (Fatos e panoramas ocorrem e surgem, às vêzes, pela primeira vez... e, que, no entanto, não são novos para nós) ... 79
A Ciência Contra o Crime: O Drama dos Venenos 83
Facilitado o diagnóstico da arterioesclerose ... 86
Por Trás da Porta Amarela (Romance, continuação) 87
Nos Domínios da Gramática ... 96
Memento EU SEI TUDO — Olhando o mundo há 60 dias ... 97
Pequena Enciclopédia Popular: Dicionário de Nomes Próprios ... 104
Charadas — Quebra-Cabeças ... 105

CORRESPONDÊNCIA

*Vitório Imola* (S. Paulo) — Sôbre o assunto já publicamos artigo ilustrado. Entretanto, já no próximo número publicaremos artigo rigorosamente histórico a êsse respeito. Satisfeito?

*Carlos Braga Neto* (Três Rios, E. do Rio de Janeiro) — Se essa é a sua opinião, ficamos muito satisfeitos e esperamos que os leitores, em sua totalidade, também tenham gostado.

*Maria de Lurdes Cury* (Vitoria, Espírito Santo) — Sinceramente, não acreditamos que encontre. Sim, ainda resta muito para publicar. Quanto ao seu pedido final, não podemos atender... no seu próprio interêsse, pois o romance perderia todo o seu encanto. De acôrdo?

*Associação Filatélica de Santos*, R. João Pessoa, 62, Sobrado — Agradecemos a comunicação, desejando o maior êxito à nova diretoria.

★

*A CAPA: — O calor é tão grande e tão pequena a quantidade de água na caixa-d'água do lar que o carioca foge para as águas salgadas do oceano. E nela tanto já se habituou que hoje vive mais sob a água, caçando peixe com lança e batendo recordes mundiais nesse novo esporte. Mas é preciso começar cedo, como faz o garotinho imaginado por Ramon.*